OBRAS COMPLETAS

RECAPITULAÇÃO

DA

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

I

EDADE MÉDIA

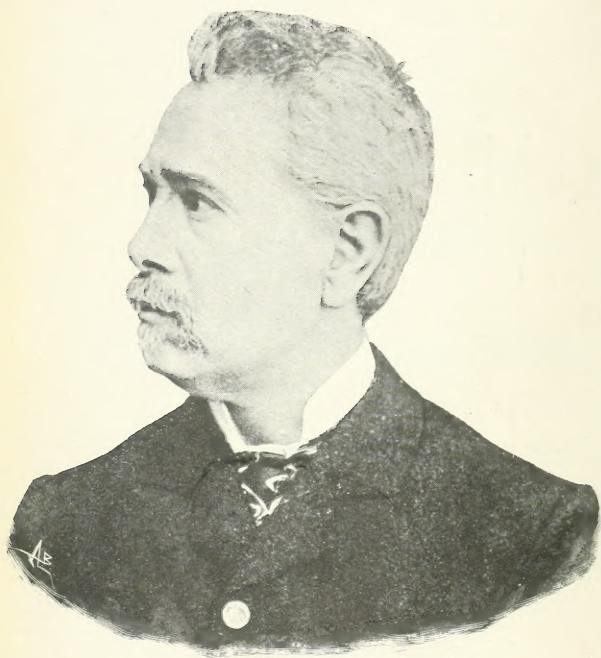
RECAPITULAÇÃO

DA

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

I — **Edade Média.** Porto. 1909. In-8.º de VIII-524 p. 1 vol.

II — **Renascença** *(Em publicação).*

III — **Romantismo** *(Em preparação).*

THEOPHILO BRAGA

HISTORIA

DA

LITTERATURA PORTUGUEZA

I

EDADE MÉDIA

PORTO — 1909

Editores: LIVRARIA CHARDRON, de Lello & Irmão — Rua das Carmelitas, 144

Imprensa Moderna, de Manoel Lello
R. da Rainha D. Amelia, 61 — PORTO

Quando se faz um resumo sem a preparação prévia de trabalhos especiaes, fica sempre um apanhado concretamente mesquinho; se provém da condensação necessaria de monographias exhaustivas, constitue uma synthese, pondo em evidencia o systema em que assenta a obra.

Já por trez vezes o vasto corpo da *Historia da Litteratura portugueza* tem sido submettido a este processo de condensação: em 1875 no *Manual de Historia da Litteratura portugueza* (in-8.º de VII-474 p.), destinado ás lições oraes. Em breve ficou atrazado, pela publicação dos Cancioneiros trobadorescos, e pelo aperfeiçoamento do methodo historico e philosophico, dando logar á remodelação do plano em 1885 no *Curso da Historia da Litteratura portugueza* (in-8.º grande,

de 412 p.) Desde essa data até ao presente, o campo da Litteratura portugueza da Edade média tem sido desvendado por insignes romanistas francezes, allemães, italianos, hespanhoes e americanos, e foram publicados numerosos textos dos seculos XIII a XV. Urgia incorporar esses subsidios dispersos. Emquanto não realisamos esse empenho na reimpressão dos *Trovadores portuguezes*, *Formação do Amadis de Gaula*, *Poetas palacianos* e *Os Historiadores portuguezes*, supprimos esta deficiencia de tempo com a promettida *Recapitulação da Historia da Litteratura portugueza da Edade média*, como a summula da primeira Epoca, tratada n'esses quatro livros.

A vastidão do corpo da *Historia da Litteratura portugueza* corresponde á importancia d'esta

viva manifestação do genio esthetico d'este povo, tão notavel como a sua energia activa na iniciativa das Navegações e Descobrimentos geographicos. A sua extensão impõe uma recapitulação clara para os estrangeiros que desejam conhecer esta ignorada Litteratura romanica, e para os nacionaes que procuram um guia para o seu estudo.

Os titulos de nobreza de Portugal não consistem exclusivamente em ter iniciado os grandes Descobrimentos e occupado o primeiro plano na actividade d'essa extraordinaria Éra; embora pequeno no seu numero, a par da occupação de vastissimos dominios, creou o Povo portuguez uma das mais bellas linguas romanicas, e n'ella os seus Escriptores, Poetas, Historiadores, Viajantes e Philosophos produziram uma opulenta Littera-

tura que seguiu a par e com brilhantismo a evolução das Litteraturas meridionaes. Essa lingua ainda hoje se falla em novos estados, authenticando a extensão que teve o dominio portuguez; e essa Litteratura foi e ainda é hoje uma das forças moraes que sustentam a nacionalidade e autonomia de Portugal.

Se está para este paiz terminada a empreza dos Descobrimentos, mantêem-se fecundas as suas faculdades artisticas, scientificas e philosophicas, suscitadas pela comparticipação no concurso mental europeu, em que acima de cada Nação se affirma o ideal da Humanidade.

HISTORIA

DA

LITTERATURA PORTUGUEZA

O pequeno povo, que occupa a faixa occidental da Hespanha, constituindo-se em nacionalidade autonoma entre os novos Estados peninsulares formados no seculo XII, que se foram unificando até á completa absorpção castelhana, assignalou pela energia da sua raça a acção mundial, realisada nos grandes Descobrimentos maritimos, que deram inicio á Era moderna da Civilisação da Europa. A individualidade ethnica, que o tornou inconfundivel com o Ibero, e a acção historica inolvidavel pelo seu influxo social, levam a considerar o genio caracteristico d'este povo, o *ethos*, expresso nas creações artisticas, nas fórmas litterarias, reflectindo a sentimentalidade, o espirito de aventura, e a resignada esperança nunca extincta na alma portugueza.

Tão importante é a historia dos Descobrimentos maritimos dos Portuguezes, como a da sua Litteratura; este poder de acção e de creação esthetica explica o phenomeno sociologico da sua

autonomia politica através das crises das nacionalidades peninsulares, das conflagrações européas, e do empirismo boçal dos seus proprios governantes.

O povo portuguez, cuja raça foi caracterisada por Frederico Edwards e Deniker como das mais puras da Europa; e cuja nacionalidade Pi y Margall apontou como a de mais logica formação entre os varios Estados peninsulares, conserva as suas Tradições poeticas com uma inteireza archaica, destacando-se entre o Folk-Lore occidental pela sua riqueza e vitalidade, como observou Jeanroy. Com estes elementos fundamentaes ou organicos, a elaboração da Litteratura portugueza é o producto do *ethos* da raça, do sentimento da nacionalidade e da consciencia historica, acompanhando solidariamente a evolução esthetica das Litteraturas romanicas, na Edade média, na Renascença e na época do Romantismo, seguindo a acção hegemonica de cada uma d'ellas, e por seu turno influindo tambem na creação da Novella de Cavalleria e na corrente do Humanismo. O estudo historico d'este producto superior do genio portuguez, acompanhando-o nas suas relações com as Litteraturas modernas, através dos movimentos sociaes e politicos da peninsula hispanica, presta-se á applicação de processos criticos, que só pódem realisar-se comprehendendo a psychologia collectiva e o ponto de vista sociologico.

PROLEGOMENOS

Elaboração organica da Litteratura

A palavra escripta, quando por ella se dá expressão ás emoções e concepções subjectivas, ou se representam actos e aspectos da natureza objectivamente, torna-se pelos recursos estylisticos a mais elevada fórma da Arte, a que na série esthetica se chama *Litteratura*. Muitos povos que alcançaram adiantadas fórmas sociaes e conseguiram poderosas condições de existencia politica, não chegaram a crear uma Litteratura; é por que este phenomeno, resultante da estabilidade social em que se fixam os Costumes que têm de ser idealisados, desenvolve-se pela comprehensão individual que lhe dá o relêvo synthetico. E' extremamente complexa esta transformação. Para que uma Litteratura se forme é necessario que uma *raça* fixe os seus caracteres anthropologicos pela prolongada hereditariedade, que funde a aggregação ou consenso moral de *Nacionalidade*, tendo o estimulo de resistencia na sua *Tradição* e na unidade da *Lingua* disciplinada pela escripta, universalisando a relação psychologica das emoções populares com as manifestações concebidas pelos genios artisticos.

Comprehendida assim a Litteratura é uma synthese completa, o quadro do estado moral de uma nacionalidade representando os aspectos da

sua evolução secular e historica. O valor de qualquer Litteratura patentéa-se nas condições do seu desenvolvimento, definindo os factores sociaes que a motivam e de que ella é a expressão consciente. Na marcha historica de qualquer povo existe um trabalho constante de synthese ou coordenação espontanea de todas as suas energias, conformando os actos com os sentimentos e ideias dominantes. No estado presente da civilisação, a Politica geral tende a exercer-se como *Synthese activa;* a Philosophia, ratificando as concepções subjectivas pelos dados objectivos e experimentaes das Sciencias, determinando a ordem physica, a ordem organica e a ordem social, constitue na sua integralidade a *Synthese especulativa;* a Litteratura e Arte, cooperam para a urgente *Synthese affectiva*, em que a vida emotiva e a tradição, partindo das manifestações da autonomia nacional recebem o relêvo da solidariedade humana, esboçando o ideal da concordia a que se aspira.

Subordinada ao meio social pela sua origem e destino, a Litteratura reflecte todas as successivas modificações d'esse meio, achando-se, como todos os outros phenomenos sociologicos, sujeita a leis naturaes de ordem *statica* ou de conservação, e de acção *dynamica* ou de progresso. Desconhecendo os elementos *staticos* das Litteraturas, é impossivel comprehender a sua origem e modo de formação; sem a apreciação das condições dynamicas mal se avaliará o que pertence á influencia individual dos escriptores de genio.

As Epocas litterarias de esplendor ou decadencia, de invenção ou de imitação só pódem ser bem

caracterisadas pela dependencia mutua entre os factores *staticos* e *dynamicos*. Bacon, esboçando genialmente as bases da historia litteraria *(De augmentis Scientiarum*, liv II, cap. 4,*)* indica os factores staticos e dynamicos: «Antes de tudo o historiador das Artes e das Lettras, deve preoccupar-se... da natureza do paiz e da raça, sua aptidão ingenita ou ao contrario sua incapacidade para as diversas sciencias, as circumstancias historicas favoraveis ou desfavoraveis, *(factores dynamicos)* as influencias religiosas, aquellas que provêm das leis politicas, emfim, o merito eminente e a acção fecunda dos individuos para o progresso das letras...»

E indicando do modo mais nitido o *methodo* a seguir, assenta o *ponto de vista francamente historico*, e como synthese — «evocar d'entre os mortos, como por uma especie de prestigio, o genio litterario d'essa epoca...» Todo o progresso realisado até hoje na historia das Litteraturas comprova a suprema concepção de Bacon.

Como orgãos subtrahidos á vontade individual, mas pelos quaes se exercem os processos da concepção artistica, constituem os elementos staticos das Litteraturas: a *Raça*, a *Tradição*, a *Lingua* e a *Nacionalidade*.

Quando uma sociedade não conseguiu dar a estes factores staticos uma feição individual, a Litteratura não passa de um documento ethnographico, que por vezes suppre a deficiencia de monumentos historicos; as *Litteraturas orientaes*, importantissimas como documentos psychologicos e de reconstrucção historica, só casualmente attin-

gem a expressão consciente de uma emoção, que se transmitte intencionalmente. A *Litteratura grega*, na evolução organica do seu *Lyrismo*, da sua *Epopêa* e do seu *Theatro*, deriva da relação harmonica d'estes elementos com a elaboração individual, sendo por isso o modelo perfeito de todas as Litteraturas, a nórma do gosto, servindo de typo classico de imitação pelo relêvo ideal que as tradições hellenicas receberam na expressão universalista das altas individualidades. A *Litteratura latina* abandonando os seus elementos staticos ou generativos, cahiu em uma imitação artificiosa e no mechanismo rhetorico, ficando inferior ao caracter social e á funcção historica da nacionalidade que a produziu.

Com este criterio apreciaremos o grupo das *Litteraturas da Edade média*, ou romanicas, em que a Litteratura portugueza é a derradeira representante; explica-nos o gráo de originalidade de cada uma, a rasão dos accidentes que as differenciaram nas suas épocas diversas, e a fecundidade correlativa do seu vigor nacional.

Novas nacionalidades se constituiram na Edade média depois da ruina da unidade imperial romana; essas *Nacionalidades*, dando logar ao desenvolvimento dos dialectos vulgares em *Linguas*, então, pela expressão das suas *Tradições* oraes fixadas na escripta, formaram *Litteraturas*, as quaes cooperaram directamente n'esta transição affectiva do conflicto das raças para a sociedade moderna. Conforme os escriptores se aproximaram da cultura greco-romana, ou se inspiraram das tradições da Edade medieval, assim as modernas

Litteraturas tiveram um desenvolvimento artificial ou organico, resultando d'aqui as differenças dos seus caracteres, embora pertencendo todas á mesma corrente da civilisação. D'entre essas Litteraturas, umas foram elaboradas sobre elementos tradicionaes antes do conhecimento dos modelos greco-romanos ou classicos, como a *provençal*, que se extingue por falta do estimulo de uma nacionalidade, sendo por essa causa substituida pela *franceza*; outras foram dominadas pelo prestigio das obras primas classicas, como a *italiana*, que se vivifica exprimindo a aspiração á vindoura unidade nacional. Entre as Litteraturas hispanicas, duas correspondem ás duas raças, a *iberica* e a *lusitana*, que subsistem differenciadas desde as epocas remotas até ás mais recentes crises historicas, e basta esta correspondencia para descobrir o seu caracter tradicional e popular por vezes modificado pelo pedantismo erudito. Em quanto as Litteraturas *castelhana* e *portugueza* avançam para a perfeição esthetica, outras, como a *aragoneza*, *valenciana* e *catalã*, que floresceram, extinguiram-se, porque o apoio da nacionalidade reduziu-se a um regionalismo em revolta contra uma incorporação politica e administrativa, como se confirma pela *galleziana*. As Litteraturas modernas, como observou Frederico Schlegel, oscillam n'este dualismo, entre os elementos organicos *tradicionaes* e populares, e os modelos *classicos* segundo a influencia erudita dominante.

§ I

Factores staticos

O estudo da raça, reconhecido como revelador das condições da vida nacional, é o preliminar para a comprehensão da Litteratura; com a sua grande auctoridade escreveu Spencer: «a Litteratura e as Bellas Artes não pódem existir senão em virtude das actividades, que fazem que a vida nacional exista; e é manifesto que a cousa tornada possivel é consequencia d'aquillo que a torna possivel.» E' este influxo persistente da raça que se reconhece penetrando os seus caracteres anthropologicos. Uma das grandes conclusões scientificas em que assenta a Anthropologia é a presistencia das Raças, nos seus typos ainda os mais remotos, e a conservação dos seus costumes através dos mais continuados cruzamentos, dando a revivescencia dos typos mais numerosos e mais fortes. Por estes resultados a Anthropologia torna-se um preliminar verdadeiramente reconstructivo da historia primitiva.

As concepções mentaes, a intensidade emotiva, as fórmas de actividade, e mesmo as instituições sociaes e religiosas, differenciam-se pelas capacidades de cada raça. Como deixar de considerar as Litteraturas como reflectindo este *ethos*?

1.º **A Raça**. — Segundo Prichard, a designação de *raça* comprehende todas os agrupamentos de individuos que apresentam mais ou menos ca-

cacteres communs transmittidos pela hereditariedade, deixando de parte e de reserva a origem d'esses caracteres.»

Precisando esses caracteres através das manifestações de uma Litteratura e explicando o porquê das suas fórmas, não é isto um abuso do criterio das sciencias biologicas applicado a um phenomeno psychico e social. As Litteraturas distinguem-se entre si pelas *tradições* elaboradas em *linguas* escriptas e pelo modo de sentir de uma *nacionalidade;* consequencia d'estes factores de ordem moral, nem por isso estão independentes do determinismo biologico, que em anthropologia são as persistencias atávicas ou hereditariedade dos caracteres.

Em uma mesma nacionalidade, que unifica politicamente diversos elementos ethnicos, os caracteristicos especiaes d'esses elementos transparecem na Litteratura, como tem confirmado a critica: na Grecia, sob a unidade atheniense, distingue-se o genio dos Dorios e o dos Jonios, em arte, em politica e em poesia, como o reconheceu Ottfried Müller. Sob a unidade romana, as tradições lucerenses e ticienses identificam-se com a historia, e penetrando de um modo incompleto na litteratura adstricta á imitação da cultura hellenica, tomam o seu maior desenvolvimento nas fórmas sacramentaes e symbolicas da Jurisprudencia, essa *severa poesia*, como lhe chamara Vico. Na unidade nacional da França, os cantos épicos das *Gestas* correspondem ao norte occupado pela raça franka, em que preponderava a instituição feudal e monarchica; as novellas da

Tavola Redonda desenvolvem-se onde a raça bretã se continuou conservando os vestigios mythicos do seu druidismo; ao sul o elemento gaulez, com as instituições municipaes, em que se expande sobre um fundo popular o Lyrismo trobadoresco, que irradia da Provença por todo o Occidente europeu, pela contiguidade das populações aquitanicas com as duas peninsulas da Italia e da Hespanha. Este mesmo criterio foi applicado por Taine á Litteratura ingleza, em que o elemento *saxão* conserva o genio e as tradições germanicas, ao passo que o *normando* submette-se á disciplina da imitação, como se manifesta na dupla influencia de um Shakespeare e de um Pope. Na Litteratura allemã, Heinsius determina-lhe os seus periodos pela preponderancia successiva dos aspectos da raça: *gotico*, até ao seculo VIII, *franko* até ao advento dos Hohenstaufen no seculo XII; *suabio*, ou dos *Minnesinger*, *rhenano* ou *saxonio*, da erudição e das Universidades do seculo XIV a XVI; o *silesio* e *suisso*, em que impera a influencia franceza, e por fim a integração *allemã*, em que a pleiada dos grandes genios se inspira nas tradições germanicas. Na Litteratura russa, o genio slavo, sob a pressão da ideia *asiatica* realisada na soberania autocratica, e das importações *occidentaes* da administração, ha um antagonismo em que o genio nacional se revela na exaltação mystica, no illuminismo religioso, politico e humanitarista. Mesmo, os velhos monumentos litterarios e artisticos têm prestado dados ethnologicos para se discriminarem raças que não era possivel distinguir physiologicamente.

Sob este criterio, ha um outro importante phenomeno a considerar: o encontro e fusão de duas raças determina uma revivescencia de tradições hierologicas ou poeticas, como se vê na Grecia, com os elementos semitas dos cultos orgiasticos e anthropopathicos nas Epopêas; egual crise na Europa medieval com as invasões germanicas, que determinam a elaboração das Cantilenas em *Gestas* ao norte, e com as invasões arabes ao sul, que favorecem com intuito social a propagação do lyrismo trobadoresco meridional. E' pois o estudo da raça na historia de qualquer litteratura o meio de descobrir a base tradicional sobre que se desenvolveu, e d'ella deduzir o que tenha de originalidade e feição nacional.

Portugal, desde que se constituiu em nacionalidade no seculo XII, occupa o territorio da faixa occidental da peninsula hispanica desde o rio Minho até ao Algarve; este territorio é ainda o que foi occupado pelas tribus *lusitanas*, tendo a menos a Galliza e a Andalusia, que formavam, segundo Strabão, no seu conjuncto a LUSITANIA *dos antigos*.

Tratando de Portugal, o problema da raça, é do mais alto interesse. Existe de facto uma *raça portugueza?*

A esta pergunta, respondeu Alexandre Herculano negativamente, considerando a Lusitania um territorio differente do de Portugal, e o *Lusos* umas tribus barbaras, com quem o povo portuguez nada tinha de commum, por ser um elemento adventicio, transplantado das Asturias e do reino de Leão; que pretender relacionar os da-

dos de Strabão sobre os Lusitanos com os portuguezes, era uma preoccupação heraldica dos humanistas do seculo XVI. Como poderia o historiador comprehender o individualismo ethnico de Portugal? Peior do que Herculano, veiu o phrasista Oliveira Martins, considerando Portugal essa horda de adventicios asturo-leonezes submettendo-se á aggregação de uma nacionalidade pelas ambições e esforços continuados dos politicos dirigentes. Assim, os dois historiographos, *desnacionalisando* Portugal, como favorecidos pela dynastia dos Bragânças consideravam ainda um beneficio providencial que ella explorasse isto na irresponsabilidade. Outra desnaturação do typo portuguez é feita pelos eruditos que compilam factos, que identificam Portugal com um paiz de Celtas, sem conhecerem nem a chronologia d'esta raça, nem os seus caracteres anthropologicos em antithese com os dos portuguezes. E, já é favor; por que, para os nossos visinhos castelhanos não ha differença alguma entre Hespanhoes e Portuguezes, são um povo unico!

A *eterna divortia*, definida por Silio Italico, na sua *Punica*, entre Iberos e Sceltos, é ainda hoje implacavelmente mantida nas duas nacionalidades hispanicas. Não é obra da politica, nem completamente devida á acção mesologica, mas ás differenças anthropologicas de duas raças, a *iberica* e a *lusitana*, evolucionando nas situações primitivas. A Peninsula da Hespanha está dividida pelos Pyreneos em duas vertentes, a *oriental*, occupada pelos *Iberos*, e a *occidental* pelos *Lusitanos*, mantendo através de todos os cataclysmos so-

ciaes e historicos as suas individualidades ethnicas, manifestando-se ao fim de tantos seculos a Nacionalidade castelhana e a Nacionalidade portugueza, sempre inconfundiveis. Ha aqui alguma cousa acima das vontades individuaes e das ambições transitorias.

Pela situação d'estas duas raças deduz-se a sua differente proveniencia. A Epigraphia e a Linguistica põem em evidencia o desenvolvimento de um povo emigrante, revelado pela toponymia e pelas inscripções votivas a deuses ainda hoje adorados entre tribus de raça mongoloide; os escriptores antigos chamaram a esse povo que occupou a vertente oriental da Peninsula *Iberos*, empregados na exploração dos jazigos metalliferos, principalmente o estanho *(abar)*. Segundo Bergmann, pertencem a essa raça da alta Asia, que faz a transição entre a raça amarella e a ariana. Pertencem a este grupo ethnico o Berber, o africano branco, os Ethiopes ou Lybios, espalhando-se pelo Mediterraneo e occupando as suas ilhas; estendendo-se á Italia, França e Inglaterra, constituindo um fundo ethnico commum, que se revela nos monumentos archeologicos, nos vestigios de mythos religiosos, superstições e recorrencia dos costumes.

Na vertente occidental estabeleceu-se o *Luso*, ramo de uma raça navegadora que fazia o commercio do ambar, do mar do Norte, os Ligures. Distingue-se esta raça pela sua estatura mediana, e cabeça redonda; pela côr trigueira da pelle, cabellos e olhos castanhos, e leptorhinia. Póde-se considerar o encontro de *Iberos* e *Lusos* na Hes-

panha como a unificação d'aquella grande raça sociologica de que falla Ephoro, seguindo a geographia hesiodica e phenicio-grega, conforme a qual a Europa era occupada: na região do Norte pelos Hyperboreos, Cimmerios ou propriamente os *Scythas;* na região occidental, pelos *Ligures,* tambem denominados Skeltos e Atlantes; e na região do Sul, pelos Ethiopes ou Lybios, os Hamitas que propagam ao Egypto e Chaldêa a sua cultura. Este quadro, conservado por Ephoro, comprehende verdadeiramente a grande Civilisação occidental ou Bronzifera, que precedeu as civilisações arianas, e que se deve designar pelo nome de *Turaniana,* por que assim a denominou o mundo avestico oriental. E este titulo de *Turan,* de uma grande extensão geographica, proveiu do seu Zodiaco, levado á America, á India e ao Egypto, em que o curso do anno estival começava sob o apparecimento da Constellação do *Touro.* Como factores d'esta Civilisação occidental, *Iberos* e *Lusos* não eram incompativeis; as circumstancias porém foram fortificando o elemento iberico pelas migrações do *Eusk,* do norte da Europa, do Lybio-Phenicio, vindo da Africa, e mais tarde pela sua fusão com os Celtas errantes no VI seculo antes da nossa éra. O *Luso* foi comprimido na região da vertente occidental da Hespanha mas não assimilado; o *Ibero* nunca perdeu a sua tendencia absorvente, como o mostra desde a epoca historica o unitarismo *castelhanista.*

Esta primitiva extensão do territorio mostranos como a população *lusitana* pôde contrabalançar-se com a população *iberica,* cujos caracteres

são nitidamente differenciados pelos geographos gregos e romanos. Embora diminuido o territorio pelas divisões administrativas romanas, e pelas incorporações neo-goticas, o pequeno Portugal de hoje nunca perdeu a população *lusitana* que o occupava, podendo affirmar-se pelos recursos da comprovação anthropologica, que não ha solução de continuidade do typo *luso* para o *portuguez* actual. Herculano errou quando affirmou gratuitamente a discontinuidade. As differenças do *Ibero* e do *Luso* ainda hoje se impõem á observação no antagonismo politico, intellectual e moral; não os separam fronteiras materiaes, nem tão pouco instituições religiosas ou sociaes, mas prevalece uma immanente antinomia. E' na raça que ella se hade encontrar.

O *Luso* é um ramo da grande raça dos Ligures, ou pre-celtica; Hesiodo assim chamava aos Povos do Occidente, IX seculos antes da nossa éra; este mesmo nome de Ligures era dado por Eschylo (VI seculo a. C.) á poderosa gente que occupava o Occidente; os povos que occupavam a peninsula hispanica e a Gallia meridional eram chamados por Herodoto *Ligures,* nome que Strabão diz que no IV seculo (a. C.) designava, segundo Eratosthenes, os povos do Mediterraneo. Plutarcho acha Iberos em coexistencia com os Ligures na bacia do Mediterraneo. Das migrações liguricas das bordas do Baltico, em frente da Scandinavia, como estabelece Martins Sarmento, chegaram á peninsula hispanica as tribus lusitanas, que occuparam a orla maritima occidental, encontrando já estabelecidas mais para leste as tribus ibericas. Custou

muito a destacar este *substratum* ligurico confundido com os povos Celticos, aquelle ainda na civilisação bronzifera, estes já possuidores do ferro. Belloguet demonstrou esta camada ethnica para a França, Celesia e Molon para a Italia, e Martins Sarmento para o pequeno estado fragmentario de Portugal. Os Gallos, os Ombrios *(veteres Galli)*, os Callaici ou Gallaici da Hespanha são anteriores aos Celtas e differentes d'elles em typo anthropologico, e caracteres ethnicos. Foi Strabão o que consignou este substratum, com que se reconstitue a extensão da *Lusitania dos antigos;* diz-nos (III, III, 6, 7) que os *Lusitanos*, os *Gallezianos*, os *Asturianos* e os *Cantabros tinham todos os mesmos usos e costumes*, e não acha analogia alguma com os costumes e usos dos Celtas. Quando fixa analogias é com os Ligures, e com os Gregos, nome dado a colonias do norte. [1] A esta Lusitania pertencia pela raça a Tartessida, ou Turdetania, Betica ou moderna *Andalusia*. Como era um povo aguerrido e de instincto de independencia, os Romanos trataram de desmembrar o seu territorio, dividil-o administrativamente; segundo Strabão, a Lusitania abrangia toda a faixa occidental da Hespanha desde o Tejo até ao mar Cantabrico; mas já no tempo de Plinio, estava fóra a Gallecia, começando a Lusitania no rio Douro e acabando no litoral do Algarve. Por este tracto de territorio, em que veiu a consti-

1 Sarmento, *Les Lusitaniens*, p. 405, do Compte-rendu do Congrès anthropologique de 1880.

tuir-se um dia o Estado de Portugal, vê-se que essa nova nacionalidade appareceu no seculo XII como uma *revivescencia* ethnica. Sobre a importancia das povoações liguricas escreve Lemière:

«Emfim, era preciso que os indigenas da Iberia maritima fossem muito realmente *Ligures*, para que um geographo tão instruido como Erastothenes fallando das tres grandes Peninsulas da Europa meridional, a que chama promontorios, entendesse poder designar com o nome de *Ligustica* a que formava a Iberia.» [1]

Por esta importancia se explica como a invasão dos Celtas na Hespanha actuou diversamente sobre os Iberos e sobre os Lusitanos. Martins Sarmento, ao par de todos os trabalhos dos anthropologistas modernos, define o Celta: «raça puramente septemtrional e radicalmente distincta physica e moralmente das populações occidentaes e meridionaes da Europa; uma onda de barbaros que entre o VIII-VII seculo rebenta d'além do Baltico sobre o continente, espraiando-se em bandos mais ou menos numerosos por differentes direcções e perdendo-se por fim, mesmo como raça caracteristica, salvo n'um ou n'outro ponto, no seio dos povos com os quaes acabou por se fundir.» [2] Desde que os geographos e historiadores antigos, como diz Vivien de Saint Martin, designavam com o nome de Celticas as nações indistinctamente das regiões ao norte do Ister (Ger-

1 *Etude sur les Celtes et las Gaulois*, p. 71.
2 *Celtas na Lusitania* (Revista scientifica, pag. 80).

mania) e ao oéste do Rheno comprehendendo tambem a Hispania, facil foi fazer a confusão attribuindo aos Celtas usos, costumes e linguas de outros povos; e lidos esses livros sem exame critico, diffundiu-se o *enigma celtico,* que tanto tem perturbado a intelligencia da historia e mesmo a philologia. [1] Em que condições se operou a invasão dos Celtas louros e corpulentos na Hespanha? Sarmento escreve: «A turba... que tomou o caminho do Rhodano tem-se empobrecido antes de entrar na Hespanha com os desfalques exigidos pelas invasões da bacia do Pó e pela occupação do litoral dos Pyreneus, onde deve ter ficado uma parte consideravel...» [2] Em presença dos Iberos tiveram de afroixar na violencia do ataque, e, como observa Sarmento, diante do facto historico: «As hostilidades acabam por uma transacção amigavel; Celtas e Iberos formam uma nação mixta os *Celtiberos*, uma verdadeira federação, onde não ha dominadores nem dominados — facto que parece esquecerem os que nos fallam da dominação celtica na Hespanha.» *(Ib.,* p. 133.) Em frente dos Lusitanos a invasão celtica foi mesquinha, pela inferioridade do seu numero e da sua cultura; os Celtas do Ana admittidos pelos Turdetanos, são-lhes intellectualmente inferiores, como observa Strabão; e esses mesmos, que se estabelecem no promontorio Nerio, quatro tribus «*São os unicos que apparecem na Lusitania.*» (Ib.) A obsessão dos Celtas levou

1 *Celtas na Lusitania* (Revista scientifica, pag. 82).
2 Ib., pag. 132.

certos eruditos a vêr no onomastico da Lusitania nomes celticos, e tiraram da sua hypothese argumento decisivo; contra este argumento oppõe Sarmento: «a *Ora maritima* menciona nas Ilhas Britanicas e no Occidente da Hespanha nomes taes como *Albiones, Hierni, Ana*, que como se vê não pódem pertencer á onomastica celtica, tendo aliás uma physiononia celtica muito pronunciada. Existe pois uma lingua pre-celtica que póde explicar alguns nomes pseudos-celticos. Porque não hade explicar todos os outros que forem da mesma natureza?» (Ib., p. 300.) Mas a Celtomania do tempo de Bullet reappareceu com apparatos philologicos, submettendo a processos phoneticos comparativos com os dialectos preceltiços existentes na Escocia, Irlanda e Bretanha franceza todas as palavras pretendidas celticas.

Escreve Roisel, mostrando que as linguas impropriamente chamadas *Celticas*, o irlandez, o gadhélico, erse e o manx (ramo gaelico) e o welche, o idioma de Cornnwald, o armoricano ou baixo bretão, pertenceram a esse povo primitivo bronzifero, que desceu do norte da Europa, e que hoje se reconhece como *Ligure*, aponta um dialecto, o antigo *moriniano*, fallado ainda em um recanto do noroéste da França entre o *Lys* e o mar. (*Les Atlantes*, p. 106.) Quando nos poemas homericos se falla nos Hyperboreos, citam-se os Campos Elysios, no extremo da terra; e Virgilio colloca esse extremo no «paiz dos *Morinios*, e a dupla embocadura do Rheno.» Para os escriptores antigos, como Solino, o cabo do mundo era a costa maritima das Gallias.» (Op. cit., p. 136).

A invasão dos Celtas na Europa foi a ruina da Civilisação occidental ou bronzifera; esta raça corpulenta e nomada, de olhos azues e comada (*Gualt*), possuindo armas de *ferro*, vinha á depradação de um mundo rico pelo commercio maritimo e fluvial e pelas producções da agricultura. Os Celtas iniciaram a lucta ainda hoje persistente dos homens corpulentos do Norte contra os homens medianos do Sul. No seculo V da nossa éra, os Germanos continuaram essa devastação, descendo para o sul e destruindo a civilisação romana, pelas hordas de Lombardos, Frankos, Saxões, Godos e Suevos; ainda hoje mantêm o mesmo espirito de occupação militar e de espoliação.

Mas a ruina da Civilisação bronzifera ou atlantica durou desde o seculo VIII para VII antes da éra moderna, até que os Romanos dirigindo a sua conquista militar para o Occidente, na Hespanha, nas Gallias e nas Bretanhas, influiram pela sua organisação administrativa, fundada no reconhecimento das garantias locaes, que se operasse a revivescencia d'essa antiga Civilisação ou o *renascimento* ligurico. Historiadores modernos, ainda desvairados pelo prestigio de Roma, consideram este phenomeno extraordinario para quem desconhecer os antecedentes, como assimilação da cultura latina. Não era em dois seculos que povos barbaros, como pintaram os Iberos, Lusitanos, Gaulezes e Bretões, podiam assimilar a alta civilisação dando a Roma philosophos, jurisconsultos, rhetoricos, poetas lyricos, epicos e tragicos, e até imperadores. Tudo isto é na essencia um renascimento ligurico.

Nem a invasão já enfraquecida dos Celtas, na Hespanha; nem os Romanos pela sua falta de numero entre os mercenarios das suas legiões, nem os Phenicios pela sua incommunicabilidade semita, se mestiçaram com os *Lusitanos*, conservando-se, como observaram Frederico Edwards e Deniker, a raça mais pura da Europa.

O estado de pureza das tribus *Lusitanas* é que as fez resistir a outros invasores, conservando caracteres proprios cuidadosamente descriptos por Strabão; mesmo certas analogias com costumes gregos são explicaveis pelo contacto com colonias mercantis dos Jonios do sul da França e da Hespanha; os Jonios tinham seguido a exploração do Mediterraneo para oéste, vindo encontrar-se na Peninsula hispanica com os Phenicios. A superioridade d'este ramo semita no commercio pacifico, não actuou na população lusitana, embora sejam phenicias muitas designações topologicas, nem nos dialectos precelticos peninsulares, embora a sua influencia fosse continuada por colonias lybio-phenicias, dominio carthaginez e colonisações judaicas. O conflicto das navegações e emporios dos Jonios e dos Phenicios fez com que aquelles chamassem os Romanos para os substituirem na lucta, dando em resultado a ruina da raça semita no occidente até ao apparecimento e invasão dos Arabes. Na sua lucta contra os Romanos, os Carthaginezes, colonia phenicia do norte da Africa, exploraram as povoações Celtibericas acordando-lhes o espirito de autonomia para resistirem contra às legiões romanas.

Roma ia fixando o seu dominio em Hespanha

pela concessão de garantias politicas, estendendo o *direito italico* ás novas provincias, vindo sob o Imperio a realisar-se a primeira unificação hispanica. Todas as luctas foram sustentadas contra Roma pelos *Lusitanos*, e Viriatho, o guerrilheiro que derrotava os Proconsules, fortificava-se pelas allianças federativas, que tornariam a Hespanha livre. E' esse vulto extraordinario que representa esplendidamente a raça; caíu pelo assassinato da traição romana, e com elle a independencia. A cultura romana facilmente assimilada, como se vê pela biographia de Sertorio, em nada actuou na raça lusa; os soldados com que Roma combatia e mantinha a occupação eram de ordinario mercenarios germanicos, bem como o seu colonato. Dada a quasi semelhança do typo celta e do germanico, como observou Strabão, dizendo — que podiam passar por irmãos, com costumes identicos, póde distiguir-se a sua influencia na mestiçagem com as populações celtibericas determinando uma regressão ao typo celtico, loiro, ao passo que na Lusitania não se modificou o typo trigueiro e meã estatura.

Escreve J. J. Ampère, na sua *Histoire litteraire de la France avant Charlemagne*, (II, 97): «O uso imprudente de recrutar os exercitos romanos entre os barbaros fez progressos bastante rapidos. Probo deu o exemplo de uma reserva prudencial, que deixou mais tarde de ser imitada; elle determinou o numero de barbaros que poderia admittir-se n'uma legião; apesar d'isso houve legiões inteiras exclusivamente de barbaros.» D'este erro politico resultaram duas consequen-

cias: a facilidade da queda do Imperio no seculo v, diante das invasões germanicas, e a facil assimilação da cultura latina pelos Visigodos emquanto á unidade imperial e emprego da lingua dos Codigos e nos tribunaes. A Egreja, adoptando para a sua liturgia a lingua latina, e espalhando a traducção da *Vulgata*, cooperava tambem no desenvolvimento dos dialectos hispanicos com um vasto vocabulario latino. D'aqui a illusão de um *latim rustico* dando logar á creação das Linguas vulgares chamadas novo-latinas. Outra illusão é a de chamar povos romanicos ou raça latina ás modernas nacionalidades, que pela restauração da tradição imperial nas monarchias germanicas, e pelo processo civil romano nos tribunaes durante a Edade média, chegaram no Occidente da Europa a dar uma certa unidade á civilisação moderna.

A raça germanica, continuando a lucta dos homens corpulentos do Norte contra os homens meãos do Sul, apparece egualmente na Italia com a invasão dos Ostrogodos e Lombardos; em França com a dos Frankos e Borguinhões; na Inglaterra com os Anglos e Saxões; na Hespanha com Visigodos, Suevos, e Alanos. Dava-se esta calamidade no seculo v da nossa éra. Esta similaridade de elementos ia actuar sobre as instituições sociaes, determinando os dois typos do *Estatuto pessoal* e do *Estatuto territorial*, fundados na tribu e no cantão; mas em quanto á mestiçagem da raça pouca transformação podia produzir, por isso que essas raças do norte rapidamente se extinguiram nos paizes quentes em que estacionaram. Pela ex-

tensão da Lusitania *a dos antigos,* espalharam-se as tribus germanicas, os Suevos e depois os Visigodos na Galliza; os Vandalos occuparam a Betica, e na parte central lusitanica os Alanos, tribus que passaram para a Africa do norte, dando logar á ultima e mais forte invasão dos Visigodos, que se tinham fixado na Aquitania. Se a historia da Hespanha começa com o dominio dos Romanos, a formação da sociedade moderna começa com o imperio visigotico. E' esta propriamente a importancia do elemento *germanico.* A continuidade das invasões fez com que a *banda guerreira* e a *banda agricola* eguaes como homens livres *(werh-man)* se differenciassem, prevalecendo os homens de armas sobre a decadencia da outra classe, que se foi misturando com as populações vencidas, do colonato romano, os *lidi, leude, lazzi* ou *Lige.* N'esta separação estabelece-se um antagonismo mais profundo, em que a nobreza militar (os duques, condes, marquezes e barões) adoptam as leis imperiaes romanas do Codigo theodosiano, abandonam o culto de Odin pelo catholicismo de Roma; a classe dos lites, (os *aldios, lazzi e vassus,)* alliam as suas crenças de Hertha com o christianismo tradicional, conservam os seus costumes e symbolos juridicos, e numerosas tradições poeticas, que se transmittiam oralmente, e se confundiam com as das preexistentes raças.

O orgulho aristocratico cada vez separava mais a classe guerreira ou senhorial; e a decadencia das garantias do antigo homem-livre cada vez syncretisava mais os *lites* com as populações lusibéricas, que nunca tinham sido destruidas, nem es-

cravisadas. Era n'esta população numerosa, que procurava a estabilidade territorial e a revivescencia das suas garantias (a *fara)* que havia de organisar-se a sociedade moderna da Hespanha. Uma circumstancia determina esse grande phenomeno: a invasão dos Arabes em 711.

Se uma só batalha, a de Guadelete, destruiu o imperio visigotico, é por que elle se achava sem apoio, e só sustentado por uma diminuta classe privilegiada. E' essa a que constitue os refugiados das Asturias, e que fortificando-se na unificação catholica, tentam, ao passo que avançam na reconquista, restabelecer os velhos privilegios aristocraticos com leis aprocryphas e romanas formando o Codigo visigotico. Mas sob o poder dos Arabes, tolerantes em quanto á crença, garantias locaes e actividade, as populações sedentarias deixaram-se ficar, e foram evolucionando em um progresso social que as levou a restabelecerem as suas primitivas liberdades cantonaes, elevando-se aos pactos federativos das *Behetrias,* para as quaes mais tarde formulariam os pequenos *estatutos territoriaes,* ou *Cartas pueblas* e *Foraes.* Do seculo VIII até ao seculo XI é que se opéra esta transformação de classes servas e decahidas de liberdade em povos livres que hão estabelecer novas nacionalidades. Designa-se esta população numerosa e complexa nos seus elementos pelo nome de *Mosarabe,* que significa aquelle que estando em convivencia com o Arabe o imita nas maneiras exteriores da existencia *(most'arabe)*, mas conservava-se na religião christã; e as populações agricolas e fabris, que para obterem uma diminuição

dos impostos adoptavam o culto do Islam, por esta protecção eram chamados *Mulladies* (do arabe *maulas*, cliente.) Tal era a vitalidade d'estes elementos sociaes, que a nobreza dos Asturo-leonezes debalde tentou na reconquista do solo hispanico restabelecer as instituições senhoriaes; ao passo que a realeza teve de reconhecer nas *Cartas pueblas* e *Foraes* as garantias locaes dos *Mosarabes* e *Mulladies*. Muñoz y Romero viu admiravelmente a organisação d'estes factores sociaes, em que as formas civis e politicas appareciam nos Concelhos e nos processos como uma revivescencia do *germanismo*, mas fortificando a cultura luso-iberica. [1]

Quando se constituiu a nacionalidade portugueza, no seculo XII, foi essa população dos *Mosarabes* a materia prima; era ella que estava no territorio da obliterada *Lusitania*. Escreve Herculano: «Dos territorios da Hespanha, nenhum talvez mudou mais vezes de senhores durante a lucta, do que *os districtos de Entre Douro e Tejo, sobretudo nas proximidades do oceano*, e por ventura em nenhum ficaram mais vestigios da *existencia da sociedade mosarabica*, da sua civilisação material, das suas paixões, dos seus interesses encontrados, e até dos seus crimes.» [2] Por um feliz lapso de penna, Herculano chega a chamar-lhe *raça mosarabe*. Era a intuição inconsciente da

---

1 Foi sobre esta these que trabalhámos desde 1867 nos *Foraes*, e em 1871 nas *Epopêas da Raça mosarabe*, mas sempre incomprehendido.

2 *Hist. de Portugal*, § v.

persistencia do antigo typo *lusitano,* que tinha muitas vezes mudado de dominadores, mas que conservava o seu modo de ser, paixões e interesses.

Depois de dominada a invasão dos Arabes pelos neo-godos, a separação entre o *Ibero* e o *Lusitano* ficou ainda mais accentuada. A occupação dos arabes fez-se principalmente com tribus de Mouros e Berberes; e operando-se o cruzamento com os hispano-godos estabelecia-se uma certa recorrencia de caracteres ethnicos do Ibero: na reconquista as colonias maurescas e berberes preferiram ficar no solo hispanico. Todas as luctas dos Emirados arabes, e todas as dissidencias que embaraçaram a consolidação do Imperio arabe na Hespanha, foram devidas ás luctas permanentes d'esse elemento berbere e mauresco, cujo typo physico e feição moral de impetuosidade e sombrio fatalismo transparece no hespanhol moderno.

O *Lusitano,* realisando o ideal de povo livre, entrou na historia pelo caracter da raça ligurica, o genio das expedições maritimas, que o fez iniciar a E'ra das grandes Descobertas; pela sua tenacidade, resistiu a todos os desvarios dos que o governaram atraiçoando-o, desde o *castelhanismo,* dos casamentos reaes até á sua desmembração territorial pela dynastia bragantina; e pela vitalidade das suas tradições e sensibilidade affectiva creou uma bella Litteratura nacional.

2.º **A Tradição.** — Emquanto as Nacionalidades peninsulares se separam em organismos autonomicos, pela acção mesologica cooperando com a independencia politica, os *dialectos* locaes cor-

respondem a essa differenciação; não se apagam as primitivas unidades ethnicas, que subsistem na *Tradição*, transmittida inconscientemente. Assim nos cantos populares, musicas e costumes da região Galecio-Asturo-Portugueza e Extremenho-Betico-Algarvia nas suas similhanças reflecte-se aquelle ambito geographico da *Lusitania dos antigos* descripta por Strabão. Póde-se estabelecer a continuidade entre essas tradições poeticas e consuetudinarias dos povos hispanicos e as populações actuaes. Strabão, citando o testemunho de Asclepias de Mirleo, que vivera na Andalusia, diz que os Turdetanos possuiam *Poemas e Leis rythmicas* com mais de seis mil annos. O P.e Sarmiento propondo a leitura de *eton*, que significa anno, pelo quasi homophono *epon*, verso, inteiramente plausivel, nota: «sin error, entederemos por Turdetanos a los Portuguezes e Andaluces, mas meridionales...» [1] Na Irlanda, o vate, *(filès)* era conjunctamente juiz; e como observa Summer Maine, eram tambem em verso as leis de Moelmud. As formas metrificadas dos anexins populares, certas fórmulas tautologicas e aliteradas praxes juridicas são ainda vestigios d'esta phase emocional.

As fórmas fundamentaes da Poesia, o *Lyrismo*, a *Epopêa* e o *Drama* ainda apparecem vivificadas pelos actos quotidianos do povo; são como que uma maneira da sua expressão, uma natural relação da vida domestica com a vida publica. O casamento, acompanhado de cerimonias

1 *Memoria*, v, 41.

immensamente dramaticas, como o rapto, a coemptio, a cohabitação simulada, restos de outros estados sociaes, era o thema de certos cantos lyricos, que já no tempo da occupação visigotica eram tão persistentes no povo, que a Egreja os condemnava como pagãos no concilio ilerdense do VI seculo. Santo Isidoro hispalense no livro das *Etymologias* aponta os cantos epithalamicos cantados pelos escholares em louvor dos noivos, que foram regularisados pela legislação neo-gothica. D'estes mesmos cantos de *Vodas* e *Torna-Vodas* explorados pelos escholares vagabundos falla por experiencia o Arcipreste de Hita; e em uma disposição do Tombo do Aro de Lamego, de 1346, que vem citado no *Elucidario* de Viterbo, estabelece-se que no *Tamo*, ou festa nupcial, se não podia *tanger adufe* no mez de fevereiro, e que a melhor fogaça pertencia ao mordomo. A disposição prohibitiva referia-se aos ritos dos cultos chthonianos, que se praticavam já inconscientemente. As *Regueifas* da Galliza são ainda esses cantos de vodas, communs tambem a Portugal.

As cerimonias funeraes eram acompanhadas de cantos ou endechas dos mortos, a que os romanos referindo-se á Peninsula hispanica chamaram *Nenias*, equiparando-as ás suas *Laudes*; esses cantos eram acompanhados de dansas lugubres com um caracter local, e Tito Livio (Liv. XXVII. 17.) chamava-lhe *tripudiis hispanorum*. Silio Italico reconhece este caracter primitivo da *Endecha* nacional, chamando-lhe *barbara carmina*; no funeral dos Scipiões a cerimonia constava tambem dos *funebres ludi*. Diodoro Siculo (V, 34)

allude aos hymnos guerreiros dos Lusitanos, antes de entrarem em batalha, analogos ao *barritum* dos Germanos; e depois da batalha, no funeral dos guerreiros cantavam-se as narrativas dos seus feitos, como conta Appiano do funeral de Viriatho. Strabão refere que os Cantabros repetiam os seus hymnos de guerra, quando estavam pregados em cruzes pelos vencedores, onde morriam vociferando insultos. Esse genero de cantos funebres era commum a todo occidente da Europa, e ainda hoje denotam o substratum ethnico da raça ligurica: conhecem-se em Napoles com o nome de *Lamenti* e *Triboli*, na Sardenha com o nome de *Attitidos*, na Corsega com o de *Voceros*, no Bearn com o de *Aurust*, na Vascongadas com o de *Arirrajo*, e entre os Tupis da America com o de *Areytos*. A sua revivescencia na peninsula é attribuida por D. Joaquin Costa (*Poes. pop.*, p. 280) á época visigotica; em Portugal foram estes cantos funebres conhecidos pelo titulo de *Clamores*, e um alvará de D. João I prohibia o *bradar sobre finados*. Na litteratura conservam-se documentos d'este genero na sua phase tradicional, taes são as Seguidilhas cantadas por dansantes sobre a sepultura do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e o Romance tambem cantado sobre a morte do principe D. Affonso; a fórma litteraria chamava-se *Lamentação*, que se encontra no Cancioneiro de Resende, commum aos poetas cultos hespanhoes e italianos. O concilio III de Toledo sob o nome de *Funebre Carmen* prohibia estes cantos ou orações e ensalmos propiciatorios, de que o povo portuguez conserva

um typo já satirico, nas *Maravilhas do meu velho.*

As crenças religiosas e suas fórmas cultuaes foram themas essenciaes ou organicos de manifestações poeticas, que ainda hoje sobrevivem; Strabão cita algumas dansas dos Celtiberos, pelo plenilunio acompanhadas de cantares (liv. II, 4, § 16.) Este costume passou para as vigilias dos Santos, prohibidas pelo Concilio toledano (XVI, can. 23.), mas conservadas na Bretanha, e em Portugal, nas romarias a sanctuarios distantes. As *Salvas*, as *Chacotas*, as *Alvoradas* e *Serenadas* são vestigios de uma herança de tradições, que explicando o processo de elaboração das Litteraturas, nos restabelece pelos dados comparativos esse fundo commum, ou *substratum* ethnico da Civilisação occidental.

As formas lyricas das *Serranilhas*, *Muinheiras*, e *Baylias* galecio-portuguezas, as *Bailatas*, e *Ballets* francezes, derivam «de um typo tradicional commum ás diversas populações romanicas» como observaram Paul Mayer, Costantino Nigra, Gaston Paris, Jeanroy; a determinação d'esse typo tem conduzido a hypotheses provisorias, como a origem celtica apontada por Nigra, ou a origem franka proposta por Gaston Paris e Jeanroy. Mas no trama anthropologico da Europa, a raça dos Ligures, trigueiros e brachycephalos, precedeu em occupação e em civilisação todas essas outras, que fôram destructivas. Além do impulso da raça, os costumes sociaes é que impõem as fórmas artisticas, segundo os sentimentos e concepções dominantes. Um povo que teve a comprehensão do Anno solar, e que usou essa divisão

chronologica na sua vida social, relacionou os actos civis com estes dois periodos fundamentaes: do começo do anno, ou Solsticio estival, e do fim, determinado pelo Solsticio hibernal. Da alegria da natureza que se rejuvenesce na vegetação, resultaram as festas ao ár livre, da *Entrada da Primavera*, a representação das *Maias*, as dansas em roda da arvore reflorida, entre moços e raparigas, as cantigas chamadas pelos francezes *Maierolles*, e tambem uma variedade enorme de Cantos lyricos simultaneos com a dansa e o canto, que em toda a tradição popular europêa conservam o mesmo typo morphologico. E' immensamente interessante seguir estas fórmas populares nos seus reflexos litterarios nas Canções jogralescas e trobadorescas, que abundam nos Cancioneiros portuguezes da Ajuda, Vaticana e Coloci-Brancuti; e inversamente, reconhecer nos cantos populares oraes da Galliza ou Traz-os-Montes, a vitalidade d'essas fórmas medievaes.

Das festas do Solsticio hibernal, ou a *Entrada do Inverno*, resultaram fórmas dos cultos orgiasticos primitivos da morte do Joven heroe, caído prematuramente e chorado pela natureza inteira, que vem desde os mythos syro-phenicios e helleno-italicos até ao christianismo. As nacionalidades semitas, phenicias e carthaginezas, communicaram-nos cultos orgiasticos de que subsistem restos importantes nas superstições e praticas cultuaes das Deusas-Mães. Com estas explicações confundem-se mais ou menos as explorações e estabelecimentos dos Jonios, na peninsula, espalhando-se para o extremo occidente uma civili-

sação hellenica pela acção da confederação mediterranea cujo centro era Marselha. D'aqui a illusão dos geographos gregos considerarem a civilisação ligurica, que encontravam, como sendo grega. N'esta época estavam em elaboração as Rhapsodias da *Achilleida*, a *Pequena Iliada*, a *Destruição de Troya*, a *Dolonia*, as *Peregrinações de Ulysses*, a *Telemachia*, o *Regresso de Ulysses*, que os aédos hellenos levavam por todo o dominio dos Jonios, Rhapsodias que vieram a constituir os Poemas homericos. E' por isso que Strabão, referindo-se á vulgarisação das tradições troyanas e dos Errores de Ulysses, diz: «Não só na Italia se conservam passagens d'essas historias, se não tambem *na Iberia existem vestigios de taes expedições*, assim como da guerra de Troya.» (Liv. III, c. 2, § 13.) Strabão, notando o facto, deixava inconscientemente consignada uma outra, — que os Turdetanos, que é o mesmo que *Lusitanos*, possuiam poemas com mais de seis mil versos, em que continham rythmicamente as suas Leis. Não careciam de apoderar-se das tradições gregas; os modernos estudos das lendas odyssaicas, por Cailleux, desde 1878 chegaram á conclusão, que as navegações mediterraneas do poema odyssaico não condizem com as referencias geographicas, nem com as distancias apontadas nem com os aspectos da natureza. Trata d'este importante problema na obra: *Poesias de Homero feitas na Iberia e descrevendo não o Mediterraneo mas o Atlantico*, sustentando a these:

«Os dois Poemas de Homero são inteiramente extranhos ao Mediterraneo: a *Iliada* relata uma

antiga guerra feita na Bretanha pelos povos do continente; a *Odyssêa* é uma descripção do paiz e da religião dos antigos Celtas.» N'esta these importa reparar na *illusão celtica*, a que ainda obedece Cailleux, porque fôram os Ligures o povo navegador que iniciou as explorações do Oceano Atlantico. Cailleux, em outro livro *Paizes atlanticos descriptos por Homero*, conclue tambem, «que esses paizes são a *Bretanha*, a *Gallia*, a *Iberia*, e todos os Archipelagos do Atlantico (Açôres, Madeira e Cabo Verde): a religião que referem os seus poemas perpetuou-se nas nossas regiões e encontra-se nas nossas crenças.» Todos estes paizes indicados são aquelles em que os Ligures precederam os Celtas, que nada fundaram, sendo assimilados pelos povos preexistentes. É como para reforçar a verdade da these de Cailleux, o insigne archeologo portuguez Martins Sarmento publicou em 1887 a obra *Os Argonautas*, na qual recompondo a lenda original primitiva pelos vestigios dos poemas orphicos e do de Apollonio Rhodio com a epopêa homerica, reconstitue o periplo de uma navegação atlantica, cuja tradição foi plagiada pelos gregos para uma situação mediterranea sem a realidade correspondente. Sarmento não conhecia a obra de Cailleux, e chegando aos mesmos resultados, attribue esse periplo primitivo aos Phenicios, que são muito posteriores aos Ligures. Estavam ambos os criticos a uma linha da verdade, mas interceptada pela miragem celtica e pela phenicia, que não tem menos complicado a historia antiga. Vê-se que a affirmativa de Strabão fundava-se n'uma realida-

de, que elle invertia: os historiadores da Renascença obedeceram á miragem hellenica, quando attribuiram a fundação dos estados modernos da Europa aos Chefes gregos, depois que se dispersaram do cerco de Troya: assim Ulysses fundava Lisboa: a França, como refere Warnefried, e a Escossia como afirmava Eduardo III, provinham dos heroes troyanos, ficções que fôram depois propagadas pelo celebre falsificador Anio de Viterbo, dominicano, e que reproduziu com ingenuidade o chronista Fr. Bernardo de Brito. Nos Cantos populares existem os vestigios ou rudimentos epicos d'essas lendas odyssaicas; segundo Ampère, o romance da *Bella Infanta* ou a volta do Cruzado tem essa origem do regresso de um heroe ao seu lar, e para comprovar a sua antiguidade basta indicar a sua extensa vulgarisação, que o colloca em um fundo ethnico commum ao occidente da Europa: trazem versões castelhanas, D. Agustin Duran: catalãs, Milà y Fontanals, e Pelay Briz: asturianas, Amador de los Rios e Menendez Pidal; francezas, Tarbé, De Puymaigre, e Beaurepaire: bretãs, Luzel: italianas, Ferraro, Wister e Wolf, Bernoni e na Grecia moderna Marcellus. A situação primordial, a vida errante nos mares, e a scena tremenda da anthropophagia, que se descreve na *Náo Catherineta*, accentua mais o caracter d'esse cyclo odyssaico: e este romance popular portuguez é tambem commum aos povos occidentaes, como se póde verificar pelas versões populares da Catalunha, publicadas por Fontanals, da Provença por D. Arbaud, da Bretanha por De Puymaigre, de Bordeus por Rathery, da

França por Smith, e das Asturias por Menendez Pidal. Quando regressa repentinamente o heróe teve a fortuna de se apresentar a tempo para salvar do casamento a que obedecia a sua namorada; tal é o thema da *Noiva arraiana*, publicada por Garrett, que se encontra na versão catalã com o titulo *La boda interrompida*; na asturiana com o de *La Esposa de D. Garcia*, na franceza *Le retour du Mari*, e na Grecia moderna, o *Rapto*. Perguntam os criticos — qual o paiz d'onde diffluiram estas tradições? Julgando assim explicar a sua similaridade assombrosa, uns diziam da Provença; outros do norte da França; outros da alta Italia, ou da Sicilia. Não é do territorio, mas da raça que ahi estacionou é que derivam as tradições, e portanto a resposta decisiva só se attinge quando bem se define o substratum ethnico commum a essas regiões e povos actuaes. Vejamos como na Peninsula as duas raças persistiram em contacto com os povos historicos.

As luctas dos Romanos contra os Carthaginezes no solo hispanico, e a longa resistencia das tribus Celtibericas e principalmente dos Lusitanos contra a incorporação romana, influiram na persistencia dos Cantos heroicos, que se foram adaptando como acontece com as homoplasias ás novas situações e acontecimentos. A vida historica na Peninsula hispanica começa com o dominio romano conformando o seu municipalismo com os costumes das cidades livres e introduzindo uma administração centralista, que em nada influia nas tradições, mais avivadas entre o povo pelo systema do *colonato*, das tribus que antes das invasões germanicas se entregavam aos Romanos.

Depois da invasão, na peninsula, os Visigodos, pretendidos continuadores do Imperio romanisaram-se, prevalecendo a *banda guerreira* sobre os *homens-livres*, estes decahindo das suas garantias quasi a uma servidão dos *liti* ou *lazzi*, e aquelles constituindo uma aristocracia militar, imitando os costumes romanos e traduzindo-lhes os Codigos. Esta duplicidade aggrava-se no percurso historico, e da sua dissidencia resulta a constituição da moderna sociedade hispanica. A sociedade aristocratica convertida ao Catholicismo romano sob Rekaredo, soffreu uma profunda desnaturação pela decadencia da lingua gotica e desprezo das suas tradições nacionaes, como observou Jacob Grimm. A classe popular, cada vez mais comprimida, só pôde evolucionar socialmente no principio do seculo VIII, quando a invasão dos Arabes pela tolerancia politica e religiosa lhe permittiu a sua livre actividade e expressão das suas crenças. E' preciso distinguir esta dupla influencia, a aristocratica ecclesiastica, ou erudita, a qual pela circumstancia da resistencia contra os Arabes se chama *Asturo-Leoneza*, e a popular, desde o seculo XI conhecida pelo nome de *Mosarabe*.

Os Visigodos mantendo a unidade imperial romana acceitaram a unidade religiosa do catholicismo, que exerceu uma acção absorvente, dominando nas Côrtes, impondo-se politicamente nos Concilios, dissolvendo á sociedade politica pela jurisprudencia canonica, pela immobilisação da propriedade territorial, praticando o obscurantismo systematico do povo, alimentando pela intolerancia religiosa sanguinarios conflictos dynasticos,

animando na reconquista contra os Arabes a devastação como meio de ataque, e por fim estabelecendo a Inquisição com os Autos da Fé, a subserviencia a todas as auctoridades temporaes e a negação do espirito scientifico.

No longo periodo que vae do seculo VIII ao seculo XII, a sociedade popular visigotica, integrada por todos os elementos do *colonato* e das raças hispanicas nunca destruidas, foi convertendo os seus Costumes em Leis, que vieram a constituir as Cartas Pueblas e os Foraes, como lucidamente explica Muñoz y Romero, que estudou esses documentos; symbolos juridicos, cantos lyricos e épicos, superstições que apparentemente nos apparecem como germanicas, são-no como coexistindo com as revivescencias provocadas pelas incorporações ethnicas ante as novas formas sociaes. O canto popular e a lingua, segundo Gregorovius, conservam esse caracter a que os latinos chamavam *indoles;* é pelos cantos populares, simultaneos com a creação das linguas vulgares da Hespanha, que se determina a *indole*, que atravéz das transformações politicas e historicas nos revela essa unidade *Galecio-Asturo-Portugueza* e *Extremenho-Betico-Algarvia*, que constituiram a primitiva Lusitania. E' no periodo de formação da sociedade *mosarabe* que devem começar as investigações dos elementos tradicionaes que vieram a prestar materiaes para a elaboração litteraria.

A tradição popular não é propriamente Litteratura; mas a idealisação individual que se não apoia no sentimento collectivo, fica uma aberração mental, incommunicavel, sem sentido, e de méro

artificio academico. A intima relação entre a tradição nacional e a interpretação artistica, é o que sem abstracções metaphysicas, constitue o *Bello*. O phenomeno da tradição adquire uma importancia extraordinaria observando as analogias dos costumes, crenças, superstições, actos cultuaes, cantos poeticos, recitações heroicas, jogos dramatisados, que subsistem entre os povos que formaram a grande Civilisação occidental, e que se continúa nas nacionalidades modernas. As fórmas lyricas da Provença, as Gestas frankas de França, os themas novellescos da Bretanha, os typos populares do theatro medieval derivam de bases tradicionaes, elaboradas artisticamente desde que os novos dialectos se tornaram Linguas litterarias. E da maior ou menor approximação do elemento tradicional se deduzem as caracteristicas que destacam as differentes épocas de qualquer Litteratura.

3.º **A Lingua**. — As manifestações mais completas da linguagem, na sua fórma escripta, constituem a *Litteratura*, tornando-se assim um orgão de desenvolvimento social, um estimulo e apoio da independencia nacional. Se a lingua não recebe a fixação pela escripta, ha a incerteza dos sons, e das fórmas da derivação, nunca se estabelece a disciplina grammatical, e a synonimia torna-se uma excrecencia embaraçosa, confundindo-se em um rude polysynthetismo, consequencia do estacionamento de um povo. Por esta relação da linguagem oral para a escripta, observa Egger: «A *Litteratura* não se deve separar da *Philologia* e da

Historia, ou melhor, a historia das linguas, das instituições e dos costumes, fórma a verdadeira base sobre que assenta o juizo ácerca das obras do espirito.» [1] Seguiremos este criterio no seu duplo aspecto.

A lingua portugueza pertence ao grupo das linguas chamadas por Schleicher *romanisadas*, por Diez *romanicas*, ou geralmente *novo-latinas*; estudada na sua filiação e relações com esta grande creação da cultura meridional, comprehende-se o espirito da Litteratura, reflectindo o conflicto permanente entre a auctoridade do Latim classico, e o genio popular, que representa de um modo vulgar, espontaneo, a tradição e a feição nacional. Confórme essa corrente tradicional prevaleceu nos povos occidentaes, assim as Linguas romanicas se foram desenvolvendo pela construcção *analytica*, e dando ao sentimento nacional a originalidade de expressão, moderna e viva. No exame da lingua começa propriamente a comprehensão das transformações da litteratura, como por estas se discriminam as phases da decadencia ou epocas do progresso da linguagem.

a) Formação das Linguas romanicas

A creação das Linguas romanicas, em que se encontram elementos dos vocabularios latino, britonico, grego, germanico e arabe, levou os criticos sem a direcção do methodo comparativo a

1 *Mem. de Litterature ancienne*, p. XI.

consideral-as como um producto da mistura dos povos romanisados e germanicos, depois das invasões; ao que Diez, em 1827 na sua obra *Da Poesia dos Trovadores*, contrapoz a seguinte base fundamental: «Protestamos contra a influencia creadora attribuida a essa confusão, considerando que nos paizes romanisados, como o testificam esses novos dialectos, *a sua formação operou-se conforme a principios analogos, que nos conduzem a um typo commum...*» *(Ib.*, p. 277).

Para definir este *typo commum* devanearam os philologos antigos da renascença sobre a filiação immediata das linguas vulgares do Latim, explicando por este as suas grammaticas; a esta hypothese succedeu a de uma origem do Celta, fundados em comparações de vocabulos dos dialectos chamados neo-celticos; seguiu-se a theoria do Raynouard, derivando-as de um dialeto commum popular chamado o Romance de que o Provençal era a fórma litteraria. A theoria foi combatida por Schlegel; mas Frederico Diez, em 1827, acceitava como o typo commum: «antigo romance, *muito bem caracterisado em si* para ser producto do cahos, acrescentando que n'elle existiam *vestigios de uma grammatica fortemente constituida*». (Ib., p. 278). Esse organismo proprio, que Diez observa n'esses caracteres communs, eram a dissolução das flexões do Latim, lingua *synthetica*, e o desenvolvimento progressivo da syntaxe *analytica*. Tocava a essencia do problema; depois, estudando no seu conjuncto este grupo de Linguas pelo exame dos seus processos de *derivação* e *morphologia,* e pelas construcções

syntacticas, systematisou todos esses materiaes na *Grammatica das Linguas romanicas*, publicada de 1836 a 1844. Ficou considerado como o fundador da philologia romanica, e domina no ensino official.

Na successão das investigações a sua doutrina tem soffrido graves objecções, deduzidas dos exclusivos pontos de vista. Escreve Diez: «Seis linguas romanicas attráem a nossa attenção, quer pela sua originalidade, quer pela sua importancia litteraria: duas a leste, a *italiana* e a *valacha*; duas ao sudoéste, a *hespanhola* e a *portugueza*; duas ao nordeste, a *provençal* e a *franceza*... Todas estas linguas *tem no Latim a sua primeira e natural origem*».

Partindo d'este ponto, affirmava Schleicher: «o *Latim* deu o sêr ás linguas filhas, chamadas *Linguas romanicas*...», [1] e apontava como processo mais scientifico «Deduzir as linguas occidentaes do Latim classico, sem intermedio da lingua chamada italica, vulgar ou rustica.» (Ib., p. 195). Isto se pratica por meio de processos phoneticos explicando como os vocabulos do latim classico se modificaram nas linguas romanicas; assim o processo formativo era por Schleicher explicado como «o idioma latino acclimado aos diversos orgãos phonetico-acusticos das diversas nações para entre as quaes foi transportado». (Ib., p. 210).

Depois d'estas affirmações exclusivas, ha ne-

---

1. *Les Langues de l'Europe moderne*, p. 168.

cessidade de recorrer á *lingua romana rustica,* dos escriptores da Edade media, e Diez escreve: «Porém, não é do Latim classico, empregado pelos auctores, que essas linguas derivam, mas sim *da lingua popular dos Romanos,* usada ao lado do Latim classico.» E quando via n'esse antigo romance *vestigios de uma grammatica fortemente constituida,* d'onde *por principios analogos* se elaboravam as linguas novo-latinas, define essa lingua popular, usada nas classes inferiores com caracteres que consistiam «em *uma pronuncia descurada,* na *tendencia para libertar-se das regras grammaticaes...»* E querendo explicar o accordo de todos os dialectos romanicos no emprego das palavras, das fórmas e sentidos, diz que isso «é a mais segura prova da sua *unidade originaria;* esta unidade só a podemos suppôr no *idioma popular dos Romanos...»*

Pelo seu lado Schleicher tambem reconhece, que: «na região phonetica das linguas romanisadas, quando se trata de formar palavras, todas ellas *seguem effectivamente um caminho differente do seguido* pelo Latim.» (Ib., p. 208.) E attribue a essa *lingua rustica* «todas as palavras communs ás linguas romanisadas, que nunca pertenceram ao Latim classico.» (Ib., 211):

Tambem o grande glotologo Max Muller escrevia em volta d'esta mesma ideia: «Nós sabemos, que o italiano, o francez, o hespanhol e o portuguez *devem ter uma mesma origem,* porque elles têm em commum fórmas grammaticaes que nenhum d'estes dialectos poderia ter creado com os seus proprios recursos, e que n'elles não têm

mais significação, nem em certo modo vida.» [1] E querendo indicar essa fonte commum, avança: «Ainda que seja possivel de uma maneira geral fazer *remontar ao Latim estes seis idiomas romanicos*, ja fizemos observar *que o Latim classico* não nos poderia dar a explicação completa da sua origem.» (Ib., p. 242). Para determinar fóra do latim o phenomeno diz, que os dialectos romanicos são o latim de provincia fallado ou passado por boccas germanicas.» (Ib., 243.)

Todas estas vacillações e affirmações vagas dos grandes philologos, resultaram de começarem a applicação do methodo comparativo pela Phonologia, analysando as transformações dos sons nos vocabulos classicos, e pela reacção contra a celtomania phantasista. E' por isso que escrevia Schleicher: «uma lingua flexional, que abranja todas as *modificações phoneticas e synctaticas* das Linguas romanicas em geral... só existe na imaginação dos etymologistas.» (Ib., p. 197.) Partindo do grande numero de vocabulos latinos nas linguas romanicas, concluiram que era o Latim a fonte das linguas vulgares; e pelas palavras communs a ellas, que não vem no lexico classico, que um *Latim popular* se substituira ao urbano, que se deturpava na decadencia das suas flexões. Eis o problema, que constitue a illusão romanica.

Considerado o problema sob o aspecto syntaxico, reconhece-se que o *Latim é uma lingua synthetica*, em que pela importancia significativa das

1 *Science du Langage*, p. 214.

flexões, a ordem logica prevalece sobre a ordem grammatical, conseguindo pelas relações *casuaes* e *verbaes* seguir uma construcção indirecta, elliptica e de uma belleza litteraria; as *Linguas vulgares* ou *romanicas*, são *analyticas*, mantendo a ordem grammatical antes da ordem logica, as relações são expressas por *preposições* e *pronomes*, ficando o substantivo absolutamente independente de todas as relações da phrase, e o adjectivo verbalisa-se facilmente pelos *auxiliares*. Posto isto, este processo *analytico* fundamental é anterior á decadencia do Latim, na deturpação das suas flexões casuaes e verbaes, e mesmo sem dependencia da lingua *synthetica*. Diez considerava esta transformação devida aos povos entre quem se implantou o Latim; mas, em rigor, *nunca uma lingua synthetica se transmuda em lingua analytica*, como se hade verificar: A lingua germanica, levada pelos barbaros do norte para a França, Italia e Hispania, não passou de synthetica para analytica, e apenas actuou nas linguas preexistentes pelo vocabulario em relação a elementos sociaes. Os Arabes invadiram e occuparam a Peninsula hispanica, e a sua lingua synthetica não deu logar á creação de um dialecto arabe analytico. O mesmo se deu com o hebreu.

E para mais comprovar esta impossibilidade temos o Grego moderno, que se chama hellenista, byzantino e romaico, o qual, provindo do grego classico, appresenta uma separação muito vaga do antigo, sem attingir o caracter analytico: a *Declinação* grega, ao contrario do que se vê nas linguas romanisadas, conservou-se; a *Conjugação*,

perdido o dual e o optativo, approxima-se do grego antigo, salvo certos tempos auxiliados, e conservou o *verbo passivo*. Nos processos de derivação nos neologismos volta-se ás antigas fórmas das flexões; e na linguagem escripta a construcção é mais proxima do grego antigo, do que a fórma culta romanica do Latim. [1] Diante de um principio philologico tão capital, como se poderá considerar o Latim como fonte das linguas romanicas? Por meio de um *Latim popular*, lingua romana rustica? Dá-se a mesma antinomia, porque em nenhuma das linguas syntheticas da Europa actual, ha uma divergencia popular creando e usando uma linguagem analytica.

Nem mesmo o Latim classico, escripto, teve uma antiguidade tão grande de cultura, que o separasse da lingua popular; escreve Witney, na *Vida da Linguagem*: «O Latim, nos seus mais velhos monumentos, não data mais de *tres seculos antes da nossa éra*, mostrando-se n'elles sob uma fórma estranha e pouco intelligivel para aquelles que estudaram a lingua cultivada no ultimo seculo antes de Christo.» (p. 152.) Tres seculos é pouco para se destacar e prevalecer sobre os dialectos italicos como *synthetica*, e pouco os dois seculos da Egreja para dar logar a linguas *analyticas* ou novo latinas. Esta incongruencia já tinha sido notada: Dominando Roma na Grecia conquistada mais tempo do que na Hespanha, porque não implantou ahi o La-

---

1 Schleicher, *op. cit.*, p. 183

tim? Fixando-se numerosas colonias romanas na Illyria, não se adopta o Latim entre esses povos slavos, ao passo que se dá o contrario, alastrando-se nos Alpes suissos por via de uma occupação de Engadina que durou poucos seculos. O philologo italiano Gubernatis pergunta: Não tendo os Romanos occupado certos valles alpinos distantes, apparece ahi o Latim substituido aos dialectos locaes? E tendo os Romanos occupado a Bretanha franceza e ingleza, ainda ahi se conservam os seus dialectos gaëlico e kimrico. A theoria de Diez, exaggerada pelos seus discipulos confinados em processos phoneticos sobre o lexico tende a ser modificada. [1]

Eliminada a hypothese de Raynouard, a hypothese de Diez caduca por fundar-se exclusivamente no exame do Vocabulario desconhecendo as condições das épocas da historia. Como responder então a este problema da origem das linguas romanisadas? Escreve Edelestand du Méril: «Os estudos que *só considerarem a fórma das palavras*, não chegam a resultado algum; em logar de *procurarem a origem das linguas* exclusivamente *no seu vocabulario*, é preciso investigal-a pela *historia*, e na influencia que exerce cada

1 Do processo phonetico escreve Brunot: "a regularidade absoluta, que a eschola contemporanea pretende introduzir nas alterações phoneticas, parece-me chimerica e desmentida pelos factos conhecidos e certos. E' provavel que se abandone brevemente esta concepção mechanica dos factos, por uma intelligencia mais exacta e *mais historica* da realidade." (Histoire de la Langue et de la Litterature française, p. VI, nota.)

nação sobre o desenvolvimento e civilisação das outras.» Raynouard recorria á lingua geral, o *Romance* (a *Lingua Romanitatis*, titulo empregado por Lambertus Ardensis; ap. Du Cange, t. v, col. 1488.); mas não provou a sua realidade e acção historica. Du Méril oppõe-lhe as seguintes considerações, que abrangem perfeitamente a hypothese de Diez:

«Esta universalidade de um idioma, teria necessariamente uma causa, e não se póde ligar a um facto que a explique: nenhuma conquista a impoz pela força das armas, nenhuma colonisação a transportou por toda a Europa; nenhuma preponderancia politica ou litteraria a tornou de um uso geral. Uma tal uniformidade não seria possivel senão, — que uma lingua, alterada em cada paiz pela mistura de diversos idiomas, soffresse por toda a parte as mesmas mudanças; se corrupções produzidas por causas cada dia mais differentes, se elementos cada vez mais contrarios *formassem com o tempo novos idiomas que conservassem sempre a sua unidade primeira.* [1] Depois d'este enunciado, conclue Edelestand du Méril: «Enunciar as condições de uma tal hypothese, é tornar superflua a sua discussão.» Com certeza a hypothese de Raynouard não satisfaz aos dados d'este problema; mas a verificação de um grande facto historico explica o que foi essa *Lingua romanitatis:*

Existiu no Occidente da Europa uma familia

1 *Histoire de la Poésie scandinave*, p. 204.

de Linguas *analyticas,* a que correspondeu uma Civilisação ligurica ou pre-celtica, que actuou no desenvolvimento d'essa grammatica dando unidade aos differentes grupos dialectaes d'esse povo. A civilisação ligurica apagou-se sob as invasões barbaras dos Celtas, mas sob a conquista romana pôde revivescer assimilando facilmente a cultura latina, apropriando-se do seu vocabulario. Quando por seu turno a cultura latina foi abafada pelas invasões dos Germanos, a decadencia do latim não a tornou lingua *analytica,* mas sob este typo linguistico preexistente constituiram-se as linguas nacionaes, differenciadas pelos seus elementos primitivos, dando-se a illusão ulterior de que essa unidade grammatologica lhes proviera da origem latina.

Na obra posthuma de Darmesteter, *Curso de Grammatica historica,* sustenta o insigne philologo ácerca do *Latim popular* uma unidade quasi completa nas Gallias, na Hespanha e na Africa: «Essa unidade consistia na mesma grammatica e na mesma syntaxe, sem duvida no mesmo lexico, que dominavam do Mar do Norte ao Atlantico, e das margens do Rheno ao Atlas.»

Uma tal unidade não provinha dos diversos processos de dissolução do Latim em tão variados meios: mas de uma Lingua analytica, que antecedeu a extensão do latim pela acção historica dos que a fallaram. Ora, n'essa vastissima região manifestou-se a cultura dos Hyperboreos, (Scythas) Ligures e Lybios (africanos brancos). Quando a denominaram *Romancium* exprimindo a sua unidade linguistica, foi como protesto contra as lin-

guas barbaras dos germanos ou *Gothia;* pois, como observa Mackel, até ao seculo VI todos os dialectos germanicos tinham uma physionomia uniforme.

Na *Sociedade para o estudo das Linguas romanicas*, em sessão de 17 de Abril de 1869, Mr. Boucherie, combatendo a opinião de ter sido substituida a lingua dos Gaulezes pela lingua latina, fundamenta:

«Antes de tudo, quasi que se não comprehende como um povo intelligentissimo *(solertissima gens*, Cesar, *Bell. gall.)* um povo compacto de sete milhões de homens pudesse renunciar tão repentina e completamente á sua lingua. Está verificado que o gaulez subsistia ainda no seculo III (Lampridio, *Vida d'Alexandre Severo*, Ulp.), no seculo IV (Sulpicio Severo), no começo do seculo V (S. Jeronymo.) Se o gaulez cede o logar ao latim, isso só podia ser depois do seculo V; ora é precisamente n'esta epoca que a Gallia passa dos Romanos para os Germanos. Como suppôr que a Gallia escolheu este momento para renunciar de repente á sua lingua e apropriar-se da lingua dos seus antigos dominadores? Como suppôr tambem que os Gaulezes do Occidente poderam esquecer a sua lingua em alguns annos, quando os seus irmãos do Oriente conservavam ainda a sua na época em que nós fallamos (IV a V seculo, S. Jeronymo,) e isto na Asia Menor, a setecentas leguas da mãe patria e apoz um intervallo de setecentos annos?»

Mr. Boucherie faz notar, que onde quer que se encontra a lingua latina fóra da Italia, mos-

tra a historia uma emigração gauleza anterior: em Portugal, na Hespanha, sobre as bordas do Danubio. — O facto torna-se claro, desde que o nome de Gaulez se identifique com o possuidor da Civilisação bronzifera, que no seu apostolado espalhou o Zodiaco e a linha extraordinaria dos Tumuli.

Os dialectos de norte da Italia, principalmente o *milanez*, o *veneziano* e o *genovez*, reflectem os caracteres da Lingua d'Oc, sendo chamados pelos philologos italianos *gallo-italicos*.

A differença da Lingua torna-se explicavel pela invasão e incorporação dos Celtas; essas qualidades da lingua occitanica, revelaram-se por um renascimento do genio meridional na época trobadoresca. Essa dualidade encontra-se não só no Francez e Provençal, mas no Hespanhol e Portuguez, e nos dialectos da Italia do Norte com os do sul.

As Linguas romanisadas, ou vulgares tem uma Phonetica differente do Latim, á qual submetteram os vocabulos latinos com que alargaram o seu lexico. No Latim o accento barytonico oppõe-se á intonação da ultima syllaba; dá-se o rigor do accento por causa da flexão de consoantes, ou a *quantidade* prosodica. Nas linguas romanicas ha o desconhecimento da *quantidade*, e a preponderancia exclusiva do *accento*, que póde ser agudo, grave ou exdrúxulo, sendo esta collocação na phrase a causa de uma nova fórma de poesia e versificação. As linguas romanicas tendem para a contracção dos sons e abbreviação das palavras, e por isso as palavras latinas, tanto

como as germanicas ou arabes, soffreram a mesma adaptação ao entrarem nos lexicos vulgares.

E' lei geral das linguas romanicas a persistencia da *vogal accentuada*, através de todas as obliterações flexionaes syntheticas, e modificações consonantaes: exemplo: *quadragesima*, no portuguez *quaresma*, no francez *carême*; *rotundus*, no francez *rond*; *canalicula*, no portuguez *quêlha*.

Outra lei de adaptação phonetica: — a *suppressão da vogal breve*, mostra-nos como as syllabas latinas sem accentuação desappareciam, convertendo os pronomes em *artigos*, fazendo dos adverbios um circumloquio com o sufflixo *mente*, e dos superlativos uma redundancia. Não era um processo de decadencia, mas de vigor organico. Se a *suppressão da vogal breve* actuou na ruina da flexão latina é por que os povos modernos não careciam d'esse meio de expressão *synthetica*, quando empregavam o vocabulo na sua construcção *analytica*.

Uma terceira lei, egualmente natural e resultante do caracter das linguas romanicas, essencialmente contrahidas: é a *queda da consoante medial*. N'uma palavra se exemplifica: o adverbio *Metipsissimus*, que no italiano dá *medesimo*, no portuguez antigo *medes*, e *meesmo*, mesmo, e no francez *même*. Quando estas linguas começaram a ser escriptas, os eruditos recorreram ao vocabulario latino, e esses neologismos, não tendo recebido as modificações populares, appresentam fórmas duplas, e derivações de themas latinos que nunca existiram na linguagem do povo.

Estas leis phoneticas communs a povos affas-

tados e sem accordo, e em antinomia com a phonetica do Latim, por certo que provieram de uma *Lingua flexional analytica*, de uma extensão territorial mais vasta do que o Latim. Basta vêr o dominio geographico em que as linguas romanisadas subsistem, para avançar pelos resultados da anthropologia para a solução do problema. Terminando o exame na *morphologia*, o *caso* da flexão nominal latina que apparece nas linguas romanicas, o *obliquo*, é um duplo sem designar relação; na conjugação o participio torna-se adjectivo, e a fórma *passiva* desapparece como inexpressiva diante do auxiliar *sêr*. Em quanto á Semeiologia, no Latim as palavras conservam uma significação inalteravel, d'ahi a importancia da lingua na Jurisprudencia e na Egreja, durante a Edade media; nas linguas vulgares a palavra toma sentidos figurados, e muitas tornam-se pejorativas. Diez tinha visto claro, quando disse, que as novas linguas não podiam provir da confusão, porque revelavam uma fonte que possuia *uma grammatica fortemente constituida*.

A hypothese celtica foi appresentada antes de se conhecer bem a raça dos Celtas, que os romanos confundiram com os Gaulezes. D'esta confusão, em que os anthropologistas só tarde fizeram luz, resultou a deploravel *illusão celtica*, que hoje se impõe com os fóros de methodo philologico comparativo, e que ainda perturba o problema das origens nacionaes. A raça brachycephala, de estatura mediana, trigueira e de olhos castanhos, precedeu na Europa, e excedeu em civilisação essa outra raça dolichocephala corpulen-

ta, loira, e errante. Broca foi um dos primeiros que conseguiu fazer esta separação do typo anthropologico. Pela gradação dos indices cephalicos chegou-se a determinar a marcha de uma população brachycephala, partindo de leste para o centro da Gallia, Ilhas britanicas, Italia e Hespanha, soffrendo invasões dos dolichocephalos loiros. E' esta raça brachycephala que hoje se reconhece pelo nome de *Ligure*, pelos trabalhos de Belloguet, de Celesia, de Martins Sarmento, e geralmente denominada pre-celtica. Aonde estacionaram essas povoações liguricas ahi se formaram as linguas chamadas romanicas, ou persistem as linguas erradamente chamadas neo-celticas. Diz Zaboronwski: «Estas linguas (sc. celticas) parece com effeito terem sido falladas em *uma região* para além da Gallia Belgica, *aonde o typo dos Celtas* (dos anthropologistas) nunca existiu.» [1] A raça brachycephala, como observa Hovelacque, existe a leste dos Alpes e mesmo na Romania actual; os Ligures acham-se na Provença, ao sul do Garona; as populações centraes desde o alto Danubio até á Armorica, passando pela Saboya e Auvergne, pertencem tambem á raça brachycephala, de estatura mediana e de olhos castanhos; e na população actual da Inglaterra, como observa Deniker, o typo dolichocephalo pertence ás regiões occupadas pelos conquistadores germanos e scandinavos, destacando-se os brachycephalos de estatura pequena e

---

1 *Dictionaire d'Anthropologie.*

olhos castanhos em uma percentagem importante. E' entre estes povos que não são Celtas (anthropologicamente dolichocephalos, corpulentos e loiros) que se conservam as linguas a que se dá o nome de neo-celticas, as quaes se dividem em dois grupos: o *hibernico* ou *gaëlico*, e o *bretão* ou *kymrico*, comprehendendo o primeiro o *irlandez*, com inscripções do seculo v, o *érse*, ou *gaëlico* da Escossia, e o *Manx*; o segundo grupo, contem o *gaullois* e *cornico* e o *bretão* ou *armoricano*. Pelo estudo systematico feito por Edwards sobre este grupo de linguas, chegou-se ao conhecimento que ellas eram *analyticas*; e por isso póde-se inferir, que essa vasta população ligurica, entre a qual se encontram as Linguas romanicas analyticas, não abandonou ou esqueceu as suas linguas, *romanisou-as* apropriando-se do vocabulario latino para a expressão da sua cultura, que fôra perturbada pelas invasões dos Celtas. Hovelacque nota nas linguas chamadas neo-celtas phenomenos caracteristicos das romanicas: uma grande *tendencia para a concentração*; no consonantismo muita affinidade com as linguas italicas; o vocalismo, no irlandez (seculo v a VIII) muito analogo ao do Latim; a Declinação no irlandez e bretão, as desinencias casuaes obliteradas e o artigo perdendo a diversidade; a Conjugação gaëlica e bretã com o mesmo systema dos *auxiliares*. A chamada *lingua rustica* ou *sermo vulgaris*, em que se desenvolvem as linguas romanicas analyticas, era a lingua analytica, de que subsistem ainda, não tendo soffrido a romanisação, os dois grupos impropriamente chamados neo-celticos. Roma teve

de transigir com a vitalidade d'essas linguas, como se vê pela lei de Alexandre Severo de 230, permittindo fazer fideicomissos em linguas vulgares.

Vejamos como fôram romanisadas: a politica romana acceitava para o serviço das armas *mercenarios* recrutados em todas as provincias do Imperio, especialmente tribus germanicas, celticas e liguricas: nas expedições e guarnições militares longinquas tinha de transigir com o emprego de uma giria commum, mais facil pelas suas fórmas analyticas. Depois de reconhecer os perigos do mercenarismo, Roma recorreu ao expediente do *colonato*, concedendo terras a varias tribus, coadjuvando a sua organisação municipal, e dependencia administrativa, com regulamentos de direito escripto. É pelas relações juridicas e pelas fórmulas do processo judiciario que o Latim se impõe ás novas populações, ás provincias italicas, gaulezas, bretãs e hispanicas, espalhando o seu vocabulario, facil de adoptar quando as palavras provinham de uma origem commum árica.

As classes elevadas, que as havia, reconheciam a superioridade da cultura romana, e admiravam o seu prestigio militar e administrativo, e por moda affectavam abandonar as linguas e mesmo os costumes das raças a que pertenciam, para escreverem como os poetas e prosadores de Roma, e fallarem como os seus rhetoricos. Pela unidade legislativa, expressa em latim, os dialectos hispanicos unificavam-se no mesmo vocabulario. Essa cultura tornou-se de facil assimilação; Sertorio fundou um centro de estudos em Osca, e Roma

teve como continuadores da sua Litteratura os *cordovezes* Sextilio Henna, Lucano, Porcio Latro, os dois Senecas, Annio Mela, os *gaditanos* Cornelio Balbo e Columella, Marcial natural de Catatayud, e o rhetorico Quintiliano de Calahorra. Authenticam esta assimilação os escriptores hispanicos Claudio Apollinario, Felix, Marco Licinio, Pomponio Mela, Lucio de Tuy, Allio Januario, Cordio Sinforo, Silio Italico, Floro, Hygino, e os imperadores Trajano e Adriano.

A propagação do Catholicismo, pela traducção da *Vulgata*, homilias e liturgia ecclesiastica, facilitou um largo emprego do Latim; ainda no ultimo seculo do Imperio empregavam o latim na litteratura ecclesiastica os bispos Osio de Cordova; Porciano e Olympio, de Barcelona; Gregorio Betico de Granada; Potamo de Lisboa e o papa Sam Damaso; Dextro, Juvenco, Idacio, Paulo Orosio, Prudencio, Elpidio e outros muitos. E' natural que tentassem reproduzir a *urbanidade* latina, como os Chrysostomos e os Basilios tentavam, na sua apologetica, restaurar o atticismo do grego que decahia em dialecto commum. Depois da queda do Imperio a tradição romana fica representada pela Egreja, que impõe a lingua latina para os seus diplomas e canones, separando-se do povo, fechando-se em uma hierarchia aristocratica e n'uma isolada erudição claustral. Começa a separação entre o povo, que elabora as suas tradições, e as classes aristocraticas, que se romanisam e se submettem á erudição latino-ecclesiastica. Essa separação, que se observa na litteratura em Santo Isidoro, Paulo Orosio, Idacio,

Viclara, Santo Ildefonso, Isidoro de Beja, Maximo, em Draconcio, poeta, Florentino, Eugenio, Commancio, e Valerio, torna-se mais flagrante na condemnação dos Concilios de Toledo contra as tradições populares, que se transmittiram oralmente até formarem os poemas do Cid e os Romanceiros.

A invasão germanica na Hespanha fez-se por aquelles povos que mais se tinham apropriado da cultura romana, os Visigodos. Ao tentarem substituir a unidade imperial, acceitaram as leis e os costumes romanos; com relação á lingua latina, que os Visigodos adoptaram por causa da sua conversão ao Catholicismo, abandonando o Arianismo, a religião e a politica estavam de accordo para a sua manutenção official. Diez attribue a decadencia da lingua gotica a esse facto da conversão de Rekaredo ao Catholicismo em 587, uniformisando os direitos entre os hispano-romanos e os visigodos; n'esta fusão social entram elementos germanicos nos dialectos vulgares, mas «não soffrem nenhuma perturbação essencial no seu organismo; o grupo romanico escapou quasi completamente á influencia da grammatica allemã.» Diez assim o manifesta, observando: «que ha na formação das suas palavras algumas derivações e composições germanicas — na syntaxe vestigios de allemão, porém estas particularidades perdem-se na totalidade da lingua.» O facto capital, é que a lingua gotica, que excedera em desenvolvimento o franciko e o lombardo, na grande classe popular, que se formava, não se transformou de lingua synthetica, que era, em lingua analytica;

e pela romanisação crescente dos dialectos vulgares em nada perturbou o seu organismo definido. Apenas lhes enriqueceu o lexico com os recursos de instituições sociaes e de objectos technologicos.

A invasão dos Arabes é outra grande experiencia glottologica; por que a sua lingua synthetica tambem na sua propagação na peninsula nunca produziu um dialecto popular analytico. Os latinistas ecclesiasticos, Isidoro de Beja, Sebastião de Salamanca, Sampiro, o Silense, Lucas de Tuy e Alvaro de Cordova descreveram com côres pessimistas o dominio dos Arabes como uma tremenda calamidade. Os factos historicos de tolerancia e liberdade contradictam essas narrativas; mediante uma capitação, o *djizych*, o hispano-godo tinha garantido a sua propriedade, a familia, a crença, e industria. Facil foi a harmonia moral entre a população existente e o invasor, que se apropriára da civilisação hellenica, abrindo novos fócos de revivescencia do genio grego em Damasco e Bagdad. Os hispano-godos imitaram o viver dos arabes, conservando as suas crenças christãs, e formaram a população dos *Mosarabes;* as classes trabalhadoras, para se aproveitarem da attenuação dos impostos concedida aos que abraçassem o islamismo, formaram os *Mulladis*, ou os clientes. Foi com estes elementos que se constituiu o povo moderno da Hespanha, desde o seculo VIII até ao seculo XII, em que se definem os organismos nacionaes dos Estados peninsulares. A extensão do dominio da lingua arabe no Occidente tem sido investigada

na Italia por Narducci, na França por Marcel Devic, em Hespanha por Simonet, em Portugal por Fr. João de Sousa, Engelmann e Dozy; vê-se que o vocabulario romanico enriqueceu-se com termos technicos, umas vezes subsistindo o latim a par do arabe, como *sator*, *sastre* e *alfaiate*; outras vindo do arabe, esquecida a fórma anterior latina, como *anfião*, de *aphium*, que vem de *opium*. Muitas palavras arabes são admittidas em sentido pejorativo, taes como *Cachich* (o sacerdote christão) que se tornou uma interjeição de repugnancia: *Cachicha!* As palavras *Azambrado*, *Madraço*, *Léria*, *Chiça* e outras muitas arabes decahiram na giria popular, pela animadversão catholica. Na larga lucta da reconquista christã, as povoações sedentarias ficaram indifferentes á sorte das batalhas; a penetração da cultura do arabe levava ao emprego das letras arabes na escripta, ou a *aljamia*, fallava-se um dialecto chamado *aravia*, mas as linguas romanicas nada tomaram da syntaxe arabe, avançando, por causa da transformação social, para o momento de se tornarem as linguas escriptas, que deram expressão a novas litteraturas.

O triumpho da reconquista christã pretendeu restaurar integralmente as atrazadas instituições senhoriaes visigoticas; mas foi impotente diante de grande classe popular, a dos *Mosarabes*, que tinham creado os Concelhos, as Behetrias e redigiam em vulgar as suas *Cartas pueblas* e *Foraes*; a aristocracia tambem punha em vulgar no *Fuero juzgo* privilegios antigos mas irrealisaveis. E' n'este antagonismo que se desenvolve a sociedade

moderna da Hespanha, em que a realeza exerceu uma funcção coordenadora; as linguas romanicas na peninsula, orgãos de novas nacionalidades, por este phenomeno politico, attingiram o mais intenso desenvolvimento.

B) Filiação da Lingua portugueza e suas epocas historicas

O pensamento da unidade imperial romana é realisado entre os Frankos por Carlos Magno, que fixa uma epoca de estabilidade para a Europa, inicio da civilisação moderna; collocado no centro do Occidente, na Gallia, elle susteve as invasões das tribus barbaras do norte, romanisando a Allemanha e pondo um dique á invasão dos Arabes no sul. Na creação de novas formas sociaes organisaram-se Nacionalidades, e o Occidente, por uma crença commum, chega á acção commum das Cruzadas, cria uma mesma Arte, uma mesma Poesia, e funda a liberdade civil com as mesmas revoltas communaes. Todos estes factos tornaram escriptas as Linguas romanicas empregadas em dar expressão a esta grande synthese affectiva.

A' evolução social e historica, que simultaneamente com a reconquista neo-gotica ia desmembrando o territorio e povoações tomadas aos Arabes em pequenas nacionalidades independentes, corresponde a seguinte divisão dialectal: o *Portuguez*, o *Catalão* e o *Castelhano*. São trez nacionalidades, as que mais profundamente se constituiram, achando-se ainda no seculo XVII Portugal e a Catalunha em lucta con-

tra a unificação iberica castelhana. Diez considera a lingua portugueza com caracteres proprios; no *Poema de Alexandre* e no *Poema do Cid* encontro os typos formativos do castelhano; nos versos de Berceo, em que se conhece a influencia dos trovadores, destacam-se já as feições peculiares do catalão. Os outros dialectos, como o *gallego*, o *valenciano*, o *malhorquino* e o *andaluz* estacionam por falta de estimulo nacional.

Entre o *Portuguez* e o *Castelhano* continua-se a differença do Lusitano e do Ibero; escreve Schleicher: «cada um d'estes povos tem uma aversão profunda por certas combinações de vogaes e consoantes... Esta diversidade phonetico-acustica é baseada *sobre uma diversidade physiologica*. (Ib., p. 221.) — Quem, por exemplo, ousará explicar porque é que o portuguez não gosta dos diphthongos hespanhoes *ie* e *ue*, e em geral dos diphthongos tendo o accento sobre a segunda parte? O portuguez conserva fielmente o *u* e *e* breves, taes como os tomou do latim. Desconhece o som guttural rigorosamente aspirado dos Hespanhóes; substitue-o por um som sibilante desconhecido a estes.» (Ib., 221.) Ha porém fórmas communs ao Portuguez antigo e ao Castelhano, que não são explicaveis pelo latim, como os participios em *udo*; e na lingua portugueza a flexão de infinitivo conjugavel com relações pessoaes, que lhe é peculiar. A differenciação do Portuguez, resultou de ter a Galliza perdido as condições de vida nacional, e de ter o pequeno Condado Portuculense attingido a autonomia politica no seculo XII.

a) *Separação do Portuguez do Gallego.* Desde Fernando Magno a Galliza estendia-se até ao Mondego; ainda em 1065 pertenciam-lhe as conquistas ao norte do Mondego e do Alva; em 1093 as suas fronteiras estendiam-se até á foz do Tejo, depois da tomada de Santarem e de Lisboa aos sarracenos. Affonso VI, de Leão querendo fortalecer a administração d'este vasto dominio da Galliza, encarregou do seu governo a Raymundo, seu genro, que viera com os cavalleiros frankos ajudar o monarcha leonez em 1083 na batalha de Zalaka. Por estes factos se deprehende, como se generalisou a lingua fallada em todo este territorio, dando uma certa unidade aos dialectos locaes. Nas invasões germanicas do seculo V, a Galliza fôra occupada pelos Suevos, Alanos e Silingos, incorporados estes ultimos aos primeiros quando Walia os forçou a abandonarem a Betica e a Lusitania; mais tarde os Suevos estenderam o seu dominio sobre a Betica e a Lusitania até serem submettidos por Leovigildo á unidade visigotica. Um mesmo influxo germanico na differenciação de um dialecto vulgar; observam Helfrich e Declermont: «Comparando a vocalisação do dialecto suabio actual á do portuguez, julga-se ter achado a solução do problema. Fôram os Suevos, que primeiro que todas as outras tribus germanicas, se estabeleceram na Galliza, e admittindo que a lingua allemã recebesse na bocca dos Suevos, desde a sua primeira apparição historica, uma vocalisação distincta da do gotico, não custará a attribuir *a intonação nasal, particular ao dialecto suabio*, e que se

encontra de uma maneira surprehendente no portuguez, á influencia da lingua dos Suevos sobre o novo-latino que acabava de se formar unicamente na Galliza.» [1] Uma maior estabilidade, durante o dominio dos arabes e no meio das suas algaradas, fez com que a Galliza se tornasse um centro de cultura, e que a sua lingua podesse ser escripta, influindo isso na prioridade do lyrismo trobadoresco ao norte e ao oeste da peninsula. Territorio e raça tudo influia para a unidade do *Galleziano*. Na separação do Condado de Portugal, de que Henrique de Borgonha toma posse em 1096, e de que resultou a formação da Nacionalidade portugueza, a Galliza, que tanto luctara pela sua independencia reduziu-se á condição de provincia, decahindo a lingua no dialecto gallego, que deixa de ser escripto, depois de ter sido empregado artificialmente na litteratura de côrte, como nas *Cantigas de Santa Maria* de Affonso Sabio, e na *Chronica de Troya*, e apesar dos esforços de renascimento pelos poetas Villasandino e Juan Rodriguez del Padron.

A lingua portugueza, como factor nacional evoluciona com aspecto menos archaico. Para que o territorio das margens do Minho até ao Tejo se desmembrasse do Condado da Galliza e se emancipasse da unificação *iberica* da monarchia asturo-leoneza, não bastavam as ambições de Henrique de Borgonha, de sua viuva D. Thereza, ou

[1] *Aperçu de l'Histoire des Langues neolatines en Espagne*, p. 36.

do seu filho D. Affonso Henriques; os Concelhos, em que as cidades livres no seu desenvolvimento juridico se fortaleciam na associação de *Behetria*, avançavam para a organisação nacional, que foi verdadeiramente uma revisvescencia do *lusismo*. A vida nacional era suscitada pela acção geographica: a *proximidade do mar* não era simples barreira defensiva, mas um estimulo de actividade; pelo mar vinham as armadas que coadjuvaram a reconquista, pelo mar se fizeram as incursões na costa do Algarve e se entrou depois da integração do territorio no periodo dos grandes Descobrimentos geographicos. A lingua portugueza seguiu esta differenciação alargando o seu vocabulario pelos neologismos latinistas impostos pela cultura litteraria da Côrte, da Egreja, e das Escholas. Deu-se assim uma aproximação forçada do latim classico, levando á illusão de um maior parentesco originario d'essa lingua, como o acreditavam os eruditos da Renascença. Na linguagem popular conservaram-se muitas fórmas gallegas, que chegaram a manifestar-se nos escriptores; e o gallego por seu turno recebeu a influencia do portuguez.

b) *Modificações por via do francez.* — Tomando conta do Condado Portucalense, o cavalleiro borgonhez fixou no territorio os homens de armas que o acompanharam, deu frankias ás colonias que chamou do seu paiz, e para as dioceses vieram bispos francezes, como S. Geraldo, D. Mauricio, D. Hugo, D. Bernardo. Havia uma causa permanente para que o francez influisse na nossa lingua nacional; desde o seculo XII era a

lingua franceza a vulgarisadora de todas as tradições poeticas da Edade media; na Italia avalia-se o seu prestigio pelas palavras de Brunetto Latini: «*la parleure française est la plus gracieusè et delictable de tous les autres languages...*» Dante no *De vulgari Eloquio* reconhece esta superioridade; na Inglaterra, no seculo XIII as proclamações de reis, o ensino nas escholas e as balladas do povo eram em francez; nos velhos romances allemães acham-se versos inteiros em francez, como no *Tristam* de Gottfried. Os portuguezes iam estudar a França, como D. João Peculiar, Gil Rodrigues; as lendas e Gestas carlingias formavam a *Nova mestria*, vulgarisada pelos jograes. A corrente franceza continuou na epoca das luctas dos fidalgos contra D. Sancho II, refugiando-se os emigrados na côrte de Sam Luiz, d'onde acompanharam depois para Portugal D. Affonso III, que depoz o irmão. D. Diniz foi educado pelo francez Emeric d'Ebrard, de Cahors, e nas canções dos trovadores portuguezes ha além de dois versos francezes, allusões aos poemas mais queridos da *Materia de França* e *de Bretanha*. Seguindo as primeiras composições litterarias em portuguez este prestigio universal dos poemas francezes, a lingua receberia uma influencia que se contrabalançava com a latinisação forçada dos eruditos ecclesiasticos. A Civilisação occidental tinha achado o seu novo centro hegemonico, suscitando o desenvolvimento da lingua portugueza na expressão da litteratura.

c) *O portuguez começa a ser escripto.* — Debaixo da inflexão alatinada d'essa lingua conven-

cional e barbara dos documentos juridicos, taes como o *Livro dos Testamentos* de Lorvão, ou o *Livro preto* da Sé de Coimbra, existem as palavras vulgares que mais tarde apparecem com fórma propria nos textos litterarios. João Pedro Ribeiro, nas suas *Dissertações chronologicas e criticas* [1] transcreve documentos redigidos em portuguez no reinado de D. Sancho I, em 1192, e deduz que no reinado de D. Affonso III, a começar em 1273 é que apparecem com mais frequencia os documentos em portuguez, tornando-se geral o seu uso de 1334 em diante. Estes factos são importantes para se reconhecer que existia uma lingua popular que se impoz ao uso official ainda no seculo XII, e lucta com o exclusivismo do latim da Egreja e da curia. [2]

O uso litterario do portuguez começou pelas fórmas poeticas, sob D. Sancho I (1154-1211) e principalmente quando os fidalgos que regressaram de França com D. Affonso III, reproduziram como moda da côrte o lyrismo trobadoresco, que Dom Diniz aproximou da tradição popular. A redacção em prosa começou pelos latinistas ecclesiasticos, traduzindo em portuguez os Evangelhos e alguns livros moralistas dos Padres da Egreja. A Livraria de Alcobaça era riquissima d'essas traducções de livros asceticos, compilados para uso dos clerigos que ignoravam

---

1 *Op. cit.*, I, 60, 61, 62-68 e 184.

2 O testamento de D. Affonso II, de 1214 «é o mais antigo diploma escripto em lingua portugueza.» (*Rev. Lusit.*, vol. VIII, p. 82.)

o latim. A erudição claustral absorvendo para si o exclusivismo da instrucção e banindo os cantos vulgares da liturgia, tornou o latim a giria das escholas e da poesia dos goliardos. A renascença do Direito romano, nas Universidades, fez com que da parte do Poder real se impozesse o latim nos tribunaes, allegações juridicas e postillas doutoraes. Assim se enriquecia o vocabulario portuguez pelos *neologismos*, abandonando-se as fórmas populares no meio d'esta exuberancia de elementos eruditos. Raros foram os escriptores que se libertaram do prestigio da imitação latina, favorecida pelas auctoridades catholica e academica, que afastaram a litteratura portugueza das condições organicas da sua originalidade.

Mas a lingua portugueza, que differenciava uma raça, era meio de expressão do sentimento de uma nacionalidade. A escripta fixa-a, dá-lhe a norma de analogia nas suas derivações, e modificando-a artisticamente pelo estylo litterario, torna-a pelo genio dos seus escriptores, um meio de cohesão da propria nacionalidade. Terminada a epoca dos Descobrimentos, os Quinhentistas fortificavam a vida da nação proclamando a cultura da lingua; são profundamente sentidos estes versos do Dr. Antonio Ferreira:

> Floreça, falle, cante, ouça-se, e viva
> A *Portugueza lingua*, e já onde fôr,
> Senhora vá de si, soberba e altiva.
>
> Se 'téqui esteve baixa e sem louvor,
> Culpa é dos que a mal exercitaram,
> Esquecimento nosso e desamor.

. . . .
E os que depois de nós vierem, vejam
Quanto se trabalhou por seu proveito,
Porque elles para os outros assim sejam.

(*Cart.* III.)

Este pensamento dos Quinhentistas não era ignorado pelos escriptores estrangeiros, que nos apontavam para exemplo. Na Carta de D. Diego de Mendoza, censurando o uso dos termos antiquados na traducção do *Orlando,* de Urrea, allude-se a este facto: «Mas vos le debeis hacer por imitacion á *los Portuguezes*, que han hecho ley, en que defienden, que ninguno hable vocablo castellano ni estranjero, si no solamente puro y neto.» Camões, servindo o sentimento nacional na epopêa dos *Lusiadas,* unificou a lingua popular com a erudita, que é a que se falla e que se escreve em todo o paiz.

Fóra da Litteratura a lingua portugueza teve um largo desdobramento de dialectos, devido ao forte individualismo do povo, e em consequencia da expansão historica em um vastissimo dominio colonial. No seculo XVI escrevia João de Barros em um dos seus Dialogos: «As armas e os padrões portuguezes póstos em Africa e Asia, e em tantas mil ilhas fóra da repartiçam das tres partes da terra, materias são e póde-as o tempo gastar; pero, não gastará doutrina, costumes, *linguagem, que os portuguezes n'estas terras deixaram.*» A verdade d'esta affirmação do nosso vigor nacional é bem evidente ainda ao fim de tres seculos; temos o dialecto *Crioulo* nas possessões

da Africa e Cabo Verde, o *Matuto*, no Brasil, o *Reinol* ou Indo-portuguez, em Columbo, capital de Ceylão, em Malaca. Escreve Radau, referindo-se a Malaca: «O idioma que ahi se falla hoje ao lado do inglez é uma especie de phenomeno philologico: é o portuguez despojado das suas terminações, e por assim dizer reduzido a raizes. Os verbos não têm tempos nem modos, nem numeros e pessoas: os adjectivos perderam o feminino e o plural. *Eu vai*, significa *eu vou, eu tenho ido, eu irei*, segundo as circumstancias. Algumas palavras do malaio completam esta lingua, que appresenta um curioso exemplo de retrocesso ao estado primitivo.» [1] Os dialectos do portuguez são numerosos e tem sido estudados proficientemente por philologos estrangeiros e nacionaes; são um documento do poder de assimilação e de resistencia do povo portuguez.

Durante os quarenta annos da unificação *iberica* (1580-1640) a lingua portugueza trocada pela castelhana pela aristocracia e homens cultos, era usada pela gente do povo, como o ultimo vestigio da nacionalidade, e foi ella tambem o estimulo da sua revivescencia.

d) *A Versificação portugueza: Syllabismo.* — Quando os povos criam as suas linguas, os sons com que as *fallam* são tambem os mesmos com que pela intensidade as *cantam*. D'esta elevação das intonações verbaes, deduziu Rousseau,

---

1 *Un Naturaliste dans l'Archipel Malais.* (Rev. du Deux Mondes, t. 83, p. 679.)

que se não póde fixar onde acaba a palavra fallada e começa o canto. A mesma lingua, quando constitue a expressão grammatical, cria simultaneamente a sua versificação; o *accento* prosodico da palavra, coincidindo com o accento melodico da phrase, determina o rythmo, em que se funda a accentuação metrica. Uma lingua tem sempre um systema de Versificação que lhe é propria. A poetica das Litteraturas romanicas têm uma similaridade, por que deriva do genio das Linguas vulgares ou romanisadas, unificadas pela sua natureza *analytica.* Como os philologos da eschola de Diez quizeram explicar a origem d'essas linguas meridionaes como uma degradação do Latim, laboraram no prolongado equivoco, de que a sua Versificação tambem proviera da metrica latina! Nunca conseguiram provar como uma Versificação baseada sobre a *quantidade,* podia transformar-se em uma base incompativel com essa fórma prosodica, a *accentuação.* Bastava este facto para reconhecer-se o vicio do problema respondido pela degradação do latim. Hoje já ha a tendencia para abandonar o esforço de fazer confrontos entre a Versificação vulgar com a latina. [1] Na metrica da *quantidade,* a cadencia oratoria ou declamatoria suppria a falta de coincidencia do accento prosodico com o accento rythmico, com o *ictus,* uma nova belleza ligada á

1 Procurava-se no verso adonico, o *pentasyllabo* vulgar; no pherecratiano o *heptasyllabo;* no glyconio ou jambo dimetro, o *octosyllabo;* no dactylo trimetro o *decasyllabo;* e no asclepiade o *alexandrino.*

intonação do Radical da palavra e ao logar da construcção syntaxica determinado pelas flexões. Em linguas analyticas, em que se perdeu a noção do radical, e a construcção syntaxica é directa e por meio de preposições, predominou o *accento,* graduando o numero certo das syllabas dentro da pausa metrica, ou o verso, e dando ainda mais relêvo á sua expressão pittoresca pela *rima.*

A Versificação vulgar é produzida pelo *Syllabismo:* syllabas contadas, que dão a estructura do verso. Para que dentro de cada verso, ou no seu ambito caibam as phrases, é preciso que os sons vocalicos se absorvam eliminando syllabas, ou ampliando-as por meio das chamadas figuras de dicção: taes são as cesuras, as ellipses, ecthlipses, syncopes, aphéresis, apocopes, que antes de serem admittidas pelos rhetoricos já estavam creadas pela phonetica popular. A palavra que entra na construcção do verso, tambem pela varia disposição do seu accento prosodico, se colloca ou usa para alcançar a sua coincidencia com o *accento* metrico: tal é a *oxytona* (aguda, tronchi) a *paroxytona* (grave, piani) e a *proparoxytona* (esdruxula, sdruccioli). E' ainda pela influencia do *Canto,* que se estabelece a Estrophe ou o numero certo de versos, e as suas repetições ou Refrem, e os versos metabolicos.

Do systema das consoantes, por onde se distinguem os radicaes nas palavras, apenas se conserva o artificio da *aliteração,* sem logar definido no verso. E' effeito sonoro, que distingue a rima perfeita *(simul desinens)* da assonancia *(simul cadens.)* O verso, na sua extensão, com-

põe-se de dois trechos, ou hemistychios, ou quebrados: são *arsis* e *thesis*, como o alevantamento e abaixamento da respiração. E' ainda o canto que influe nos versos de ambito curto, da sexta syllaba para traz, (redondilha) ou da sexta syllaba até á decima (endecasyllabo, ou endecha). Por meio dos hemistychios ou quebrados se variam indefinidamente as fórmas estrophicas, quasi sempre designadas pelo numero dos seus versos: *terceto, quadra, quintilha, sextilha, outava, decima.* Como é que entrou na mente dos eruditos derivar um systema tão peculiar de Versificação de Linguas analyticas, d'essa mal comprehendida metrica da *quantidade* da litteratura latina? Vê-se que o saber erudito nem sempre é intelligente.

Com estes recursos, linguas prosaicas, pelas suas palavras immoveis (variando as relações por preposições) conseguiram realisar a incomparavel expressão da Poesia moderna, em tudo superior á poesia classica. A similaridade das leis poeticas fez com que as Litteraturas modernas exercessem entre si uma mutua influencia ou acção hegemonica, levando muito longe o espirito de imitação das suas obras primas, cooperando todas na elaboração perfeita dos generos litterarios, e da cultura estylistica.

Pelas suas transformações morphologicas e estylisticas, a lingua portugueza appresenta as seguintes épocas historicas:

1. (Seculos VIII a XII): *Periodo oral e de elaboração popular, até á unificação nacional.* — N'estes quatro seculos modificam-se os sons luso-ibericos, latinos, germanicos e arabes, estabe-

lecendo o caracter da phonetica galleziana. Dos vocabulos d'essas varias proveniencias amplia-se o lexico vulgar, e este transparece sob a inflexão *alatinada* dos documentos juridicos. Pelo concurso do nacionalismo, o portuguez destaca-se do gallego reflectindo o progresso social.

II. (SECULOS XIII A XV): *Periodo de divergencia erudita.* — Modificações produzidas pela acção da cultura latina; separação entre os escriptores e o povo, occupados nas traducções latino-ecclesiasticas. Muitas derivações fazem-se de themas latinos que não entraram na corrente da linguagem popular. Conformação da syntaxe com a latina, dando-se na legislação a necessidade de redigil-a em linguagem mais moderna, como se manifestou na reforma dos Foraes.

III. (SECULO XVI): *Periodo de disciplina grammatical.* — Dá-se n'este seculo a preponderancia das classes cultas, ou a Egreja e a Côrte sob o prestigio do humanismo. Fernão de Oliveira e João de Barros, publicam as primeiras Grammaticas portuguezas imitadas das grammaticas medievaes. A centralisação da capital actua na decadencia dos dialectos provinciaes, ou fallar de Entre Douro e Minho, da Beira e Alemtejo. O ensino dos Jesuitas imprime á grammatica portugueza a disciplina da grammatica latina nos seculos XVI e XVII, confundindo-a com a rhetorica.

IV. (SECULOS XVII A XIX.): *Unificação da lingua portugueza popular e escripta, em uma lingua commum a toda a nação.* — Opera-se um exame historico e critico da lingua por Duarte

Nunes de Leão, mas decae este estudo na divagação rhetorica até ao apparecimento de um *Vocabulario portuguez* por Bluteau, que serviu de base ao Diccionario de Moraes e Silva e a todas as outras compilações. A Arcadia lusitana sustenta o *purismo* da lingua com os archaismos quinhentistas; prolonga-se o pedantismo grammatical até ao apparecimento do criterio historico-comparativo, coincidindo este processo com o restabelecimento das bases tradicionaes na Litteratura, ou o Romantismo.

4.º **A Nacionalidade.** — Depois de quebrada a unidade do Imperio gothico pela invasão dos Arabes em Hespanha, e antes de começar o esforço da reconquista dos refugiados das Asturias, manifestaram-se as resistencias locaes e ethnicas, revelando os esbôços de futuras nacionalidades peninsulares. As cidades da Lusitania que tinham resistido tenazmente contra as legiões romanas, e que haviam conservado as suas garantias *territoriaes* contra a absorpção germanica do estatuto *pessoal*, foram as que apresentaram a lucta mais implacavel contra a absorpção dos Arabes, que aspiravam ao unitarismo do kalifado. Tres fócos combateram para a realisação da reconquista christã: a região *lusitana* ao occidente, a região *catalã* ao oriente, e a região asturo-cantabrico-gallega. Estes tres fócos esboçam as nacionalidades que se haviam de constituir com a libertação da Hespanha; dá-se esse grande phenomeno historico desde o seculo VIII até ao estabelecimento das monarchias do seculo XII.

A resistencia lusa é altamente significativa: segundo a Chronica do mouro Rasis, [1] a povoação da vertente occidental da peninsula *era a mais irrequieta* sob o jugo de Abderaman I, o qual com o seu furor submetteu a gente de Beja, Evora, Santarem e Lisboa e todo o Algarve. Esta expedição feroz, feita no anno de 763 a 764, foi motivada pelo auxilio que estas povoações indigenas *propriamente lusitanas* deram ao caudilho Alafá-ben-Magarit, o qual, como escreve Simonet, na sua importante *Historia de los Mosarabes* (p. 250) «quasi poz em perigo o novo imperio arabe.» Continuava esta população occidental o mesmo impeto de resistencia com que combateu Roma auxiliando Sertorio. Foram violentas as revoluções de Merida, e graças a esta vitalidade da *raça lusa*, o dominio dos Arabes não passou a cima da Villa da Feira, fazendo apenas rapidas incursões á Galliza. O *Territorio portucalense*, assim libertado pelos lusitanos do sul, manteve as condições para revindicar a sua autonomia da absorpção unitarista asturo-leoneza, e constituir no seculo XII a nação portugueza. Por isto se reconhece o caracter resistente e persistente da raça lusitana, que sem o auxilio dos reis leonezes luctava pela sua independencia, por fórma que os arabes a reconheciam como *a gente mais irrequieta* da parte occidental da Hespanha. Nas divisões ecclesiasticas da Lusitania, em 780, que se encontram no

1 Gayangos, *Mem. de la real Academia,* vol. VIII, p. 93.

codice Ovetense do Escurial, enumeram-se as seguintes sés: Emerita, Pace, Olissipona, Ossonoba, Egitana, Conimbria, Beseo, Lamego, Calabria, Salamantica, Abelo, Ebbora, Caurio; e na região da Galliza, Bracara, Dumio e *Portocale*. Dois arcebispados dividem o novo territorio; o de Mérida, (Lusitania) e o de Braga (Galicia) no qual entra Portocale. Não foi o territorio portuguez repovoado por colonias de asturo-leonezes, como pretendia Herculano; numerosas cidades se ligavam em *Behetrias*, desenvolvendo-se a sua população agricola e fabril; nem a autonomia de Portugal foi obra exclusiva do Conde D. Henrique e de seu filho D. Affonso Henriques, porque obedeceram ao impulso da autonomia começado por Sisnando. Nas cartas geographicas publicadas pelo Visconde de Santarem, encontra-se sempre representada a *Lusitania*, com este nome desde o seculo VII até ao seculo XII. E' uma realidade, e não uma designação rhetorica dos eruditos da Renascença, como affirmava Herculano.

A par da lucta contra os sarracenos da banda de oeste, surgem os esforços da Restauração pirenaica a leste, na republica montanheza da Catalunha, que precedeu na historia a resistencia gotica das Asturias. O primeiro chronista christão Isidoro Menor, o *Pacense* (Bejense) e os chronistas arabes, assignalam grandes combates nas montanhas do norte e diante dos Pireneos, onde os generaes arabes se achavam pessoalmente á frente dos seus exercitos. E apesar de todo esse esforço dos sarracenos, os Estados Pi-

renaicos (formados de antigas tribus ibericas e dos povos que se lhes foram aggregando) reconquistaram aos Arabes parte da Vasconia, Aragão, Navarra, Catalunha, Valencia, Murcia e as Baleares. Fundaram uma monarchia ou unificação politica de uma fórma moderadamente absoluta e sem luctas dynasticas. Sem esta reconquista, que fez sustar as incursões dos Arabes, a reconquista empenhada pelos refugiados Asturo-Cantabricos não poderia ter-se realisado com exito.

A Restauração Asturo-Cantabrica começou mais tarde, depois da lusitana e da catalã. Terminada a Chronica do Pacense em 754, ainda elle não falla do levantamento da gente das Asturias e Cantabria; nem tampouco os Chronistas arabes (citados por Antonio José Conde) fallam dos Asturo-Cantabricos, até ao anno de 765, quando referem os combates com os Estados Pirenaicos. Os chronistas christãos do seculo IX chamam revoltosos aos Vascos. Formaram-se, portanto, os reinos de Asturias, Cantabria e Galliza, por que os arabes invasores foram distrahidos e até envolvidos em grandes combates pela *gente mais irrequieta* da região occidental lusitana, e da republica montanheza da Catalunha. A restauração Neo-gotica, alliando a ferrenha unidade catholica ao renascimento do velho imperialismo germanico, foi sempre um elemento perturbador da organisação normal dos Estados peninsulares. O estado dos Asturo-cantabricos impoz-se, a pretexto da unidade catholica, pelo mais audaz absolutismo, dando sempre o espectaculo odioso de

crimes e usurpações dynasticas, accumulando as varias corôas com o intuito de restabelecer a unidade do extincto imperio gotico, pela união das Asturias e Leão a Castella, que absorve tambem Aragão no fim do seculo XV. E' d'este momento em diante, que o *germanismo* da Casa da Austria, realisa a unidade iberica por violencias e casamentos regios pela preponderancia exclusiva do *Castelhanismo*. Os Reis de Castella possuiam todo o norte da Hespanha: Leão, Galliza, Provincias Bascas, duas Castellas, Murcia, Extremadura, e grande parte da Andaluzia; e ao sul, desde a embocadura do Guadiana até Tarifa. Faltava-lhes só incorporar Granada, o que se conseguiu em 1482, e unificar Portugal, o que se realisou em 1580 por casamentos regios e traições do unitarismo catholico.

A historia da formação da Nacionalidade portugueza, e das suas revoluções para manter a sua autonomia em 1380, 1640 e 1820, synthetisa-se na resistencia da raça lusitana contra a absorpção iberica, sustentada pelo *Castelhanismo*. A nacionalidade portugueza constitue-se nos principios do seculo XII, como consequencia da agitação separatista das quatro Monarchias, Leão, Castella, Navarra e Aragão. Em 1109 é organisado o *Condado Portucalense*; em 1128 torna-se estado independente, sendo reconhecido como a quinta Monarchia em 1143.

A comparação chronologica é eloquente como revelação d'este phenomeno sociologico. Em 1134 dá-se a reconstituição da autonomia da Navarra; em 1126 o Aragão readquire a sua independencia

de Castella: em 1170 Castella readquire outra vez a sua autonomia: em 1197 estabelece-se a independencia de Leão. Emquanto estes Estados livres eram violentamente annexados uns aos outros por conquista, usurpação e por casamentos, e desmembrados por testamentos dos seus monarchas e revoltas cantonaes, o Condado Portucalense aproveitou-se d'esta corrente separatista, tornando-se independente do reino de Leão. Em 1128 dá-se a revolta contra a regencia de D. Thereza, viuva do Conde D. Henrique, e na batalha de Guimarães annullada a dependencia da monarchia leoneza, o joven D. Affonso Henriques torna-se o instrumento da revivescencia do lusismo no territorio portucalense.

Emquanto os outros Estados se annexam e se unificam nos dois centros de Aragão e de Castella, que por seu turno se integram no *Castelhanismo* em 1469 e 1504, Portugal conserva sempre a sua autonomia nacional através de todos os cataclysmos historicos da Hespanha. A rasão d'este facto constitue toda a trama da historia social, politica e mesmo mental d'este pequeno povo, que conseguiu assignalar-se na marcha da civilisação humana.

A creação de uma nacionalidade é um phenomeno de ordem statica, independente da intervenção da vontade individual; é uma integração das Patrias locaes, quando uma aspiração ou um pensamento commum as une. E' pela synthese dos interesses, ou o Direito, pela synthese dos sentimentos, ou a Arte e a Moral, que este orgão collectivo se eleva até á consciencia, que

em cada individuo não ia além do ideal de *Patria*. A Litteratura dá expressão a esta tendencia para a unificação politica, embora não realisada como aconteceu na Grecia ou procurada desde um longo passado como aconteceu com a Italia. A relação da Litteratura com a Nacionalidade é immediata; as diversas instituições sociaes, como a Religião, o Direito, a Politica, a Industria fortemente dominadas pela paixão exclusiva das crenças ou dos interesses egoistas não representam completamente o genio nacional; sómente as creações estheticas, tomando por base as tradições da collectividade e recebendo o sentido novo a que se elevaram as capacidades superiores, estão sempre em uma intima relação com o vigor da nacionalidade que as fecunda.

A Nacionalidade portugueza, constituida no seculo XII, pela autonomia do *Condado Portucalense*, sob D. Affonso Henriques, no seu territorio era uma parte minima da antiga *Lusitania*, que abrangia da Galliza até ao Algarve; com a conquista sobre os Sarracenos, até Coimbra, Santarem e Lisboa, foi-se reunindo grande parte do primitivo territorio, e por assim dizer, tornando o facto da *Nacionalidade* uma verdadeira revivescencia do *Lusismo*. E' a Anthropologia, nos seus processos de differenciação dos indices cephalicos, e a Ethnologia, estabelecendo as sobrevivencias dos costumes, que hoje explicam a persistencia dos caracteres do *Luso* no mesmo territorio hoje occupado por Portugal. Esse facto mysterioso para o historiador Scheffer, da formação de uma Nacionalidade sem ruido, e da sua resis-

tencia através de grandes conflictos historicos, não é obra dos politicos, mas de uma tradição, de uma aspiração instinctiva abafada desde o dominio dos romanos. Desde o seculo XII o *Lusismo*, ou o genio da independencia dos pequenos estados achou-se em frente do *Iberismo* unitarista pelo pensamento imperial romano, germanico e pelo catholicismo; a historia de Portugal concentra-se toda na resistencia contra esta absorpção *iberica*. Pela conquista do Algarve sob D. Affonso III, Portugal estende-se sobre esse extremo da Lusitania, mas a Monarchia, moldada sobre o typo da Realeza da França, trabalhava para a concentração pessoal do poder soberano absoluto. Acabava em D. Affonso III o estabelecimento de *Foraes*, mas generalisava-se o Direito romano imperial; o genio nacional, comprimido pela auctoridade real e ecclesiastica, parecia amortecido, ou desconhecido, como um simples aggregado provincial. Foi a revolução de Lisboa o primeiro symptoma de vida consciente; em 1380 a soberania popular, avocando o poder supremo, delega-o no Mestre de Avis, elegendo-o em 1381 nas côrtes de Coimbra. E' o comêço da existencia historica de Portugal; porque essa pequena nacionalidade triumpha em Aljubarrota como digna da sua independencia, e reconhecendo, que pela sua situação *entre o continente e o mar*, fortifica a sua autonomia, iniciava a Era dos grandes Descobrimentos maritimos. Era o genio ligurico, das primitivas explorações atlanticas, que levava o portuguez á navegação do Mar Tenebroso, á determinação do caminho maritimo da

India, e á volta do mundo. O genio lusitano realisava esta missão historica, em quanto a tendencia iberica era servida pelos seus monarchas, que por meio de casamentos dynasticos pretendiam reunir em uma só cabeça a corôa das Hespanhas. O espirito popular, que se manifestara na revolução de Lisboa, estava animado de uma profunda poesia, idealisando o Condestavel como o Cid portuguez, e elaborando o seu vasto Romanceiro, como se vê pela riqueza das tradições dos Archipelagos da Madeira e dos Açores, alli confinadas desde o seculo xv, e trazidas ás collecções impressas ao fim de quatrocentos annos de transmissão oral. Embora os poetas palacianos se afastassem das fontes tradicionaes, e da communicação com o povo, n'esse seculo apparecem os trez grandes historiadores Fernão Lopes, Eannes de Azurara e Ruy de Pina. O impulso das Navegações dá ao genio lusitano o maximo do seu relêvo; depois que Vasco da Gama em 1498 realisa a viagem da India, e Pedro Alvares Cabral em 1500 descobre o Brazil, opéra-se uma transformação na sociedade portugueza com a preponderancia de uma classe média que pelo trabalho cria a riqueza publica; com essa burguezia apparece a creação do theatro popular por Gil Vicente, como fazendo da scena o meio de dar expressão á opinião publica; cria-se uma Arte portugueza, na Pintura, como se vê pela obra de Grão Vasco, e na Architectura como se patentêa nos Jeronymos por João de Castilho, na Ourivesaria, como o documenta a Custodia de Belem por Gil Vicente, primo co-irmão do poeta. A lingua

portugueza recebe a sua disciplina definitiva nas Grammaticas de Fernão de Oliveira e de João de Barros, e torna-se classica nas Decadas de Barros e na epopêa de Camões: a propria Jurisprudencia, sempre romanista, procura regressar aos costumes do reino. A vida portugueza era uma arrojada aventura, como se observa nos extraordinarios viajantes Fernão Mendes Pinto e Francisco Alvares, excedendo nas suas narrativas as maravilhas de Marco Polo e Mandeville. E n'essa época do humanismo, Portugal deu á Europa os primeiros pedagogistas, taes como Diogo de Gouvêa e André de Gouvêa, principaes dos Collegios de Santa Barbara e de Bordeus, e mestres de Rabelais, de Montaigne, de Ignacio de Loyola e Calvino. Entre os humanistas da Renascença figuram dignamente Ayres Barbosa, André de Resende, Achilles Estaço, Diogo de Teive, Damião de Goes, e tantos outros que floresceram pelas Universidades estrangeiras.

O genio de Camões, sob o influxo da Renascença, soube alliar o enthusiasmo pelas obras primas da civilisação greco-romana com o sentimento nacional, formando a sua Epopêa não sobre um heroe individual mas no Peito *lusitano* pela intuição genial de todos os elementos tradicionaes e lendarios da historia portugueza, exactamente como Virgilio na *Eneida* revivescera as tradições do Latium por meio das formas da poesia hellenica. Os escriptores conheceram esse sentimento tão caracteristico do portuguez, a *saudade*, que desde Dom Duarte, que o analysara psychologicamente no *Leal Conselheiro* até á

invocação de Garrett em 1824, inspirou todos os nossos poetas desde a emoção pessoal até á visão da *Patria*, que suscitou os feitos de tantos heroes. O pensamento de uma Epopêa nacional, na época da descoberta do Oriente, foi proclamado por muitos escriptores, como Castanheda, João de Barros, pelos poetas Antonio Ferreira, Caminha, Jorge de Monte-Mór e Pero da Costa Perestrello; mas só Camões, dominando o perstigio da erudição humanista, e tendo, como elle diz, repartido pelo mundo a sua vida em pedaços, percorrendo todo o dominio portuguez na Africa, na India, nas costas da Arabia, e em Malaca até Macáo, exposto aos combates e naufragios, só elle achou a expressão ideal do — *Pregão do ninho seu paterno*, e no verso immortal: *Esta é a ditosa patria minha amada.*

Repentinamente, como o escreveu Camões em 1572, Portugal caíu em *uma austera, apagada e vil tristeza*, e o poeta não sobreviveu á incorporação da sua patria autonoma na unidade *iberica* do Castelhanismo, em 1580. Como se deu tão estupendo phenomeno? Dispersa a energia *nacional* nas grandes Navegações e conquistas, e enfraquecida a vida local pelo centralismo da Côrte, os reis como Carlos V e D. Manoel por casamentos dynasticos trabalharam egoistamente para a unificação iberica; e n'este mesmo sentido, D. João III, servindo a unidade catholica, deu entrada em Portugal á Inquisição em 1536, e á Companhia de Jesus em 1542, que começando por extinguir a liberdade de consciencia, e atrophiando as intelligencias, apagaram o sentimento da

patria, obliteraram diante das grandes catastrophes, como a de Alcacer-Kibir, a rasão de sêr da nacionalidade. Isto explica como Portugal recebeu Philippe II com arcos triumphaes e a egreja portugueza o consagrou com *tédeums*, tal como o repetiu na invasão napoleonica em 1807. Em trinta annos de educação jesuitica (1550-1580) operou-se na mocidade portugueza uma *desnacionalisação* tão profunda, que os homens mais honrados, como D. João de Mascarenhas, entregavam-se sinceramente a Philippe II.

Restaurou-se a Nacionalidade portugueza, quando a França pôde dividir o poder da Casa de Austria. O sentimento nacional apenas se revelava pelo prophetismo, na esperança de um Salvador, e o *lusismo* tornava-se o *Sonho do Quinto Imperio* do mundo. A nova dynastia de Bragança, de conivencia com os Jesuitas, poz em jogo, para a sua segurança pessoal, a *nação* que lhe delegara a soberania. Não abandonou D. João IV a Bahia e Pernambuco aos Hollandezes, porque o Desembargo do Paço se oppoz a esse plano do jesuita P.e Vieira; projectou o casamento do principe D. Theodosio com a filha do Duque de Longueville, vindo o Conde governar Portugal, e indo D. João IV ser rei no Brasil, mas não se realisou este plano por que a noiva appareceu clandestinamente casada com Lauzan; modificou-se o plano para Mademoiselle de Montpensier, mas seu pae, o Duque de Orleans, vendo os negocios de Portugal instaveis, recusou-se a isso. Tratou-se do casamento da infanta D. Catherina com o Duque de Beaufort, mas falhando

tambem, realisou-se o casamento com Carlos II de Inglaterra, levando em dote Bombaim, e cahindo successivamente Portugal sob o ávido protectorado da Inglaterra. Portugal voltava ao dominio da Hespanha se Carlos II de Hespanha consentisse no casamento do principe D. Theodosio com sua irmã, em 1649. Não acabam aqui os planos em que era sacrificada a nacionalidade portugueza á unificação iberica, extensamente descriptos por João Francisco Lisboa na *Vida do Padre Vieira.* O abandono de Portugal á sua sorte foi um expediente de salvação para Dona Luiza de Gusmão, para Dom José por occasião do terremoto de 1755, e foi levado á pratica em 1807 quando D. João VI fugiu de Portugal por imposição do embaixador inglez Strangford com a sua fidalguia e criadagem para o Brasil diante do destroçado exercito de Junot. A obliteração do sentimento nacional permittiu todas estas tropelias praticadas impunemente pela Dynastia nefasta dos Braganças, que procuraram o seu apoio no estrangeiro, a Inglaterra, que determinou a desmembração do Brasil de Portugal, que occupava militarmente pelo seu general Beresford, com o terror das forcas do Campo de Santa Anna. Os que conspiravam contra a occupação ingleza, desde 1818, foram-se refugiando em França; um sentimento de nacionalidade revivesceu entre a classe media de jurisconsultos, magistrados e negociantes; determinando essa crise fecunda da *Revolução de 1820*, que esboçou todas as liberdades civis e politicas, contra as quaes se oppoz sempre a dynastia bragantina em 1823 com a

restauração do absolutismo, e em 1826 com o sophisma da Carta *outorgada*, imposta sempre á soberania nacional em 1842, 1847, e 1851, por intervenção armada estrangeira e por sophismas parlamentares, burlas eleitoraes, e sangrentas dictaduras. D'essas emigrações para o estrangeiro em 1823 e em 1829 regressaram individualidades que sentiram a saudade, a intuição da vida nacional, e tendo-se batido pela liberdade na Ilha Terceira e no Cêrco do Porto, de 1831 a 1834, realisaram a renovação da Litteratura portugueza, do Romantismo, iniciando uma nova poesia lyrica, um theatro original, o romance historico e a historia critica, e a eloquencia da tribuna. Todas as vezes que os escriptores se retempéram nas tradições e consagram a aspiração nacional, a Litteratura será mais vigorosa, fecunda e original. A decadencia que Portugal accusa n'este momento resulta da obnubilação do sentimento de nacionalidade estolidamente combatido por espiritos negativistas mais ou menos inconscientemente. Na situação presente a missão da Arte, da Litteratura, da Politica e mesmo da sciencia, consiste em revigorar Portugal, restituindo-lhe a consciencia do seu *lusismo*.

§ II

Factores dynamicos

I — As Epocas historicas e o meio social actuando nas Litteraturas

Antes da concepção mechanica dos phenomenos do universo systematisando a astronomia, teve Blainville a ideia luminosa de applicar aos phenomenos biologicos a distincção em *staticos* e *dynamicos* como a expressão mais completa das condições da existencia: o orgão apto para exercer-se é um elemento *statico*, sendo a funcção o estado *dynamico* da sua energia.

Comte, applicando esta mesma distincção aos phenomenos sociaes, considerou a ordem como a base *statica* da existencia social, como o progresso nas suas multiplas transformações o effeito *dynamico* na evolução historica. D'esta concepção de Comte, escreveu Alexandre Bain: «Mill tinha admittido a grande distincção estabelecida por Comte entre a statica social e a dynamica social, e adoptara-a para a sua *Logica*. Eu tambem fiquei maravilhado como elle, considerando qual seria o valor d'esta distincção como podendo servir para a analyse...»

A exemplo de Mill, póde este criterio ser applicado á Litteratura, que, como producto social, participa d'esta dupla condicção de existencia; ella tem uma parte statica, persistente, e alheia á

intervenção individual, que são — a *Raça*, a *Linguagem*, a *Tradição* e a *Nacionalidade*. São, por assim dizer, o organismo, em que se elaboram as funcções ou creações litterarias. O genio da raça, os themas da tradição, as fórmas da linguagem, a aggregação nacional escapam ás modificações das mais poderosas individualidades; d'ellas vem a emoção commum a que os escriptores e artistas dão a expressão synthetica, que acharam pelo seu modo de sentir individual reflectindo a marcha da corrente historica. Os maiores genios, são os que mais profundamente representam uma civilisação; os poemas homericos representam integralmente a cultura hellenica na edade de bronze; Virgilio condensa o mundo romano na sua altura e destino social, — *pacis imponere morem*, no poema da *Eneida*; Dante mostra-nos em toda a sua luz a Edade média na grande lucta do poder espiritual e do temporal, emergindo a libertação da consciencia, no julgamento da *Divina Comedia*; Camões faz sentir a Renascença n'esta lucta nova do homem contra as forças da natureza, impondo-lhe o seu imperio consciente.

Na historia litteraria é imprescindivel a luz philosophica para determinar as correntes historicas que caracterisam as épocas do desenvolvimento mental, derivando d'ahi a critica da actividade individual. Todo o grande percurso da Civilisação moderna, que abrange o quadro das transformações historicas do seculo XII até ao presente, acha-se perfeitamente caracterisado em tres épocas fundamentaes, a *Edade média*, a *Renascença* e o *Romantismo*. A Litteratura, como

um producto social, só póde ser bem conhecida através das modificações historicas d'estas tres crises da civilisação que reflectiram. Sem esta luz sobre a marcha evolutiva, tudo quanto produziu a Edade média foi considerado como barbaro, e sómente os modelos classicos ou Greco-romanos merecem admiração e se impõem á imitação; e assim, individualidades geniaes como Gil Vicente, Rabelais, Montaigne, Shakespeare, Hans Sachs, são aleijões litterarios comparados a qualquer correcta banalidade academica. O genio de Camões, sob o influxo da Renascença, soube alliar o enthuziasmo pelas obras primas da civilisação greco-romana com o sentimento nacional, formando a epopêa dos *Lusiadas* com todos os elementos tradicionaes e lendarios da historia portugueza, tal como Virgilio na *Eneida* fazia reviver as tradições do Latium por meio das fórmas bellas da poesia hellenica. As grandes individualidades litterarias iniciam as transformações estheticas, e pelo dom da universalidade relacionam o seu tempo com a marcha da humanidade. Como orgão da grande Civilisação occidental, Portugal conservou sempre uma forte solidariedade com as Litteraturas romanicas da Edade média até ao Romantismo; por essas relações, que não significam uma imitação banal mas uma cooperação, se demarcam as épocas capitaes do seu desenvolvimento litterario, comprehendendo-se-lhe o espirito pela sua solidariedade.

a) Edade média

A transição da Antiguidade para o mundo moderno effectuou-se em um periodo de dez seculos, denominando-se por isso Edade média. N'este periodo, crearam-se novas classes sociaes, como o proletariado, novas fórmas de trabalho dignificado na industria das Jurandas, outras concepções religiosas pelo sentimento popular ou christandade, o direito territorial das Communas, a Arte gotica, a poesia lyrica dos Trovadores, as Epopêas das gestas feudaes, o grupo das linguas romanisadas tornando-se escriptas, creando-se novas nacionalidades, e a Europa reconstituindo-se pela estabilidade dos costumes, terminadas as guerras mantidas pelas invasões germanicas e arabes. A Edade média, nos seus complicados aspectos, appresenta uma phase de *dissidencia,* ou do conflicto das differentes raças, que se assimilaram em unificações nacionaes; uma phase de *concorrencia,* em que os estados politicos procuram continuar a supremacia imperial romana, travando-se a lucta dos dois Poderes, o *Sacerdocio* e o *Imperio;* por ultimo uma phase de *convergencia,* em que as nações europêas obedecem, pela vaga noção da sua occidentalidade a uma acção commum, pela primeira vez, nas guerras das Cruzadas, normalmente substituidas pela actividade industrial.

A Edade média foi considerada pelos historiadores até ao seculo XVIII, como uma edade de trévas e de anarchia, vendo-a apenas n'essa demorada phase de *dissidencia;* os historiadores ca-

tholicos, observando que a Europa obedecera n'esse periodo anarchico á disciplina moral da Egreja, que implantara de um modo absoluto o seu Poder espiritual pela organisação do Papado, exaltaram o periodo da *concorrencia*, reclamando por isso para a Egreja o prolongamento da sua intervenção temporal. Sómente alguns escriptores philosophicos que souberam determinar pelo periodo de *convergencia* a continuidade da Civilisação occidental, de que as nações da Europa são orgãos solidarios, é que puderam assignar á Edade média o seu caracter progressivo, explicando-a historicamente como uma transição affectiva.

Sem esta comprehensão fundamental da Edade média, como relacionar factos tão incongruentes como o antagonismo do Poder espiritual da Egreja e o Poder *temporal* das Monarchias; entre a classe senhorial da sociedade feudal ou guerreira e o Proletariado que se fortifica pela industria, constituindo a nova classe da burguezia; pela lucta do direito territorial dos Municipios entre o privilegio pessoal mantido nas Dynastias; pelo abandono da lingua latina, imposta pela auctoridade dos eruditos ecclesiasticos e jurisconsultos, reagindo com toda a vitalidade os dialectos vulgares, que se tornam linguas nacionaes? Os historiadores que não penetraram o espirito renovador d'esta fecunda época da humanidade, desorientaram-se n'essa por elles chamada noite da Edade média, perdendo o fio conductor com que se estabelece a logica dos successos da historia moderna e contemporanea.

Uma phrase luminosa de Augusto Comte, condensa nos seus elementos principaes todas as forças activas da grande elaboração social, religiosa, politica, economica e artistica da Edade média: «Sob qualquer aspecto que se examine o regimen proprio da Edade média, vê-se sempre emanar ou da *separação dos dois Poderes*, ou da *transformação da actividade militar.*» (*Polit. posit.*, III, 459.) Desdobremos esta fórmula nitidissima.

A separação dos dois Poderes é essa longa lucta entre o dominio espiritual da Egreja, procurando conservar como theocracia o poder temporal, que se destaca e exerce pelo summo imperio das Monarchias. O desenvolvimento do Poder real realisa-se pela elevação do proletariado á independencia da burguezia, que á actividade guerreira contrapõe a actividade industrial, tornando-se o poder militar meramente defensivo e estipendiado. Criam-se tres meios sociaes em que as Litteraturas modernas encontram condições especiaes para o seu desenvolvimento: a *Egreja*, a *Côrte*, e a *Burguezia*.

1.º **A Egreja**. — Emquanto a Egreja confundiu na sua acção os dois poderes, a Europa medieval esteve em certa fórma sob um regimen theocratico, cujo espirito dominou na politica dos estados até á paz de Westphalia. A Egreja fundou uma disciplina moral e um systema de educação popular nas *Scholae* das suas Collegiadas; na sua hierarchia apropriou-se da organisação administrativa romana, conservando as autono-

mias locaes, pela transformação das lendas pagãs em santificações patronaes; serviu-se dos Contos do povo para os *Exemplos* da sua prédica, em que teve de empregar a linguagem *rustica* ou vulgar para a propaganda doutrinaria, e as Canções populares como Prosas e Sequencias para a sua liturgia. Muitas superstições são conservadas como festas ecclesiasticas; e a vida collectiva do proletariado, sentindo a sociabilidade pela unificação da crença, construe as bellas Cathedraes, na mais espantosa floração do genio esthetico.

E' na Egreja, que o Drama moderno encontra o meio adaptado para o seu apparecimento e desenvolvimento dos *Ludi* liturgicos: scenario esplendido diante de uma multidão ingenua, e actos cultuaes solemnes representando em forma poetica as lendas evangelicas. Emfim o thema primitivo de *Anno estival* e *hibernal,* do joven Deus, que morre e resuscita nas cerimonias da Paixão e do Natal, revivescia nas imaginações credulas com toda a poesia dos mythos decahidos das velhas raças. Escreve Bonloew, no *Ensaio sobre o espirito das Litteraturas:*

«Deparam-se os primeiros elementos do Drama novo na propria liturgia da Egreja, não sómente nos dialagos alternados entre o presbytero, o sacerdote e o povo nas Antiphonas e responsos, mas sobretudo n'este cyclo de festas que glorificavam universalmente a vida, as obras miraculosas e a morte de Christo. Mas era principalmente a tragedia grandiosa da Paixão, a sua representação nos dias da Paschoa (com certeza a festa mais sagrada e mais antiga dos christãos)

que devia emocionar e abalar a alma dos fieis congregados no templo. — Este espectaculo deve ser considerado como o primeiro veio, como o primeiro ponto de apoio a que se ligam as tentativas tão numerosas e informes da Edade média. — Como outr'ora na Grecia, a lenda de Baccho dera origem á Tragedia e Comedia antigas, a morte e o triumpho final de Christo foram o ponto de partida da Tragedia e da Comedia modernas. A Tragedia saíu como já se viu (homilia de Eusebius Enisennus, m. em 359), do mysterio da Paixão; foi nas chamadas *Moralidades* ou Diabruras, que se reconhecem os principios da Comedia. Na lucta contra Deus, contra Christo e todas as potencias santas, é sempre vencido, repellido, castigado com grande gaudio dos espectadores, torna-se ridiculo. — Sempre assim batido, torna-se por fim inoffensivo e fica o bôbo da scena christã com as suas parouvelas e sarcasmos.» (Op. cit., p. 210.) Por fim a Egreja prohibiu nas Constituições dos Bispados estas representações populares; separava-se do povo, aristocratisava-se.

A preoccupação de manter o poder temporal levou a Egreja a centralisar-se, subordinando diante do Bispo de Roma as Egrejas nacionaes; oppondo ao Direito civil o Direito canonico; submettendo a soberania da realeza á sagração do direito divino, e condemnando como *heresia* toda a liberdade do pensamento. No periodo mais intenso da acção da Egreja, ella condemna a leitura das obras dos escriptores da Antiguidade como *profanas*, substituindo as especulações dos

philosophos gregos e romanos pelas homilias theologicas; o Concilio de Roma (1131) prohibiu aos monges o estudo do Direito romano e da Medicina, e o papa Honorio, em 1220 estendeu a prohibição a todo o clero. Cria-se o antagonismo entre o exclusivismo clerical e espirito secular. Este antagonismo era tão inconciliavel, que em uma inscripção da egreja de San Martinho de Worms se proclamava ser mais facil seccar-se o mar, ou ir o diabo para o céo do que o clerigo e o leigo entenderem-se como amigos. [1]

A mutua animadversão explosiu em satiras violentas contra o *clercois*, descrevendo a sua vida desenvolta com as agapetas, parodiando-lhe as cerimonias liturgicas pelos *goliardos*, fazendo a *farsiture* das orações latinas e dramatisando os mysterios da religião. Todas as Litteraturas da Edade média reflectiram este espirito sarcastico e irreverente contra o elemento clerical, apesar da quasi unanimidade do sentimento christão. No seu desprezo pelo secular, o clerigo, empregando no culto a lingua latina, fazia da palavra *latino* synonimo de intelligente (*ladino*, ainda hoje corrente em giria vulgar); o nome de romano empregava-o continuando a sua contraposição ao de barbaro; a lingua do vulgo ou inculta, não litteraria, era chamada *romance*, [2] e ainda na lin-

---

1 Cum mare sicatur, et daemon ad astra levatur,
Tunc primo *laicus* fit *clero* fidus amicus.
(Ap. Comparetti, *Virgilio nel Medio Evo*, t. I, 243.)

2 No *Isopet*, ms. do seculo XIV, demarca-se nitida-

guagem do seculo XVII *romancista* era o analphabeto, sem estudos. No periodo em que se constituiram as novas nacionalidades europêas, a cultura latina apparece imposta pelos eruditos ecclesiasticos e pelos humanistas da primeira Renascença.

2.º **A Côrte.** — O conflicto dos dois Poderes, que preponderou em toda a Edade média, actuou na constituição das Nacionalidades modernas, no pensamento politico da unidade imperial romana do Occidente, sob a acção dos Papas *(minor Deo, major homine)* ou pela auctoridade temporal dos Imperadores. Cada um d'estes Poderes, procurando restabelecer a tradição de Roma, apoiava-se no prestigio do passado; assim as letras latinas eram estudadas nos claustros, e os poetas christãos metrificando em latim imitavam os poemas didaticos da decadencia, ou compunham sobre os mysterios da Egreja poemas com *centões* virgilianos. Pelo seu lado a auctoridade monarchica mantinha todas as fórmulas do direito romano, e fundamentava o absoluto poder real com a letra dos codigos imperiaes. A tradição greco-romana ten-

mente o espirito culto do *latinista* e a tradição conservada entre o vulgo ou *romance*:

> Un *clerc* de grant science
> et de grant sapience
> le fist prémierement;
> et je le mis en *romans*
> *por entendre aus enfans*
> *et à la laye gent.*

dia a renovar-se na primeira Renascença: as escholas ecclesiasticas transformavam-se nos *Estudos Geraes*, e a realeza, apropriando-se d'essa nova disciplina pedagogica fundava as Universidades, em uma rivalidade na concessão da faculdade *ubique docendi*, em que se envolvia a Theologia.

A realeza, na sua fórma imperial e dynastica, n'esta lucta para concentrar em si o poder temporal, apoia-se no restabelecimento da tradição do unitarismo do Imperio romano, pondo em vigor o Digesto, onde estava definida a esphera dos *direitos reaes*, criando um ensino secular ou leigo nas Universidades que começam no seculo XII, para o estudo das Leis, da Medicina e da Mathematica. N'esta organisação da Monarchia, a realeza avoca a si o privilegio de conferir nobreza, sustando o desenvolvimento da classe senhorial ou feudal pelo cadastro dos Nobiliarios, e favorece as revoluções communaes contra a prepotencia dos Barões, chegando a converter os seus *Maires du Palais* em poder ministerial, e mais tarde as *Guardas do corpo* nos exercitos permanentes. Tal foi a marcha para o poder absoluto. Cria-se a Justiça de rei ou o *Ministerio publico* contra o arbitrio feudal e estatuto local, e o summo imperio teve de ir abdicando nos ministros, no generalato e nos parlamentos.

As condições que determinaram as fórmas das Monarchias germanica, ingleza e franceza, n'estas luctas do poder temporal, vieram da situação da classe senhorial, á medida que se operava a transformação da actividade mi-

litar. A propria classe feudal, que conservava os habitos guerreiros das *bandas* germanicas, entrava em um periodo de guerras defensivas, como se vê pela organisação da *Cavalleria* para a protecção dos fracos contra os fortes *(redresser les torts)* e pelo amor da mulher praticando todos os feitos de valor. As guerras das Cruzadas foram um esforço do Monotheismo occidental tornado defensivo, contra o monotheismo oriental que invadia a Europa: as luctas dos *grandes vassallos* converteram-se em guerras privadas, destacando-se na tradição popular e poetica os typos nacionaes, como o Cid, Arthur, Guilherme Tell, por servirem os interesses da collectividade. Foi este heroismo socialisado que motivou a mais completa idealisação do typo de Carlos Magno, centro de todas as Gestas medievaes; admiravel pela sua acção unificadora do Occidente, defendendo-o das invasões germanicas do norte, e dos arabes ao sul pela sua superior capacidade militar e politica.

As condições que determinaram o predominio do Poder temporal favoreceram a livre communicação com os monumentos da antiguidade greco-romana, n'essa Renascença do seculo XIII, abafada até revivescer nos philologos do seculo XV. Os Reis tornaram-se *protectores* das Universidades; oppozeram á nobreza das armas a nobreza da toga, *(cedant arma togae)* vindo-se por este exagerado prestigio da segunda Renascença, no seculo XVI, a desprezar a tradição da Edade média e a renegal-a na sua continuidade historica. Chegou-se mesmo a perder o conhe-

cimento da Edade média, explicada pelos eruditos da Renascença como uma deturpação da cultura greco-romana; assim, para os Jurisconsultos do seculo XV, os *Feudos* eram uma fórma bastarda da *Euphyteuse* e do *Usofructo* romanos; para os historiadores os modernos Estados foram fundados por heroes foragidos do cêrco de Troya; para os artistas as ordens gregas existiam syncreticamente implicitas na architectura gotica, como considerava Cesar Cicerano explicando a cathedral de Milão pelas regras de Vitruvio; para os theologos as doutrinas evangelicas eram sustentadas pela Dialectica de Aristoteles. A par da grande poesia épica da Edade média os versejadores desenvolveram o *Cyclo troyano* e de *Rome la grant;* como tambem os Goliardos espalhavam entre o povo as Canções bacchicas em latim, como se vê em Gautier Maps, ou nas cançonetas escholarescas, do *Carmina Burana*.

Nas *Côrtes*, em que a convivencia com as Damas impunha a correcção de maneiras e a galanteria, as festas e os passatempos usuaes mantinham o espirito espontaneo da Edade media, nos Torneios, nas Dansas e nas Canções melodicas. Essa modificação dos costumes barbaros dos homens de armas em agradavel sociabilidade, tornando affaveis as redações pessoaes, recebeu o nome caracteristico, que ainda persiste de *Cortezia*. Foi nas côrtes reaes e senhoriaes, que a Canção do povo recebeu a sua fórma litteraria, e que da sua melodia espontanea nasceu a Musica moderna.

N'esses fócos da mais delicada sociabilidade é

que floresceu a poesia lyrica dos Trovadores e se cantaram os bellos Lais bretãos, convertendo-se pelo interesse feminino em complicadas e apaixonadas Novellas de Cavalleria. A propria subalternidade dos barões diante do rei, formando a parada da sua Côrte, veiu dar a esta litteratura *courtois* um desenvolvimento quasi exclusivo, que a par da corrente erudita da Renascença operava uma separação constante entre os escriptores e o povo. Foi por isso que as Litteraturas da Edade média, tendo abandonado os seus fecundos esboços ou fórmas rudimentares, cahiram successivamente no *culteranismo* academico, até se afundarem na frivolidade. O erudito Luiz Vives, no livro *De institutione Fœminæ christianæ* condemnava todos os poemas da Hespanha, França e Flandres, todas as Novellas d'elles derivados, e todas as obras que ainda na Renascença continuavam a tradição medieval, como a *Celestina*, e as *Facecias* de Poggio. As Litteraturas romanicas, foram umas mais do que outras assim afastadas do seu espirito nacional.

3.º **A Burguezia.** — A actividade industrial e mercantil' coadjuvada pelos Descobrimentos maritimos estimulados pelas especulações scientificas, começa nos burgos ou cidades livres, e desenvolve-se pelas federações ou ligas, como a das cidades hanseaticas. A' idealisação dos typos guerreiros, representantes da vida publica ou nacional, contrapõe-se uma nova idealisação da vida domestica e das emoções pessoaes; a estabilidade social pela paz inspira sentimentos benignos de

amor, em uma extraordinaria efflorescencia de Canções ou Balladas que se succederam á época trobadoresca, ainda hoje persistentes nas versões oraes do povo. A satisfação do bem-estar era expressa pela graça dos Contos e Fabliaux, que se desenvolveram no Romance moderno. O estabelecimento de um poder moral, a *Opinião publica*, leva a crear um orgão, o Theatro moderno, resolvendo na acção do drama como synthese a collisão dos interesses e deveres. Segundo Guizot, o imperio romano dissolveu-se *por falta de uma classe media*; nas Nações modernas a sua força, riqueza e capacidade creadora está na Burguezia ou propriamente a classe média, em que predomina o bom senso pratico, a disciplina moral e costumes idealisaveis. E' d'ella que surgem as altas individualidades.

b) Renascença

Toda essa insurreição mental, que appareceu no fim da Edade média, como a aurora de um renascimento da sociedade moderna, que se fixa no seculo XIII, apagou-se subitamente; todas essas doutrinas philosophicas foram perseguidas como *heresias*, todas essas aspirações politicas foram abafadas pela realeza como revoluções, em guerras religiosas e devastações tremendas. Operava-se a separação dos dois Poderes; a Egreja tornava-se intolerante e a Realeza absoluta; uma queria submetter aos dogmas theologicos a rasão, a outra, na transformação da actividade militar, organisava o exercito. Deu-se este tremendo re-

trocesso, que durou por todo o seculo XIV e XV, porque essa insurreição mental não se apoiava sobre conhecimentos positivos ou scientificos. Dissolvida a synthese catholica, a intelligencia achava-se em um interregno theorico.

Nos phenomenos sociaes predomina a complexidade dos effeitos; no seculo XV trez descobertas vieram suscitar uma extraordinaria actividade mental e social: foram a *Bussula*, a *Polvora* e a *Imprensa*. Pelo emprego da *Bussula* póde estabelecer-se a grande navegação, pela iniciativa dos Portuguezes, que desde o começo do seculo XV encetaram as expedições maritimas no Atlantico; pela *Polvora* acabou a valentia individual do cavalleiro, tornando-se accessivel essa força material ao braço do proletario, que se ia impondo pelo seu numero, auxiliando a realeza contra o feudalismo; pela *Imprensa* revivesceu o humanismo, iniciado por Petrarcha e as obras primas da Antiguidade vulgarisaram-se entre os eruditos revelando que fóra das doutrinas da Egreja existiu uma sabedoria moral imperecivel, e incomparaveis obras bellas bem dignas de imitação.

Estes inesperados impulsos convergiram no principio do seculo XVI inaugurando a Epoca da grande Renascença, que enche o denominado — maior seculo da Historia. Peschel chama ao seculo XVI, a *Era dos Descobrimentos*. Foram os Portuguezes, que depois da exploração dos Archipelagos atlanticos e reconhecimento da costa africana, realisaram os descobrimentos da róta maritima da India, da America boreal, equatorial e austral, e os descobrimentos no Pacifico, depois

de terem conseguido a viagem da circumducção da Terra. Tudo isto trouxe extraordinarias consequencias á constituição social e politica da Civilisação da Europa, cujas nações entravam em um novo equilibrio. Pela corrente humanista, a Renascença tomou tambem conhecimento do primeiro par scientifico, constituido pelo genio grego, a Mathematica e a Astronomia; estas disciplinas positivas vinham inaugurar a systematisação do interregno theorico. Por seguras deducções mathematicas póde Copernico demonstrar a redondeza da terra movendo-se no espaço em volta do sol; mas como podia essa demonstração impôr-se ao vulgo e aos preconceitos theologicos, acostumados ao velho êrro geocentrico? Para Copernico os Descobrimentos maritimos dos Portuguezes foram a prova verificavel da verdade demonstrada racionalmente. Este accordo entre a realidade objectiva e a noção subjectiva, é que constituiu o triumpho inabalavel do espirito ou a *rasão moderna*. Na transição da Edade média, em que se operava a separação dos dois Poderes, o espirito critico ou o Livre-Pensamento exerceu-se sempre por um dissolvente negativismo. Os novos descobrimentos geographicos e scientificos, contradictando a auctoridade da Biblia e os dogmas da Egreja, davam elementos para completar a synthese natural ou propriamente physica; era este o scopo da transição medieval, reatar a continuidade historica, restabelecendo e proseguindo a cultura greco-romana. De novo os velhos Poderes, para resistirem á corrente de renovação, tornaram-se ainda mais retrogrados; a

Egreja, pela organisação da Companhia de Jesus, tentou restaurar a *Theocracia;* e a Realeza, tendo reduzido a aristocracia feudal a sequito do apparato da sua Côrte, conseguia, pela creação do exercito permanente, sustentar-se em um *imperialismo* absoluto. Nasceu esta tendencia monarchica do reapparecimento do *Germanismo,* no seculo XVI, quando Carlos V, atraiçoando a causa da nacionalidade allemã, para se tornar o representante do Imperio Romano se serviu do *unitarismo* catholico coadjuvando a Egreja na reacção contra a Reforma. O humanismo vivificava a tradição do Santo Imperio; todos os monarchas obedeciam á utopia de uma *Monarchia universal,* formada pela incorporação de todos os Estados, ou por via dos casamentos dynasticos ou pelas invasões militares. Por via dos casamentos, a Casa de Austria quasi avassalava a Europa, tornando-se esse perigo o principal objectivo da politica franceza; Carlos V, Francisco I, D. Manoel, Henrique VIII, obedeceram ao desvairamento da *Monarchia Universal;* as novas nacionalidades foram envolvidas nas guerras dynasticas, vendo-se a França e a Hespanha invadindo a Italia, a Hespanha invadindo os Paizes Baixos e a Inglaterra, occupando esta uma parte do Territorio da França, e desapparecendo a autonomia de Portugal, reduzido em 1580 a provincia castelhana. N'estas luctas, manifestam-se as altas individualidades estheticas e especulativas, criando-se o *ethos* ou os caracteres nacionaes, representados nas Litteraturas.

O curso da Renascença prolonga-se pelo se-

culo XVII, em que se constitue o segundo par scientifico, a Physica e a Chimica, dando logar a uma nova actividade mental tornada mais intensa nas Academias, dando logar á synthese physica ou matheseologica por Descartes e á systematisação moral em Bacon. O desenvolvimento do Terceiro estado, constituindo a totalidade da nação no povo, funda-se no trabalho productivo colonial e financial, resultante dos Descobrimentos maritimos, começando-se desde então a resolverem-se os conflictos internacionaes pelos recursos suasorios da *Diplomacia* e creação do Direito das Gentes. A originalidade do genio esthetico moderno emancipa-se da subserviente imitação das obras greco-romanas, e fóra das Côrtes é que se criam as bellas idealisações da sociedade moderna. A celebre *Querella dos Antigos e Modernos* veiu pôr em fóco a importancia das novas Litteraturas occidentaes. Ainda a transição da Edade média se reflectiu no seculo XVIII, quando essa insurreição mental das *heresias* se transformou no mais audacioso racionalismo, e quando a renascença scientifica foi continuada no par scientifico, que na sua fórma geral e abstracta veiu a constituir a Biologia e a Sociologia. A esse espirito critico, depressivo do seculo XVIII deu-se o nome do Encyclopedismo, sendo os *Litteratos* os que universalisaram as doutrinas, que depois da explosão temporal da Revolução franceza, reorganisaram a sociedade européa. Esse espirito critico, como negativista, era essencialmente destructivo, por lhe faltar o sentimento da solidariedade historica; procurando bases *natu-*

raes para o direito, para a moral, para a politica, para a arte, renegou a Antiguidade classica e a Edade média, desconhecendo a sua continuidade na civilisação moderna. As phrases de Helvetius, e Reynal sobre a Edade Média, denominando-a *trévas sem nome* e *esteril barbarie*, que tomaram curso nas opiniões vulgares, mostram a completa ausencia do senso historico. Foi este novo criterio da comprehensão da historia, que abriu ás intelligencias mais largos horisontes demarcando uma época de verdadeira reconstrucção.

c) Romantismo

O grande periodo do interregno theorico do fim da Edade média, quasi ao fechar-se nos esforços para a constituição do par scientifico da Biologia e Sociologia, complicou-se com a phase social, cuja explosão temporal caracterisa o fim do seculo XVIII, — a Revolução franceza. A sua vasta repercussão em todos os estados da Europa, torna evidente que esse phenomeno local proveiu de causas geraes profundas. Em todas as manifestações do espirito e da actividade moderna é indispensavel a orientação d'este ponto de partida; por que essa *crise violenta* determina o momento em que impulsos accumulados de ideias e sentimentos do passado produziram o movimento social procurando um novo equilibrio. Definem-se na sua generalidade esses impulsos ou factos em que se accentua a longa decomposição do regimen catholico-feudal, que principiou pelas heresias religiosas e terminou pelas revoluções

politicas. Desde a Paz de Westphalia, que na politica europêa prevaleceu o espirito secular; as Egrejas nacionaes foram subordinadas ao poder dos reis, e com a queda dos Jesuitas o regimen catholico soffreu a sua plena destituição como poder destinado a dirigir a sociedade humana. O regimen feudal, representado ainda nos privilegios e distincções da nobreza estava concentrado com todos os seus antigos abusos nas Monarchias absolutas. A queda dos Jesuitas, significando a separação final dos dois poderes, o espiritual e o temporal, por que foram reis catholicos que decretaram a sua extincção, veiu deixar a realeza em uma situação isolada, sem a subordinação passiva mantida nos costumes, que a sua feição medieval exigia. A soberania absoluta foi discutida, compararam-se as instituições politicas dos differentes povos, e o vasto cosmopolitismo provocado pela circulação dos productos do trabalho livre, fez reconhecer a necessidade de uma reorganisação *social* sobre outras bases de concordia, que não vetustas hostilidades militares. Isto levara annos antes da Revolução franceza, a presagial-a como inevitavel.

Pela fatalidade dos acontecimentos a realeza feudal foi executada na pessoa de Luiz XVI; e os privilegios das classes aristocraticas, representantes das *bandas guerreiras* das invasões germanicas, derrogados ante os principios da — egualdade perante a lei, e da lei egual para todos. As longas perturbações da epoca revolucionaria provieram dos esforços para substituir os Poderes decahidos: o poder espiritual foi genialmente esbo-

çado nas refórmas pedagogicas da Convenção, mas deturpado pelo deismo robespierrista; o poder temporal, provisoriamente substituido pela Republica democratica foi afastado da sua fórma definitiva pelo *terror*, que provocou a *restauração* da monarchia e da egreja, pelo Consulado e Imperio, explorando uma execranda retrogradação da Orgia militar napoleonica, sobre que se enxertou o sophisma das Cartas *outorgadas*, patrocinado pela Inglaterra.

Estes grandes abalos sociaes fizeram-se reflectir nas idealisações das Litteraturas modernas; chamaram a essa crise esthetica ou affectiva *Romantismo*. Tem esta palavra dois sentidos, um puramente sentimental e o outro historico. Como o *romance*, cultivado no seculo XVII, nas litteraturas hespanhola e ingleza, representava a existencia pelo seu lado imaginoso e phantastico, como typos individuaes contrastando com a realidade vulgar, deu-se o nome de *Romantismo* á exagerada sensibilidade do fim do seculo XVIII, ás tendencias melancholicas e contemplativas com que era idealisada a natureza physica para representar a vaga anciedade moral, e ainda aos protestos de um fino gosto em contraposição com o utilitarismo preconisado pelos Economistas e com o bom senso pratico das classes burguezas. Como o *romance* designou as linguas vulgares dos povos que na Edade média continuaram a cultura romana, reconhecendo esse espirito de unidade pela erudição historica, o *Romantismo* exprimiu bellamente este movimento litterario e artistico da Edade média filiando n'essa epoca fecunda os elementos nacionaes da tradição

de cada litteratura. Por estes dois caracteres, que ainda coexistem, vê-se que antes da epoca do Romantismo, iniciada pela Allemanha, foi antecedido pelas Litteraturas hespanhola e ingleza, que conservando na sua organisação social as fórmas da Edade média, mantiveram a sua originalidade *nacional* através da auctoridade e das imitações classicas da Renascença. A este phenomeno chama-se propriamente *Proto-Romantismo*. Reconheceu-se que uma caracteristica fundamental separava a arte moderna da arte antiga: a idealisação da vida domestica em vez da vida publica, como observou o genio luminoso de Comte. De facto na litteratura hespanhola, seculos antes da epoca romantica, tem todos os caracteres do Romantismo obras como a *Celestina* de Rojas e *Lazarillo* de D. Diego de Mendoza, o *Gil Blas* de Lesage, *Gusman d'Alfarache*, *Picara Justina*, e todos os romances picarescos; na litteratura iningleza o *Tom Jones* de Fielding, *Clarisse Harlow* de Richardson, toda a obra portentosa de Shakespeare. Mesmo na litteratura franceza, rompeu a inexpressiva banalidade do pseudo-classicismo o *Tartufo* de Molière, a *Manon Lescaut*, de Prévost, a *Princeza de Cleves* de Mad. de Lafayette, a *Marianna* de Marivaux, a *Religiosa* de Diderot. Reconhecia-se a necessidade de renovar a expressão do sentimento pela vulgarisação e imitação das obras estrangeiras; chamou-se *exostismo* a este alargamento para a renovação da Litteratura franceza, tentado por Voltaire, que constitue verdadeiramente uma phase *proto-romantica*, do seculo XVIII.

A sensibilidade, que se tinha revelado na aspiração ás grandes refórmas das leis penaes por Beccaria, na sanificação dos carceres, na propaganda por sacrificios pessoaes para o emprego da vacina, essa sensibilidade imprime á linguagem um maior relêvo nas imagens e tropos dando alma ás cousas materiaes, como se vê pelo novo estylo de Chateaubriand. Tudo conduzia para a renovação esthetica, provocada pela rigidez da auctoridade dos modelos classicos impostos como normas de gosto. Na transição do seculo XVI para o XVII operou-se uma reacção espontanea em todas as litteraturas modernas contra esse excesso da imitação classica da Renascença sob a hegemonia da Italia; chamou-se a nova doutrina litteraria o *Culteranismo (Concettismo, Euphuismo, Preciosismo)* mas como não provinha de uma noção historica ou phenomeno social, os modos de sentir individuaes degeneraram em uma intemperança de rhetorica, em agudezas de engenho, conceitos frivolos, peiores do que as banalidades pelo seu absurdo. O que houve de positivo n'este esforço de reorganisação esthetica foi a polemica critica conhecida na historia pelo titulo de *Querella dos Antigos e Modernos*. A reacção contra esses destempêros rhetoricos das Academias ou Tertulias foi a causa da prolongação da influencia greco-romana sob o nome de classicismo francez, durante todo o seculo XVIII em todas as litteraturas da Europa.

A reacção contra o exagerado influxo da Litteratura franceza da epoca de Luiz XIV, partiu do norte, da Allemanha; Bodmer, Lessing, Wie-

land desbravam o caminho trilhado gloriosamente por Goëthe e Schiller. Este phenomeno, que é determinado por causas accidentaes, como a Guerra dos Sete annos, que aproxima os escriptores allemães do conhecimento da poesia ingleza, e a côrte de Weimar, denominada a Athenas da Thuringe, sob a regencia pacifica de Anna Amelia de Brunswich, onde se reunem Goëthe, Schiller, Wieland, Herder: Schlegel, fulgurando a *Era dos Genios;* porém na essencia, a transformação litteraria do Romantismo acompanhava o movimento social da Revolução franceza, desde o negativismo critico dos Encyclopedistas até á transição ou alta provisoria das Cartas outorgadas.

O Romantismo foi sempre solidario com a agitação politica; na Allemanha este impulso de renovação litteraria era mais do que uma reacção contra os modelos francezes sustentados por Gottsched, era uma continuação d'esse sentimento do natural e do individualismo germanico que fez a Reforma, que seguindo o espirito anarchico, francez, que prepara a Revolução, iniciava a emancipação sentimental com o Romantismo. Lessing imita Diderot no theatro: Goëthe admira o creador do *Neveu de Rameau;* Wieland reelabora as gestas francezas, como no poema *Oberon;* Schiller continua a tragedia philosophica e é proclamado cidadão francez pela Convenção; Kant apropria-se da doutrina philosophica de Rousseau dando-lhe deducção, e Fichte define a funcção historica da Revolução franceza. Gervinus denomina com imparcialidade este periodo da litteratura franceza *Proto-Romantismo*, estabelecendo

a sua connexão com a nova época. A instabilidade social pelas luctas da Revolução e pelo regimen da devastação militar da retrogradação napoleonica e reacção da Santa Alliança, embaraçaram a Litteratura franceza de proseguir n'esta evolução normal, vindo á Allemanha a competir essa missão de crear as fórmas litterarias em relação com os organismos nacionaes e o espirito moderno.

O Romantismo apresentou os dois aspectos sentimentalista e tradicional nas Litteraturas allemã e ingleza; o sentimento, que provoca uma actividade philosophica e a creação da Esthetica é representado na Allemanha pelos irmãos Schlegel, Novalis, Schleiermacher, Tieck, Schelling, systematisando Hegel a phase romantica como a ultima da sua tricotomia esthetica; a parte tradicional, conduzindo á comprehensão scientifica da historia, quer nacional e universal, é representada por Herder, pelos irmãos Grimm e por Uhland. Na Litteratura ingleza, o sentimentalismo, que fôra suscitado pelas falsificações *ossianescas* de Mac-Pherson, toma a expressão melancholica dos idealisadores dos lagos de Cumberland e Westmoreland, os poetas Wordsworth, Coleridge, Southey e Wilson, denominados os *Lakistas;* dá-se a resurreição das velhas Balladas tradicionaes por Percy, e Walter Scott cria o romance historico reconstruindo a Edade média nos seus costumes e crenças. Em Byron apparecia a impetuosidade do saxão no mais revoltado individualismo, e o genio do Shakespeare aprecia-se como a mais genuina expressão do *ethos* da raça.

A designação de Romantismo tinha um sentido verdadeiro, obtendo por isso curso unanime; Frederico Schlegel applicava-a á Poesia da Edade média nas suas crenças religiosas e costumes cavalherescos, mas abrangia a noção da unidade de civilisação das modernas nacionalidades creadas depois da dissolução do Imperio romano. Caminhava-se para esta comprehensão. A Egreja, na sua direcção espiritual, renegara as obras primas da Antiguidade greco-romana, durante o largo periodo da Edade média; a Renascença negara por seu turno a importancia das creações da edade mediévica, copiando servilmente as instituições e os productos estheticos da edade polytheica; vem por fim o seculo excepcional, o XVIII, que tudo discutira no seu negativismo critico, desligando-se de todas as relações com as duas Antiguidades, a classica e a medieval, retemperando-se na fonte viva do *estado natural* entrevisto pela rasão pura.

Esta falta de comprehensão da continuidade historica, ou do concurso successivo viciava todas as concepções, desviando-as da realidade para o dominio da utopia, aggravando assim a agitação anarchica da violenta crise occidental. A superioridade da época moderna começou pelo conhecimento progressivo da intima connexão historica entre o mundo greco-romano e a éra feudal; começou-se por comprehender a historia no seu conjuncto, como fizeram Condorcet, Kant, Herder e Augusto Comte. Investigadores especiaes occuparam-se com sympathia tanto da erudição classica, renovada pelo genio de Ottfried

Müller, como dos monumentos medievaes, estudados por Jacob Grimm. Após a rehabilitação sentimental da Edade média, pelos poetas, seguiu-se o trabalho de erudição, que a investigou e esclareceu em todas as suas creações; estudou-se o grande problema das origens do proletariado das classes servas, operarias e agricolas, conheceu-se a organisação do trabalho livre das Jurandas, investigaram-se as Catacumbas de Roma e as lendas populares que tão claramente explicam a propagação do Christianismo no Occidente precedido pelo Mithriacismo; o Direito territorial das Communas foi explicado pelos documentos e pela aproximação das fontes municipaes, publicaram-se as Canções de *Gesta*, as Canções lyricas dos Trovadores e as Novellas da Tavola Redonda; a Architectura gotica, longo tempo desprezada, reconhece-se como uma das creações mais bellas de uma civilisação nova, digna de competir com as ordens gregas; as linguas romanisadas, chamadas novo-latinas, foram tambem analysadas no seu conjuncto, e quando todos estes elementos precisavam systematisar-se em uma construcção synthetica, o estudo do sanskrito e do zend, dos hieroglyphos egypcios e dos cuneiformes na Chaldêa, vieram prestar todos os materiaes para a constituição positiva da Sociologia. Os monumentos litterarios dos periodos védico, avestico, brahmanico e buddhico, revelando-nos a continuidade das fórmas poeticas universaes, conduzindo a uma melhor comprehensão do polytheismo helleno-italico, e simultaneamente as Gestas carlingias faziam penetrar no problema da formação dos poe-

mas homericos. A historia tornou-se um criterio methodologico, considerando-se o preliminar de todas as sciencias cosmologicas e sociaes. Depois de ter atravessado as phases religiosa ou emanuelica, liberal, nacional e ultra-romantica, os genios estheticos superiores comprehenderam a Litteratura universalista, idealisando a Humanidade, e dando aos themas da tradição collectiva o relêvo definitivo das altas individualidades.

II — Successão das Litteraturas modernas, e mutua acção hegemonica

O dominio romano incorporou na sua unidade politica imperial o occidente da Europa, a Italia, a Hespanha, as Gallias e a Bretanha; á actividade social e mental d'estas raças, que immediatamente deram a Roma imperadores, philosophos, poetas, rhetoricos, com que ella ainda dourou a sua decadencia, chamou-se-lhe *romanisação*. O imperio apenas explorou estes povos com a sua absorvente fiscalidade, reconhecendo por urgencia as suas instituições consuetudinarias: simplesmente esta tolerancia politica facilitou a revivescencia da antiga Civilisação occidental ou ligurica, que fôra apagada pelas invasões dos Celtas, os homens louros de grande estatura na sua descensão do norte da Europa. Quando cessara esse tremendo retrocesso, e a civilisação dos Italiotas, Hispanos, Gaulezes e Bretões, revivescia com o seu caracter de *occidentalidade*, a que se chamou *romanisação*, outra vez se repetiu a invasão dos homens corpulentos e louros do

Norte, as tribus germanicas, que se apoderaram de todos os dominios do Imperio. A Edade média na sua phase germanica foi verdadeiramente de *trevas sem nome* e *de esteril barbarie*, como lhe chamaram Helvetius e Raynal; mas o fundo de cultura dos povos subjugados absorveu essas tribus barbaras, constituindo-se as modernas Nacionalidades da Europa. Apesar de todas as differenças e antagonismos, um consenso tacito unificava moralmente estes povos, diante da tradição do Imperio e do Direito romano, e pela universalidade da lingua latina aproximando pelo seu lexico os dialectos populares. O catholicismo, copiando na sua hierarchia a organisação municipal, aproveitou-se para fundar a unidade de sentimento (a *christandade*) apropriando-se dos riquissimos elementos tradicionaes, vestigios das crenças dos Scythas, Scandinavos, Ligures e Gaulezes, Celtas e Germanos, com que formou as suas Legendas religiosas. As invasões dos Arabes no sul da Europa vieram provocar no seculo VIII esta unificação affectiva da crença commum, que se elevou á manifestação mental da primeira Renascença, quando das escholas arabes reflectiram os progressos das Sciencias da Grecia, a Mathematica, a Astronomia e a Medicina. Assim se elevou a civilisação da Europa á affirmação consciente da sua *occidentalidade*.

Entre os povos do Occidente, como a Italia, a França meridional, a Hespanha, essa unidade ethnica fez-se sentir muito cedo pela tradição do mesmo lyrismo, que irradiou da Provença, de eguaes rudimentos épicos, como os Romanceiros,

e de costumes sociaes e domesticos, que se transformaram nas mesmas creações dramaticas. Sobre este fundo commum, é que sobre a Gotia refloriu a *Romania*. Assim como nos estados da Grecia todos os elementos tradicionaes conservados com intenso affêrro pelos Dorios, receberam dos Jonios em Athenas, o livre desenvolvimento das fórmas artisticas, ao fixarem-se as Nacionalidades da Edade média a estabilidade social e a idealisação dos costumes realisou esta passagem das tradições para as fórmas conscientes de esthetica individual. O syncretismo das tradições das diversas raças produziu uma extraordinaria riqueza de elementos poeticos. A unidade affectiva do Occidente no fim da Edade média realisou-se pela Poesia.

As raças germanicas deveram a sua incorporação na Civilisação occidental á propaganda catholica: os seus mythos polytheicos perdendo o sentido religioso persistiram como themas poeticos, elaborando-se as Lendas em *Cantilenas*, que vieram a formar o cyclo germanico dos *Niebelungen* e o cyclo franko das *Gestas Carlingias*. O genio saxão, luctando para submetter a decahida raça britonica, provoca a revivescencia das tradições do vencido no brilhante cyclo da *Tavola Redonda* e do *Santo Graal*. As Litteraturas modernas, creando-se na elaboração de tão variados elementos tradicionaes, definem nas suas origens e progressos a successão das Nacionalidades, que ao constituirem-se tornaram escriptas as suas linguas.

O grupo do meio Dia da Europa foi o primeiro a continuar a Civilisação occidental, inter-

rompida depois da queda de Roma; o grupo do Norte só entrou na civilisação moderna no seculo XVI, desviando as energias guerreiras para o trabalho constitutivo da nacionalidade allemã. Com o desenvolvimento da Civilisação em concurso simultaneo, foram-se accentuando as similaridades ethnicas dos ramos da grande raça árica na Europa, e as proprias instituições sociaes hellenicas, romanicas, germanicas e mesmo slavas, foram unificadas em typos communs derivados da constituição primordial ariana, como o provou scientificamente Freeman.

A França foi, entre os novos estados, o centro hegemonico medieval, que imprimia impulso e direcção a esta corrente que é hoje a civilisação da Europa.

a) *Litteratura da França.* — A hegemonia da França na Edade média é uma expansão da cultura de genio gaulez, que desde o IV seculo, antes da nossa éra, se revelara pelos estudos cosmographicos de Pytheas e Euthymenes de Marselha, e de Erastothenes da Narboneza, de que tanto se aproveitaram Strabão e os geographos gregos. Esse mesmo genio gaulez actuou no norte da Italia sobre Roma, pelo grande numero dos seus poetas, historiadores nascidos na Gallia Cisalpina, contrabalançando-se com a influencia do meio dia ou da Grande Grecia. Cesar foi discipulo do gaulez Gnyphon, Cicero foi dirigido pelo gaulez Roscio, Tacito discipulo de Marcus Apes. Foram gaulezes os creadores do theatro romano; e desde que a Gallia foi reduzida a provincia romana, um

novo esplendor se reflecte nos productos de genio romano. Junto de Trajano e de Adriano era exercida a influencia da cultura gauleza por Favorinus, e junto de Marco Aurelio por Frontonio. Esses philosophos, politicos e oradores, pela sua moral encontram-se com os Stoicos, e preparam, pelo contacto com o genio grego, o estabelecimento de uma nova sociedade religiosa, em que a confraternidade gauleza se tornaria em breve o fóco do Christianismo. São das Gallias os grandes Padres da Egreja, como: Santo Ireneu, Santo Ambrosio, Santo Hilario, San Martinho, S. Paulino, Sulpicio Severo, Santo Honorato e Vicente de Lerins. Toda a sua grande cultura resistiu á depressão das invasões germanicas, que foram submettidas pela propaganda moral ao christianismo, atacando pelo apostolado religioso a Germania. E' em volta de Carlos Magno, que se reunem os claros espiritos dedicados ao renascimento litterario, historico e philosophico, como Alcuino, Walfried Strabo, Raban Maur, S. Prudencio, Hincmar, João Scot. A cultura grega, cujo centro fôra Marselha, e a cultura romana mantida em Tolosa e em quasi toda a Gallia meridional, integradas pelo genio gaulez, além das condições mesologicas, deram á França (já incorporado o elemento barbaro) a missão civilisadora hegemonica sobre todos os povos da Edade média. Pela região da Aquitania, propagava-se á Italia e á Hespanha a poesia trabadoresca da Provença que encontrava as mesmas tradições pre-celticas e os mesmos estimulos de contacto com os Arabes. Pela fusão com o elemento franko, tinha a Fran-

ça as condições para influir directamente sobre as raças germanicas da Inglaterra pelos Normandos, e da Allemanha pela communicação das Canções lyricas, da propagação das suas Universidades, dos seus dogmas theologicos e doutrinas politicas.

Como a nacionalidade franceza foi a primeira que se formou, assim mais cedo se creou a sua Litteratura, vindo a ser imitada por todos os outros povos da Europa. Dizia Martin de Carrale, em 1275, justificando-se de escrever a historia de Veneza em francez: «*Parce que la langue française cort parmi le monde, et est la plus delitable à lire et à oïr que nulle autre.*» Desde a Edade média até ao nosso seculo, a hegemonia da França foi reconhecida pelos mais elevados espiritos, como Dante e Brunetto Latini e Aldobrandini de Sena. Observa Charriere: «formada dos restos das nacionalidades feudaes a França chegou a esta homogeneidade perfeita que faz viver um povo como um só homem. Que seria ella hoje se as nacionalidades das suas provincias se tivessem desenvolvido fóra do centro commum com as mil barreiras levantadas pelos interesses de cada localidade, em logar do solido feixe que reuniu em uma mesma acção todas as variedades da sua natureza? Foi a ella que a França deveu esta sociabilidade tão facil, que faz d'ella em todos os tempos a nação civilisadora por excellencia, e que lhe revela por toda a parte, mesmo para os organismos mais rebeldes e antipathicos um lado intelligivel e apreciavel, e que reproduziu na sua litteratura as feições especiaes de cada provincia sob uma physionomia geral: em Corneille, a ener-

gia rude e ousada da raça *normanda*, em Montaigne e Montesquieu a vivacidade do espirito *gascão*, em Voltaire o atticismo do espirito parisiense, etc.; concerto de intelligencias semelhante á harmonia das côres que as facetas do prisma separam, e que condensadas em um raio unico formam a luz que allumia o mundo.» *(Politique de l'Hist.*, II, 408.)

Esta fusão de raças reproduz os seus caracteres nas creações do espirito: o elemento *Gallo-romano* da França meridional, depois da primeira cruzada desenvolve os germens tradicionaes do seu Lyrismo, das alvoradas, das serenadas, das tenções, dos *Puy* ou ajuntamentos poeticos, nas Canções escriptas dos Trovadores occitanicos, que se propagam e são imitadas no norte da França, na Italia, Portugal e Hespanha, na Allemanha, onde apparecem os *Minnesingers* reproduzindo todos os artificios da *Gaya Sciencia*. O elemento *Gallo-Franko* que apoiou a unificação nacional da França, desde Carlos Magno até Joanna d'Arc, idealisou o grande typo imperial nas Epopêas ou *Gestas* carlingias e na lucta dos grandes vassallos feudaes contra a unificação monarchica. E' extraordinaria e verdadeiramente assombrosa a diffusão d'esta efflorescencia épica: na Allemanha, do seculo XII é traduzida a gesta de *Roland*, e reelaborada no principio do seculo XIII por Striker; *Aliscans* é imitado por Wolfram d'Eschenbach com o titulo de *Wilhelalm*. Na Neerlandia são conhecidas as gestas de *Roncesvaux*, *Guitechin*, *Floovant*, *Ogier*, *Renaud*, *Aiol*, e os *Lorrains*. Na Scandinavia, a compilação do *Karlamagnu-*

Saga, abrange o *Couronement de Charles*, *Doon de la Roche*, *Ogier*, *Aspremont*, *Otinel*, *Roncesvaux*, *Moniage Guillaume*. Na Inglaterra são conhecidos *Fierabras*, *(Sir Ferumbras)*, *Otinel*. Na Italia, como escreve Léon Gauthier: «*Roland*, *Ogier* e *Renaud* acham uma segunda patria. — Na região lombarda, veneziana é que esta feliz popularidade teve comêço, e jograes francezes ahi primeiro os cantaram.» Nos *Reali di Francia*, de Andrea da Barberini, se condensaram *Fioravante*, *Beuves de Hanstonne*, *Enfances de Charlemagne* e de *Roland*. Sobre este cyclo gallo-franco trabalharam dando-lhe fórma artistica Pulci, Boiardo e Ariosto, fazendo a transição para a epopêa historica. Na Hespanha foi conhecida a Gesta de *Gerars de Viane* (unica de que ficou manuscripto), *Fierabras*, *Historia de Carlos Magno y de los Pares de Francia*; em Portugal conheceu-se a gesta de *Roland*, os *Doze Pares* e a gesta de *Jean de Lanson*, e muitos dos themas carlingios entraram na elaboração dos romances populares. O elemento *Gallo-bretão* propaga os poemas de amor e de aventuras, da *Tavola Redonda*, do *Santo Graal*, de *Tristão e Yseult*, de *Flores e Brancaflor*, de *Percival*, de *Lancelot do Lago*, de *Merlin*, sympathicos a todos os povos do norte a sul e até ao Oriente, confundindo-se com o espirito messianico da Cavalleria celeste, e sustentando-se no gosto através da Renascença nas *Novellas* de Cavalleria escriptas na prosa das Chronicas nacionaes. O elemento latino e ecclesiastico, presta á litteratura franceza as interessantes Lendas agiologicas, os poemas de *Troie la grant*, de *Alexan-*

dre: as Canções latinas dos escholares e goliardos, os Fabliaux e as Novellas desenvoltas, as Soties e Farças, em que se elabora o theatro moderno. A cultura classica é recebida em Paris e Tolosa, para onde convergem os principaes espiritos, como Dante, Brunetto Latini, Boccacio, Petrarcha, n'essas Universidades mães onde os alumnos se agrupam por *nações*.

Sem conhecer estes aspectos fundamentaes da Litteratura franceza não poderão ser bem apreciadas as Litteraturas romanicas em quanto ao desdobramento similar das suas origens. Póde-se dizer que até ao fim do seculo XV a Litteratura franceza na evolução organica dos seus elementos tradicionaes nas fórmas lyrica, épica e dramatica, exerceu uma incomparavel acção hegemonica.

b) *Hegemonia da Italia.* — A Renascença da Antiguidade classica iniciada pela Italia veiu imprimir uma direcção uniforme ás Littefaturas romanicas, desviando-as do elemento organico e fecundo das suas tradições; renegando a Edade média pela rudeza dos seus esbôços litterarios, incutiu o esmero das fórmas pela imitação dos modelos greco-romanos. E esse culto exaltado dos poetas e humanistas chegou por vezes a fazer o syncretismo do symbolismo polytheico com os dogmas e representações catholicas. A Italia achou-se em condições especiaes para a obra da Renascença: nunca o conhecimento da antiguidade se perdeu alli completamente. As suas escholas de jurisprudencia eram tão reputadas como as antigas de Labeão e Capitão; os

seus monumentos e ruinas foram educando os novos genios, para os quaes quando a Italia se viu occupada pela Allemanha, invadida pela França, conquistada pela Hespanha, atraiçoada pelo Papado, desgostados da vida publica e sem esperança no futuro da sua patria, esse mundo sereno do passado e da arte foi um refugio, consolando-se na reproducção d'esse antigo ideal que tanto os alentava no meio das catastrophes. Emquanto os exercitos francezes talavam o solo italiano, os sabios discutiam o platonismo, e os pintores e poetas, como outr'ora Archimedes, não sentiam o estrepito das armas invasoras. Os que conquistavam a Italia, admiravam a sua cultura intellectual, e a Italia exercia o seu prestigio sobre o vencedor, tal como a Grecia subjugada pelos romanos, e mesmo Roma subsistindo apoz a sua ruina pelo imperio das Leis. A actividade especulativa era o que restava a essas altas individualidades nascidas em um paiz sem liberdade. Por esta actividade que se exerceu no Humanismo, estudando e publicando os monumentos litterarios scientificos e philosophicos da Grecia e de Roma, a Italia estava destinada, além dos seus antecedentes historicos, a ser o centro dos estudos das lettras humanas na Renascença do seculo XVI, influindo directamente na França sob Carlos VI e Francisco I, na Inglaterra desde Chaucer a Shakespeare, em Hespanha pelos lyricos da Eschola poetica sevilhana, e em Portugal desde D. João II até á suprema belleza do lyrismo de Camões. Assim as Litteraturas romanicas foram-se reciprocamente influenciando, unificando-se pela sua

intima embora mal conhecida solidariedade. O que era o lyrismo italiano, o *dolce stil nuovo*, na sua belleza de fórma e profundidade philosophica? O aperfeiçoamento definitivo das Canções imperfeitas dos Trovadores, a que desde Dante a Petrarcha, o genio italiano deu a expressão amorosa com o relêvo das especulações das eschólas neo-platonicas renovadas na Italia. A Epopêa era o esbôço das Gestas medievaes aprimorado pela fórma pura virgiliana, deixando á livre phantasia a creação das situações romanticas ligadas para produzirem a emoção de agradaveis surprezas. Pelo estudo da Litteratura grega do periodo alexandrino, que servira de modelo á Litteratura latina, pôde a Italia apresentar á elaboração esthetica a Epopêa historica, e a Tragedia philosophica, sobre que foram moldadas as obras primas da arte moderna. Os themas novellescos dos Fabliaux perderam a fórma metrificada, e foram redigidos em prosa, em Contos, em que se descreviam as situações da vida burgueza, se desenhavam os typos e caracteres, e as peripecias imprevistas, d'onde provém por ampliação a nova fórma das litteraturas — o Romance. Sobretudo em um povo em que a vida civil era sustentada por uma forte organisação e independencia municipalista, era natural o desenvolvimento da fórma da Novella, creada por Franco Saccheti, Fiorentino, Boccacio; e em que a fórma épica das Gestas carlingias era antipathica parodiando grotescamente esses quadros da sociedade feudal, e chamando com desdem *Ciarlatini* aos cantores das praças, os jograes que re-

citavam as Gestas de Carlos Magno. O prestigio da Italia litteraria e artistica era absoluto; em França vimos Carlos VIII chamar para a sua côrte os sabios italianos; Luiz XII enriquece com as bibliothecas da Italia as livrarias francezas; Francisco I é educado por um pedagogo italiano, e inscreve-se como cidadão no Livro de Ouro de Veneza. Na Inglaterra, sob Henrique VIII, o espirito da Renascença é-lhe communicado pela Italia, inspirando os lyricos Wyat e Surrey. Escrevia em 1592 o critico de Puttenham, referindo-se a estes reformadores: «Tendo viajado na Italia, iniciaram-se no metro harmonioso e no estylo magestoso da poesia italiana.» O prurido latinista que dominou em Inglaterra na eschola dos *Euphuistas* era semelhante ao da *Pleiade* franceza. Uma grande parte dos themas historicos das tragedias de Shakespeare é tirado dos *Varões illustres* de Plutarcho e dos Novellistas italianos como Boccacio, Geraldo Cynthio, Luigi da Porto, Belleforest, e Bandello.

Em Hespanha a influencia da Italia data do principio do seculo XV, quando Micer Francisco Imperial tornou conhecidas as poesias de Dante. O Cancioneiro de Stuniga a cada pagina revela que foi escripto por poetas que estiveram na conquista de Napoles. Essa hegemonia litteraria impõe-se no primeiro quartel do seculo XVI quando em 1524 Andrea Navagero foi enviado como embaixador de Veneza a Carlos V. Durante seis mezes que esteve em Granada, encontrou-se Navagero com Boscan, e nas suas largas conversas sobre litteratura trouxe á observação do poeta os

caracteres particulares do metro endecasyllabo italiano pedindo que o experimentasse na metrificação castelhana. Boscan, satisfeito com o exito da tentativa, continuou a exercitar-se, mas teria desfallecido na sua empreza sob os rudes ataques dos apaixonados dos metros de redondilha, se Garcilasso, já então conhecido como um eminente lyrico, o não viesse fortalecer com a sua franca adhesão. A questão do emprêgo do verso endecasyllabo foi o facto contra o qual se feriram aceradas pugnas embaraçando a introducção do gosto italiano. Accusavam o endecasyllabo de não ser nacional, equiparando-o ao verso alcaico; mas era um verso usado pelos trovadores e portanto romanico. Tambem depois de terem sido frequentadas as escholas de Italia, na primeira Renascença, no fim do seculo XV a aristocracia portugueza seguiu o caminho da Italia «a fim de se lhe formarem os costumes, serem instruidos nas boas lettras e aprenderem todas as artes liberaes,» como se lê em uma carta do humanista Angelo Policiano a D. João II. A Renascença italiana, com os seus aspectos artistico e philologico propagou-se a Portugal influindo na grande época dos Quinhentistas. Deu-se aqui como na Hespanha, o conflicto entre a tradição medieval e a auctoridade classica ou italiana. Sá de Miranda teve essa gloriosa iniciativa, dando-se em Camões a admiravel conciliação dos dois espiritos, fechando a edade de ouro da Litteratura portugueza. Sá de Miranda conheceu a relação evolutiva dos esbôços provençaes com as fórmas definitivas e bellas do petrarchismo; era um consciente

renovador. Camões excedeu os modelos italianos, dando á expressão das emoções pessoaes o relêvo philosophico d'esse idealismo platonico que dera o maximo fulgor ao genio artistico da Toscana. A influencia italiana exerceu-se tambem na Architectura e na Pintura, mas sem apagar a feição nacional que prevalece no estylo manuelino, e na eschola de Gram Vasco.

c) *Hespanha e Portugal.* — As duas raças peninsulares, *iberica* e *lusitana*, somaticamente differenciadas nos seus typos, eram, pelas tendencias sociologicas, ainda mais divorciadas: o *ibero* unificava em si todos os povos adventicios, alargando o seu poder, e conformando-se com a unidade politica fosse ella imposta pelos conquistadores romanos, germanicos e arabes, ou pela auctoridade religiosa da intolerancia catholica em uma quasi theocracia; o *luso*, sempre apoiado nas suas liberdades locaes, nas garantias municipalistas, embora se enfraquecesse pelo isolamento, tirava da pureza da sua raça a resistencia, com que persistiu através de todas as invasões, que soffreu a Hespanha, conservando todos os seus caracteres ethnicos.

Esse fundo *iberico*, persistente nas populações hispanicas e verificavel nos costumes, nas tradições e superstições do vulgo, achou-se syncretisado com as invasões dos Celtas, formando o typo mixto ou *Celtiberico*: tornando-se adaptavel á cohabitação das colonias jonicas e da occupação romana; desnaturando-se com os abundantes accrescimentos semitas de phenicios, carthaginezes e arabes; com regressões ao typo africano branco

de berberes e mouros. Toda esta mistura de sangues deu ao *ibero* varios typos somaticos, mas ainda mais essas contradições profundas de caracter, que confunde o heroe com o salteador, n'essa antithese assombrosa de D. Quixote e Sancho Pansa. Essa tendencia para o imperialismo ou unidade iberica, foi-lhe suscitada pela unidade catholica no fim da lucta contra o imperio mussulmano; tal é o *Castelhanismo*, absorvendo em si todos os estados livres e nacionalidades da Hespanha, com a extincção das suas esplendidas energias creadoras. A unificação nacional da Hespanha, realisada sómente no fim do seculo XV, foi um phenomeno laborioso, violento e deprimente, operado por interesses egoistas de familias dynasticas, fundindo-se Aragão com Castella sob Fernando e Isabel, até Philippe II, que servindo-se da intolerancia da Inquisição, e presidindo á Liga Catholica, consegue incorporar no *Castelhanismo* Portugal. Durou pouco mais de meio seculo (1580 a 1640) essa ambicionada unidade iberica, regressando as duas raças ao seu eterno divorcio.

As duas Litteraturas, hespanhola e portugueza, encerram revelações extraordinarias do *ethos* d'estes dois povos. Sob o nome de Hespanha entende-se desde o fim do seculo XV a unidade politica e linguistica castelhana, tendo absorvido em si a Corôa de Aragão (com o Principado da Catalunha e reinos de Valencia e Aragão), Leão, com as Asturias, Galliza, reino de Navarra e provincias Vascongadas; o reino de Murcia, a Extremadura com os quatro reinos Arabes da An-

dalusia (Granada, Jaen, Cordova e Sevilha). Todas estas nacionalidades peninsulares estavam castelhanisadas em 1482; sómente ao fim de um seculo é que pela rêde dos casamentos da Casa de Austria hespanhola, Philippe II se apoderou de Portugal, castelhanisado na sua aristocracia fanatisada, como herdeiro dynastico. Sob o nome de Portugal entende-se esse fragmento da vertente occidental dos Pyrenneos, cujo territorio era occupado pela grande raça lusonia, chamada a *Lusitania dos antigos*, na phrase de Strabão.

Como resistiu Portugal, a este constante esforço de absorpção e incorporação castelhana? E' tão assombrosa a formação da nacionalidale portugueza, se fôr desconhecido este problema da raça, como é tambem incomprehensivel a sua resistencia contra o unitarismo iberico sem o apoio das suas navegações e descobrimentos. A Litteratura portugueza nasceu dos germens da tradição da raça e do ideal da acção historica. A comprehensão sociologica dos Descobrimentos sobre a autonomia de Portugal, é-nos dada pelo phenomeno da perda da autonomia da Catalunha sob a unidade castelhana. E' preciso relembrar como as trez Nacionalidades de Castella, Catalunha e Portugal se definiram no esforço da resistencia de seculos para a expulsão dos Arabes da Hespanha. Emquanto o elemento aristocratico, fugindo diante da invasão dos Arabes, foi crear no norte da peninsula esse centro de resistencia dos Galecio-Asturo-Cantabros, na extremidade oriental dos Pyreneos a republica da Catalunha, isto é, as suas cidades livres faziam

sustar as incursões sarracenas. E d'essa época de lucta incessante foi essa caracteristica da Catalunha formulada por Madoz, que toda a sua historia se reduz ás luctas para a sua liberdade. Na vertente do Oeste, confessam os chronistas arabes que os Lusitanos, eram os mais indomaveis e sempre irrequietos, não podendo estender-se por causa d'elles o dominio mussulmano para o Norte da peninsula.

Quando esses refugiados das Asturias vêm á reconquista das cidades do sul, apoderando-se d'ellas pela unidade catholica a titulo de libertal-as dos infieis, visam logo a restaurar a unidade imperial neo-gotica, isto é o absolutismo da monarchia germanica! As quatro Monarchias que se estabeleceram nos quatro planaltos dos Pyreneos, Leão, Aragão, Navarra e Castella, dispendem as suas energias nas luctas dynasticas de unificações e separações, segundo esses estados eram conquistados ou herdados em testamentos. A esta incorporação *castelhana*, veiu tambem a Catalunha por uma imprevista fatalidade; a sua autonomia assentava sobre a sua actividade economica, exercida na navegação do Mediterraneo. O descobrimento da America em 1492, deslocou toda a actividade para o oceano Atlantico. Succedeu-lhe como a Veneza, na sua decadencia. Esse facto do engrandecimento de Castella pelo descobrimento do novo imperio colonial, identificou o sentimento da patria com o imperialismo castelhano.

Portugal teria succumbido á mesma fatalidade historica, se depois da descoberta da America,

não realisasse pouco depois o descobrimento do caminho maritimo da India e do Brasil. Hegel, na sua *Philosophia da Historia*, explica a separação da Hollanda da Allemanha pela sua visinhança do mar. E' tambem a situação de Portugal: o mar tornou-se um campo de acção e uma condição economica da nacionalidade. No seu livro *De la Neerlande*, Alfonso Esquiros, fallando do individualismo nacional da Hollanda, faz-nos comprehender a independencia de Portugal: «Os povos são o que as influencias exteriores os fazem ser, o que d'elles fazem a agua, o céo e a terra. O valor d'estas causas augmenta mais, quando a nação se acha collocada em condições unicas de posição, *entre o continente e o mar*. A geographia d'este povo é então o prefacio da sua historia, a origem dos seus costumes, das suas instituições, e do seu genio.» *(Op. cit.,* I, p. 4.*)* Em um outro estudo expendemos sobre este cyclo das grandes navegações, desde Zarco a Vasco da Gama, que tornaram Portugal o iniciador da Civilisação moderna: «A vida historica de Portugal coincide com o periodo das expedições e descobertas maritimas — quando comprehendemos a nossa situação junto do mar, reagindo assim contra a pressão do continente. Fomos um povo de mareantes; o sentimento d'esta phase da vida nacional, as incertezas da navegação, o acaso das descobertas, a consciencia da nossa força e riqueza, a distancia fazendo comprehender pela saudade o ideal da patria, tudo isto se reflectiu na nossa pequena litteratura, convergindo para produzir uma obra unica, em que

mais accentuadamente se determina este caracter, os *Lusiadas*, que, apesar da sua origem individual satisfaz as exigencias moraes da nacionalidade. Extingam-se todos os vestigios da civilisação, todos os monumentos, os sitios que occupamos, e o espirito superior irá recompôr a vida historica dos portuguezes pelos *Lusiadas*, como o fizeram já o naturalista Humboldt, Schlegel e Quinet, e comprehenderá a sua alma aventureira nas Relações dos naufragios, nos romances tradicionaes e na architectura.» (*Theor. da hist. litt.*, p. 23).

A autonomia das duas raças, *iberica* e *lusa*, manifestou-se ainda mais nitidamente n'esta grande crise, em que o commercio passou do Mediterraneo para os estados occidentaes com a navegação do Atlantico. Da actividade dos hespanhoes n'este periodo escreve Heeren, no manual historico do *Systema politico dos Estados da Europa, desde a descoberta das duas Indias:* «Como o novo mundo não lhes appresentou logo outros productos de grande importancia, o ouro e a prata, para desgraça dos naturaes dos territorios, tornaramse o objectivo unico dos estabelecimentos que emprehenderam alli fundar.» Contrapõe-lhes os estabelecimentos coloniaes dos Portuguezes: «A maneira como foram feitos os descobrimentos dos Portuguezes, e a natureza das terras por elles descobertas, tornaram *os seus estabelecimentos coloniaes essencialmente differentes dos dos hespanhoes.* Como tinham chegado ás Indias por uma marcha de progressos successivos e regulares, as suas ideias em muitos pontos tiveram tempo de se formarem, e a natureza do paiz não lhes déra

ensejo para estabelecer ahi colonias para exploração de minas, mas unicamente feitorias de commercio, — não formaram grandes possessões, mas estabeleceram-se solidamente sobre alguns pontos principaes, proprios para as suas relações mercantis.»

Essas riquezas fabulosas do Mexico e Perú, esses thezouros phantasticos hallucinaram os fidalgos, cuja disciplina de guerra tinha terminado com a conquista de Granada, e o povo perdera a noção da riqueza produzida pelo trabalho livre. Dá-se a flagrante dissolução dos costumes, e a repressão religiosa da Inquisição servindo de policia do estado germanisado. Os grandes genios da Litteratura que dão todo o brilhantismo á lingua *castelhana*, pertencem aos fócos nacionaes apagados, á Galliza, a Aragão, á Andalusia, dando a illusão aos escriptores reaccionarios, que esse esplendor foi devido ao influxo da Casa de Austria! Mas esse esplendor em breve se transformou em um espirito sarcastico, de quem não tem a fé patriotica. Os velhos Romances tradicionaes, a mais pura expressão do genio épico da Hespanha, são parodiados nas Xacaras ou narrativas dos crimes dos *Guapos* e *Temerones* nos feitos audaciosos dos contrabandistas. O romance novellesco, idealisando a vida domestica, foge das situações naturaes para a aberração moral e psychologica, na fórma *picaresca* da *Lozana Andalusa*, de *Gusman d'Alfarache*, da *Picara-Justina*, de *Marcos de Obregon*, do *Lazarillo*. A propria Novella de Cavalleria, que tanto apaixonava o genio hespanhol, por este intuito de parodia do

espirito em revolta, é elaborada por um sarcasmo sincero, como no *Dom Quixote*, e na simulação de Lupercio Argensola (Avelaneda). A falta de liberdade civil e politica, aggravada pela censura ecclesiastica das obras escriptas, foi compensada pela paixão do theatro, que não pôde ser eliminado. Escreveu-se para a scena hespanhola, para servir esta avidez do vulgo. Os themas dos antigos Romances heroicos foram passados da fórma narrativa para a acção dramatica, dando logar á creação esthetica da *Comedia famosa*, de capa e espada. Tornou-se facil essa transformação, em que se mantinha o verso octonario assonantado dos velhos romances, em tres jornadas ou actos, com enredo duplo, sendo um baseado no *ponto de honra* e outro no contraste em um typo popular. Da multiplicidade dos themas dos Romances proveiu a infinidade das Comedias famosas com que a Litteratura hespanhola exerceu por sua vez a hegemonia nas litteraturas franceza, italiana e ingleza. Basta notar como Corneille e Molière souberam elevar a Comedia famosa á altura das perfeitas tragedias e da comedia de caracter, tomando esses typos hespanhoes do Cid e de Don Juan. A mesma hegemonia é exercida pela Novella picaresca, estimulando o genio gaulez como no *Gil Blas de Santillana*, o *Diabo Coxo*, o *Bacharel de Salamanca*. O apagamento do genio hespanhol no seculo XVI foi a consequencia irrefragavel do seu absorvente e material *castelhanismo*.

Portugal. — Ao passo que as outras litteraturas hispanicas, como a *galleziana*, a *aragonesa*, a

valenciana e *catalan* se extinguiam com a absorpção das suas nacionalidades, desde que a *Terra Portucalense* se constituiu na Quinta Monarchia, o seu individualismo ethnico fortaleceu-se pelo desenvolvimento da lingua portugueza na creação de uma bella Litteratura. E' na raça lusitana (Portugal e Galliza) que se revela o genio lyrico trobadoresco, influindo nas outras côrtes peninsulares, como ainda no seculo XV o reconheceu o Marquez de Santilhana, celebrado poeta castelhano. Na Côrte de Dom Diniz, onde eram acolhidos todos os jograes, segreis e trovadores aragonezes, valencianos, castelhanos e gallegos, a lyrica teve tal desenvolvimento, que n'essa época este centro de cultura aristocratica exerceu uma acção hegemonica em todas as outras Côrtes hespanholas em que se elaboravam as novas litteraturas. Na evolução do gosto provençalesco, depois da morte do rei D. Diniz, prevaleceu o gosto pelos Lais bretãos; em Portugal esses Lais narrativos receberam a fórma em prosa, ampliada na Novella do *Amadis de Gaula*, o typo primario do genero da Novella de Cavalleria. Foi essa a obra com que o genio portuguez, não obliterado sob a crusta rhetorica da amplificação castelhana, exerceu um influxo hegemonico em todas as litteraturas modernas, que tanto a imitaram e desenvolveram. No seculo XVI, quando a cultura portugueza se amoldou aos canones classicos impostos pelos eruditos da Renascença, os Humanistas portuguezes professaram largamente nas Eschollas da Italia, e em França os Gouvêas, sustentando a disciplina pedagogica em Paris e Bor-

déos, foram os mestres de Montaigne, de Rabelais, de Ignacio de Loyola, de Calvino, e tantos outros vultos do grandioso seculo. E no esforço para crear-se a Epopêa moderna, digna de contrapôr-se ás epopêas homericas e virgiliana, sómente o genio portuguez soube descobrir a verdadeira Tradição épica occidental das rhapsodias atlanticas creando sobre o mais decisivo facto da historia moderna a Epopêa dos *Lusiadas*.

EPOCAS HISTORICAS DA LITTERATURA PORTUGUEZA

Da marcha completa da Edade média e das crises sociaes e politicas da nacionalidade tiram-se os topicos com que se caracterisam de um modo nitido as modificações d'esta litteratura. Pela filiação historica reconhece-se immediatamente o que a Litteratura portugueza recebeu das outras litteraturas romanicas, e por que formas influiu nas mesmas litteraturas embora mais fecundas, completando assim o quadro da sua mutua solidariedade.

PRIMEIRA EPOCA: EDADE MÉDIA. — *Preponderancia dos elementos tradicionaes sob o influxo dos esbôços esthcticos francezes; começo da transição para o estudo da Antiguidade classica.*

1.º **Periodo.** (*Seculo* XII *a* XIV.) — Predomina o Lyrismo trobadoresco em todas as côrtes européas, e essa corrente propaga-se a Portugal, primeiramente, acordando os latentes germens po-

pulares, depois pelas relações da côrte portugueza com a de Leão, á qual convergiam os trovadores italianos, como Sordello e Bonifacio Calvo, referidos e imitados nos nossos Cancioneiros; e por fim, pela emigração de alguns fidalgos portuguezes, que acompanharam D. Affonso III, quando Conde de Bolonha, durante a sua permanencia na côrte de S. Luiz, que era então o meio activo da imitação da poesia provençalesca modificada pelo norte da França.

Uma phase nova de desenvolvimento lyrico começa com o rei D. Diniz, que imita directamente a poetica provençal, elaborando ao mesmo tempo as fórmas tradicionaes populares dos *Cantares de amigo*, das *Serranas* e *Dizeres gallezianos*. Por ultimo, a poesia provençalesca decae do gosto da côrte, sendo preferidos os Lais bretãos, que pelo seu desenvolvimento narrativo levaram á creação da Novella em prosa do *Amadis de Gaula*. Os Lais narrativos tinham dado thema aos poemas gallo-bretãos de *Tristão* e de *Flores e Brancaflor*, muito lidos na côrte portugueza, que tambem influia na côrte castelhana de Affonso XI, depois da batalha do Salado.

Na grande época da primeira Renascença, reflectiu-se em Portugal a cultura das Escholas de Paris, onde iam estudar os conegos de Santa Cruz de Coimbra. Figuram n'essa época os grandes luminares Pedro Hispano, cujas *Summulas logicas* dominaram até ao seculo XVI em todas as escholas da Europa; o mystico S. Antonio de Padua, e Frei Gil de Santarem, que antes de entrar na ordem dominicana se entregou aos estudos

medicos. A cultura latina coadjuva o desenvolvimento da independencia do Poder real; cria-se a Universidade de Lisboa-Coimbra, e a lingua portugueza, que se mostra na sua belleza nas narrativas episodicas dos Nobiliarios, enriquece-se por um grande numero de traducções do latim da Biblia, dos Santos Padres e tratados dos Moralistas.

2.º **Periodo.** (*Seculo* XV.) — Não se continúa o desenvolvimento da Poesia provençal, como succedeu na Italia, com Petrarcha, e na Hespanha já secundariamente por Micer Imperial. Quando sob a Regencia do Infante D. Pedro se reconciliam as Côrtes de Portugal e Castella, o lyrismo castelhano da eschola de Juan de Mena é imitado pelo proprio Infante D. Pedro, por seu filho o Condestavel de Portugal, e em Portugal são imitadas e por vezes traduzidas ás poesias do Arcipreste de Hita, do Marquez de Santilhana, de Jorge Manrique e de Hernan Perez de Gusman, predominando essa fascinação do *castelhanismo* no *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende. Ainda a influencia gallo-bretã se manifesta na predilecção das Novellas da Tavola-Redonda, na *Demanda do Santo Graal*, no *Joseph ab Arimathêa*, e em outras que o rei D. Duarte colligira na sua magnifica bibliotheca. A predilecção pelas obras da antiguidade classica, já se revela em obras compiladas ou traduzidas de livros latinos, como Seneca, Tito-Livio, tambem colligidas na bibliotheca do rei D. Duarte. A Historia recebe a sua fórma litteraria sob o influxo do poder real, nos

chronistas Fernão Lopes, Gomes Eannes de Azurara e Ruy de Pina, através das tentativas da redacção latina definitiva da historia nacional. Introduz-se a Imprensa; a mocidade portugueza vae a Italia frequentar as escholas dos humanistas da Renascença. Começa a Era dos grandes Descobrimentos.

SEGUNDA EPOCA: RENASCENÇA. — *Predomina a imitação da Antiguidade classica; é renegada a Edade média, chegando-se ao esquecimento das Tradições nacionaes.*

1.º **Periodo**: *Os Quinhentistas (Seculo* XVI.) — Corresponde ao periodo de maior actividade da nação portugueza; a elaboração litteraria dos Quinhentistas é simultanea com as grandes navegações e descobrimentos da India e Brasil. Constitue-se a Grammatica da Lingua portugueza por Fernão de Oliveira e João de Barros; funda-se o theatro nacional, por Gil Vicente, sobre as fórmas hieraticas populares; a poesia lyrica mantém a fórma medieval a par do *Dolce stil nuovo* da Italia, propagado por Sá de Miranda, n'esse conflicto dos *Poetas da medida velha* com os Petrarchistas. A poesia épica, esboçada na outava castelhana em endechas, recebe a fórma italiana da *ottava rima* de Ariosto moldada sobre o poema virgiliano por Camões. A litteratura portugueza do seculo XVI deriva d'estes tres poetas por uma relação muito clara. Gil Vicente é o que representa de um modo completo e exclusivo as fórmas da litteratura medieval; é imitado por Antonio

Prestes, por Antonio Ribeiro Chiado e até por Camões e outros na fórma do *Auto*. Sá de Miranda oppõe ás suas primeiras composições em *redondilhas*, os novos *endecasyllabos*, com que introduz a eschola italiana em Portugal, sendo imitado pelo Dr. Antonio Ferreira, Pedro de Andrade Caminha, Diogo Bernardes, D. Manoel de Portugal, Falcão de Resende, Francisco de Sá de Menezes. Os seus versos em *redondilhas*, é que prevaleceram na imitação do seculo XVII; verdadeiramente a *medida velha* tinha a sustentar-lhe o influxo as Eclogas apaixonadas de Bernardim Ribeiro e de Christovam Falcão, e a predilecção da côrte de Dom João III, no gosto feminino. Camões, pela superioridade do seu genio, funde, estes dois elementos medieval e classico nos *Lusiadas*, da mesma fórma que Shakespeare em Inglaterra; os seus versos lyricos foram largamente plagiados, nascendo tambem depois do seu impulso todas as Epopêas historicas. A justa relação entre os elementos medievaes e classicos foi quebrada pelo predominio dos Jesuitas no ensino publico, em Coimbra, em que a Universidade fica dependente do Collegio das Artes, e pela censura dos livros estabelecidos pela execrando cardeal D. Henrique.

O *castelhanismo*, que tanto predominou na côrte portugueza, pelos casamentos dos reis D. Manoel, D. João III e principe D. João (pae de D. Sebastião) apparece escripto por todos os poetas quinhentistas, que transigiam com a moda palaciana, mesmo apesar do seu consciente nacionalismo, como Gil Vicente e Camões. Mas ope-

rava-se um esforço para mantêr o uso da lingua portugueza na litteratura, como o proclama Ferreira na sua Carta III, accusando o esquecimento e desamor dos que mal o exercitavam. A bella prosa portugueza dá fórma á Historia, cultivada por João de Barros, Castanheda, Damião de Goes e Diogo do Couto, uns perseguidos, outros pobres, e todos elles sem a liberdade para exercerem a critica. Ao fim de trinta annos o ensino jesuitico exerceu nas novas gerações uma forte *desnacionalisação*, que augmentando o influxo castelhano, servido pela reacção catholica, de que era chefe Philippe II, levou ao espectaculo vergonhoso de os proprios Governadores do Reino em 1580 reconhecerem o direito do *Demonio do Meio dia* para incorporar Portugal na unidade iberica.

2.º **Periodo**: *Culteranistas (Seculo* XVII.) — Portugal não acompanha o movimento scientifico que levou á creação das Academias na Europa. Sob a forte compressão catholica, estas corporações foram exclusivamente rhetoricas, á maneira das Tertulias hespanholas. Toda a actividade dos poetas dispende-se em engrandecer o reportorio castelhano com *Comedias famosas* de capa e espada. No emtanto brilham Francisco Rodrigues Lobo com as suas Novellas pastoraes e D. Francisco Manoel de Mello, como lyricos continuando o impulso de Sá de Miranda e de Camões. A Revolução de 1640 em que Portugal revindica a sua autonomia, como um movimento resultante do plano politico para a scisão da Casa de Austria da

Hespanha, não inspirou o sentimento nacional, apesar das numerosas Epopêas historicas seiscentistas.

3.º **Periodo:** *Arcadistas. (Seculo* XVIII.) — O que fizeram os Jurisconsultos da Edade média para a emancipação da sociedade civil, continuaram-no os Litteratos, no seculo excepcional, procurando pelas emoções artisticas proclamar a liberdade politica. Em Portugal os escriptores estavam totalmente separados do povo, isto é, da nação, confinados nas suas Academias (*Arcadia lusitana, Nova Arcadia, Academia dos Occultos, Academia de Humanidades*, etc.), imitando desenfadadamente Horacio e promovendo o gosto da cultura latina e a auctoridade dos modelos quinhentistas, contra qualquer liberdade de elocução da phantasia culteranista. N'esta inconsciencia da missão das lettras, acceitavam o despotismo como uma ventura do governo paternal, e todas as suas idealisações eram panegyricos regios das mais emphaticas e inexpressivas exagerações. Destacam-se n'estes numerosos poetas, os quatro superiores arcadistas Garção, Diniz, Quita e Manoel de Figueiredo. O genio lyrico irrompe nos poetas portuguezes nascidos no Brasil; e as ideias revolucionarias do seculo XVIII, apparecem nos versos de José Anastacio da Cunha e de Bocage, que por isso se viram nas garras da Inquisição. O espirito scientifico do seculo entra em Portugal, pela inciativa do Duque de Lafões e de Corrêa da Serra, fundando em 1779 a Academia das Sciencias de Lisboa, chegando-se ahi a lêr o Elogio

de D'Alembert. Por essa obra se operou a fecunda tentativa do resurgimento de Portugal, relacionando-se este paiz com o movimento scientifico europeu.

TERCEIRA EPOCA: ROMANTISMO. — *Revivescencia das Tradições nacionaes pela idealisação e rehabilitação da Edade média, reconhecendo a solidariedade historica da Antiguidade classica.*

O contacto de Portugal com a civilisação, estabeleceu-se depois de um terrivel cêrco da Intendencia geral da Policia, em 1817, quando fugindo ao canibalismo de Beresford, se refugiaram em França o Morgado de Matheus, Mascarenhas Neto, Felix de Avellar Brotero, Domingos Antonio Sequeira, Domingos Bomtempo, e outros espiritos cultos subtrahindo-se á perseguição contra os inculpados de *jacobinos*. Sob a pressão do governo militar de Beresford mantido em Portugal pelo gabinete conservador inglez, rompeu a Revolução de 1820, em que se manifestou a força e a cultura da classe média. Todas as energias da nação foram acordadas, iniciadas todas as reformas da sociedade moderna nas suas Constituintes; é n'esse movimento, que surge o genio de Garrett, cuja obra seria a propria nacionalidade revivescendo. Pela reacção do absolutismo apostolico servido por Dom João VI, é rasgada a Constituição de 1822, e começa em 1823 a segunda emigração, seguindo-se a de 1824, e a de 1828 depois de abolida a Carta outorgada de

1826, fugindo aos carceres e forcas miguelinas. Assim se viu o espirito portuguez forçado a pôr-se em contacto com os progressos intellectuaes e artisticos da Europa. Depois do triumpho da causa liberal da *transição ingleza*, o regresso dos emigrados fez-se sentir na Litteratura, iniciando as normas do gosto romantico. Pela primeira vez, depois da época dos Quinhentistas, a Litteratura se ligou á elaboração das lendas nacionaes e nasceu o interesse pela poesia das tradições populares. Tal foi a missão de Garrett ensaiando todas as fórmas litterarias, lyricas, épicas e dramaticas, e realisando o mais bello estylo da prosa portugueza; Herculano, reconhecendo-se mais erudito do que artista, n'esta missão considerava-se junto de Garrett como Thierry junto de Victor Hugo. A época constitucional-parlamentar surgiu fecunda; as ambições politicas absorveram todos os talentos, que era preciso corromper em pró da simulação liberal, e a Littèratura cahiu em uma symptomatica innanidade, n'essa esteril phase do Ultra-Romantismo, contra a qual reagiu indisciplinadamente a chamada *Eschola de Coimbra*. [1]

---

1 «A litteratura portugueza, no seu conjuncto, tem uma physionomia á parte; posto que ella tenha por vezes imitado as litteraturas visinhas, por seu turno em certas épocas exerceu certa influencia sobre estas litteraturas. D'ahi a importancia que ella tem na historia geral. O caracter essencial da litteratura portugueza original, é que é *lyrica*, inteiramente penetrada de doçura elegiaca, e de sentimentalidade enthusiasta. Em portuguez é que escreveram as Canções de amor não só os Portuguezes e os Gallegos, mas os poetas de toda a Hespanha, durante a primeira época da Litteratura. De Portugal é que proveiu o prototypo dos

d) *Inglaterra e Allemanha.* — Resta-nos o grupo das Litteraturas do Norte nas suas relações com as Litteraturas meridionaes ou romanicas; sem o conhecimento d'estas relações não se avalia a acção reflexa exercida pelo Romantismo. Ainda aqui a França exerce a sua acção hegemonica; assim como os dialectos da França meridional, do Languedoc, da Provença, Delphinado, Leonez, Auvergne, Limousin e Gasconha pela latinisação facilitavam a communicação com o Occidente europeu, tambem os dialectos da França septentrional, como o normando, o picardo, o flamengo e o wallon tornavam a França communicavel a todos os povos que fallassem qualquer dialecto teutonico. A primeira influencia da França exerceu-se na civilisação da Inglaterra pela conquista normanda: ao passo que Guilherme o Bastardo promulgava as suas leis em francez, ordenando que n'esta lingua se fizessem as rezas e os sermões, em França sómente sob Francisco I é que os actos judiciarios deixaram de ser escriptos em latim. A lingua ingleza constituiu-se sobre um fundo anglo-saxão pelo vocabulario franko-normando, que era a linguagem da Côrte e do governo, fallada durante tres seculos,

---

heroes dos romances de cavalleria em prosa, o virtuoso *Amadis*. Os primeiros modelos do romance pastoral, taes como a *Diana* de Monte-Mór são portuguezes. — Bastantes escriptores portuguezes, que se serviram da lingua de Cervantes, contribuiram para enriquecer-se o theatro e o romance castelhano.»

D. Carolina Michaëlis, *La grande Encyclopedie moderne*, vb.º PORTUGAL.

mesmo depois dos reis de Inglaterra terem perdido a Normandia. Os alumnos de Oxford, ainda em 1328 eram obrigados a fallarem latim ou francez. O emprego da lingua ingleza nas escholas (1350) e nos actos officiaes (1362) coadjuvou a independencia da nação ingleza nas suas luctas contra a França. Na litteratura preponderam estas duas correntes, a normanda, que representa o elemento latino ou classico, e a anglo-saxã, conservadora das tradições germanicas e medievaes.

O vigor da nacionalidade ingleza affirmava-se no concurso de todas as suas energias sociaes; a propria dissidencia religiosa, sob Henrique VIII separando a Inglaterra da auctoridade de Roma, não se limitou á polemica theologica, foi a consciencia nacional manifestando o seu individualismo de raça; por que o Protestantismo foi na essencia um abalo germanico sob a pressão romana. Representante d'este momento historico, Shakespeare cria a tragedia moderna, na qual synthetisa o grande quadro de uma civilisação que decae em uma ruina inevitavel e outra que surge imponente pelas suas energias sociaes. As tragedias idealisando os vultos historicos de Roma, como Cesar e Coriolano, e as que vivificam os reis de Inglaterra, encerram a lição profunda d'este impressionante contraste. Fóra da Inglaterra Shakespeare, pelo seu extremo nacionalismo, não podia ser comprehendido senão em uma época remota, em que o espirito universal soubesse apreciar as suas revelações do drama subjectivo dos caracteres e estados de consciencia. Foi por isso que a comprehensão de Shakespeare, a sua reha-

bilitação esthetica moderna definiu um dos mais nitidos aspectos do Romantismo.

Mas a acção hegemonica da Litteratura ingleza sobre as litteraturas no seculo XVII não foi exercida pela obra d'aquelle genio incomparavel, e incomprehendido; escriptores burguezes, absorvidos nos conflictos da concorrencia social, industriaes e magistrados, fazendo d'essas situações vulgares da vida domestica quadros emocionantes, crearam a fórma do Romance moderno, em que a magestade da Epopêa ou a fatalidade tremenda da Tragedia antiga ficam abaixo das collisões sociaes e moraes em que figuram typos anonymos, até ao momento indifferentes para toda a gente. Não eram eruditos os creadores do Romance moderno: eram espiritos temperados pela dura realidade da vida, que a sabiam representar nas suas fatidicas cruezas: Daniel de Foë, Fielding, Smollett, Richardson, Goldsmith, e ainda Swift e Sterne, criam maravilhas em extraordinarios Romances lidos e imitados em todas as litteraturas. O *Robinson Crusoë* de Foë, é a idealisação da lucta do homem isolado diante da natureza, cujo realismo lhe foi suscitado pelo caso do marinheiro escossez Selkirk; o *Tom Jones* de Fielding, é o variadissimo quadro da vida accidentada de um filho natural. N'esses romances de Smollett, *Roderick Random*, *Humphry Clinker*, nos de Richardson, como *Pamela*, *Clarisse Harlowe* e *Sir Charles Grandisson*, a minuciosidade descriptiva do meio e das circumstancias, que deviam produzir o enfado, chegam a representar tão viva a realidade, que a acção se torna

de um interesse invencivel. Por isso dizia Diderot, que se estivesse em um carcere ou no exilio, bastavam trez livros para lhe occuparem o espirito: Homero, a Biblia e *Clarisse Harlow*. Goëthe, com o seu poder esthetico, realisou no poema *Herman e Dorothea* esta transformação de uma situação vulgar da vida popular em uma impressionante Epopêa. Os Romances inglezes foram traduzidos, e alguns ainda, passados dois seculos, exercem uma intensa fascinação. Além da hegemonia da litteratura ingleza, no seculo XVII, os seus escriptores fizeram valer a sua acção social, ascendendo á intervenção na vida publica; era um esboço do poder espiritual, que ainda não está normalisado. Póde tambem considerar-se como expressão d'esse influxo hegemonico, a creação das Revistas, de que Daniel de Foë foi um dos iniciadores. Pelo seu caracter inteiramente nacional, a Litteratura ingleza foi acordar no genio germanico o sentimento individualista da raça, — dando-se o assombroso phenomeno da creação da Litteratura allemã com obras primas verdadeiramente geniaes, iniciando a época do Romantismo.

Pelo catholicismo e pelas Universidades, a Allemanha recebeu a cultura greco-romana, quando o Humanismo obedecia ao movimento do Protestantismo, não podendo o prestigio da auctoridade classica abafar o individualismo germanico que se revelava no sentimento da nacionalidade. A influencia do pseudo-classicismo francez sustentava-se pelo prestigio da moda nas côrtes absolutistas: e essa imitação deu á Allemanha uma série de escriptores banaes, inexpressivos, como

Opitz, Gryphius, Kley, Lohenstein, e Gottsched. Essa influencia deleteria vinha desde o fim da Guerra dos Trinta annos (1646) até aos fins do seculo XVIII, quando, por occasião da Guerra dos Sete annos, á Allemanha, pela communicação com a poesia ingleza antiga, se lhe revelou a tradição germanica obliterada, o elemento latente da vigorosa Edade média. A comprehensão d'este germen levou uma geração nova a dar-lhe forma artistica, como expressão do espirito nacional. A volta ao passado não era um retrocesso, mas uma orientação; foi iniciada essa nova corrente litteraria por Lessing, Wieland, Gleim, Haller, Mathisson, Voss e Hoelty; Goëthe e Schiller deram-lhe o nome de *Romantismo*, abrindo-se para a Allemanha a Era dos Genios, em que figuram Herder, João Paulo Richter, Uhland, os Schlegel e Tieck. E' no primeiro quartel do seculo XIX, que a Allemanha pela sua litteratura exerceu nas litteraturas meridionaes a sua hegemonia, pelo novo gosto e disciplina critica do *Romantismo*. Deram-se as fortes luctas doutrinarias entre *Classicos* e *Romanticos*; mas o problema foi complicado pelo antagonismo politico entre a reacção do partido catholico-feudal e o negativismo revolucionario, que se debatiam na transição ou alta provisoria das Cartas outorgadas. Mas o que era o Romantismo? Disse-o Stendhal com uma clara simplicidade: «Eis aqui a theoria do *Romantismo*: é preciso que cada povo tenha a sua litteratura propria e modelada sobre o seu caracter particular, como cada um de nós traz o fato talhado para o seu corpo.» Não basta o sentimento nacional no seu exclusivismo,

é preciso dar-lhe o relêvo da humanidade, para que uma litteratura passe além das fronteiras nacionaes e das edades; não por simples exotismo, mas pela consciencia philosophica da solidariedade humana. A renovação dos estudos da Historia, e a creação da philosophia da Arte, ou a Esthetica, em que a Allemanha foi uma iniciadora, vieram completar esta hegemonia litteraria, cuja direcção final presentiu Goëthe na phase universalista das litteraturas modernas, que Edgar Quinet definiu esplendidamente: «Racine, Molière e Shakespeare, Voltaire e Goëthe, Corneille e Calderon são irmãos. E' preciso elevar, ampliar as nossas theorias, para que haja ahi logar para todos... — Dominando as rivalidades, as inimizades, as antipathias dos climas, dos tempos, dos logares, aspiremos ao espirito universalmente uno, que está implicito nas obras inspiradas de cada povo. Até hoje o genero humano esteve em guerra comsigo mesmo, e n'estas regiões supremas da poesia, em que parece deveria reinar a paz perpetua, ahi foi o conflicto mais obstinado. — Se a época em que vivemos tem alguma valia, será seguramente por que ella acabará de pôr em plena luz esta unidade do genio dos modernos. Emquanto a critica continuava em tudo dividir, as *obras*, mais intelligentes, aproximavam já os instinctos dos povos.» Por seu turno a critica tornou-se philosophica, alargando a comprehensão das litteraturas: relacionando-as com a *sociedade*, de que ellas são a expressão (Villemain); recompondo por ellas a *psychologia* do temperamento individual, cuja vida vale tanto ou mais do que a

obra de arte (Sainte Beuve); e determinando por ellas o *meio* em que actuam *as grandes correntes da civilisação* (Taine). Tudo converge para a integração actual das bases da critica na historia litteraria.

PRIMEIRA EPOCA

EDADE MÉDIA

(Seculo XII a XV)

1.º Periodo: Trovadores portuguezes

A litteratura portugueza é um phenomeno social simultaneo com o estabelecimento da nacionalidade; para ser comprehendida nas suas manifestações do gosto, que carecterisam as suas épocas historicas, nas creações geniaes das altas individualidades, é preciso conhecer as raizes ethnicas d'este povo, que mantêm todas as feições de uma raça pura, e a sua acção de concurso na marcha da civilisação humana. Formada no seculo XII com a nacionalidade, a litteratura portugueza trouxe todos os caracteres d'essa época fecunda do desenvolvimento das Litteraturas romanicas: a lingua escripta exerce-se nas Canções subjectivas do lyrismo trobadoresco, que viera acordar os germens de uma poesia tradicional, e ao mesmo tempo o predominio da cultura latina

ecclesiastica desviou a actividade litteraria das suas fontes organicas para as traducções de lendas agiologicas e erudição escholastica. Estas duas correntes, a *tradicional* e a *erudita*, apparecem em conflicto permanente em todas as litteraturas da Edade média, variando o seu predominio conforme a vitalidade de cada povo em frente da auctoridade da cultura greco-romana, que se vae restabelecendo pela civilisação moderna. Pela riqueza dos seus elementos tradicionaes ou organicos, e pela estremada cultura senhorial e ecclesiastica, coube á França a hegemonia na formação de todas as litteraturas modernas. Historicamente se verifica, que todas as litteraturas romanicas e germanicas no seu periodo originario, imitaram as Canções de um exagerado subjectivismo e de requintado artificio poetico escriptas na lingua d'oc, que se fallava na parte meridional da França. Em quanto se estudou esta poesia separada das suas origens populares, a Provença apontava-se como iniciadora da renascença mental da Europa. Determinados esses germens tradicionaes, que evolucionaram na prioridade do desenvolvimento do lyrismo provençal, explica-se a sua prompta irradiação para a França do Norte, para a Italia, Hespanha, Inglaterra e Allemanha, suscitando essa *imitação* a revivescencia dos seus elementos nacionaes. Quanto mais vigorosos fossem esses elementos tradicionaes, mais rapidas e originaes seriam as manifestações nas outras litteraturas. Assim se observa na Litteratura portugueza: «Foi entre 1190 e 1253, que a Arte provençal, attingindo o seu auge,

se expandiu nas Côrtes directamente visinhas da Catalunha, Italia, Norte da França e da Allemanha, Inglaterra e Sicilia, e no nosso *Portugal*, fructificando em toda a parte na segunda geração, a contar de 1275.» [1] Não á influencia directa dos trovadores ocitanicos, mas á importancia que ligaram aos cantos populares dando-lhes fórma litteraria, é que em Portugal floriu no meado do seculo XII essa extraordinaria actividade poetica.

§ I

Influencia do sul da França ou Gallo-romana

A zona geographica em que se iniciou esta elaboração poetica, abrange desde o norte do Loire, passando pela ponta do lago de Genebra, da Sèvres niorteza para oéste, ducado da Aquitania, Auvergne, Rodez, Tolosa, Provença e Vienne. Foi justamente n'esta zona, que a raça gauleza ficou submettida á conquista romana; ao fixar o seu dominio, não se cruzava com o vencido, e deixava-lhe o livre exercicio das crenças religiosas, dos seus costumes e lingua, comtanto que se submettessem ao seu systema de administração, chegando no periodo imperial a fomentar o desenvolvimento da instituição municipal.

O sul da França deveu á liberdade democratica do municipalismo a conservação das suas tradições e o vigor da sua cultura. Sulpicio Severo

---

1 D. Carolina Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, II, p. 690.

escreve nos seus *Dialogos*, fazendo o contraste d'essa cultura meridional com a rudeza franka, quando se dirigia aos que lhe pediam que tratasse de Sam Martinho: «quando eu penso que sou gaulez, e que é a *Aquitanios* que eu vou fallar, tenho receio de offender os seus ouvidos muito polidos com a minha linguagem rustica; vós me ouvireis como a um labrego cuja linguagem desconhece ornatos e a emphase.» E esses que fallavam a lingua d'oc, insistiram: «Fallae *celtico*, com tanto que seja de Martinho.» Os Aquitanios eram essa raça de cabellos pretos que os celtas encontraram na sua invasão, mas que se conservou intacta á mestiçagem n'essa região comprehendida entre os Pyreneos, o Garona e o golfo de Gasconha. Nas suas Memorias de Anthropologia escreve Paul Broca: «Tudo induz a crêr, que os Aquitanios pertencem a esta raça de cabellos pretos, cujo typo se conserva quasi sem mistura entre os Bascos actuaes.» *(Op. cit.*, I, 282.) E Jorge Philipps, define esta população occidental: «Muito mais tarde, isto é, no tempo de Cesar, os Iberos possuiam ainda na Gallia a maior parte do territoriō situado entre o Garona, o Oceano e os Pyreneos; *elles se conservaram n'este triangulo*, apesar da conquista dos Ligures primeiramente, e depois, de um inimigo terrivel, a raça celtica.» A' persistencia da raça corresponde a dos costumes; Belloguet, na *Ethnogenia gauleza* (III, 329) considera as *Côrtes de Amor*, como uma sobrevivencia do costume gaulez na intervenção da mulher nos negocios publicos: «Crêr-se-ha que a tradição d'estas mulheres juizas e diplomatas, desco-

nhecida no norte da Gallia, nunca se extinguiu completamente no Meio Dia, aonde os seus tribunaes, com uma differente competencia, é certo, passaram por terem reapparecido quinze seculos mais tarde sob o nome poetico de *Côrtes de Amor*.» As assembleias poeticas ou os *Puy* (os *Outeiros*, portuguezes) foram a persistencia popular d'essa antiga instituição renovada. Os Jograes e menestreis eram os representantes dos antigos Bardos decahidos das suas funcções sociaes de poetas sacerdotes; Belloguet, fallando dos Bardos das côrtes, observa: «esta instituição atravessou seculos e tornou-se uma feição caracteristica dos costumes gaulezes e irlandezes da Edade média.» *(Ib.*, III, 335.)

A *rota*, ou o instrumento de corda a que se acompanhava o trovador, é a *croud* gauleza, que Venancio Fortunato denominava a *Chrota britana*. Certos cantos conservavam o seu antigo caracter, como a *Sirvente*, a satira com que os bardos gaulezes verberavam as acções indignas. As vacações nocturnas, provocadas pelo clima agradavel da zona gallo-romana, motivavam as fórmas provençalescas da *Aubade* e *Serena*, as alvoradas e serenadas das usanças populares; das dansas falla Santo Isidoro hispalense alludindo ao canto das *Ballimastia* (*Ballimachia* dansa guerreira?) e que durante a Edade média apparecem nas *Baylata*, *Baylia* e *Ballet*, no sul da França, Italia e Portugal ligadas á poesia amorosa. Os cantos gaulezes eram exclusivamente oraes, por que uma prohibição religiosa impedira de serem escriptos. Já sob a disciplina da Egreja catholica continuou essa

prohibição em varios Concilios, como o de Auxerre de 578, contra os cantares das donzellas, e as cantigas satiricas, dando nomes infamantes aos que os cantavam, taes como *Joculatores* (jograes) *Ministrales* (Menestreis), *Histriones, Mimi* e *Jocistae*. Sob estas maldições é que se degradou a poesia popular meridional, emfim, a tradição poetica da Occidentalidade, até ao momento em que no seculo XI a estabilidade da vida burgueza fez brilhar essa poesia, que suscitou a imitação de Guilherme IX, conde de Poitiers e Duque de Aquitania (1087) apontado como o primeiro Trovador. O phenomeno da Poesia provençal foi este resurgimento de uma tradição apagada, que penetrou nas Côrtes senhoriaes e reaes, onde se desenvolveu como planta agreste a Canção do povo, que se tornou artistica. A esse *typo popular* se referem os trovadores nas suas canções subjectivas: Guilherme de Bergadan faz uma canção em um *son veill antic*; Cercamons é considerado pelos outros trovadores como auctor de *Pastorellas* no *gosto antigo*. E como a Canção do povo era simultaneamente cantada e bailada, os trovadores distinguiam-se não só pela arte de trovar, como de «cantar e bailar a la provençalesca.» Jaufre Rudal fez *bons vers el ab bons sons*; Peire d'Alvergne fez *li meiller sons de vers*; Pons de Capduel *trobava, viulava e cantava ben*; Peire Rogier *trobava e cantava ben*. Pela entrada da poesia trobadoresca nas côrtes, e imitada por principes e reis, nem por isso esses cantores do lyrismo occitanico perderam a sua origem plebeia. D'entre a grande lista dos trovadores provençaes, vinte

são conhecidos como Jograes de officio, quinze fôram burguezes dados ao commercio ou filhos de commerciantes; quinze eram escribas (clercs) e mesteiraes; assim Elias Cairel era ourives, Guilhem Figueira alfaiate, Peire Vidal filho de um peliteiro, Perdigon filho de pescador, Bernard de Ventadour filho de um forneiro, Albert e Elias de Fonsalada descendentes de jograes. Póde-se inferir, que uma das causas que actuaram na revivescencia da tradição lyrica occidental foi o desafogo da vida burgueza durante a época das Cruzadas. A primeira Cruzada publicada em 1095 fez com que a classe senhorial se ausentasse dos seus castellos para a conquista do Sepulchro; a estabilidade civil desenvolveu pacificamente as suas garantias, em um bem estar que levava a idealisar os velhos costumes. Este esplendor poetico ou efflorescencia da Poesia provençal dava-se no periodo intermediario das Cruzadas: da primeira (1095) até á ultima (1268) é que o lyrismo occitanico se esboça litterariamente. Como se espalhou por todas as côrtes da Europa esta nova poesia do amor? Não foi sómente pelas viagens aventureiras dos trovadores meridionaes, mas pelo gosto que elles acordaram ligando-se interesse aos cantos lyricos populares em uma fecunda crise social. Canções lyricas, que pareciam originarias da Provença appresentavam similes em Italia, na Galliza e Portugal, em Valencia, Aragão e Castella, taes como as *Pastorellas,* as *Balladas,* as *Serranas* e *Cantares de Amigo.* Extraordinario problema litterario, por que não provindo de uma imitação directa, revelava um typo primordial con-

servado em um fundo anthropologico persistente das populações meridionaes. Paul Meyer considerando as analogias com as antigas Balladas provençaes chegou á conclusão, que — «*fôram concebidas segundo um typo tradicional, que devera ter sido commum a diversas populações romanicas, sem que se possa determinar em qual d'ellas fôra creado.*» (Romania, n.º 6, p. 265.) O problema assim proposto explica-se por esse fundo ethnico da Aquitania, a que pertenceu a Gallecia; esse typo lyrico ainda persiste na poesia popular dos povos romanicos colligida com interesse pelos folkloristas. Fauriel foi o primeiro que, apesar de reconhecer a poesia trobadoresca como uma floração do espirito da cavalleria, teve a intuição que ella provinha de uma raiz popular, que a antecedera. Desde esta affirmação até á sua plena prova, foi longo o trabalho critico para a sua comprehensão. E comtudo não se tinha perdido completamente a noção d'esta proveniencia, que se definia nos dois estylos dos trovadores: empregava-se o estylo *plan, leu* ou *legier,* ao alcance do vulgo; e o estylo *car, clus,* requintado na fórma e requintado nas argucias do sentimento. Era este o que se desenvolvia nas fórmulas da cortezania que exprimiam as theorias do Amor. Essas fórmas populares, de que foram typo as *Villanellas* da Gasconha, [1] eram reproduzidas pelos

---

1 Montaigne conheceu o valor artistico d'estas Canções populares da Gasconha: "La poesie populaire et purement naturelle a des naifvetez et graces, par où elle se compare á la principale beauté de la poesie parfaite, selon

trez mais antigos trovadores da primeira metade do seculo x, depois do duque da Aquitania, Guilherme de Poitiers, todos trez nascidos na Gasconha, para lá do Garona: Cercamons, Marcabrus e Peire de Valeira, escrevendo embora em um dialecto que não é o de sua terra. Na segunda metade do seculo XII, propriamente na edade de ouro dos trovadores, quando povo e burguezes rivalisam com a nobreza, o trovador Giraud de Borneil, que se sentia vaidoso por lhe cantarem as suas Canções pelas côrtes, mostra que o seu desejo seria que ellas fossem cantadas pelas raparigas, as filhas do povo quando vão á fonte.

E' aqui que surge o problema litterario da origem d'estas canções populares do estylo *plan* ou *legier*, que attribuem á França do norte Gaston Paris e o seu discipulo Jeanroy, por ventura fundados na affirmativa de Raymond Vidal, do seculo XIII: «*La parladura franceza* val mais et es plus avinenz a far *romanz et pasturelles*; mas cella de Lemosin val mais per far vers, et cansons et serventes.» Concilia-se bem esta affirmativa com a situação da origem meridional; o reino da Aquitania, fôra fundado por Carlos Magno para defender das invasões mussulmanas as fronteiras do seu imperio. Essas luctas contra o Andaluz inspiraram poemas como o de *Guilhaume*

---

l'art; comme il se veod es *Villanelles* de Gascoigne, et aux chansons qui n'ont coignoissance d'aulcune science, n'y meme d'escripture.» *Essais*, liv. I, cap. 35. — Miguel Leitão de Andrade, no fim do seculo XVI tambem dava este nome de *Villanellas* ás Canções populares portuguezas.

au court nez, e os cantos populares, que então Carlos Magno mandava colligir revelam que n'esse tempo algumas melodias meridionaes passaram para a tradição lyrica germanica.

A eschola trobadoresca mais brilhante foi a de Tolosa, entre a Gasconha e o Auvergne, o fóco mais antigo e natural da poesia meridional, como observou Fortoul, notando que a Provença, entre o Rhodano e os Alpes foi a eschola menos fecunda e menos celebre. O titulo de poesia provençal, torna-se, pela sua extrema generalidade, uma designação falsa, apesar do brilhantismo das suas côrtes aristocraticas. A poesia trobadoresca teve differentes fócos, ou centros de cultura: no fim do seculo XI Poitou, Saintonge e Guienne, em que a nobreza, apoz Guilherme de Poitiers cultiva a Canção de amor; no comêço do seculo XII, é o fóco da Gasconha e Auvergne, em que o gosto popular apparece simultaneo com o enthusiasmo da nobreza; em que Cercamons, Marcabrus, e Peire de Valeira revelam a dependencia da tradição poetica, e Pierre de Auvergne a preoccupação litteraria; entre a zona oriental e a occidental ha o fóco do Limousin, Perigord e Quercy, em que o povo e a burguezia rivalisam com a nobreza na arte e espirito; e abaixo d'estes limites nas margens esquerda e direita do Rhodano, a Provença e o Languedoc (Tolosa e Montpellier). Pela determinação d'estes fócos é que se caracterisam as correntes do lyrismo, como as migrações dos trovadores, levando para as diversas côrtes o interesse ou a moda do *gai saber*.

A propagação do lyrismo á Italia é simulta-

nea com a da Allemanha; no meado do seculo XII e principio do seculo XIII os imperadores Frederico I e II, não só imitaram a poesia trobadoresca, como a favoreceram e animaram em Arles, revindicada ao seu dominio, como em toda a Lombardia, onde faziam expedições militares e tinham a base da sua politica. Na Italia as principaes cidades do norte, como Genova, Massa, Casal, Mantua, Ferrara, Veneza, apresentavam trovadores naturaes que rivalisavam com os de Marselha e Tolosa. Estas correntes lombarda e italiana, foram conhecidas em Hespanha. A Inglaterra recebeu o influxo da poesia trobadoresca, na segunda metade do seculo XIII, quando a sua côrte estava no meio dia da França, relacionando os poetas anglo-normandos com os *limosinos*.

Em Hespanha a corrente dos trovadores entra não só pela relação politica dos Condes de Barcelona com a Provença, como pelas cruzadas contra os mussulmanos, mais sympathicas a esses cantores do que as expedições da Terra santa. Os Condes de Barcelona eram senhores de Narbona, Carcasonne e Bearn; pelo casamento de Ramon Beranger III, (1112) com Dulce, Condessa de Provença, liga-se a peninsula italica á Hespanha; e Ramon Beranger IV, incorpora ao seu estado *Aragão* ficando constituida a unidade catalã. Ha um esforço para acclimar a poesia provençal no sul dos Pyreneus, chegando ao seu esplendor sob Jayme I, emulo do castelhano Affonso o Sabio.

A Castella propaga-se essa nova poesia desde o casamento do Conde de Barcelona Ramon Beranger IV, com uma filha do Cid, como tambem

pelo casamento da formosa Berenguella, irmã do conde de Barcelona Ramon Beranger IV, com Affonso VII (imperador) 1128. E' d'aqui que data a cultura provençal em Castella, encontrando-se n'essa côrte os trovadores Marcabrus, Pierre de Auvergne, Geraldo Calansa, Gavaudan, Peire Vidal, Rambaud de Vaqueiras; assim tambem junto de San Fernando e Affonso X, Bonifazio Calvo, Nat de Mons, Giraud Riquier, Guilherme de Bergada e Hugo de San Cyr. As côrtes de Aragão e de Castella abriram-se aos trovadores provençaes perseguidos pelas guerras de exterminio contra os pobres sectarios albigenses; operou-se ahi uma como restauração da poesia provençal. Referem-se á côrte de Castella e de Affonso o Sabio os trovadores Galceran de San Didier, Bertrand Carbonell, Ramon Lator, Bartholomé Zorgi, Paulet de Marselha, Bertrand de Rovenhac, Bertrand de Born, filho; Aymeric, de Belenoi, Hugo de la Escura, Elias Fonsalada, Arnaldo Palagués, Ramon de Castelnau, Guilhelm de Montagnanout, Fulquet de Lunel.

Na côrte de Leão, antes de estar unida á Castella, Affonso IX protege os trovadores, que exaltam a sua cortezia e liberalidade; entre elles destacam-se Hugo de San Cyr, Guilherme de Adhemar e Elias Cairel. E quando unida a Castella, sob Fernando III, o Santo, brilham ahi Bertrand de Almansor, Sordello mantuano, Azemar o Negro, Adhemar, e Giraud de Borneil, denominado o *Mestre dos Trovadores*. E tinham estes trovadores visitado a côrte de Leão e Castella, por que Fernando III «pagabase de omes de côrte

que sabian bien de trovar et cantar, et de joglares que sobiesen bien de tocar estrumentos, ca de esto se pagaba et entendia mucho, et entendia quien lo facia bien et quien no.» Seguindo esta corrente de Catalunha (Condado de Barcelona) Aragão, Navarra, Castella e Leão, é que a Poesia provençalesca chegou a Portugal.

Como é pois que o lyrismo trobadoresco portuguez se propagou inicialmente a todas as côrtes peninsulares, como o affirmou na sua celebre Carta o Marquez de Santillana? Este facto, que só modernamente se explica, dá uma feição excepcional e unica á *Eschola trobadoresca portugueza*. Ella estabeleceu-se fóra de toda a influencia directa ou immediata dos trovadores occitanicos. Os modernos estudos sobre a litteratura portugueza levaram á conclusão de que se não descobrira prova manifesta de qualquer trovador, mesmo dos que frequentaram as côrtes de Leão, Aragão e Castella, visitarem a côrte de Portugal. Determinada a época em que floresceu a poesia trobadoresca do meio dia da França, o lyrismo portuguez foi synchronico, desenvolvendo-se sobre os elementos tradicionaes populares, quando a vida nova da Nacionalidade que se affirmava autonoma se expandia por essa energia organica e profunda. No estudo *A Poesia provençal na Edade média* Jeanroy apresenta esta situação excepcional do lyrismo portuguez, que pela sua linguagem se impôz ás outras côrtes peninsulares: «Não é facil de explicar como Portugal exerceu este influxo que parecia competir ao Aragão ou a Castella.

Effectivamente as suas relações politicas com o Meio Dia da França eram muito raras, e restricto o numero dos trovadores que a visitaram (isto é, que alludem a Portugal.) O que é certo é, que desde o inicio d'esse seculo, a poesia provençal era conhecida em Portugal, e que durante uma centena de annos pelo menos, todas as fórmas fôram apaixonadamente imitadas pelos fidalgos das côrtes de Sancho II, Affonso III e Diniz, que foi elle mesmo um dos mais habeis d'esses imitadores: Esta floração foi mais rica do que original: os trovadores *gallezianos,* como os troveiros do Norte, foram simples traductores, e nas innumeras Canções que nos deixaram, por ventura não haverá uma que não seja um centão.»

Ha evidentemente aqui um absurdo. Como, em uma tão crassa imitação, poderiam exercer nas côrtes peninsulares frequentadas pelos mais brilhantes trovadores occitanicos, uma influencia deslumbrante os trovadores gallezianos? Jeanroy prosegue, precisando uma causa, que elle aponta sem comprehender:

«Mas estes poetas, embora impregnados de fórmas estudadas, tiveram a ideia original e encantadora de *penderem para a poesia popular*, e de salvarem do esquecimento, remodelando-a por litteratos, alguns dos generos que ahi subsistiam desde muitos seculos. Alguma cousa de analogo tinha sido tentado no Norte da França, mas com esmeros litterarios cujo excesso desnaturou completamente os generos, em que só podia tocar uma mão leve e respeitosa: as nossas *pastorellas*, as nossas canções de *alvorada*, da *Malmaridada*, a

mais das vezes requintadas ou licenciosas, não são senão aldeãs de opereta, tergeiteiras e provocantes. Em Portugal, pelo contrario, estas *Cantigas de Amigo,* que os poetas cortezanescos collocavam na bocca das ingenuas raparigas do povo, — Canções de dansa, de romarias e de despedida, — são por vezes maravilhosas pela ingenuidade ou travessura; bem parece em algumas, que nos achamos tão perto, quanto possivel da fonte popular, e não é uma pequena surpreza o encontrar n'estes enormes ramalhetes de flores artificiaes, que são os *Cancioneiros,* algumas frescas primaveras, cujo brilho nos parece, graças a este contraste, mais vivo ainda e o perfume mais suave.

«Mas isto não era mais do que um feliz accidente. Em Portugal, como na França do Norte, a poesia cortezã, não tem, por assim dizer, existencia propria; ella não é senão um reflexo de uma luz já de si bem pallida.» [1]

Esse caracter de ingenuidade popular proveiu de uma existencia propria e não de uma imitação servil. O lyrismo trobadoresco portuguez serviu-se de uma lingua nacional, que tornou Portugal o Poitou das côrtes peninsulares, e exprimiu sentimentos do ethos luso, que não se confundem com os que se repetem nas Canções dos provençaes. Henry Lang, no prologo da sua edição do Cancioneiro de Dom Diniz define este caracter original, que notou pelos seus estudos: «O serviço que os Provençaes prestaram a Portugal resume-se no

1 *Rev. des Deux-Mondes,* 1903 (Fevereiro) p. 687.

exemplo que deram, abrindo caminho á lyrica popular pelo acto de penetrarem nos regios salões... Só sobre a base ampla de uma lyrica nacional, e graças ao talento poetico e á indole sentimental de gallegos e portuguezes, é que a lyrica palaciana trobadoresca póde desenvolver-se viçosa e com aquella originalidade e graça que lhe assegura um logar á parte na historia da Poesia meridional.» (*Op. cit.*, p. CXLIV.) E' o que se chama acção de presença, nos phenomenos catalyticos; a essa critica esthetica falta dar-lhe a base historica.

Eschola trobadoresca portugueza

O governo de Dom Affonso Henriques, (nascido em 1109, e batalhando desde os dezenove annos para manter a autonomia de Portugal e alargar-lhe o seu territorio para o sul, em uma actividade heroica que se prolongou por cincoenta e sete annos até á sua morte provecta em 1185,) não parecia prestar-se ás galanterias de uma côrte, enaltecida por apparatosas festas, e a attrahir os trovadores que prégavam a cruzada contra os Sarracenos. Mas esta mesma situação fazia com que elles se lhe dirigissem nas suas Canções, incitando-o para a lucta. Fauriel aponta o trovador Marcabrus, do ramo da Gasconha, da Aquitania, como tendo visitado as côrtes christãs de áquem dos Pyrenneos «nomeadamente a de Portugal, e é o unico dos trovadores positivamente conhecido por ter visitado esta ultima.» [1] Marcabrus inci-

[1] *Histoire de la Poesia provençale*, t. II, p. 6. Não se tem verificado em pesquizas ulteriores.

tava-o a ligar-se com as pequenas potencias do Mediterraneo para a lucta contra os Almohades, ajudando Affonso VII:

> Al lavador de *Portegal*
> E del Navar atretal,
> Al sol que Barsalona i a vir.
> Ver Toleta l'emperial,
> Segur poirem cridar reial
> E paians gen desconfir.
> (Raynouard, *Choix*, t. V, p. 130-150.

Em uma outra Canção envia uma saudação a Portugal:

> En Castella et en Portugal
> Na trametré aquestas salutz.

Um outro trovador, Gavaudan o Velho, incitando por uma canção os monarchas da Peninsula contra a invasão de Mohamed al Nassir, que chegara a Sevilha com cento e sessenta mil homens, allude a Portugal, exclamando ironicamente:

> *Portugales*, Gallicx, Castellas,
> Navarrs, Aragones, Ferraz,
> Lura ven en barra sequitz
> Qu'els au rahuzatz et unitz.
> (Raynouard, *Choix*, t. IV, p. 36, 87).

Segundo Baret, as Canções de Cercamons e Peire de Valeira foram tambem conhecidas em Portugal, (*Trob.*, p. 119) assim como do desvairado Peire Vidal. O conhecimento das Canções trobadorescas tornou-se mais directo, desde que D. Affonso Henriques casou em 1146 com a princeza Mahaut (Mafalda, de Saboya e Mau-

riana); este casamento seria motivado pelas relações do Conde Borgonhez, por que então a Saboya formava parte da Borgonha. Mafalda era bisneta de Raymundo Beranger, o Velho; assim estava relacionado com os Condes de Barcelona. Pelos casamentos de seu filho, D. Sancho I, com Dulce, de *Aragão*, e de Mafalda com esponsaes com Raymundo Beranger de Aragão, e Urraca com o rei Fernando II de *Leão*, a fidalguia portugueza entrava no convivio faustoso d'essas duas côrtes, pondo-se em contacto com os trovadores provençaes e italianos que as frequentavam.

Na Côrte de Guimarães não havia logar para festas que attrahissem os trovadores; D. Affonso Henriques andava absorvido no esforço da integração do territorio lusitano, reconquistando-o sobre os Arabes, e no desenvolvimento das cidades que ia resgatando, e ainda com as allianças defensivas com as outras monarchias hispanas. Os trovadores occitanicos proclamavam a necessidade da união iberica imperial, e não teriam por isso grande sympathia por este pequeno estado autonomo e altivo, em que na cultura ecclesiastica predominava a influencia da França do Norte. Mas, apesar d'esta omissão da presença de trovadores, *Guimarães* foi o centro vital da primeira elaboração poetica: «dentro dos limites portuguezes, *Guimarães* foi o primeiro centro de Artes.» [1] Fundamentemos. O centro politico da recente nacionalidade portugueza estabeleceu-se em Guima-

1 D. Carolina Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, II, p. 766.

rães, um burgo populoso, que se desenvolvera pelo acolhimento á protecção do Mosteiro duplex, fundado pela viuva Mumadona, pelo meado do seculo x, e pela segurança do Castello fundado sobre a montanha fronteira para defender o Mosteiro do perigo das incursões dos Normandos. Sob D. Affonso Henriques ahi se estabeleceu a sua Côrte; é tambem ahi que um Sanctuario venerado attrae os crentes e as generosas offertas; é ahi que uma população agricola, mas essencialmente industrial e fabril, se reune como elementos organicos de uma sociedade nova e fecunda. Essa povoação alegre, segura e rica tem o prazer do canto e da dansa, como ainda hoje em todo o Minho; e essa Côrte e o venerando Sanctuario vão ser os meios onde as *Cantigas de amigo* e as Bailias vão transformar-se artisticamente nas Canções e Sirventes da Côrte, e nas Sequencias das festas ecclesiasticas. O burgo cujas liberdades e costumes foram garantidos pelo Foral do Conde D. Henrique em 1095, em breve é o ponto em que se reunem em Côrtes os proceres ou fidalgos, e os bispos; é ahi que junto ao Castello se edificam os Paços reaes, e Guimarães torna-se o fóco de toda a resistencia de D. Affonso Henriques defendendo a autonomia Portucalense. Longe dos assaltos dos Sarracenos, a população vimaranense exerce a sua actividade na fiação do linho, na serralheria e curtimento dos couros. A vida burgueza vivifica a Canção tradicional, que acompanha os bailes de terreiro e as romarias distantes. O caracter burguez dos trovadores occitanicos ajuda-nos a comprehender esta expansão da poesia

lyrica. Ondas de poesia brotavam d'este centro, que encantava os fidalgos, que não hesitavam a tomar conhecimento d'ella e exhibil-a nas côrtes de Leão, Aragão e Castella. A Galliza estava então decahida da sua autonomia, escravisada na incorporação leoneza; e afastada das relações de Portugal, desde as luctas contra D. Thereza e os fidalgos Gallegos. Era uma efflorescencia inteiramente portugueza. A população de Guimarães differençava-se segundo a sua situação: a superior, junto do Castello de San Mamede, pelo seu desenvolvimento fórma a freguezia (*filius ecclesiæ*) de San Miguel, á qual D. Affonso Henriques confere privilegios e jurisdicção propria; a inferior agrupa-se em volta da Egreja e mosteiro de Santa Maria. Eram os dois Concelhos rivaes, tendendo a absorverem-se, luctando pela imposição dos seus privilegios ou murando-se para segurarem a sua independencia. Esta rivalidade dos dois Concelhos só veiu a terminar sob D. João I, trazendo estimulada as duas povoações em uma energia social, em espirito de independencia, que suscitava o enthuziasmo pela tradição poetica semi-apagada em outros concelhos distantes. A *villa velha* e a *villa do Castello* criaram a energia popular da laboriosa e rica Guimarães unificada nas suas magistraturas locaes, quando a Côrte portugueza teve de deslocar-se para o sul, para Coimbra, e pelos progressos da reconquista até Santarem e Lisboa.

Reconhecendo o extraordinario valor d'esta efflorescencia da poesia popular, escreve D. Carolina Michaëlis, accentuando a sua importancia: «a

preexistencia de uma poesia nacional rustica sacra e profana especialmente na Galliza — para o problema das origens, os contactos com os representantes das diversas nações latinas com a Galliza d'áquem e de além Minho, e com o reino Asturoleonez nos seculos XI e XII, (digamos até 1213) são de valia incontestavelmente superior aos que tiveram logar nos seculos XIII e XIV: a estada de D. Affonso III, na côrte de S. Luiz, e a sua longa demora em Bolonha, assim como a educação de D. Diniz por Aimeric d'Ebrard de Cahors.» [1] Destacamos esta preexistencia, n'este primordio historico na *Galliza de áquem Minho*, onde actuava o impeto de uma nação recentemente constituida.

A Galliza, apesar dos seus antecedentes ethnicos persistentes e das tradições lyricas populares oraes pouco podia influir na expansão e florescencia do Lyrismo gallecio portuguez. Pouco durou a sua independencia como Condado livre em 863, sendo como consequencia do espirito unitarista da reconquista christã, annexada a Leão em 885; não lhe valeu a resistencia de vinte e cinco annos para recuperar a sua autonomia, caíndo outra vez n'essa unificação forçada em 981; e sob a acção imperialista de Affonso VI, foi incorporada para sempre a Castella em 1073. E á medida que a Galliza foi perdendo o espirito da liberdade e a esperança de independencia, a sua lingua foi

---

1 *Cancioneiro da Ajuda*, t. II, p. 690: ideia tambem sustentada por Lang.

abandonada pelas pessoas cultas, mantendo-se no simples uso popular, n'uma atrazada rusticidade, tornando-se por isso muito raros os seus monumentos escriptos ou litterarios.

N'esta situação miseranda, que influencia poderia exercer a Galliza n'esse phenomeno brilhante do apparecimento do Lyrismo peninsular, que irradiou do norte da Hespanha, da região galecio portugueza? Nenhuma.

E comtudo o facto deu-se; reconheceu-o ainda no meado do seculo XV o Marquez de Santillana, mas sem explical-o. O mesmo succede ainda aos modernos criticos, ao pôrem em evidencia a extraordinaria importancia d'esta renovação iniciadora; escreve D. Carolina Michaëlis: «ondas de poesia popular, sahidas do coração palpitante da Galliza, haviam attingido ao mesmo tempo o sul (Portugal) e o leste (Leão) despertando em ambos os reinos o proposito de, procedendo como os provençaes, catalães e francezes, darem á vida aulica um nimbo poetico de intellectualidade e de arte por meio da cultura da Poesia, da musica e da dansa, aperfeiçoada segundo o gosto então dominante da Provença.» (Canc. d'Aj., II, 765.) Para explicar esta influencia da Galliza, morta para a autonomia politica na época da expansão do lyrismo trobadoresco, (1150 a 1213) Menendez y Pelayo recorre ao seguinte argumento: «O grande feito da Peregrinação compostellana é o que dá mais luz sobre as origens da poesia nova.»

«...Foi disposição providencial... que ...incessantes ondas de peregrinos, vindo de todas as regiões do Centro e Norte da Europa, trouxessem a

Santiago, ao som do *Canto de Ultréa,* os germens da sciencia juridica e escholastica e as sementes da Poesia nova.» (Antol., III, p. XII.) Menendez y Pelayo faz a Galliza apenas o reflector de uma extranha poesia, sem attender aos seus vigorosos germens tradicionaes; D. Carolina abraça este influxo das peregrinações a Compostella, sem reparar que a fragmentação da Galliza, constituido o Condado Portucalense que se tornou nação independente (1139), deslocara as energias organicas para Portugal ou a Galliza do Sul. A decadencia successiva do galleziano e o uso escripto da lingua portugueza, ficando aquelle um simples dialecto, proveiu d'este facto decisivo, o da formação de uma nacionalidade com condições de resistencia e de acção historica. E á medida que Portugal foi estendendo o seu dominio, incorporando até D. Affonso III cidades lusitanas do sul, a lingua fallada por essas povoações veiu differenciar a lingua portugueza, que se exercia, da lingua gallega, que estacionava. Não foi propriamente illusão a affirmativa do P.e Sarmiento, que via na linguagem das Cantigas do rei Affonso o Sabio o «*galleguo antiguo, al qual se parece mucho el portuguez.*» Affonso o Sabio não ia estudar uma lingua archaica e sem cultura, quando estava em relação intima de interesses e parentesco com a Côrte portugueza. E não errou Argote y de Molina, quando observara que na *lingua portugueza,* se escreviam todas as coplas, desde D. Henrique III até D. Juan I. *(Nobl. d'Andal.,* cap. 148.)

Agora comprehender-se-ha melhor o texto da

Carta ao Condestavel de Portugal, em que o Marquez de Santillana accentua a prioridade do lyrismo trobadoresco no norte da Hespanha: «E depois acharam esta *Arte*, que *Maior* se chama, e *Arte commum*, creio, nos reinos da Galliza e Portugal, aonde não ha que duvidar que o exercicio d'estas sciencias mais do que em nenhumas outras regiões e provincias da Hespanha se acostumou; em tanto grão, que não ha muito tempo quaesquer Dizidores ou Trovadores d'estas partes, ou fossem castelhanos, andaluzes ou da Extremadura, todas as suas obras compunham em lingua gallega ou portugueza. E ainda é certo que recebemos os nomes de arte, como *Maestria Maior* e *menor, encadenados, lexaprem* e *mansobre*.» (§ xv.) Quando este phenomeno se operou já de longos annos não existia o reino da Galliza, reduzida a provincia castelhana; trovadores portuguezes frequentavam as côrtes de Leão, de Castella e Aragão, onde exhibiam os seus versos em lingua portugueza; e quando Santillana notava o facto «que não ha muito tempo» referia-se a essa revivescencia do gallego do seculo xv, memorando Macias, Vasco Pires de Camões, e ainda o Arcediago de Toro, Villasandino e D. Diego de Mendoza. Por tudo isto se destaca a independencia da *Eschola trobadoresca portugueza*, que andou anachronicamente confundida com o elemento gallego.

As referencias que se fazem ao genio e lingua gallega, no seculo XIII, correspondem a uma época adiantada da Eschola trobadoresca portugueza, quando os Jograes gallegos concorreram á Côrte de Guimarães. No *Planeta*, de Diego de Campo

(1218) dirigido ao arcebispo D. Rodrigo, exalta: «*Galaecos in loquela:*» e nas Regras de Trobar, de Jofre de Foxa (1288 a 1327), a par da eschola franceza, provençal e siciliana, cita o *gallego*, isto quando floreseia o cyclo dionisio, em cuja côrte viviam fidalgos e jograes gallegos compondo as suas canções em portuguez, renovando as melodias e as cantigas populares.

Este caracter popular do lyrismo é que dá todo o realce á *Eschola trobadoresca portugueza*. No seculo XII deu-se o phenomeno da creação da musica moderna pela harmonia dos *sons simultaneos*, que a antiguidade não conheceu; eram principalmente as mulheres que cantavam, alterando-se o acompanhamento para grave, em que o Descante se fazia com terceiras. Este phenomeno ainda se observa nas povoações do Minho, e já fôra notado no seculo XVII pelo Marquez de Montebello: «Com grande destreza se exercita a musica, que é tão natural em seus moradores esta arte, que succede muitas vezes aos forasteiros que passam pelas ruas, especialmente nas tardes de verão, parar e suspenderem-se ouvindo *as trovas que cantam em córos, com fugas e repetições as raparigas*, que para exercitar o trabalho de que vivem, lhes é permittido.» Nas *Cantigas de amigo*, dos Cancioneiros portuguezes são as raparigas que fallam de amor, das ausencias e da chegada dos seus namorados: são ellas que fazem as bailias, ou dansas coreadas, e as que cantavam nas egrejas os «psalmos compositos et vulgares» a que allude um canon de San Martinho de Braga. Fixando este aspecto da *Eschola trobadoresca portugueza*,

nota D. Carolina Michaëlis: «Em Portugal são — meninas em cabello as que os peninsulares celebram nos seus versos de amor, as introduzem como figuras dramaticas em *Cantares de amigo*. Por isso são tratadas com muito mais cerimonia e recato.» D'aqui tira a differença entre os trovadores portuguezes e os provençaes:

«N'esta parte os de Portugal talvez lhes levem vantagem: na sinceridade dos sentimentos e na ingenuidade com que os exprimem. Mas de que vale isso, se esses sentimentos são sempre os mesmos, de uma delicadeza e mesmo tão perfeita que chega a desesperar?

«Nos *Dizeres* de escarneo, por ventura a palma deve ser conferida aos peninsulares. E egualmente nos *Cantares de amigo*, de caracter popular, que constituem o seu mais valioso patrimonio.» (*Canc. d'Ajud.*, II, 682.) O illustre Milá y Fontanals, que estudou os Trovadores catalães reconheceu os caracteres que destacam a *Eschola trobadoresca portugueza*: «Pela época em que esta começa a florescer e pelo tom que n'ella domina, pela ausencia de erudição escholastica e tambem pela gerarchia da maior parte dos que a cultivaram, é entre as poesias lyricas da Hespanha, aquella que com mais exactidão se póde denominar *Eschola de Trovadores*, e se as suas composições offerecem alguma analogia com as dos provençaes que mais se distinguem pela *naturalidade* e pelo *caracter affectivo*, a esphera das ideias n'aquelles é todavia mais limitada, o estylo mais simples e menos ambicioso, o que, apesar da grande mono-

tonia, não deixa de offerecer certo attractivo.» [1] Essa simplicidade natural e apparente monotonia, é uma caracteristica do genio portuguez, uma das suas feições inconfundiveis, tão difficilmente apprehendidas pelos estrangeiros ao primeiro encontro. Sobre este fundo organico e preexistente é que a Eschola trobadoresca portugueza evoluciona em um periodo que vae de Dom Sancho I até Dom Pedro I, representadas pelas fórmas do seu Lyrismo as trez Nacionalidades hispanicas: a Asturo-Galecio-Portugueza, tendo como chefe o rei Dom Diniz, a Catalana-Aragoneza com Jayme I, e a Castelhana, com Affonso o Sabio. Foi n'este concurso do genio esthetico que competiu a Portugal a reconhecida hegemonia.

Determinada a existencia de um fundo tradicional e popular do Lyrismo portuguez, foi na Côrte que elle teve o pleno desenvolvimento artistico, conservando o seu caracter original a par das imitações trobadorescas e persistindo na litteratura pela revivescencia nos mais vigorosos genios poeticos. Como entrou e prevaleceu na Côrte este rudimento da Canção popular? Como resistiu e se impoz ás manifestações artificiosas de uma poesia allegorica com que os trovadores ocitanicos exprimiam as doutrinas do Amor? Pelo conhecimento do meio *courtois*, nas suas relações com as Côrtes peninsulares, não só pelos casamentos reaes, mas ainda pelos conflictos que forçaram por vezes muitos fidalgos de Portugal a refugiarem-se n'es-

1 *Os Trovadores em Hespanha*, p. 533.

sas Côrtes, é que se póde comprehender este phenomeno excepcional: a originalidade da Eschola trobadoresca portugueza, e esse outro facto extraordinario de ser a *lingua portugueza* a preferida nas Côrtes peninsulares para a expressão do nascente lyrismo.

Sobordinada a Eschola trobadoresca portugueza, na sua evolução, ás modificações por que passou a Côrte nas suas phases historicas, e em frente dos documentos litterarios chronologicamente agrupados, ella constitue estadios:

— *Cyclo pre-Affonsino* (1185 a 1248): que abrange os tres reinados de D. Sancho I, D. Affonso II e D. Sancho II.

— *Cyclo Affonsino* (1248 a 1279) em que durante o reinado de D. Affonso III a poesia lyrica é cultivada principalmente pelos fidalgos que estiveram com elle na côrte franceza.

— *Cyclo Dionisio* (1279 a 1385) em que o rei D. Diniz, como o mais fecundo e mais talentoso trovador portuguez cultiva e protege a lyrica artistica e ao mesmo tempo os que conservam a sympathia pelas cantigas populares.

— *Cyclo post-Dionisio* (1325 a 1357) em que as Canções provençalescas são substituidas pela imitação dos Lais bretãos,que tornando-se narrativos determinam a fórma da Novella.

a) — *Cyclo pre-Affonsino:* As luctas incessantes de D. Affonso Henriques para manter a autonomia do estado de Portugal contra a absorpção castelhano-leoneza, e as campanhas contra os Arabes para estender o dominio d'esta quinta Monar-

chia para o sul, encheram o seu longo reinado, não dando logar aos ocios da côrte e ás festas palacianas, que attrahiam os mais celebrados trovadores. Nos seus perseverantes estudos sobre esta época, chegou D. Carolina Michaëlis a esta conclusão negativa, mas importante nas suas consequencias:

«Da vinda de Trovadores a Guimarães, Porto, Coimbra, Lisboa, Santarem, nada de positivo consta todavia, apesar das relações de parentesco, das allianças, da influencia das colonias frankas, quer antes quer depois de 1200.» (*Canc. Aj.*, II, 723.) Isto revela como os germens tradicionaes não foram abafados por uma imitação banal das fórmas provençalescas. Mas o gosto pelo lyrismo foi suscitado pelo que se passava nas outras côrtes. A filha do primeiro rei de Portugal, D. Urraca, é casada com Fernando II, rei de Leão, (divorciado por imposição do papa a pretexto de parentesco); d'este casamento nasceu D. Affonso V, pae de Fernando III, o Santo, esse que tanto protegeu os trovadores que frequentaram a sua côrte, e que reuniu á Corôa de Leão a Corôa de Castella. Pelas relações intimas com a Côrte de Leão, poderam os fidalgos portuguezes conhecer os trovadores provençaes que a frequentavam e apreciar as suas Canções. Sob a impressão dos cantares de Hugo de San Cyr, Guilherme de Adhemar, Elias Cairel, de Beltran de Almanon, Sordello de Mantua, Azemar o Negro, e do grande mestre dos Trovadores Giraud de Borneil, os trovadores portuguezes adaptaram a lingua nacional á expressão do sentimento amoroso, na sua fórma metrica, vindo assim a tornar a lingua portugueza exclu-

siva da nova poetica nas Côrtes peninsulares. No seu esforço para manter a autonomia de Portugal contra a absorpção castelhana, D. Affonso Henriques allia-se com a monarchia catalano-aragonesa, vindo seu filho D. Sancho I a casar com D. Dulce, ou Aldonça, irmã de Ramon Beranger IV; outra irmã d'este, D. Berenguella, casa com Affonso VII (o Imperador) primo do primeiro rei de Portugal. As festas d'este ultimo consorcio foram celebradas por tomarem parte muitos trovadores e jograes. A rainha Berenguella introduziu na côrte de Castella a civilisação provençal, e ahi nos apparecem os trovadores Marcabrus, Gavaudan o Velho e Peire Vidal, os unicos que nas suas Canções se referem directamente a Portugal: ahi dois trovadores Rambaud de Vaqueiras e Bonifazio Calvo compozeram Canções na lingua portugueza! Por estas relações com as côrtes de Leão, Aragão e Castella, alargavam-se as visitas dos fidalgos portuguezes, tendo de competir com os mais afamados trovadores, que ahi concorriam atrahidos pela cruzada contra os sarracenos, ou pela protecção dos reis de Aragão soberanos antigos da Provença.

O rei D. Sancho I, que só occupou o throno depois dos trinta e um annos de edade, foi tambem trovador, como outros soberanos peninsulares; antes de estudar a Canção de amigo, que ainda se conserva, importa accentuar estas relações de parentesco, que tanto actuaram n'este cyclo poetico. Pelo casamento de seus filhos, fixaram-se mais intimamente as relações com estas tres côrtes poeticas: o seu primogenito, D. Af-

fonso II casa com D. Urraca, filha de D. Affonso de Castella; o infante D. Pedro, que fôra perigrinar, casa em Aragão, onde foi Conde de Urgel; e sua filha D. Thereza, casa com Affonso IX de Leão (divorciada depois por imposição do papa.) Estas trez Côrtes estavam abertas para a fidalguia portugueza, onde cultivava o gosto provençalesco, longe das perturbações guerreiras de Portugal, em uma lingua que era a que se fallava no alto Minho e Douro. O critico Menendez y Pelayo aponta imparcialmente em que consiste essa imitação: «O unico resultado, o merito grande e positivo d'esta imitação provençal consiste na parte technica, na gymnastica das rimas, na dura aprendizagem que converteu a lingua gallaica no mais antigo typo dos dialectos lyricos da Peninsula.» [1] Este aperfeiçoamento artistico deu-se na lingua portugueza, cujos documentos coévos em prosa contrastam pela sua rudeza morphologica e syntaxica. O lyrismo portuguez apropriando-se d'essas fórmas cultas variadissimas, conservava o seu espirito originario, o sentimento nosso, delicado, ingenuo, e por vezes o reproduziram conscientemente adoptando a expressão portugueza os proprios trovadores occitanicos. A Eschola trobadoresca portugueza teve duas fórtes manifestações: a efflorescencia de Canções de amor e de escarneo, nas côrtes de Leão, Aragão e de Castella, onde fôram colligidos os cadernos ou rôlos avulsos que se juntaram ao Grande Cancioneiro portuguez, e o desenvolvi-

---

1 *Antalogia de Poetas liricos castellanos*, III, p. XV.

mento organico na côrte de Portugal até ao regresso de D. Affonso III de França, em que o lyrismo não reflecte um contacto directo com os trovadores provençaes. Lang observando a ausencia de trovadores provençaes em Portugal, assenta sobre essa omissão uma das causas da independencia da Eschola lyrica portugueza. E por que não vinham esses cantores a Portugal? O mesmo critico attribue-o á instabilidade da nova Monarchia. E' certo que alguns d'elles se mostravam hostis a Portugal, como o jogral Perdigon, satirisando D. Sancho I (*Canc. Ajud.*, II, 733 not.) e Guilherme de Tudela motejando D. Affonso II.

O equilibrio politico da Hespanha firmava-se na existencia das *quatro Monarchias*, Leão, Aragão, Navarra e Castella; Portugal, constituindo a *quinta Monarchia*, era um obstaculo para realisar-se a unificação politica tendo por centro Aragão ou Castella. O trovador Peire Vidal (1175-1215) elogiando os Reis de Hespanha falla determinadamente nas *quatro Monarchias*, omittindo a mais recente que era a de Portugal:

> Als *quatro reis* d'Espaign estai mont mal
> quar no valen aver patz entre lor.
> (Ap. Bartsch., 364)

A existencia da *quinta Monarchia* era ainda instavel: em 1158 fôra combinado em Sahagun, entre os reis de Leão e de Castella a suppressão do reino de Portugal, plano ainda proseguido por D. Fernando II. As condições de independencia impunham-se pela incorporação da faixa de oeste

conquistada aos sarracenos; e esse espirito portuguez nas côrtes peninsulares era tambem uma força. O trovador Peire Guilhem, já falla em uma canção nos *Cinco Reinos* de Espanha (Ap. Milá, Trov., p. 197.) As circumstancias occorrentes afastavam os Trovadores de Portugal; pela tomada de Jerusalem em 1187, recrudesceu o delirio da Cruzada, e armadas transportavam cavalleiros de Dinamarca, Flandres, Hollanda e Frisia. O rei D. Sancho I, aproveitou esta passagem dos cruzados para tentar a tomada de Silves, em uma expedição commandada por seu cunhado D. Mendo Gonçalves de Sousa, o principal rico-homem, mais conhecido pelo titulo de Conde Sousão. Essas campanhas longinquas, não permittiam os ocios palacianos, a que os trovadores concorriam. Mas a vida da guerra contra a mourisma não era incompativel com as praxes da galanteria, como se formulara, consagrando o uso, nas Leis de Partidas: «E aun porque se esforçasen mas, tenian por cosa guisada que *los que oviesen amigas que las nomeassen en las lides* por que les creciesen los corazones é tuviesen verguenza de errar.» O rei D. Sancho I cumprira á risca o dictame; depois dos amores com D. Maria Aires de Fornellos, andava loucamente apaixonado pela estonteante D. Maria Paes da Ribeira, a celebrada *Ribeirinha* a quem fazia Canções para ella e as suas damas cantarem. Esta paixão pela mulher fatidica, de quem teve muitos filhos, durou até á morte do rei desde 1186 até 1211. Eis a Canção que resta, colligida no Cancioneiro Colocci-Brancuti, n.º 45:

Ay! eu, cuitada
Como vivo
Em gram cuidado
Por meu amigo,
Que hei alongado!
　　Muito me tarda
　　O meu amigo
　　Na Guarda!

Ay! eu cuitada
Como vivo
Em gram desejo
Por meu amigo,
Que tarda e não vejo!
　　Muito me tarda
　　O meu amigo
　　Na Guarda.

Dona Carolina Michaëlis fundamenta a authenticidade da Canção com a nota de Colocci a fl. 100 ṽ: «*Registo: outro Rótulo das Cantigas* que fez o mui nobre Rei Don Sancho de Portugal, *e diz:* — Ai, eu coitada como vivo.» (Ed. Molteni, p. 148.) E interpretra o refren: «Foi no anno de 1199, que D. Sancho I deu em Coimbra Foral á Guarda que acabava de fundar e povoar, como que em resposta á fundação leoneza de Ciudad-Rodrigo... N'este mesmo anno, ou durante os trabalhos da fundação, creio foi escripto pelo filho de D. Affonso Henriques o mais antigo entre todos os Cantares de amigo em disticos... o qual é ao mesmo tempo uma das mais archaicas poesias portuguezas.» (*Canc. da Aj.*, t. II, 393.) D. Carolina Michaëlis dá-lhe a fórma de distico segundo o rythmo da dansa de *muiñeira:*

Ai, eu cuitada, como vivo
Em gram cuidado por meu amigo,
Que hei alongado! Muito me tarda
O meu amigo na Guarda.

Ai, eu cuitada, como vivo
Em gram desejo por meu amigo,
Que tarda e nem vejo! Muito me tarda
O meu amigo na Guarda!

Preferimos o córte estrophico pelas cadencias da melodia, indicado pelas mudanças da rima. Apoz este Cantar de amigo, segue a rubrica *El Rey Dom Affonso de Leon*; julgamos ser affonso IX, sobrinho de D. Sancho I, que tambem cultivou a poesia, e que se destaca de Affonso o Sabio, que, dez Canções adiante tem uma Canção religiosa (N.º 359) com a rubrica: *El Rey Dom Affonso de Castella e de Leon.* São um extraordinario documento do uso da lingua portugueza nas duas côrtes de Leão e de Castella; quanto à côrte de Portugal é bem digno de consideração o predominio da fórma popular da *Cantiga de amigo*, muito antes da corrente jogralesca que irrompeu no Cyclo dionisio, e d'essas Serranilhas que reflectiram as Pastorellas francezas, das quaes escreve Menendez y Pelayo: «Nota-se na Serranilha artistica e provençalisada, um giro mais abstracto, impessoal e vago, menos intimidade lyrica, menor enlevo de poesia e mysterio e tambem menos soltura de versificação.» (*Antolog.*, III, p. XXXIV.) Essas *Cantigas de amigo*, compostas por trovadores do cyclo pre-Affonsino, reflectiam a pura tradição conservada no povo portuguez. E' diante d'este facto, que antecedeu a concorrencia dos jograes gallegos, que surge o problema não

já da origem mas da sua maior intensidade em Portugal. Menendez y Pelayo escreve:

«Quem poderá chegar até ás mais reconditas raizes d'este lyrismo? Quem poderá surprehender seus primeiros passos infantis? Trata-se de um fundo ethnico commum a todos os povos do Meio Dia da Europa, ou de algum proprio e caracteristico do povo gallego? Porque alvoreceu alli a poesia lyrica com caracter mais popular do que na Provença, e com certo fundo de melancholia vaga, mysteriosa e devaneadora? A todas estas perguntas tem-se procurado dar resposta, porém até agora com mais força de engenho e agudeza do que de critica.» (*Antologia*, t. III, p. XVII.) O fundo ethnico ou substratum commum occidental está comprovado pelos cantares narrativos. colligidos pelos folkloristas; nos cantos lyricos é a melodia que persiste, sendo a letra instavel, mas ainda assim as similaridades subsistem. Para esta sobrevivencia a região gallaica ou propriamente portugueza tem um caracter privativo, fundamentalmente sociologico. O reino de Portugal ou a *Quinta Monarchia* constituiu-se por aggregação de Cidades livres ou municipalistas, em que o Presidente (ou *Podestat*, á maneira de Italia) da Behetria foi reconhecido por um pacto politico, como Rei. Os innumeros Foraes dados por D. Affonso Henriques e D. Sancho I ás Cidades lusas reconquistadas aos sarracenos, são esses pactos bilateraes, em que os soberanos ou chefes militares não apagaram a autonomia municipalista ou independencia civil. A lucta na reconquista christã até D. Affonso III manteve a energia d'esta

forte população civil, cujo poder democratico prevaleceu no desenvolvimento das Côrtes com o titulo de *Braço popular*. Os seus Cantos tradicionaes eram uma alegria viva, que animara a côrte do monarcha e os solares dos fidalgos. Emquanto no sul da França e na Italia apenas se conservaram raros vestigios dos germens populares elaborados artisticamente pelos trovadores occitanicos, em Portugal o fundo lyrico é todo de caracter popular, por que este elemento social era organico e exclusivo da nacionalidade, constituida pelo pendor da época em Monarchia. E' preciso ter sempre em attenção esse facto historico das *Behetrias*, para comprehender o caracter social, politico e artistico ou litterario de Portugal, em qualquer época.

«O Doutor João Pinto Ribeiro, o homem de 1640, no seu tratado das *Injustas successões de Castella*, pretende provar que, quando os Portuguezes acclamaram Affonso Henriques, a maior parte das povoações do reino eram *Behetrias*, isto é, não sugeitas a senhorio algum, podendo eleger seus chefes e governadores. D'onde conclue, que no tempo da acclamação de Ourique, e no da sua confirmação em Lamego pelos prelados, magnatas e procuradores, não se commetteu acto algum de rebellião contra os reis de Castella, que de facto não eram senhores do reino de Portugal; pois as suas povoações gosavam dos fóros de *Behetrias*, como fica dito. Ainda depois de constituida a monarchia, houve terras que não perderam esta qualificação; e, sobre reconhecerem o dominio geral do rei, no mais conservavam a prerogativa de

eleger o seu governador, e de não poderem ser dadas em senhorios a ninguem.» [1]

Nos paizes em que predominaram as instituições municipalistas, como na Alta Italia e em Portugal, existiu uma vigorosa poesia popular, e consequentemente um florente lyrismo artistico relacionado com as suas origens organicas. Na Lombardia, com o fim dos Ottões, em 1002, estabeleceram-se as Republicas italianas, de Milão, Como, Novara, Pavia, Lodi, Cremona e Bergamo; é n'essa vida civil, activa e livre que se criam todos os germens artisticos e capacidades estheticas em que o genio italiano se revela na primeira Renascença. E ainda depois de terem cahido essas Republicas no seculo XII sob Frederico Barba-Roxa, ellas bem conheceram onde residia a sua força confederando-se para a resistencia na *Liga Lombarda*. Não admira que os trovadores occitanicos achassem na Italia sympathia pela arte, e que muitos dos principaes trovadores do seculo XII e XIII sejam italianos. As relações da Italia com Portugal datam do começo de seu estabelecimento em Estado autonomo; esse influxo manifesto na cultura mental juridica e theologica, coadjuvava a intensidade poetica dos costumes populares, cujas canções amorosas se escutavam e imitavam na côrte de D. Sancho I, prevalecendo sobre os refinamentos cultos do provençalismo. Este facto capital das *Behetrias* ou Cidades confederadas sob a fór-

1 *Dialogo dos Mortos*, Interlocutores Padre Macedo — Padre Amaro. Pag. 17. Londres. In-8.° (1830, sem data.)

ma monarchia, com as suas garantias reconhecidas em Cartas de Foral, além do genio da raça e da persistencia da tradição, explica o vigor d'esse fundo popular, que tanto caracterisa o Lyrismo portuguez, máo grado a influencia que tinham de exercer os Trovadores occitanicos que frequentaram as Côrtes de Leão, de Aragão e de Castella, intimamente relacionadas com a de Portugal pelos enlaces matrimoniaes e parentescos. Na época em que as *Cantigas de amigo* eram imitadas na côrte de D. Sancho I, dava-se o conflicto com a monarchia de Leão, por motivo do monarcha portuguez ter occupado Tuy, Pontevedra e Sampaio de Lombe; a tradição popular gallega, n'esta hostilidade internacional, não teve o acolhimento que se deu mais tarde no cyclo dionisio, sendo sómente ahi verdadeiro o facto proclamado pelo marquez de Santillana: que nas Côrtes peninsulares era *em gallego ou portuguez*, que se tratava a poesia. A sympathia de D. Sancho I pela fórma das Cantigas de amigo revela o espirito do seu governo, procedendo ao desenvolvimento e defeza das cidades, depois de arrancadas do jugo sarraceno, dando-lhes foraes, fazendo o arroteamento dos terrenos incultos, fundando novas povoações, defendendo-as com fortalezas, e resistindo ás terriveis crises de novas incursões dos Arabes, de que lhe resultou a perda de Silves e de Alcacer do Sal, e ás perturbações de fomes e de peste. A poesia lyrica da Eschola trobadoresca portugueza adquire em frente dos trovadores occitanicos esse caracter que a destaca na sua originalidade: a *Arte commum*,

partindo da metrica popular ou o Doble menor, para as Canções de amor, e a *Arte maior* ou Gram Mestria para as Canções de maldizer, que têm tambem uma feição caracteristica: as luctas politicas do fim do reinado de D. Sancho I, de D. Affonso II e D. Sancho II, actuaram no desenvolvimento da poesia satirica ou de *escarneo*.

Da allusão historica á Guarda deduziu D. Carolina Michaëlis que a Canção de D. Sancho I era inspirada pela *Ribeirinha*, a formosa Dona Maria Paes Ribeiro, tambem celebrada pelos trovadores portuguezes palacianos. Segundo as referencias dos Nobiliarios, era filha de D. Payo Moniz e D. Urraca Nunes: «ouvea el rei D. Sancho, o velho, por barregan e fez en ella semel; depois que morreu este Rey D. Sancho, casou com João Fernandes de Lima.» Foi a ella, quando estava no auge do seu favoritismo, que o trovador Payo Soares de Taveirós escreveu a Canção n.º 38, do Cancioneiro da Ajuda:

> e vós, filha de Don Pay
> Moniz, e bem vos semelha
> d'aver eu por vos *guarvaya;*
> pois eu, mia senhor, d'alfaya
> nunca de vós houve, nen hei
> valia de uma corrêa.

A palavra *guarvaya* apparece empregada na pragmatica de 1340, onde se falla em pannos de solia, tabardo, redondel e *guarvaya*, e é permittida ao rei e aos princepes. Parece referir-se a uma veste de arminho ou de pelles, como se deprehende do verso:

Bisclaveret ad nom en Bretan,
Garwall l'appellent li Norman.

Este D. Payo Moniz foi um dos que confirmaram o Foral da Guarda de 1199. Dos amores com a Ribeirinha nasceram D. Gil Sanches, que foi trovador, e D. Rodrigo Sanches, que morreu na Lide do Porto, denominado um outro *Rotulandus*, e duas filhas, todos opulentamente dotados pelo rei. No *Cancioneiro da Ajuda*, n.º 332 vem uma Canção de D. Gil Sanches, no gosto popular, paralletistica e de refrem; começa:

Tu que ora veens de Monte-mayor,
Digas-me mandado de mia senhor.

Tu que ora viste os olhos seus,
Digas-me mandado d'ella, por Deus.

Pelo Livro velho das Linhagens sabe-se que era clerigo dos mais considerados de Hespanha, vivendo em mancebia com D. Maria Gomes de Sousa, uma das *Netas do Conde*, do maior rico homem de Portugal, o Sousão. Por este enlace, D. Gil Sanches era como genro de D. Garcia Mendes de Eixó, o primeiro trovador da familia Sousão, e cunhado de outro trovador D. Fernando Garcia Esgaravunha. As *netas do Conde* eram conhecidas pelos apodos dos trovadores pelas suas aventuras amorosas, reveladas pelos Nobiliarios e por algumas Canções do Cancioneiro da Ajuda, como a de Martins Soares, n.º 398. Figuram as outras *netas do Conde*, filhas de D. Guiomar Mendes de Sousa e D. João Peres da Maia: D. Thereza Gil, favorita de Sancho o Bravo, filho de Affonso o Sabio, D. Elvira Annes, que

foi roussada pelo infanção-trovador Ruy Gomes de Briteiros, depois nobilitado; e Mari'Annes, que casou com D. Gil Martins, partidario de D. Sancho II. O trovador Martin Soares celebrou em uma Canção as *netas do Conde*, e em especial o caso de D. Elvira, como o indica na rubrica: «*Esta Cantiga de cima fez Martin Soares a Ruy Gomes de Briteiros, que era Infançon (e depois fez-lo el-rei) Ricomem, por que roussou Dona Elvira Annes, filha de D. João Peres da Maia e de D. Guiomar Mendes, filha del Conde Mendo.*» Começa:

Pois boas donas son desemparadas
e nulho omem nó nas quer defender,
no n'as quer' eu deixar estar quedadas,
mais quer'eu duas por força prender,
ou tres ou quatro, quaes m'eu escolher!
Pois non an já per quem sejam vengadas,
netas do Conde quer' eu cometer,
que me seran mais pouc' acosmiadas.

Na segunda estrophe allude ao facto das emigrações de fidalgos portuguezes por luctas partidarias e conflictos de familia de se *deitar a Castella*. A Canção 396, que é uma tenção entre dois trovadores Payo Soares e Martin Soares, tem uma preciosa rubrica: «*Esta Cantiga fez Martin Soares em maneira de Tençon com Paay Soares, e é descarnho. Este Martin Soares foi de Riba de Limia em Portugal, e trobou melhor ca todol'os que trobaram, e assi foi julgado antr' os outros trobadores.*»

Em uma das suas sirventas contra *hum cavalleyro que cuidava que trobava muy ben,*

Soeiro Eannes, revela-nos Martin Soares conhecimento das Cantigas populares [1] pondo-as em contraste com as producções artisticas:

Os aldeyãos e os concelhos
todol'os avedes per pagados...
por estes cantares que fazedes de amor
em que lhis acham as filhas sabor...

Bem quisto sodes dos alfayates
dos peliteiros e dos moedores,
do vosso bando son os trompeiros
e os jograes dos atambores
por que lhes cabe nas trompas vosso son,
para atambores ar dizen que non
acham no mundo outros sons melhores.
(*Canc. Vat.*, n.º 965.)

D. Carolina Michaëlis, na biographia d'este trovador, resume as conclusões de Lang, que dá Martin Soares como tendo conhecido as poesias dos trovadores Uc de Saint Cir, de Aimeric de Pegulhan, e ainda as de Peire Cardinal e Raimbaut d'Arenga, e accrescenta: «realmente as relações já apontadas com Affonso Eannes de Coton e Pero da Ponte tornam incontestavel a sua sahida de Portugal, reinando aqui Sancho o Capello e nos reinos visinhos Fernando o Santo.»

Foi ao contacto com a pleiada dos trovadores occitanicos e italianos, nas Côrtes de Leão, Aragão e Castella que os trovadores portuguezes se apoderaram de todos os segredos da technica da

1 O jogral cantava para o povo; assim Guilhems Figueira: *mont se fez grazir als arlots... et als hostes tavernies...*

poetica provençal e adaptaram a lingua portugueza não só aos effeitos das combinações da rima, como á expressão dos mais delicados sentimentos do amor. Era um torneio de que se colligiram esses numerosos Rótulos ou cadernos de composições individuaes que foram mais tarde, trazidos a Portugal para serem incorporados em um vasto Cancioneiro.

A morte de D. Sancho I veiu dar largas ás malevolencias contra os seus bastardos, e anarchisar a côrte de D. Affonso II, que não se prestava a cumprir o testamento do pae, surgindo a lucta armada dos partidarios de suas irmãs. Dom Affonso II herdou tambem as difficuldades da Corôa com a Curia romana, e pelo grande desenvolvimento que deu ás povoações concedendo-lhes Foraes, vê-se que não firmava a sua soberania na confiança da nobreza. O seu curto reinado deixou de pé todos os conflictos que pezaram cruamente no seu successor Dom Sancho II. Todas estas causas fizeram que muitos fidalgos *se deitassem a* Leão, a Aragão e Castella. O trovador D. Garcia Mendes de Eixó, estava homisiado em Leão, e na Canção n.º 346, (Colocci) emprega versos em provençal dirigindo-se a Ruy de Spanha. Mas apesar d'este exodo frequente, as Canções de amor acharam cultores na côrte de D. Affonso II, sobretudo em Santarem quando ahi estacionou por algum tempo, ou no periodo dos seus amores com D. Mór Martins, de Riba de Vizella. No Cancioneiro da Ajuda encontra-se um grupo de Canções anonymas, que se referem com enlêvo a essa temporada da Côrte em Santarem:

A mais fremosa de quantas vejo
en Santarem, e que mais desejo,
e en que sempre cuidando sejo,
non ch'a direi, mais direi-ch' amigo;
Ai Santirigo! ay Santirigo!
Al e Alfanx' e al Sesserigo!
(Canção n.º 278.)

Pero eu vejo aqui trobadores,
senhor e lume d'estes olhos meus,
que troban d'amor por sas senhores;
non vejo aqui trobador, por Deus,
que m'entenda o por que digo:
Al e Alfanx' e al Sesserigo!
(Canç. n.º 279.)

Amigos, des que me parti
de mia senhor e a non vi,
nunca fui ledo, nen dormi,
nen me paguei de nulha ren.
Todo este mal soffro e soffri
des que me vin de Santarem.
(Canç. n.º 280.)

Não ha inconveniente em considerar o refren Al e Alfanx' e al Sesserigo! um grito de guerra tradicional, que se tivesse conservado desde a tomada definitiva de Santarem em 15 de Março de 1147, por D. Affonso Henriques. O casamento de D. Affonso II com D. Urraca, filha de Alfonso IX de Castella, obedecera á nova corrente politica que deslocava o centro da unificação nacional de Leão. Castella era o ponto de convergencia dos trovadores occitanicos, e os fidalgos portuguezes que sabiam trovar encontravam alli uma côrte florente onde eram admirados e imitados. O curto reinado de D. Affonso II, e as perturbações que o fizeram morrer amargurado

em 23 de Março de 1223, afastaram da sua côrte todos os trovadores que tinham achado favor junto de D. Sancho I. A attracção da Côrte de Castella, tornou-se mais forte sob o seu successor D. Sancho II casando com D. Mecia, filha do potentado biscainho D. Lopo Dias de Haro, o maior favorito do monarcha castelhano, celebrado na sua morte em 1236 em uma canção de Pero da Ponte. Na côrte de D. Sancho II, no meio das perturbações herdadas do governo de seu pae, a poesia tomou um caracter satirico, destacando-se entre os trovadores Ayras Peres de Vuyturon, com o latego de fogo contra os adversarios do monarcha. E' n'esta crise violenta, que termina pela Lide do Porto em 1245, em que as facções dos fidalgos se conflagraram, que se deu a emigração dos vencidos fixando-se na côrte de Branca de Castella, em Paris.

Martin Soares, um dos mais interessantes trovadores da côrte de D. Affonso II e D. Sancho II, é um d'aquelles que sahiram de Portugal, e segundo Henry Lang, conferenciou pessoalmente com trovadores occitanicos, como se deprehende pelas ideias e modismos que apresenta, encontrando-os nas côrtes peninsulares. Reconhece-se que sahiu de Portugal, pelas suas relações com Affonso Eannes de Coton e Pero da Ponte. Attendendo á epoca, observa D. Carolina Michaëlis: «Teria por tanto occasião de vêr e ouvir Adhemar o Negro, Elias Cairel, Giraut de Borneil, Guilhem Adhemar, e talvez Sordelo, o Mantuano.» *(Canc. Aj.*, II, 335.) O jogral Picandon cantava as Canções de Sordello, esse tro-

vador italiano consagrado por Dante, como protesto contra os que abandonavam a lingua italiana trovando em provençal, lamentando no *Convito* a morte politica da França meridional. O trovador João Soares Coelho apodava-o:

> Vedes, Picandon, soo maravilhado
> eu d'En *Sordel* que ouço en tenções
> muytas e boas, ey mui boos sões
> como fui en teu preyto tan errado;
> pois sabedes jograria fazer,
> porque vos fez per côrte guarecer
> ou vós ou el dad'ende bon recado.
>
> (*Canc. Aj.*, I, n.º 371. *Vat.*, n.º 1021.)

A vida aventureira de Sordello nas côrtes de Italia e França, onde era bastante estimado, é aqui apontada por João Soares Coelho, notando o contraste d'esses *uomini di côrte,* que se faziam valer pelos seus versos, com o jogral que repete as canções de outrem. Sordello era considerado como um grande mestre do *gai saber,* e Aimeric de Peguilhon terminava uma canção com este cabo ou fiida: «Este mensageiro leva o meu fabliau á Marche, a Dom Sordello, para que dê o seu leal juizo, segundo o seu costume.» As composições mais celebres de Sordello eram Tensões, coplas ou canções amorosas e sirventes, que o faziam temido. Em lucta com o trovador Pedro Bermont, replicava-lhe Sordello: «E' falsamente que me chamam *jogral:* jogral é o que vae atraz de outrem; eu levo alguem atraz de mim; eu nada recebo, e dou; elle, nada dá e recebe; tudo o que traz em cima de si, recebeu-o da compaixão; eu não acceito cousa que me faça córar; vivo do que

é meu, recusando tudo quanto é salario, e não acceito senão o que é presente de amisade.» [1] Vê-se que os trovadores já luctavam com a invasão da classe interesseira dos jograes, que exploravam as côrtes; elles se viram forçados na côrte de Castella a estabelecer estas distincções. A's relações dos trovadores portuguezes com os occitanicos e italianos, deveram elles o conhecimento dos requintes da metrica provençal, que facilmente imitaram nas suas canções; mas os proprios provençaes e italianos empregaram por vezes a lingua portugueza para compôrem os seus versos. O trovador Bonifacio Calvo, de Genova *(Bonifaz de Jenoa)* deixou duas canções em portuguez, que foram colligidas no *Cancioneiro da Ajuda*, n.º 265 e 266, e que apparecendo citadas no Indice do Cancioneiro de Colocci, n.º 449 e 450, foram depois encontradas no Cancioneiro Brancuti, n.º 341 e 342. Citaremos a primeira estrophe de cada uma:

Mui gram poder a sobre mi amor
poys que mi faz amar de coraçon
a ren do mundo, que me faz mayor
coyta soffrer; e por todo esto non
ouso pensar sol de me queixar en,
tan gran pavor ey que mui gran ben
me lh' i fizesse por meu mal querer.

---

1 Fauriel, *Dante et les origines de la Langue et de la Litterature italienne*, t. I, p. 529. — De Lollis, no seu livro *Vita e Poesie di Sordello di Goito* (Italle, 1896) considera que este trovador mantuano viajara pela peninsula hispanica antes de 1230. (Rev. crit. de Historia e Litteratura, Ann. III (1899) p. 304.

Ora nen moyro, nen vivo, nen sey
como mi vay, nen ren de mi senon
a tanto que ey no meu coraçon
coyta d'amor qual vos ora direy,
tan grande que mi faz perder o sen
e mha senhor sol non sab'ende ren.

Não admira que por estes contactos se encontrem alguns italianismos nas canções portuguezas, taes como: *afan, aquesto, aquisto, aval, besonha, cajon, cambhar, color, cór, dolçor, guarra, guirlanda, ledo, mensonha, toste.*

Outros trovadores occitanicos empregaram a lingua portugueza, para lisongear as côrtes peninsulares que frequentavam, onde essa lingua era ouvida com encanto. Ramon Vidal de Bazoudun introduziu em uma novella versificada (a 2.ª das *Côrtes de Amor)* alguns versos em portuguez:

Tal dona non quero servir
per me non si denhe preiar
já non queren lo sien prendir.

Com leves retoques fica portuguez da época:

Tal dona non quero servir
per me non se digne precar,
já non quer' eu lo seu pram dir.

Ramon Vidal floresceu entre 1175 e 1215, sendo muito estimado na côrte de Affonso VIII de Castella, e na de Affonso II de Aragão; *(Canc. Aj.*, II, 734.) foi n'essas côrtes que ouviu trovar e cantar em lingua portugueza. Um outro trovador, Rambaut de Vaqueiras, em um Descort escripto por 1195-1202, entre as cinco linguas que emprega, mette este trecho em portuguez:

Mas tan temo vostro pleito
todo ú soi escarmentado;
per vos ei pena e maltreito
é mei corpo lazerado;
la nueit quant jatz en mei leito
soi moitas vez espertado,
per vos, creo non profeito
falhir ei en mei cuydado.
.... [1]

Mon corassó m' avetz treito
E mont con afan l'an furtado.

Rambaut de Vaqueiras esteve na côrte de Affonso VIII. As Canções dos trovadores portuguezes eram pela sua ternura imitadas pelos occitanicos. O proprio D. Affonso X, o Sabio, não se dedignava de compôr canções intercalando como centões versos dos trovadores portuguezes que frequentavam a côrte de Castella; elle serviu-se do refren da Canção de João Soares Coelho:

De mui bon grado queria a um logar ir,
e nunca m'end'ar viir.
(Canç. 160. Ajuda.)

E na Cantiga de Dom Affonso rei de Castella e Leão (n.º 469. Colocci) vem assim apropriado:

De mui bon grado queria hir
logo e nunca vir.

N'esta mesma Canção, empregou Affonso X

---

1 Em alguns manuscriptos cabe aqui o verso: — Mais que fallir non cuide io. — Está supprimido em outro manuscripto segundo a exigencia da estrophe.

os versos d'este outro refren da Canção de João Coelho (n.º 175 do Canc. Aj.):

> Moir'eu, e mais per alguen!
> E nunca vus mais direi en.

Ainda n'esta Cantiga emprega o monarcha castelhano o refren da Canção de João de Guilhade (n.º 228 Aj.):

> porque moir! e quer 'eu dizer
> quanto s'ende pois saberon:
> Moir' eu porque non vej'aqui
> a dona que non vejo aqui.

O proprio rei castelhano D. Affonso o Sabio adoptou para as poucas canções profanas, da sua mocidade, a lingua portugueza como se vê pelo grupo das que foram colligidas no *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 61 a 79, e no Cancioneiro Colocci, n.º 359 a 478 (série seguida no *Indice* ms. de Colocci n.º 467 a 478 e 479 a 496.) A lingua gallega estava em um grande despreso, desde que decahira o fóco da cultura leoneza; e essa decadencia continuou-se, como observa Saralegui y Medina: «Posteriormente, desde a anarchia feudal do seculo XIV, a Galliza não teve já poesia original distincta e propria; a sua voz extinguiu-se no vacuo com os ultimos eccos do Cancioneiro;... Submettida á dura e cruel servidão, debaixo do despotico jugo de uma nobreza possuidora de direitos dominicaes tão extensos — a Galliza deixou de existir na realidade para a poesia, como não existia tampouco para a Architectura, Arte e industrias, envolta na commum e total rui-

na...» [1] A lingua portugueza, que segundo Aldrete, ainda no tempo de D. Enrique III se empregava geralmente na poesia, deveu esse prestigio ao seu predominio no lyrismo nas côrtes de Leão, Aragão e de Castella, usada como um dialecto intermediario facilmente catalanisavel, (como se vê pela Canção de D. Garcia Mendes d'Eixó n.º 346, Colocci), ou castelhanisavel como na Canção de Alfonso XI. Este phenomeno litterario deu-se tambem com o dialecto do Poitou, (o *poitevin*) que serviu de communicação do lyrismo provençal para o norte da França e para Inglaterra. Os 48 trovadores gallegos que figuram nos Cancioneiros da Vaticana e Colocci Brancuti apontados por D. Manoel Murguia, são quasi todos do fim do cyclo Affonsino. Notou-o Menendez y Pelayo: «A irupção da poesia popular na arte culta tem de referir-se principalmente ao reinado de D. Diniz, em que por gala e bizarria se entregaram princepes e fidalgos a arremedar os candidos accentos das Canções de romarias, de pescadores e aldeãos, adaptando sem duvida novas palavras á maneira antiga.» (*Antol.*, III, p. XVII.) A importancia do Cyclo pre-Affonsino está na facilidade com que os trovadores portuguezes de 1200 a 1245, se apoderaram de todos os artificios da poetica provençalesca sem perderem as caracteristicas do genio nacional, revelado no seu lyrismo. Observou D. Carolina Michaëlis, com a intuição da sua feminilidade: «Tanto

1 *Um Trovador ferrollano*, p. 5.

nas adaptações dos modelos estrangeiros, como na dos generos populares, o *genio patrio* se manifesta. O sentimento da saudade já era familiar aos coévos de D. Diniz. Em 1200 *morrer de amor* já era costume dos mimosos de alma atormentada: os grandes olhos de criança das damas portuguezas inspiravam pela sua meiga e dorida expressão, ao mesmo tempo sensual e soberanamente espiritual e casta amores apaixonados, mais vezes de perdição do que de salvação. Sob a phraseologia convencional de cortezãos mensurados escondem-se frequentemente sentimentos fervorosos. — Mesmo a monotomia ou uniformidade dos protestos e queixumes de amor é significativa e attrahente.» *(Canc. Aj.,* I, p. IX.) No precioso *Cancioneiro da Ajuda* encontram-se os trovadores do Cyclo pre-Affonsino que poetaram da ultima decada do seculo XII até 1245, supprindo-se pelo Cancioneiro Colocci Brancuti os trovadores que occupavam as folhas perdidas do codice membranaceo. (D. Car. Michaëlis, *op. cit.,* II, 322.) Vinte e dois trovadores encantaram a Côrte de Guimarães, Coimbra e Santarem, e inflammaram com a sua ternura sentimental as Côrtes esplendorosas de Leão, Aragão e Castella, competindo com os trovadores mais afamados da Provença e da Italia. [1]

---

1 D. Carolina Michaëlis apura a seguinte série:

Vasco Praga de Sandim — João Soares Somesso — Pay Soares — Martim Soares — Ruy Gomes de Briteiros — Ayras Carpancho — Nuno Rodrigues de Gandarey — Ayras Moniz d'Asme — Diego Moniz — Osoir'Eannes — Monio Fernandes de Mirapeixe — Fernan Rodrigues de Lemos —

b) *Cyclo Affonsino* (1248 a 1279). No estudo dos Cancioneiros trobadorescos portuguezes a observação estatistica leva «a considerar como edade mais fertil da arte trobadoresca ou pelo menos da Canção palaciana de amor a edade affonsina de 1245 a 1280 (respectivamente de 1252 a 1284.)» D. Carolina Michaëlis chegou a este resultado pela comparação dos grupos de trovadores dos trez Cancioneiros da Ajuda, Vaticana e Colocci. *(Canc. Aj.,* II, 600.) E' este o caracter mais brilhante da côrte de D. Affonso III, em que a influencia do norte da França se fez sentir através da corrente castelhana que se generalisava. A sahida do principe D. Affonso, irmão de D. Sancho II, em 1229, por occasião do casamento de sua irmã D. Leonor com o princepe Waldemar da Dinamarca, deu ensejo a que se demorasse percorrendo a Europa, entrasse em varias batalhas, vindo assistir uma temporada na côrte de San Luiz, onde sua tia Branca de Castella, exercia a laboriosa regencia, na menoridade de seu filho. Fôra isto em 1238. A rainha regente, muito nova e muito bella, era assediada pelos barões prepotentes, destacando-se entre todos pelo seu talento poetico Thibaut, Conde de Champagne. N'essa côrte de uma rainha formosa e viuva des-

---

D. Gil Sanches — D. Garcia Mendes de Eixó — Ruy Gomes o Freire — Fernão Rodrigues Calheiros — D. Fernão Peres de Talamancos — Nunes Eannes Cerzeo — Pero Velho de Taveiroz — D. João Soares de Paiva — D. Rodrigo Dias da Camara — Abril Peres — Pero da Ponte — Ayras Perez Vuyturon — D. Diego Lopes de Haro — Bernaldo de Bonaval — Affonso Eannes do Cotom.

envolveu-se a galanteria e o lyrismo erotico; era um meio de revelações affectivas. Por esta mesma época Guillaume de Lorris elaborava o seu poema allegorico *Roman de la Rose*, cuja chave está na interpretação das aventuras numerosas da côrte, algumas das quaes foram definidas como — *honteuse connivence;* n'essas intrigas a rainha fez o casamento do garboso principe D. Affonso com sua sobrinha Mathilde, a viuva Condessa de Boulogne. Ahi n'essa côrte beata e apaixonada dominavam as Cançonetas lyricas em lingua d'oil e especialmente em provençal, os *sons poetevins*, as Canções de *refren* do Auvergne e da Gasconha, ahi postas em moda por Alianor de Poitou. (*Canc. Aj.*, II, 719.) N'este deslumbramento cortezanesco estava enleiado o princepe D. Affonso, quando, nos conflictos e resistencias dos fidalgos portuguezes contra a administração de D. Sancho II, vieram ás mãos com os partidarios do rei em 1245, na *Lide do Porto*. Os bispos foram preparar junto do Papa a deposição de D. Sancho II, e os principaes fidalgos vencidos emigraram para França, aproximando-se do princepe D. Affonso, que era apontado pela sua extremada bravura; ahi se encontraram n'esse fóco de cultura e elegancia fidalgos da familia dos Bayães, dos Porto-Carreros, Valladares, Nobregas, Alvins, Mellos, Sousas e Raymundos; são estes os appellidos dos principaes trovadores, que figuraram na côrte de D. Affonso III, depois de deposto o irmão. D. Affonso veiu a Portugal simuladamente e obteve a homenagem dos principaes Alcaides por veniagas que fôram objecto de satiras candentes.

Alfonso o Sabio, quando considerava as suas proprias desventuras, comparava-se ao rei de Portugal:

> Nunca asy foi vendudo
> Rey Don Sanch' en Portugal.
>
> (Cant. Santa Maria, 235.)

A satira do trovador Ayras Perez Veyturon (*Canc. Vat.*, n.º 1088) é sangrenta, estampando o nome d'esses Alcaides, e fazendo a farsisture com Versos latinos com que o papa absolveu os traidores; tem a rubrica: «*Esta outra Cantiga é de maldizer dos que deron os Castellos como non deviam al rey don Affonso.*» Os favoritos do novo rei retorquiam tambem com satiras á parcialidade vencida; e assim, pelo estimulo politico e pela curiosidade das canções de maldizer e de escarneo, se acordou o interesse pela poesia lyrica e como imitação e lembrança dos dias passados na côrte franceza. Martim Moxa atacava-os:

> Vós que soedes em côrte morar,
> d'estes privados queria saber,
> se lhes ha a privança muyto durar,
> cá os non vejo dar nem despender;
> antes os vejo tomar e pedir,
> e o que lhes non quer dar ou servir
> non póde rem com el rey adubar.
>
> (*Canc. Vat.*, n.º 472.)

O genero mais cultivado era o da satira, tambem em moda na Côrte de Castella; mas n'este cyclo affonsino o lyrismo expressava-se nas mais frescas e deliciosas Pastorellas, verdadeiramente uma reminiscencia da côrte franceza que assimilara os *sons poetevins*.

§ II

Influencia do Norte da França ou Gallo-franka

Attribuia-se á influencia exclusiva dos trovadores occitanicos o desenvolvimento do lyrismo nas modernas litteraturas, reservando ao genio franko ou á França do norte a creação das Epopêas feudaes, ou as grandes Canções de Gesta, que idealisaram como centro de toda a acção heroica a figura preponderante de Carlos Magno: mas considerados os factos, a França do norte possuia tambem as formosas canções lyricas das *Pastorellas*, e a França meridional assim elaborou Canções de Gesta, dos heroes da lucta contra as invasões sarracenas. A verdadeira critica consiste em descriminar estas influencias nos seus momentos historicos, abandonando as affirmações absolutas. A influencia do lyrismo do Norte da França sobre as Nações meridionaes, como pretende Gaston Paris e o seu discipulo Jeanroy, não se póde fixar na época provençal, quando a França meridional era incorporada violentamente na unidade monarchica. D'essa época não se encontram Canções lyricas em lingua d'oil; e Jeanroy vê-se forçado a recompôl-as pelas canções portuguezas e italianas tornando-as como reflexo d'ellas. Essas Canções de caracter objectivo ou *de toile*, do norte da França sómente se vulgarisaram no seculo xv, pelo meio indirecto das melodias francezas, como vêmos com Gil Vicente introduzindo uma d'essas cantigas vindas de França no *Auto dos Quatro*

Tempos, cuja melodia se encontra no Cancioneiro musical do seculo XV, de Barbieri. Quando D. Affonso III assistia na côrte de França com os fidalgos portuguezes que ahi se refugiaram conspirando contra D. Sancho II, estavam em moda as letrilhas e cançonetas em lingua d'oil, que eram compostas sob o influxo das *Villançlas* da Gasconha, dos refrens do Auvergne, mais conhecidos ahi pelo titulo de Sons poitevins. Foi esta fórma, a *Pastorella* franceza, que D. João de Aboim e outros fidalgos reproduziram com certa arte na côrte de D. Affonso III em Santarem e em Lisboa. Sem attender ao elemento mais organico ou tradicional do lyrismo dos Cantares de amigo, a illustre romanista D. Carolina Michaëlis affirma: «não é a França meridional, *mas sim a do Norte que foi a verdadeira corrente*, e até certo ponto, mestra e guia.» *(Canc. Aj.*, II, 683.) No ponto de vista restricto, essa corrente determina-se no Cyclo Affonsino, com a imitação das Pastorellas, que se identificaram com as Balladas, Barcarolas e Cantigas de amigo, tratando themas de predilecção pertencentes ao fundo ethnico da Europa occidental. Com este criterio é que a eruditissima romanista avalia a these de Jeanroy da origem franceza dos Cantares no Norte na lyrica portugueza: «O distincto investigador francez que tentou *derivar todos os com caracter popular de moldes francezes hoje perdidos*, mas por elle engenhosamente reconstruidos por deducções das Cantigas portuguezas, conheceu insufficientemente a raça peninsular, a historia da sua civilisação, os seus costumes, sua indole, suas cantigas e

bailados. Como nos Cancioneiros modernos da Galliza e de Portugal se lhe deparasse muitas banalidades e grosserias, sem vislumbre de poesia, as quaes comparou com a assombrosa fecundidade e ligeireza da musa gauleza, não quiz acreditar que, outr'ora opulenta e inspirada a musa indigena podesse ter actuado nos poetas cultos, proporcionando-lhes typos, moldes e modelos. Argumentando assim esqueceu porém as suas proprias theorias, a poesia popular archaica e da nação inteira, tinha collaborado em todas as classes.» *(Canc. Aj.,* II, 940.*)* E d'esses moldes da poesia popular diz: «vigentes no primeiro periodo, — serviram de fonte de inspiração aos imitadores palacianos, e se perpetuaram na memoria do povo até ao dia de hoje n'alguns recantos de Traz os Montes, da Galliza e das Asturias...» *(Ib.,* p. 924.) Paul Meyer reconheceu na lyrica franceza a corrente *meridional*, comprehendendo melhor a phase portugueza: «a poesia lyrica franceza é formada por duas correntes, uma propriamente nacional, a outra *meridional.* Estas duas correntes são representadas nos nossos velhos Cancioneiros francezes do seculo XIII e XIV, e têm toda a apparencia que as Canções de fiandeiras, canções de damas, que formavam a parte mais preciosa da nossa antiga poesia popular, nunca teria sido colligida se o exito da poesia do Meio Dia não viesse pôl-as em consideração. *O mesmo aconteceu em Portugal.*» *(Romania,* 1876, p. 267.) A Pastorella franceza, reflectindo o espirito *meridional,* veiu vivificar as nossas Baylias, dentro das condições do nacionalismo. Este sentimento da tradição é que fez

Dom João de Aboim comprehender a Pastorella franceza, assimilando-a admiravelmente, como se vê:

Cavalgava n'outro dia
por um *caminho francez* 1
e húa pastor siia
cantando com outras tres
pastores, e non vos pez';
e direy-vos todavia
o que a pastor dizia:

Nunca mulher crêa pér amigo,
pois s'o meu foy e não falou migo.

Pastor, non dizedes nada,
diz húa d'ellas enton,
se se foy esta vegada,
ar verrá s'outra sazon,
e dig' a vós per que non
falou vosc', ay ben talhada,
e é cousa mais guisada
de dizerdes com' eu digo:

Deus! ora vehesse o meu amigo,
e averia gran prazer migo.

(*Canc. Vat.*, 278.)

1 "N'esta época (seculo XIII) não era facil passar os Pireneos e chegar são e salvo a Santhiago, apesar dos Conegos de Santo Eloy de Compostella, terem emprehendido entre si a policia dos caminhos — e de conduzirem e reconduzirem com segurança os peregrinos, vindos pelo grande *caminho francez,* que elles chamam ainda ao presente, que vem das Landes, de Bordéos a Leão." — Francisque Michel transcreve esta passagem da *Historia da Navarra* de André Favyn, (p. 221): e acrescenta: "Por todo o caminho entre Bordéos e S. Thiago, existiam hospicios destinados a estes piedosos viajantes, nomeadamente em Barp, Belin, Saint Esprit, S. João da Luz." *(Le Pays Basque,* p. 338.)

O trovador affonsino encaixilhou no quadro da Pastorella o Cantar de amigo; transcrevemos uma estrophe typica de pastorella franceza, para verificar esse influxo:

L'autre jour je chevachoie
Sor mon palefroi amblait,
Et trovai en mi mai voie
Pastorelle agniaus guardant
Et chaipial faixant
Partit á muguet
Je lui dit: — Marguet
Bargeronette,
Tres douce compaignete,
Doneis moi vostre chaipelet,
Doneis moi vostre chaipelet. 1

Pedr' Amigo de Sevilha, na Canção 689 emprega este titulo de *Pastorella:*

Quando eu hun dia fuy en Compostella
em romaria, vi huma pastor,
que pois fuy nado nunca vi tan bela,
nen vy a outra que falasse milhor;
e demandi-lhe logo o seu amor,
e fiz por ella esta *pastorella*.

O clerigo Ayras Nunes *(Canc. Vat.*, n.º 454) cultivou o genero com uma singular belleza:

Oy' oj' eu hûa pastor cantar,
d'hu cavalgava per húa ribeira,
e a pastor estava senlheira,
e ascondi-me pola ascuytar;
e dizia muy ben este cantar:

Sol-o ramo verde frolido
vodas fazen ao meu amigo;
e choram olhos de amor.

1 Paul Meyer, *Documents ms. de l'ancienne litterature de France.*

E a pastor parecia muy ben,
e chorava e estava cantando,
e eu muy passo fuy-m' achegando
pol-a oyr, e sol non faley ren;
e dizia este cantar muy ben:

Ay, estorninho do avelanedo,
Cantades vós, e moir' eu e peno;
d'amores ey mal.

Seguem-se mais trez estrophes delicadamente bellas; é comparavel á Pastorella x do ms. de Paul Meyer:

L'autrier un lundi matin,
M'an aloie ambaniant;
J'antrai en un biau jardin
Trouvai nonetée seant.
Celle chansonette
Dixoit la nonette:
Longue demorée faites
Franz moines loialz!
Se plui sui nonette
Ains ke soit li vespres
Je morrai des jolis mal, etc.

A poesia lyrica franceza era directamente conhecida pelos trovadores portuguezes, que intercalavam como centões versos em lingua d'oil nas suas Canções; comprova-o a Canção de Fernão Garcia Esgaravunha, querendo por uma allusão aos costumes feudaes exprimir o sentimento de fidelidade á sua dama:

Dizer-vos quer' eu uma ren,
Señor que sempre ben quige:
Or sachiez veroyamen
que ie soy votre ome lige. [1]
(*Canc. Aj.*, 126.)

---

1 Laboulaye, na *Histoire du Droit de propriéte foncière en Occident*, (p. 448): "Reparando para a affinidade

Dom Affonso Lopes de Baião, reproduzindo a fórma épica da Gesta de *Roland*, transforma-a em uma sirvente ou satira pessoal como uma parodia contrafazendo o portuguez archaico.

A *Eschola trobadoresca portugueza* completa os seus caracteres proprios, além dos germens tradicionaes e de um sentimento nacional, apresentando uma morphologia poetica, que lhe serviu de expressão. Examinando materialmente a metrica dos nossos trovadores, nota-se o emprego quasi exclusivo dos versos em rimas *agudas*, e raramente os versos são quebrados; a estrophe termina quasi sempre com *refren* ou estribilho, e pelas exigencias da musica a Canção é tripartita. Nos tempos em que Dom Affonso III com os seus partidarios assistiu na côrte de França, é que os trovadores do Cyclo Affonsino tomaram conhecimento de todos os artificios da poetica trobadoresca, mais dominante, que era a Eschola de Limoges. O Marquez de Santillana, accusava esta influencia, na sua Carta ao Condestavel de Portugal: «Usaron el *Decir* en coplas de dez sillabas, a la manera de los *limosis*...» Chamava-se *Arte maior* em contraposição ás redondilhas ou *Arte menor*. E n'essa mesma carta accrescenta: «Estenderam-se, creio, d'aquellas terras e comarcas dos *Limosinos* esta Arte aos Gallaicos...»

---

da condição do *lite* com o *colonato*, affinidade tão estreita que leva a explicar a origem da instituição romana por imitação dos usos barbaros. — é facil de comprehender como estas duas condições se confundiram; o nome de *lite* foi mais usado no Norte, o de *colono* ao Meio Dia, mas a tenencia foi mais ou menos a mesma...»

Entrava-se em uma phase de disciplina; e effectivamente encontrou-se junto ao Cancioneiro Colocci-Brancuti o fragmento de uma Poetica trobadoresca portugueza, da mesma época em que D. João, sobrinho de Affonso o Sabio, escreveu uma *Arte de trovar,* que se não acha entre as suas obras. [1] E' um documento de valor historico, como inferiu Menendez y Pelayo: «Havia certamente na Poesia gallega *uma disciplina de Eschola,* e a exemplo e imitação das Poeticas provençaes, chegou muito cedo a uma Poetica propria, um verdadeiro tratado doutrinal, que deveria ter sido algo extenso, a julgar pelos preciosos fragmentos que nos restam no Cancioneiro Colocci-Brancuti, que abragem 3 livros inteiros e parte de outro.» *(Antol.,* III, p. XVIII.) Essa Poetica, quasi illegivel, e restituida plausivelmente, constava de seis capitulos, começando o fragmento em uma boa parte do terceiro. N'este se definem os generos lyricos, taes como a *Cantiga de amor* e a *Cantiga do amigo,* a *Cantiga de escarneo,* de *Meestria* ou de *refren* e de Joguete *certeyro.* Define depois o genero das *Tenções,* feitas por dois trovadores ao mesmo tempo: «per maneyra de razon que hun aja contra o outro em quaes diga que por bem tever na prima cobra et o outro responda-lhes na outra dizendo o contrario» Tambem vem indicando um genero popular, cujo titulo o aproxima das *Villanclas* da

---

1 Amador de los Rios, *Hist. crit. de la Litteratura española,* t. II, p. 626.

Gasconha: «Outras Cantigas fazem os trovadores a que chamam de *Villão*. Estas Cantigas se pódem fazer *d'Amor* ou *d'Amigo* sem mal algum, nen son per arrabis, porque as não estimam muito.» No *Cancioneiro da Vaticana* vem um bello exemplo, n.º 1043, caracterisado pela rubrica: «*Diz uma Cantiga de Villão:*

> O' pee d'uma torre
> bayla, corpo' e giolo;
> Vedel-o cós, ay cavalleiro.»

Sobre este molde compoz João de Gaia uma canção «por aquella de cima de *Villãos,* que diz a refren — Vedel o cós, ay cavalleyro; — e feze-a a hun villão que foy alfayate do bispo don Domingos Jardo.» A' simplicidade popular contrapunham-se os artificios complicadissimos das trovas de *segrel.* Lê-se na poetica alludida: «E este *segrer* é de maior sabedoria, por que toma cada uma das palavras da Cantiga que *segue.*» Póde-se inferir que este nome de *Segrel,* dado a determinados trovadores, proveiu da especial capacidade de *seguir* em improviso ou estudadamente umas determinadas palavras, ou repetições de rima e de versos. Quando uma estrophe se continúa ou *segue* no seu sentido grammatical na estrophe immediata, chama-se-lhes *atehudas;* explica o genero de *doble,* em que a palavra se repete duas vezes na estrophe, e o *mór doble,* em que as mesmas palavras mudam de tempo. O Marquez de Santillana caracterisou a lyrica do noroéste da Hespanha por este artificio dos versos *encadenados, lexapren* e *mansobre.* A *Can-*

ção redonda designava o artificio em que o ultimo verso da copla se repetia como começo da seguinte; competia-lhe a designação da *encadenada,* quando a rima que finalisava a estrophe era a primeira palavra da estancia seguinte. Diez cita a rubrica de uma Canção de Giraud Riquier; «Canson *redonda* et *encadenada* de notz e de son.» No *Cancioneiro da Ajuda* é frequente o *encadenado*, sendo a primeira rima repetida no primeiro verso das demais estrophes; ou a ultima rima repetida sempre mas não como refren. O segundo artificio da poetica trobadoresca portugueza é o *lexapren*, consistindo em repetir o ultimo verso da estrophe como primeiro da que se lhe seguia. A terceira fórma apontada por Santillana é o *Mansobre,* que consistia na rima repetida ora no meio e fim do verso, e então se chamava *mansobre doble*, ora no meio do verso, e era o mansobre *sencillo* ou *menor*. No Cancioneiro de Baena, o verso: «Sin *doble mansobre, sencillo* ó menor» mostra-nos que só no seculo XV é que se empregou esta fórma na poesia castelhana, sendo o *mansobre menor* ainda usado por Sá de Miranda. De *Mansobre doble* encontra-se um curioso exemplo no *Cancioneiro da Ajuda*, n.º 160:

> Vi eu viver *coitados*, mas nunca tan *coitado*
> *Viveu* com oj' eu *vivo,* nem o viu ome nado
> Des quando *fui* u *fui,* e a que vol-o recado:
> De muy bon grado querria a un logar ir
> E nunca m'ende ar viir.

Tambem se faz ahi a distincção das rimas *agudas* e *graves*, empregando-as para effeito artisti-

co: «As Cantigas com' eu disse fazeren en *rimas longas* ou *breves* ou em todas misturadas.» As rimas em *ecco* apparecem apontadas no Fragmento, reproduzindo ainda no seculo XVI esta fórma Gil Vicente e Bernardim Ribeiro, representante d'esta tradição bem definida por Sá de Miranda. Os jograes que frequentaram a côrte de D. Affonso III, mostrando-se conhecedores d'estes artificios da metrica, pretendiam acobertar-se com o nome de *segrel;* assim Picandon retorquia a uma tenção do trovador João Soares Coelho:

> Johã Soares, logo vos é dado
> e mostrar-vol-o-ey em poucas rasões;
> gran dereyt'ey de ganhar dões
> e de ser en côrte tan preçado
> como *Segrel* que digo, mui ben vés,
> en Canções e Cobras e Sirventes,
> e que seja de falimento guardado.

A côrte de D. Affonso III foi assaltada por todos os Cantores vagabundos, quando D. Affonso o Sabio tentou na côrte de Castella um renascimento da poesia provençalesca; e deu-se isto, depois que D. Affonso III, desposou uma filha bastarda de Affonso X, em cuja côrte Giraud de Riquier em uma canção distinguia esta classe de cantores:

> E ditz als trobadors
> *Segries per totas corts.*

No Regimento da Casa real de 1258, D. Affonso III estabeleceu: «El rei aia tres *jograres* en sa casa e nom mais, e o jogral que veher de

cavallo d'outra terra, ou *Segrel,* dê-lhe el rei ataa cem (maravedis?) ao que chus der, e non mais se lhe dar quizer.» [1] O titulo de Segrel era um gráo acima de jogral; Bernaldo de Bonaval, que apparece citado no *Cancioneiro da Vaticana* como *Primeiro trovador*, diz da sua pessoa em uma Canção a D. Abril Perez:

> Ca bem sabemos, Don Bernal, qual
> senhor sol sempre a servir *segrel.*
>
> (Canç. n.º 663.)

E em uma tenção com Pero da Ponte referia-se Affonso Eanes de Coton a esta qualidade de cantor:

> em nossa terra, se deus me perdon',
> a todo o escudeyro que pede don,
> as mays das gentes lhe chamam *segrel.*
>
> (Canc. n.º 556.)

O titulo de *Trovador* é dado exclusivamente áquelle que canta e compõe por amor, desinteres-

---

1 *Portugaliæ Monumenta hist.*, Leges, I, 193.

Sobre a etymologia da palavra: seculo na sua fórma popular antiga era *segre*, contrapondo-se ao que é religioso ou sagrado. Na tenção do trovador João Soares e o jogral Picandou, este replica-lhe:

> João Soares, por me doestardes
> non perc' eu por esso mia jograria;
> e a vós, senhor, melhor estaria
> d'a tod' *ome de segre* bem buscardes,
> ca eu *sei cançon muita* e *canto bem*
> e guardo-me de todo fallimen,
> e cantarei cada que me mandardes.
>
> *(Canc. Vat.,* n.º 1021.)

sadamente, e por isso apparece como uma distincção nobiliarchica dos velhos livros de Linhagens: *que trobou ben, trobador e mui saboroso.* No Livro velho das Linhagens vem citado como *trovador* João Soares de Paiva, *(Port. Mon.,* 166.): no Fragmento do Nobiliario do Conde D. Pedro, distinguem-se nas séries genealogicas pelo seu titulo de *trovadores* Fernão Garcia Esgaravunha, *(Ib.,* p. 192 a 200); Estevam Annes de Valladares (p. 199.) João Soares de Panha (p. 208); no Nobiliario do Conde D. Pedro, destacam-se com esse caracteristico João de Gaia (p. 272); Vasco Fernandes de Praga (p. 349), João Martins (p. 302), e João Soares (p. 352.) A Eschola trobadoresca portugueza, afastando-se pelo artificio e prurido aristocratico das fontes populares ia esgotar-se na actividade banal das Canções de escarneo, suscitadas pelas dissidencias politicas. O que se passava na côrte de Affonso x, de Castella, reflectia-se na côrte portugueza, n'essa abundancia de *Cantigas de maldizer.* Era costume velho na fidalguia peninsular, como se lê nas Partidas, que condemnam as «*Cantigas* ó *Rimos* é *Deytados malos* de los que han sabor de infamar... deitavam-se nas casas dos fidalgos, egrejas e nas praças das cidades...»

Entre as satiras do cyclo affonsino destaca-se a *Gesta de Maldizer,* que fez Dom Affonso Lopes de Baiam, a Dom Mendo e a seus vassallos; é em verso alexandrino imperfeitamente metrificado, em tres estrophes monorrimas, separadas pela celebre *neuma* com que terminam as deixas *(laisse)* da *Chanson de Ralaud,* AOI. Torna-se

pelo titulo de *Gesta*, e pela sua fórma uma prova de que essa grandiosa epopêa franka era conhecida em Portugal. A satira de D. Affonso Lopes de Baiam, um dos mais validos ricos homens da côrte de D. Affonso III, visava o valimento d'esse infanção Ruy Gomes de Briteiros que por ter seduzido a gentil D. Elvira Annes da Maia foi elevado a rico-homem *pela roca*, conforme a linguagem pittoresca medieval. Ruy Gomes de Briteiros achou-se na Lide do Porto e esteve em França junto do Principe D. Affonso, a quem acompanhou a Portugal, quando veiu desthronar o irmão. Pela referencia ao seu solar de *Longos*, e ao nome de *Dom Mcendo*, seu filho, é que se desvenda o sentido da Gesta, que motejava das pretenções heraldicas, do descendente de um Pero, natural da localidade de Longos-Valles em que os frades Cruzios tinham um convento. Tanto Ruy Gomes de Briteiros como seu filho Dom Meem Rodrigues de Briteiros foram tambem trovadores, de que restam algumas canções, tendo talvez por qualquer copla provocado os chascos do poderoso rico-homem, que não via com bons olhos o seu favoritismo junto de D. Affonso III. O nome de *Belpelho* e *Velpelho* (diminutivo de *Vulpes*, a pequena raposa) alludia á indole ardilosa d'esses oriundos de Longos; d'esta inferioridade de solar fere-os a copla:

> Deu ora el rey seus dinheiros
> a *Belpelho, que mostrasse*
> en alardo cavalleiros
> e por ric' omen ficasse
> e pareceu a cavallo
> con sa sela de badana:

Qual Ric' omen tal vassalo,
Qual Concelho tal campana.
(Canc. Vat., n.º 1082.)

A *Gesta de mal dizer* (ib. n.º 1080) descreve esse alardo, feito por D. Mendo Rodrigues de Briteiros, com toda a pompa épica, verdadeira parodia quixotesca:

Sedia-se don Velpelho en hunha sa mayson
que chaman *Longos*, onde elles todos son:
per porta lh'entra Martin de Farazon,
escud' a colo en qu'é senha un capon
que foy já pol'-eyr' en outra sazon.
caval' agudo que semelha foron,
en cima d'el un velho selegon,
sen estrebeyras, e con roto bardon,
nen porta loriga, nen porta lorigon,
nen geolheiras quaes de ferro son.
. . . .

E' quanto basta para conhecer a fórma da Gesta e os chascos da parodia; o que interessa é determinar até que ponto se communicou a Portugal a corrente épica do norte da França. No *Livro das Linhagens* apparecem citados os *Doze Pares*, agrupamento heroico divulgado além da *Chanson de Roland* pelas antigas Gestas da Materia de França, a *Viagem a Jerusalem* e *Reynaud de Montauban*; eis a referencia: «muytos ricos homeens, que iam para lhes acorrerem disseram a el rey Don Fernando que nunca viram cavalleiros, nem ouviram fallar que tam soffredores fossem, e fizeram-nos em par dos *doze pares*. (*Mon. hist.*, Script., 283.) No epitaphio de D. Rodrigo Sanches, bastardo de Dom Sancho I, morto na Lide do Porto em 1245, na revolta contra D. San-

cho II, elle é comparado a *Roland*, no verso: «Laudibus ex dignis, alter fuit hic *Rotulandus*.» A fórma *Rotulandus* foi empregada por Radulphus Tortarius alatinando a fórma germanica *Hruodland*, usada por Eghinard; e o trovador Guerau de Cabrera, traz em uma canção *Rotlon*, d'onde a fórma *Roldan*, que se tornou popular. Na Canção de João Baveca (*Vat.* n.º 1066) encontra-se:

> e ora per Roncesvales passou
> e tornou-se de Poio de *Roldan*.

E no poema de Rodrigo Yanes, *Cronica de Affonso Onceno*, descrevendo a batalha do Salado:

> Nin fue mejor caballero
> El arçobispo *Don Turpin*,
> Ni el cortés *Olivero*
> Ni el *Roldan* paladin.
>
> (St. 1793.)

Muitas das referencias a Carlos Magno nos Nobiliarios derivaram do *Pseudo Turpin* do Codex de San Thiago de Compostella, que «no livro IV consigna invenções fabulosas e reminiscencias dos Cantares de Gesta.» (*Canc. Aj.*, II, 812) que foram tambem elaboradas no romanceiro peninsular com caracter proprio, como provou Nigra em relação á cantilena de Vifarius ou de *Dom Gayfeiros*. Nos paizes onde o feudalismo não chegou a estabelecer-se, as Gestas frankas, que em geral idealisavam as luctas dos grandes vassallos contra o poder monarchico, não acharam

sympathia. Os jograes, que no seculo XIV e XV, cantavam pela Italia os feitos heroicos de Carlos Magno eram com crescente despreso chamados *Ciartalani;* em Portugal, o nome de *Roldão* tornou-se designativo de valentão grosseiro, e *Valdevinus*, um tunante ou vagabundo. No seculo XV citava a *faulse Geste* do *Duque Jean de Lanson,* Azurara como digno de memoria, desconhecendo o seu typo odioso. Quando os trovadores começavam a alludir ás Gestas francas, entravam na côrte as Novellas amorosas do Cyclo da Tavola Redonda, que se apossaram do gosto e do enthusiasmo. Era uma renovação das Canções lyricas, que vinha acordar a paixão pelos poemas narrativos da *Materia de Bretanha.*

O Cyclo Affonsino tocava o seu termo, quando a côrte portugueza acompanhava o recolhimento do rei pela sua prolongada doença. Para resistir ás exigencias dos seus privados e do clero que lhe deram o throno, D. Affonso III, affectou como valetudinario crises de soffrimento, dizendo os documentos contemporaneos «*que avia bem catorze* (annos) *que jazia em huma cama, e que se nom podia levantar.*» Serviu-lhe esta situação para mandar colligir um grande Cancioneiro trobadoresco, obtendo pela sua situação especial, os cadernos das trovas que existiam por mãos dos fidalgos, nas côrtes de Castella e Aragão, e em Portugal; e isso quando ao mesmo tempo dava a seu filho D. Diniz uma esmerada educação litteraria. Na Livraria do Rei Dom Duarte guardou-se um codice com o titulo:

— *Livro das Trovas del Rey Dom Affonso.*

encadernado em couro, o qual compilou F. de Montemór novo.

Na mesma Bibliotheca se guardou o Livro das *Trovas de El-rei Dom Diniz.* Naturalmente se estabelece a relação historica entre os dois cancioneiros. D. Carolina Michaëlis formulou essa plausivel hypothese, que se fundamenta com segurança; e descreve o plano de D. Affonso III: «Espectador das festas brilhantes da côrte de S. Luiz, conhecedor das emprezas de seu tio-avô Alfonso II, de Aragão, que incumbira um monge do mosteiro de St. Honorat de ajuntar em um volume obras poeticas em lingua d'oc; sciente do esmero com que seu sogro, o Sabio de Castella, eternisava os seus Canticos, e tambem da actividade poetica de Thibaut de Champagne e Navarra (servidor mais ou menos authentico de Blanca de Castella e herdeiro de seu tio Sancho Sanches, o Forte) o rei de Portugal não só publicou decretos sobre a posição dos jograes na sua côrte, mas concebeu tambem, se não me engano, o plano de reunir em volume os *rotulos* com versos dos seus vassallos e as reliquias que restavam dos reinados anteriores.» *(Canc. Aj.,* II, 233.) D. Carolina Michaëlis que estudou fundamentalmente o Cancioneiro da Ajuda, reconstituindo-o nas partes truncadas e fragmentadas pelos logares communs nos dois Cancioneiros da Vaticana e Colocci-Brancuti, completando as séries das canções, pôde pelo estudo biographico e dados chronologicos d'esses trovadores, determinar os cyclos aulicos a que pertencem. Sobre estas bases chegou á conclusão, que o *Cancioneiro da Ajuda:* «é uma

collecção anterior independente de *versos pre-dionisiacos,* um nucleo primordial, que serviu de ponto de partida aos collectores subsequentes.» *(Ib.,* II, 224.) No principio do velho pergaminho, *figuram sem excepção,* os pre-Affonsinos, de 1200 a 1245; e prosegue: «Estudando as biographias dos poetas, cujas obras de amor o Cancioneiro da Ajuda nos conservou, apura-se que a maioria dos que materialmente apparecem antepostos aos Alfonsos de Castella e Leão e a D. Diniz de Portugal, *pertencem, de facto ao reinado anterior, de D. Affonso III,* o Bolonhez (1245-1279,); e são ricos-homens e cavalleiros da sua côrte. Alguns ainda alcançaram o tempo do filho e successor, ou em Castella o de Sancho IV, que herdou a corôa do Sabio. A vida dos dois prolongou-se depois de 1300.» *(Ib.,* p. 322.) Das 310 Canções de que se compõe o *Cancioneiro da Ajuda,* 246 existem repetidas com variantes nos dois Cancioneiros da Vaticana e Colocci; isto nos define com segurança o que seria o conteúdo do *Livro das Trovas de El rei Dom Affonso.*

São trinta os trovadores que pertencem a este cyclo, alguns dos quaes frequentaram a côrte de Affonso o Sabio. [1]

---

1 Apontaremos alguns: Dom João de Aboim — D. Affonso Lopes de Baiam — Ruy Gomes de Briteiros — João Soares Coelho — Fernão Fernandes Cogominho — D. Fernão Garcia Esgaravunha — Rodrigo Eannes de Vasconcellos — Rodrigo Eanes Redondo — D. Garcia Mendes de Eixó — Pero Gomes Barroso — D. Vasco Gil — Fernão Velho. — Gonçalo Eanes de Vinhal — Affonso Eanes do Coton — Ruy Paes de Ribela — Pero da Ponte — Bernaldo

c) *Cyclo Dionisio* (1279 a 1325.) Justamente no periodo em que a poesia provençal decahia, entre 1250 e 1290, é que ella appresentava uma floração artificial, uma como revivescencia culta. Escreve Paul Meyer: «Na França do norte, na Italia e na côrte do joven Frederico II, na Toscana, na Galliza, na côrte do rei D. Diniz, compunha-se *em maneira de provençal.*» Esta crise do gosto litterario reflectia os movimentos sociaes, religiosos e politicos. Paul Meyer resume-os: «A edade de ouro da poesia dos Trovadores não foi longa: durou um seculo pouco mais ou menos; dos primeiros annos do seculo XII á Cruzada albigense. — A maior parte dos Trovadores emigraram para Aragão, para Castella, para a Italia, e a poesia provençal lançou ahi o seu ultimo fulgor, emquanto se extinguia lentamente nos paizes em que nasceu.» (*Romania*, 1876, p. 263 e 265.) A côrte de Dom Diniz tornou-se o centro de convergencia dos trovadores gallegos, castelhanos, aragonezes e andaluzes, que alli vinham encontrar o applauso e o premio dos seus talentos, no esclarecido rei. Dom Diniz era uma organisação excepcionalmente constituida, que fôra habilmente dirigida, revelando-se por uma acção historica progressiva e consciente. D. Affonso III, receiando que fosse perturbada a sua

de Bonaval — Payo Gomes Charrinho — João de Guilhade — Martin Soares — Ruy Queimado — Vasco Peres Pardal —João Vasques—Pedro Amigo—Pedro d'Ambrôa — Vasco Praga de Sandim — Pero Velho de Taveiroz — Ruy Gomes o Freire — Vasco Rodrigues de Calvelos.

successão ao throno, por ter nascido quando ainda não estava divorciado da condessa Mathilde, (1261) nomeou-o expressamente como seu successor, e associou-o ao seu governo. Dom Diniz, receiando sempre que se levantasse como pretendente o irmão nascido já em condições canonicas, (1263) manteve-se na linha de uma pratica da justiça, da ordem e do bem publico, tornando-se uma verdadeira manifestação do poder temporal. Nos dias descuidados da mocidade teve por seu mestre Aymeric d'Ebrard que lhe fez conhecer a poesia franceza; viu-se cercado pelos fidalgos que estiveram homiziados na côrte de Sam Luiz e de lá trouxeram o gosto das Pastorellas; conhecia a supremacia mental de Affonso o Sabio, seu avô, que tanto se empenhava pela restauração da Poesia provençal, e mandava traduzir a sua *Cronica general de España;* e foi na côrte de Aragão, que elle procurou para esposa D. Isabel, filha de Pedro III, que tambem cultivava a poesia, e nas suas Ordenações estabelecera a admissão dos jograes nas casas principescas, «*car lur offici donc alegria.*» Foi-lhe muito cedo estabelecida casa apartada; e os fidalgos nomeados para o seu serviço eram trovadores affonsinos, como João Martins e Martim Perez, o celebrado Dom João de Aboim, que depois da morte de D. Affonso III assistiu com a rainha em uma especie de conselho de regencia. Dom Diniz deu largas ás suas predilecções, cultivando como seu avô e seu sogro, a poesia com um talento excepcional, tornando-se o principal trovador portuguez pela sua fecundidade, (138 Canções conhe-

cidas) e pelo sentimento delicado e finamente artistico. Devia exercer espontaneamente um grande influxo litterario, n'essa época de intensa actividade mental, [1] e ao passo que alentava o desenvolvimento do lyrismo, fundava a Universidade de Lisboa, quando a de Salamanca, fundada por Affonso o Sabio, parecia estacionaria. A sua influencia n'esta phase do lyrismo moderno, acha-se assim caracterisada por D. Carolina Michaëlis: «Considerando como apogeu da lyrica palaciana os annos de 1275 a 1280, em que o joven Dom Diniz, rodeado dos melhores trovadores de seu pae, dos veteranos do avô castelhano e de alguns artistas vindos da terra do seu sogro aragonez, manifestava o excepcional talento que possuia, penso que o plano do Bolonhez de reunir os productos da Gaia Sciencia hispanica, tambem foi iniciado e continuado até 1325 pelo filho.» *(Canc. Aj.*, II, 288.) A creação do Consistorio Tolosano em 1323 revela a importancia com que era estudado o lyrismo occitanico, que, como observa Paul Meyer «revivescia fóra da sua patria sob fórmas novas.» E' este saber technico que se manifesta no cyclo dionisio. O rei-trovador alardea

1 Uma filha bastarda de Affonso X, D. Beatriz casou com D. Affonso III; além do rei D. Diniz nasceu d'este casamento a Infanta D. Branca, a quem Sancho IV, em data de 25 de Abril de 1295, deu o senhorio das Huelgas; para ella Mestre Affonso de Valladolid (Rabbi Abner que se converteu ao christianismo,) que pertencia á casa da Infanta traduzia em castelhano o *Libro de las Batalhas de Dios*. D'aqui essa litteratura da *Côrte Imperial, Orto do Esposo,* etc.

o seu conhecimento das fontes puras do lyrismo, e separa a funcção mercenaria dos jograes. Na Canção XLIII (*Vat.*, n.º 123) proclama:

> Quer' eu *en maneira de provençal*
> fazer agora um cantar de amor,
> e querrei muit' i loar mha senhor
> a que prez nem fremosura nom fal,
> nem bondade; e mais vos direi en;
> tanto á fez deus comprida de bem,
> que mais que todas las do mundo val.

Na Canção XLVII (*Vat.*, n.º 127) confirma a superioridade dos trovadores Provençaes pela doutrina do Amor que professam e os inspira, distinguindo-os da inconsciencia dos Jograes que vão cantando em dadas épocas do anno, no *tempo da frol* ou da *reverdie:*

> Proenças soem mui ben de trobar,
> e dizem elles que é com amor;
> mais os que trobam no tempo da frol
> e nom en outro, sei eu bem que nom
> am tam grã coita no seu coraçon
> qual m'eu por mha senhor vejo levar.
>
> Pero que trobam e sabem loar
> sas senhores o mais e melhor
> que elles pódem, sõo sabedor
> que os que trobam quand' a frol sazon
> a, e non ante, se Deus mi perdon'
> nom am tal coita qual eu ei sem par.
>
> Cá os que trobam e que s' alegrar
> vam em o tempo que tem a calor
> a frol comsigu' e tanto que se for
> aquel tempo, logu' en trobar razon
> nom am, nen vivem em qual perdiçom
> oj' eu vivo, que pois m' a de matar.

A *razão de amor* era a doutrina philosophica com que os trovadores explicavam o seu sentimento affectivo e apaixonado, que vem desde Arnald de Merveil até Dante, appresentando a fórma mystica do ideal da Virgem, e a cortezanesca da Dama, que se eleva á representação allegorica das Beatrizes e Lauras. O rei Dom Diniz conheceu a *doutrina do amor* então recebida da philosophia platonica. Como determinar essa via? O *Tesoro* de Bruneto Latini foi conhecido em Hespanha e estudado por Affonso o Sabio; Bruneto Latini é que communicou a Dante e lhe explicou a philosophia platonica: «Foi elle tambem o mestre do grande poeta Guido Cavalcanti, elegiaco e por vezes pathetico, outras sensual, um dos mais francos modelos do circulo epicurista da Florença.» [1] Dante memorou o Rei Dom Diniz na sua *Divina Comedia*; [2] e a protecção dada por este monarcha aos Templarios, garantindo-lhes os seus bens e conservando-os com o nome de Cavelleiros de Christo, mostram-nos que elle estava no conhecimento das doutrinas do amor até no seu aspecto mystico e heterodoxo.

O ideal do *Amor*, vinha no fim do seculo XII completar o individualismo heroico da *Honra*, e inspira uma nova poesia lyrica cortezanesca: «Traz comsigo esta concepção, grande em si, que o amor deve ser a fonte das virtudes sociaes. Determina uma força nobilitante. O amante deve tornar-se digno do sêr amado, pelo duplo exer-

1 Gebhart, *L'Italie mystique*, p. 304.
2 *Del Paradiso*, canto XIX, ỹ. 139.

cicio da Valentia e Cortesia, e o Amor só deve entregar-se por este preço; por que tem por fim o realisar a perfeição cavalheiresca.

«Mas esta ideia vem da Provença, já velha e exagerada. O principio inspirador da poesia provençal é que o amor é uma arte; e os trovadores aperfeiçoaram esta arte até á minucia. Revelaram bruscamente aos troveiros uma completa rhetorica e uma casuistica de amor, uma dialectica das paixões, um codigo de cortezania. Os sentimentos acham-se ahi catalogados e classificados, tão cuidadosamente como os generos lyricos, sujeitos a leis tão rigidas como a sirvente, a tenção ou o jocparti. Os poetas provençaes ensinam uma etiqueta cerimoniosa de côrte, uma estrategia galante cujas manobras são reguladas como os passos d'armas dos torneios. Visto que o dever do amante é merecer o ser amado e de *valer* pela sua *cortezia,* é esta a regra da estricta observancia que elle deve praticar. Deve viver á vista de sua dama em uma perpetua tremolencia, como um sêr inferior e submisso, humildemente suspirando, habil, como um mestre de cerimonias, em exercer a proposito as virtudes de salão. Deve estar diante d'ella como o unicornio, que aterrador para os homens, se humilha e se doma ao pé de uma donzella; ou como a phenix, que se lança na labareda; ou como o marinheiro, que guia a estrella polar, immovel, serena e fria. E' um longo cortejo de banidos, de doentes que amam a sua doença e de esperantes desesperados. O amor já não é uma paixão, é uma arte, peior ainda, um cerimonial; vem a parar em um sentimentalismo

de romance para guitarra, e os troveiros passam sem transição das paixões rudimentares das canções de Gestas ás peores chatezas do trobadorismo.

«Indubitavelmente, a poesia da Edade média ter-se-ia rapidamente mirrado em uma galanteria preciosa e formalista, se a influencia celtica (melhor, *bretã*) não tivesse occorrido logo servindo de contrapezo á dos trovadores. Ao sensualismo innocente e barbaro das velhas canções de gesta, á galanteria da poesia provençal, os cantos bretãos oppõem um puro idealismo. Aqui não se trata de bem fallar, nem de saber combinar rimas, nem de brilhar nos torneios. Nenhuma rhetorica de sentimentos. Não se trata mais de valer. Por que é Tristão amado por Yseult? Por sua elegancia?... Não; é por que é elle, e por que é ella. A sua paixão acha em si mesmo a sua causa e o seu fim. O amor, n'estas lendas, é desprovido de todo o alcance mais geral: a ideia do merito e do demerito moral é-lhes inteiramente ausente. Concepção a mais ingenua e bastante primitiva, mas profunda. A dama já não é, como nos poemas lyricos imitados dos trovadores, uma especie de idolo impassivel, que reclama proêzas de torneios ou o incenso das balladas e das canções tripartitas. A' submissão do amante á amante, succede a egualdade diante da paixão.» [1] E' esta nova corrente que inspira a expansão lyrica de Dom Diniz na canção XVI *(Vat.*, 95.):

---

1 Joseph Bédier, *Les Lais de Marie de France*, (Revue des Deux-Mondes, 1891, t. v, p. 852.)

Pois que vos fez Deus, mha senhor,
fazer do bem sempre o melhor,
e vos em fez tam sabedor,
unha verdade vos direi,
se mi valha nostro senhor:
erades bôa pera rei.

E' este refrem que dá um effeito peculiar á estrophe. E para representar a paixão que o domina e submette á passividade, compara-se aos typos que então synthetisavam a fatalidade do amor, na Canção XXXVI *(Vat.* 115):

Qual mayor poss', e o mais encoberto
que eu poss', e sei de *Brancafrol*
que lhi não ouve *Flores* tal amor
qual vos eu ei; e pero são certo
que mi queredes peior d'outra ren
pero, senhor, quero-vos eu tal bem.

Qual maior poss'; e o mui namorado
Tristam sei bem que non amou *Iseu*
quant' eu vos amo, esto certo sei eu;
e com todo esto sei, mao pecado,
que mi queredes peior d'outra ren;
pero, senhor, quero-vos eu tal bem.

Estes amores tornaram-se fortes realidades, de que são testemunhos os seus bastardos, e como seu pae, tambem trovadores, o Conde D. Pedro, nascido dos amores com D. Gracia, senhora da Ribeira de Santarem, e o Conde D. Affonso Sanches, nascido da vehemente paixão por D. Aldonça Rodrigues da Telha. [1] Mas estes delirios,

1 A estes amores allude o trovador Pero Barroso, na Canção a Ruy Gomes da Telha, *(Vat.,* n.º 1051 a 1057; tambem na canção 1052 allude aos amores de D. Affon-

que tanto sanctificaram a rainha Isabel de Aragão, não impediam as especulações da casuistica amorosa, que eram o objecto das celebradas *Côrtes de Amor*, em que as damas sentenciavam, estabelecendo pelas suas resoluções os *Arresta Amorum*. No *Cancioneiro da Vaticana*, a Canção 597 refere-se a este genero de festa palaciana:

> O meu amigo novas sabe já
> d'aquestas *Côrtes* que s'ora faram,
> ricas e nobres dizem que seram,
> e meu amigo bem sei que fará
> hum cantar em que dirá de mi bem,
> ou fará ou já o feito tem.
>
> Em aquestas *Côrtes* que faz El-rei
> loará-mi e meu parecer,
> e dirá quanto bem podér dizer
> de mim, amigos, e fará bem sei
> hum cantar em que dirá de mi bem,
> ou fará ou já o feito tem.

O cunhado do rei D. Diniz, D. Pedro de Aragão (bastardo de Pedro III) visitava a sua côrte, e trovava tambem no novo genero lyrico dos *Lais* de Bretanha; lê-se na Canção 1147 da Vaticana:

> Dom Pedro est cunhado del rei,
> que chegou ora aqui d'Aragon,
> com hũ espeto grande de leitom;
> e pero que vol-o perlongarei,
>   d'eu por vassalo, de si a senhor,
>   faz sempre nojo, non vistes mayor.

---

so II com D. Mór Martins, mulher de D. Ponço de Baiam, falecido por qualquer caso extraordinario:

> Moir' eu do que en Portugal
> morreu Dom Ponço de Baiam.

D. Carolina Michaëlis indica sugestivamente suicidio como resultante de ciume. *(Canc. Aj.*, II, 399.)

Todas as correntes lyricas, occitanicas, francezas, bretãs e populares brilhavam na côrte de Dom Diniz, em que elle occupava a situação primacial pelo seu talento. Nas cento e trinta e oito Canções que formam o seu Cancioneiro, reflectem-se estas phases poeticas na sua actividade: primeiramente prevalece o emprego do verso limosino ou endecasyllabo em que as Canções têm por assumpto essa vaga casuistica sentimental da superioridade da creatura amada, da necessidade do segredo absoluto, da severidade implacavel da sua dama; quebrando esta estructura de um subjectivismo convencional, brilham os quadros objectivos das *Pastorellas* no gosto francez, nas bellas e deliciosas Canções n.º XXIII, LVII e LXX, e por fim predomina o genero nacional das fórmas parallelisticas dos *Cantares de Amigo*, de uma graciosidade e ingenuidade commovente pela pureza emotiva. O recopilador do Cancioneiro do Rei Dom Diniz destacou esse genero na compilação:

«*Em esta folha adiante se começam as* Cantigas d'amigo, *que o mui respeitabre Dom Dinis, rei de Portugal fez.*»

O fundador da philologia romanica Frederico Diez foi o primeiro que soube avaliar esta fórma do lyrismo de caracter popular determinando a sua origem tradicional pela sobrevivencia nas cançonetas de Gil Vicente e em outras épocas litterarias. [1] Era um problema de um alto valor es-

---

1 *Ueber die erst portugiesische Kunst und Hofpoesie*, p. 100.

thetico. Paul Meyer esboça-o: «No ponto de vista do historiador litterario, esta adopção do genero popular, que no caso presente chega até a conservar a assonancia, é um facto interessantissimo. Revela-nos os poetas da côrte de D. Diniz dotados de um sentimento de poesia natural, que honra o seu gosto. Souberam alguns de entre elles imitar os trovadores, como o provou Diez amplamente, mas ao mesmo tempo souberam dar prova de *uma effectiva originalidade. Elles tem um logar inteiramente independente* na poesia da Edade média, e se lhes não dão até hoje um maior, a culpa é dos eruditos, que se não empenharam em trazer á publicidade as suas obras.» (*Romania,* I, p. 121.) Essa originalidade e esse logar independente que nos compete na poesia da Edade média fundamenta o titulo da *Eschola trobadoresca portugueza,* que ficará admittido. A expressão natural, espontanea e ingenua do lyrismo portuguez, não está exclusivamente na fórma popular, que os trovadores palacianos souberam imitar delicadamente; o sentimento, expresso nas cantigas soltas do vulgo, revelando o genio da raça, comprehende ou tem implicita uma doutrina completa de amor. Byron ao desembarcar em Lisboa fixou uma cantiga do povo, que elle traduziu como verdadeira synthese amorosa da alma portugueza, cujos poetas morrem de amor; a cantiga é a vibração d'essa passividade:

Tu chamas-me tua vida,
Eu tua alma quero ser;
Que a vida acaba com a morte
E a alma eterna hade ser.

Foi esta profunda emotividade que trouxe os trovadores fidalgos e o rei Dom Diniz á reproducção das fórmas tradicionaes da poesia popular; e essas fórmas nunca mais foram esquecidas pelos grandes lyricos portuguezes, como Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Christovam Falcão, Camões, D. Francisco Manoel de Mello, Thomaz Antonio Gonzaga, e mesmo Garrett. E desde que nos aproximamos da tradição, o que se perde em originalidade individual, ganha-se em profundidade de energia vital, em fecundidade organica. A critica eleva-se mais alto: escreve D. Carolina Michaëlis: «A concordancia de certos themas populares com outros estrangeiros, notadas por Jeanroy, explicam-se pelas *origens communs da civilisação neo-latina*, e em parte tambem pela identidade das influencias ecclesiasticas; as divergencias pela evolução diversa de cada povo, em conformidade com a sua indole e costumes. O mesmo vale das formações rythmicas e estrophicas. Verdade é, que nem mesmo as Cantigas em distichos ou tristichos com repetições ou concatenações de duas versões parallelas, são privativas da Galliza. Ha vestigios isolados do systema na França, na Italia e na Catalunha; semelhanças muito ao longe, entre Malaios e Chinezes. Mesmo o parallelismo de hymnos espirituaes vindos do Oriente e psalmodiados nas primitivas egrejas christãs á maneira de modelos hebraicos, offerece pontos de contacto dignos de estudo.» E como fundamentando a vitalidade da raça portugueza no seu *ethos* accrescenta:

«Em parte alguma as Cantigas parallelisticas

tomaram todavia no meio do povo um desenvolvimento robusto como aqui. E o que importa mais é que em parte alguma as creações rusticas entraram nos paços de el rei, desassombradas na sua desataviada elegancia, servindo ali de modelos a reis, magnates, e enxames de poetas de cathegoria menor.» *(Canc. Aj.*, II, 938.) Entre esses cantores villãos e populares que assignam canções de amor junto com os fidalgos figuram mais de vinte constituindo uma eschola jogralesca, mantendo o contacto vivificador com a multidão. [1] E' esta a phase galleziana, reconhecida por Menendez y Pelayo, um lampejo subito e deslumbrante, a que se succedeu a obnubilação completa de um povo. Reconheceram os jograes esse favor com que os accolhera o rei D. Diniz. O jogral leonez Joham, celebrando em uma *planh* a morte d'este monarca, refere a sua protectora influencia:

> Os namorados que trobam d'amor
> todos deviam gram doo fazer,
> et nom tomar em si nenhum prazer,
> por que perderom tam bôo senhor,
> com' é el rey Dom Diniz de Portugal
> de que nom pode dizer nenhum mal
> homem, pero seja profaçador.
>
> Os trovadores que poys ficárom
> en o seu regno e no de *Leon*,

---

1 Citaremos os nomes de: Ayras, o Engeitado — Ayras Vaz — Fernam Padram — Meendinho — João Zorro — Martim Campina — Pero Meogo — Martin de Caldas — Pero de Dardia — Nuno Peres — Payo Calvo — Golparro — Martin de Ginoza — João de Cangas — Martim Codax — Fernam de Lugo — João do Requeyxo.

no de *Castella* et no de *Aragon*
nunca poys de sa morte trobarom;
et *dos jograres vos quero dizer*
nunca cobraram panos nem aver,
et o seu bem muyto desejarom.
(*Canc. Vat.*, n.º 708.)

Como cultor e apreciador da poesia, o rei Dom Diniz era julgado como um arbitro; e os jograes que procuravam a sua côrte, não eram attrahidos tanto pela generosidade como pela sua *mestria.* Depois da sua morte, diz a *planh,* os trovadores de Leão, de Castella e de Aragão não mais trovaram. E' uma verdade historica: terminado o Cyclo Dionisio acabou tambem a poesia provençalesca. Desthronaram-a os *Lais* bretãos. O bastardo de Pedro III de Aragão, que assistira na côrte do seu cunhado D. Diniz, fôra um dos introductores d'esta novidade.

Os filhos bastardos de D. Diniz, o Conde de Albuquerque e o Conde de Barcellos, tambem fôram esmerados cultores da poesia trobadoresca. D. Affonso Sanches, nascido em 1286, era amado loucamente pelo rei, provocando grandes dissidencias da parte do princepe herdeiro. Lê-se no Nobiliario: «por que se dizia, que el rei Dom Diniz queria fazer rei Dom Affonso Sanches, seu filho de ganhadia, que trazia comsigo e que elle muito amava.» [1] Os odios continuaram depois de ser rei seu irmão D. Affonso IV. No *Cancioneiro da Vaticana* existem quinze Canções de D. Affonso Sanches, extremamente deturpadas; ainda as-

1 *Mon. hist.*, Scriptores, p. 258.

sim conhece-se que tinha um elevado sentimento poetico e que comprehendia a belleza das fórmas populares. E' bella esta estrophe da Canção n.º 367:

> Quando, amigos, meu amigo veher,
> emquanto lh' eu perguntar hu tardou,
> falade vos nas donçelas entom;
> e no sembrant', amigo, que fezer,
> veeremos bem se tem no coraçom
> a donzella por quem sempre trobou.

O outro bastardo do rei Dom Diniz, feito Conde de Barcellos em 1 de Março de 1304, soube vencer os odios da fidalguia contra estes bastardos, que redundavam em dissenções politicas; organisou um cadastro das linhagens, e cultivando a lyrica provençalesca compilava tambem um Livro de Cantigas. Esta relação entre as noticias genealogicas e as collecções de cantares era conhecida pelos trovadores; N'Ucs de la Pena *sabia las generaciones dels grans homes de aquella contrada.* O mesmo se dava em D. Pedro. Circumstancia apreciavel: o *Cancioneiro da Ajuda* conservou-se fazendo parte dos Nobiliarios, por ventura por se caracterisarem ahi como *trovadores* alguns fidalgos. Existia effectivamente uma intima relação historica entre estes dois extraordinarios documentos, completando-se historicamente. Escreve imparcialmente D. Carolina Michaëlis: «*Livro de Linhagens* e o *Cancioneiro*, duas obras muito diversas, mas que se completam e explicam de um modo feliz com relação á historia da Civilisação patria, tanto para poder editar os cadernos da fidalguia nos *Monumentos historicos*

de Portugal... e ainda *para desenhar os quadros da historia nacional até 1279*. Herculano teve de arrancar os seus mais intimos arcanos *a ambas* as obras, compenetrando-se do espirito da Edade média, que n'ellas respira e falla.» [1]

Depois da morte de Dom Diniz foi o Conde D. Pedro perseguido e desherdado por seu irmão D. Affonso IV, indo refugiar-se por algum tempo junto de Affonso XI de Castella, casado com a formosissima Maria, filha do monarcha portuguez. O Jogral Joham diz na Canção 707: «E al do Conde fallemos — que é *irmão tio de El rei.*» Foi por um sentimento de gratidão, que o Conde de Barcellos deixou por testamento, feito em 30 de Março de 1350 o seu *Livro das Cantigas* a Affonso XI. [2] Por esta circumstancia saíu de Portugal tão singular monumento. Da sua actividade poetica conhecem-se apenas dez Canções amorosas, especialisadamente satiricas ou de maldizer; d'aqui deduzimos que o seu *Livro das Cantigas*, tendo em vista a sua aptidão de compilador e as relações pessoaes com a fidalguia portugueza conteria as composições dos trovadores das côrtes de D. Diniz e de Affonso XI de Castella, em grande parte perdidas.

Representaria esse *Livro das Cantigas do Conde de Barcellos* a realisação do pensamento

---

1 Responde ao manhoso Parecer de Gama Barros, apresentado á Academia real das Sciencias, embaraçando a incorporação dos Cancioneiros nos *Portugaliæ Monumenta historica* (Scriptores.) (24 de Fevereiro de 1898.)

2 Sousa, *Provas* da Hist. Genealogica, t. I, p. 138.

iniciado no *Cancioneiro da Ajuda* sob D. Affonso III, organisando em um corpo systematico o Grande Cancioneiro gallecio-portuguez, de que se dispersaram fragmentos por Hespanha e Italia? Pelos grupos de Canções d'esses varios fragmentos em que predominam certos generos lyricos, infere-se qual a disposição do grande Cancioneiro, que assim se recompõe nas suas divisões:

I — { *Cantares de Amor* (Gram Mestria.)
Cantigas de Amigo (Mestria menor.)

II — { *Cantigas de Maldizer e de Escarnho.*
Coplas de burlas e Joguetes certeiros.

III — { *Cantigas sagraes* (Marial e Santoral.)

As 2019 Canções, que possuimos (descontando as 310 Canções repetidas) são uma parte das composições lyricas que andaram dispersas nas seguintes collecções de que ha apenas noticia e nas que se conservam:

1 — **Pequenos Cancioneiros individuaes:**

Livro dos Sons do Dayam de Cales.
Os Cadernos de Affonso Eannes de Coton.
Cantares de Lourenço Jogral; de Picandon, etc.

2 — **Livro das Trovas de El Rei D. Affonso:**

Cancioneiro da Ajuda.
Il Libro di Portoghesi.
Codice de Bembo.
Codice lemosino.
Libro spagnuolo di Romanze.

3 — **Livro das Trovas de El-Rei D. Diniz.**

4 — **Livro das Cantigas do Conde de Barcellos:**

Cancioneiro da Bibl. do Vaticano.

Cantigas, Serranas e Dizeres portuguezes, de D. Mecia Cisneros. 1
Cancioneiro de um Grande de Hespanha (dos Duques do Infantado, segundo Sarmiento?)
Cancioneiro, apographo de Angelo Colocci.

5 — Cantigas de Santa Maria.

Milagres de Nossa Senhora. 2

---

1 A'cerca do volume de *Cantigas, Serranas e Dizeres portuguezes e gallegos,* que existia em casa de D. Mecia de Cisneiros, escreve Sarmiento: «Se hoje existisse aquelle volume, codice ou Cancioneiro, teriamos um thezouro para discernir os Poetas hespanhoes mui anteriores ao anno de 1400. Ouvi dizer que os Senhores Duques do Infantado, descendentes do Marquez de Santillana possuem em Guadalajara uma preciosa Livraria de manuscriptos e de impressos, que foram do Cardeal Mendoza, filho do dito Marquez. Acaso se achará alli o desejado Codice e outros semelhantes?» *(Mem. para la Historia de la Poesia e Poetas espanoles,* n.º 562.)

O Cancioneiro visto por Varnhagem em Madrid, em poder de um grande de Hespanha, cujo nome occultou, não será d'esta proveniencia indicada por Sarmiento? Varnhagem confrontou-o com o codice da Vaticana e eram eguaes.

No n.º 833 Sarmiento falla outra vez da Livraria do Duque do Infantado; «si supiesse que en el se conservaba aún aquel Cancioneiro antiguo... se me haria suave qualquer trabajo, unicamente por verle y registrale.»

2 Em 1754 escrevia Francisco de Pina e de Mello nos prolegomenos do seu Poema *Triumpho da Religião:* «Hoje existe na Livraria do Escurial um livro de versos seus (do rei D. Diniz) que elle mandou a seu avô, a quem chamaram o Sabio *Cantares de loor de Santa Maria,* offerecido a neros, de cujas composições disse o Marquez de Santilhana: «de las quales *la mayor parte eram de el rei D. Diniz de Portugal...*»

O Codice, que segundo Duarte Nunes de Leão (Chron. P. 1, t. 11, p. 76) se guardava na Torre do Tombo intitulado *Loores de Nossa Senhora,* seria o volume do rei Affonso o Sabio *Cantares de loores de Santa Maria,* offerecido a seu neto o rei D. Diniz.

No Inventario dos Livros da Rainha Isabel de Castella, feito em 1503, vem apontado:

No testamento do rei Affonso o Sabio, de 22 de Janeiro de 1284 elle chama a esta sua collecção — *Cantares de loor de Santa Maria*, e tambem *Cantares de Sancta Maria*. Sobre a lingua em que estão escriptos estes Cantares diz o Marquez de Valmar ser mais culta do que a usada pela gente da Galliza; «*é por demais o mesmo idioma empregado na prosa portugueza d'aquelles tempos*, como póde ver-se na Poetica portugueza (incompleta) junto ao Canc. Colocci, do seculo XIV.» (*Cantigas de Santa Maria*, I, 172.)

Estes quatro Cancioneiros, da *Ajuda*, da *Vaticana*, *Colocci*, e *Cantigas de Santa Maria*, são, como observa o illustre Marquez de Valmar, «singularissimos monumentos romanicos, são a revelação de uma lingua e de uma litteratura, que, ainda que evidentemente nascida da cultura litteraria provençal, chegaram a ter vida propria e subsistiram mais de dois seculos quanto era possivel que subsistissem n'aquelles tempos de transformação e de progresso historico.» (*Ib.*, p. 17.) Essa transformação operava-se na poesia pela revelação do lyrismo italiano, e enthusiasmo pelos Lais bretãos desenvolvendo-se na fórma narrativa em prosa em Novellas de Cavallaria.

Quando a Eschola trobadoresca portugueza, por causas geraes e historicas se extingue fusionando-se com novas correntes litterarias, synthe-

— Otro libro de marca mayor, en romance en pergamiño *en lingua portugueza*, que son los *Milagres de Nuestra Señora*, con unas coberturas de cuero... *apontado de canto llano*. (Ap. Barbieri, Canc. Musical, p. 14.)

tisemos os seus caracteres fundamentaes reconhecidos pelos grandes criticos. Frederico Diez, no estudo *Sobre a antiga Poesia artistica cortezanesca portugueza*, aprecia assim a sua morphologia: «Os seus ultimos cultores (da poesia artistica provençalesca) procuraram nacionalisal-a, aproximando a nova Arte dos generos e da maneira indigena do povo. D'ahi a predilecção pelo *refren*, a *forma dialogistica*, e o que é da maxima importancia, a imitação do estylo vulgar. D'ahi tambem a renuncia a pensamentos peregrinos e a todas as especies que não tivessem correspondido a qualquer realidade na vida da nação.» Por exclusões negativas é que Diez chegou a este decisivo julgamento. Em quanto ao sentimento poetico da Eschola, Bellermann, que residiu algum tempo em Portugal, e que pôde aperceber o *ethos* d'este povo, no seu estudo *Os antigos Cancioneiros portuguezes*, define com verdade a sua esthesia: «os seus versos parecem nascer de sentimentos reaes... Apesar de uma grande monotonia, ha alli verdadeira e intima poesia affectiva, que brota de um coração commovido, o que lhes dá certa vehemencia que se impõe, um valor duradoiro, e a primazia sobre as composições lyricas colligidas nos Cancioneiros impressos na Peninsula.» Essa monotonia, que é uma feição ethnica do povo portuguez contrasta profundamente e dá um realce extremo á intensidade do sentimento.

d) *Cyclo post-Dionisio* (1325 a 1357). Dom Affonso IV, em antagonismo com os seus irmãos bastardos, que cultivaram o lyrismo trobadoresco,

nem por isso era indifferente ás invenções poeticas que appareciam na côrte, como se confirma pela anedocta do *Princepe D. Affonso de Portugal* mandando modificar o caso de Briolanja na primeira redacção do *Amadis.* Não será absurda a inferencia de que tambem versificasse, como os outros reis, como fundamenta o *Catalogo di Autori portoghesi*, Ms. junto ao Codice n.º 3217, da Bibliotheca do Vaticano, onde se apontam, sob os n.os 1323 a 1326, quatro Canções d'este monarcha. Infelizmente o Cancioneiro Colocci, achado depois na livraria do conde Brancuti, não contém todos os poetas apontados no *Catalogo di Autori.* A actividade dos trovadores portuguezes e principalmente a sua Eschola expandiu-se em Castella, na côrte do rei trovador Affonso XI; talvez pelo influxo d'este, o Conde D. Pedro realisasse a grande compilação do seu *Livro das Cantigas*, abrangendo todo o Cyclo Dionisio. Escreve D. Carolina Michaëlis: «E sendo D. Diniz o ultimo entre os reis de Portugal, que exerceu e protegeu efficazmente a Arte trobadoresca mais, que quando depois do seu falecimento o rapido declinar se annunciou; esse plano foi completado reinando D. Affonso IV (1325-1357) pelo Conde de Barcellos, a quem movia o duplo interesse de propagar os versos do pae e os seus proprios. Cada geração, cada Cancioneiro.» *(Canc. Aj.*, II, 228.) Teria sido auxiliado n'este empenho pelo trovador Estevam da Guarda. *(Ib.*, II, 282.)

A lingua portugueza era empregada ainda nos fins do seculo XIV pelos poetas castelhanos; reconheceu-o Milá y Fontanals, limitando a sua opi-

nião ao genero lyrico, segundo o P.e Sarmiento. Ha aqui um equivoco, confundindo a revivescencia da lingua gallega, que se dava no fim do seculo XIV, com os germens tradicionaes do lyrismo elaborados pelos trovadores portuguezes. Acclarado o equivoco, resumbra a luz nova nas palavras de Menendez y Pelayo: «Assim se ha explicado satisfatoriamente a genese das *Cantigas de serrana* do Arcipreste de Hita, das *Serranilhas* do Marquez de Santilhana, de Bocanegra, de Carvajal e de tantos outros poetas do seculo XV, buscando não na Provença, nem na França, como até hoje se havia feito, se não *na fonte immediata*, isto é, na Galliza.» (*Antologia*, III, p. XLIV.) A Galliza estava em completa lethargia sob o poder senhorial. Essa fonte immediata era Portugal, que no seculo XIV era o refugio dos fidalgos gallegos, e mantinha ainda a fascinação do seu lyrismo e o uso da lingua portugueza. De um Cancioneiro que pertenceu á ex-rainha Isabel, transcreveu Amador de los Rios, uma Canção com que exemplifica o caracter das composições amorosas do gosto dominante:

Bien diré d'amor
pues que m'el fez
quedar esta vez
por seu servidor.

Eu ten' vontade
d'amor me partir,
et tal en verdade
nunca o servir.
sin aver gaardon
de minha senhor.

Ho amor me dizia
un dia falando,
si me plazeria
amar de seu bando
gentil graciosa
de fina color. 1

Rocaberti, auctor da *Comedia de la gloria de Amor*, cuja fórma em tercetos e estylo denuncia a primeira influencia de Dante na poesia catalã, cita o poeta portuguez Lorenç de Cuyna (Lourenço da Cunha.) [1] Este fidalgo portuguez fugira para Castella, quando o rei D. Fernando lhe tomou para si a mulher, D. Leonor Telles. Chegou a vulgarisar-se uma Canção por elle composta sobre a sua situação, de que as memorias coevas conservaram o verso: — «Ai, donas, porque tristura.» Nos Cancioneiros musicaes do seculo XV e XVI, ainda ligadas á melodia, apparecem poesias lyricas portuguezas; quando a poesia castelhana avançava para a sua independencia em João de Mena, ainda o primitivo prestigio do lyrismo portuguez se reconhecia, como se vê por uma nota marginal primitiva junto da Canção *232* do *Cancioneiro da Ajuda*, do trovador João de Guilhade: «*e d'este aprendeu joam de Mena.*» Esse influxo identificando-se no fim do seculo XIV com o renascimento galleziano, está representado no Cancioneiro de Baena, em Canções do Arcediago de Toro, de Affonso Alvares de Villasandino, de

1 Na *Hist. critica de la Litt. espan.* t. VII, p. 74.
1 Milá y Fontanals, *De los Trovadores en España*, p. 516.

D. Diego de Mendoza, de Macias e Rodrigues da Camara.

As duas côrtes de Portugal e de Castella afastadas por dissenções de familia, congraçaram-se intimamente, depois da estrondosa victoria do Salado em 1340. O encontro dos cavalleiros portuguezes com os poetas castelhanos e leonezes, n'esse momento de um perigo commum e de heroismo, teve uma acção caracteristica na poesia palaciana. A Epopêa castelhana que se elaborara no predominio da legislação foral sobre o Codigo visigotico, e «buscou naturalmente os seus heroes não entre os monarchas leonezes, mas entre os grandes vassallos rebeldes, turbulentos ou discolos de Burgos» [1] era pela influencia portugueza elaborada sobre o grande facto *historico* a batalha do Salado, ganha pela liga passageira dos Estados christãos dissidentes. D. Affonso IV, pelo seu desinteresse dos despojos da campanha, tornou-se o exemplar do heroe. Em uma Canção de Joham jograr, morador de Leão, são-lhe endereçados louvores:

A sa vida seja muyta
d'este rey de Portugal
que cada ano m' ha por fruyta;
per o que eu canto mal...

Os rex mouros, christãos
mentre viver lh' ajan medo,
que el ha muy bén as maãos,
et o Infante Dom Pedro

1 Menendez y Pelayo, *Antologia,* XI, p. 177.

seu filho, que s' aventura,
a hũ grand' usso matar,
et desi et sempre cura
d'el rei seu padre guardar.
(*Canc. Vat.*, n.º 707.)

Em outra Canção a Affonso XI, remata:

Se mi justiça non val
ante rey tam justiceiro
ir-m' ey ao de Portugal.
(*Ib.*, n.º 553.)

Os poetas portuguezes e castelhanos celebraram a victoria do Salado em Poemas narrativos, tomando a fórma de Chronicas rimadas. Faria e Sousa, no *Epitome* e na *Asia portugueza*, citou um poema que tinha por assumpto a batalha do Salado, escripto por um contemporaneo do successo Affonso Giraldes. D'elle se serviu como subsidio historico o chronista Frei Antonio Brandão na *Monarchia lusitana* (P. III, liv. 10, cap. 45.) Tambem na Bibiotheca do Escurial se conservou manuscripta até 1863 uma *Cronica en coplas de redondilhas de Alfonso Onceno*, escripta por um contemporaneo que tomara parte na batalha do Salado, Rodrigo Yanes, a qual fôra achada em Granada em 1573 por Diego Hurtado de Mendoza. O texto portuguez é apenas conhecido pelas estrophes transcriptas pelos dois Brandões, na *Monarchia Lusitana*, por Blateau e por Soares Toscano nos *Parallelos de Princepes*; não se sabe actualmente onde pára o Poema em que se descreve o *Successo da Batalha do Salado* por Affonso Giraldes. Publicado o Poema castelhano de

Rodrigo Yanes, encontram-se estrophes eguaes, certas rimas deformadas que se tornam perfeitas restituida a palavra portugueza, os modismos portuguezes e a mesma fórma estrophica em quadras octosyllabicas, rimando o primeiro verso com o terceiro e o segundo com o quarto. Ticknor, historiador critico da litteratura hespanhola, pelo caracter de modernidade no castelhano da *Cronica en coplas de redondilhas de Alfonso Onceno* considerava o poema como elaborado no seculo XV: «Lo cierto es que son tan faciles y tan desnudos de *archaismos* que no podemos consideralos escritos con anterioridade á los romances del siglo XV.» O senso critico de Ticknor, embora errasse na data, revelou-lhe um gráo da verdade: por que as redondilhas da *Cronica de Alfonso Onceno*, foram traduzidas da lingua portugueza, que contrastava pelo seu desenvolvimento com o estado *archaico* do castelhano, como se observa em outros monumentos litterarios. A lingua portugueza estava no seculo XIV no estado a que só nos fins do seculo XV chegaram os Romances populares castelhanos. O poema de Rodrigo Yanes está cheio de *portuguezismos;* versos errados na metrificação e na rima ficam perfeitos restituindo-os á fórma portugueza. O professor de philologia romanica Dr. Julio Cornu chegou á conclusão pelo exame linguistico que o poema de Alfonso Onceno conservava os vestigios de um original portuguez.

Pelos pequenos fragmentos que nos restam, esse original portuguez é o poema do *Successo da batalha do Salado,* de Affonso Giraldes. O chro-

nista Fr. Antonio Brandão consultou-o pela sua veracidade historica: «Um *romance* tenho, que trata da batalha do Salado, composto por Affonso Giraldes, d'aquelle tempo, em principio do qual, entre outras guerras que se apontam, se faz menção d'esta que o *Abbade João* teve com os mouros e seu capitão Almanzor.» (*Mon. lusit.*, P. III, liv. 10, c. 45.) Amador de los Rios, na sua Historia da Litteratura hespanhola, transcreve uma estrophe d'esse poema que condiz com a referencia de Brandão:

> Outros fallam de gram razão
> De Bistoris gram sabedor,
> E do *Abbade Dom João*
> Que venceu rei Almanzor.

Teria o erudito hespanhol algum fragmento do poema inedito? Depois de transcrever essa quadra, continua: «Guarda a historia por ventura alguma parte, ainda que não da extensão que desejaramos, das rimas de Affonso Giraldes, fidalgo portuguez, que se achou na memoravel batalha do Salado.» (*Op. cit.*, IV, 715.) Inferimos que um fragmento do poema se conserva em Hespanha.

A allusão a *Bistoris* é uma reminiscencia biblica dos desfiladeiros de *Betzachrah*, onde Eleazar praticou feitos heroicos; a lenda da degolação das mulheres e crianças, por ordem do *Abbade João*, antes do ataque contra os mouros, é uma tradição gauleza, referida por Belloguet, que revivescia nas luctas da reconquista christã. No poema castelhano de Rodrigo Yanes, faltam tam-

bem as primeiras estrophes. Apontemos as similaridades do poema castelhano publicado por Jener em 1863 com os fragmentos portuguezes. Na estrophe 335 da *Cronica en redondillas:*

> E dióles grandes franquias
> Por Castella mas valer;
> *Todas estas cortezias*
> *El buen rey hizo fazer.*

No trecho com que Bluteau, no Vocabulario da Lingua portugueza (1712) exemplifica a palavra ALMEXIA, escreve: «Como acção propria d'este regno, cantou Affonso Giraldes esta distincção nas rimas que fez da *Batalha do Salado*, com os versos que seguem:

> E fez bem aos criados seus,
> E gran honra aos privados;
> E fez a todos os judeus
> Trazer signaes divizados.
> E os Mouros almexias,
> Que os pudessem conhecer;
> *Todas estas cortezias*
> *Este Rey mandou fazer.*

Ainda assim poderia parecer esta semelhança de dois versos uma phrase estylistica; mas na continuação da *Monarchia lusitana (Ib.,* P. v. liv. 16, c. 13,) por Frei Francisco Brandão vem transcripta esta quadra:

> Gonçalo Gomes de Azevedo
> Alferes del Rey de Portugal,
> Entrava aos Mouros *sem medo*
> Como fidalgo leal.

No poema de Yanes lê-se a mesma quadra com inversão;

Todos yvan muy *sin medo*
para complir su perdon,
E Gonçalo Gomes de Azevedo
Levava el su pendon.
(Est. 1326.)

Semelhança de fórma metrica e estrophica, de versos e de rimas, revelam que um poeta teve presente o poema do outro, traduzindo-o. No castelhano de Rodrigo Yanes, já estranho para Ticknor, ha o *portuguezismo*, que tanto actuara na expressão da poesia lyrica. Affonso Giraldes escrevera sob a impressão immediata do grande successo; d'ahi a sua prioridade e originalidade. Escreve Fr. Antonio Brandão: «Affonso Giraldes, que escreveu em rimas portuguezas a batalha do Salado, *no proprio anno em que succedeu...*» Os vestigios do original portuguez apparecem nas rimas da *Cronica en redondillas de Alfonso Onceno,* retocando as consoantes imperfeitas do texto castelhano:

Non ayades que temer
Estes moros que son pocos,
Con vusco cuido vencer
Este dragon de *Marruécos*.
(Est. 1019.)

Não ajades que temer
Estes mouros que são *pôcos,*
Con vosco cuido vencer
Este dragão de *Marrocos*.

La reyna vuestra fija
Vos demánda que le dedes
La vuestra muy real frota
Vos gela embiedes.
(Est. 1020.)

A rainha vossa *filha*
Vos demanda que lhe dedes
A vossa real *flotilha,*
Vós que lh'a enviedes.

—

Bos, buen rey, non lo buscastes
E por bos cobraré corona,
E pois me bien començastes
La sima sea muy buena agora.
(Est. 1825.)

Vós, bom rei, não o buscastes
E por vós cobrarei *corôa*
E pois *mui* ben começastes
Seja agora a *cima boa.*

—

Si entramos en torneo
Plase-me, cá es derecho,
Pongo Dios en el comedio
Que sea juez del fecho.
(Est. 1408.)

Se entramos em *torneo*
Apraz-me, cá é direito;
Ponho a Deus em *o meio,*
Que seja juiz do feito.

—

Dixo: Sennor, si bos plas
En la buestra tienda folgade
Dormide e avede paz,
Non vos temades de nady.
(Est. 1491.)

Dixe: Senhor, se vos praz,
Em vossa tenda *folgada,*
Dormide e avede paz
Não vos temades de *nada.*

—

Fallóla sobre a Algesira
Con su hueste e su pendon,
El buen rey quando lo biera
Alegró el coraçon.
(Est. 2231.)

Achou-a sobre *Algesira*
Con sua hoste e seu pendão,
O bom rei quando o *vira*
Alegrou o coração.

Evidentemente as rimas castelhanas imperfeitas restabelecem-se na fórma portugueza. O mesmo com relação ao significado de certas palavras que Yanes não comprehendeu, como *cima*, termo, feicho, remate. O poema de Rodrigo Yanes, allude ao *Leão Dormente*, que declara ser D. Affonso IV, moroso em acudir ao seu genro Alfonso XI, e o *Porco selvagem*, symbolisando o poder dos Mouros vencidos no Salado; isto nos mostra conhecimento da Prophecia de Merlin, que se tornou popular em Portugal apparecendo no principio do seculo XVI nas *Trovas de Bandarra*. O poema narrativo foi escripto sob o influxo das tradições bretãs, que se manifestavam no lyrismo dos *Lais*, nos Contos e Novella cavalheiresca: esta nova corrente foi iniciada em Portugal no Cyclo post-Dionisio.

Na decadencia do lyrismo provençalesco tanto em Portugal como na Hespanha, actuava principalmente o grande desenvolvimento da poesia narrativa, a que Affonso o Sabio ligara a importancia de dissolver alguns d'esses cantares tradicionaes na prosa da *Historia geral de Hespanha*. Na *Cronica en redondillas* allude-se a esses cantares:

E bien asy los reys godos
Vuestros antecessores

....

Deixaron por su testigo
Romances muy bien escriptos.

(Est. 147.)

Referindo-se á classe popular e á linguagem d'esses cantos narrativos:

> Giellas e *Moçarabes.*
>
> (Est. 953.)

> Dixieron los escuderos
> Sabedes bien la *aravia?*
> Sodes bien verdaderos
> De tornal-a en aljamia?
>
> (Est. 1293.)

O Chanceller Pero Lopez de Ayala chamou a estes cantares narrativos em redondilha assonantada: *Versetes de antiguo rimar,* em redondilha menor de cinco syllabas. Tambem na litteratura portugueza é que se encontra um typo unico d'este genero reproduzindo a fórma épica tradicional popular, na Canção de Ayras Nunes *(Canc. Vat.,* n.º 466):

> Desfiar enviaron
> ora de Tudela
> filhos de Dom Fernando
> al rei de Castella;
> e disse el rei logo:
> — Hide a lá Don Vela
>
> Desfiade, e mostrade
> por min esta razon,
> si quizerem per cambio
> do reino de Leon,
> filhem porém Navarra
> ou o reino de Aragon.
> ....

Na *Cronica de D. Sancho IV* encontrou D. Carolina Michaëlis a narrativa desenvolvida sobre que versa este romance. [1] N'este genero de ro-

---

[1] *Zeitschrift fur romanische Philologie,* vol. XXVI, p. 219-229.

mance narrativo vem no Cancioneiro Colocci uma Satira de Affonso o Sabio tambem em sextilhas; começa:

> Don Gonçalo pois queredes
> ir d'aqui para Sevilha
> por veerdes voss' amiga
> (nem o tenho a maravilha,)
> contar vos ei as jornadas
> legua a legua, milha a milha.
>
> Ir podedes a Lebrija
> e torceredes já quanto,
> e depois ir a Alcalá
> sem pavor e sem espanto,
> que ajades de perder
> a garnacha nem o manto.
>
> ....
>
> Eu porén eu vol'o rogo
> e vol-o dou en conselho,
> que quand' entrardes Sevilha
> vus catedes no espelho,
> e non dedes nemigalha
> por min nem por *João Coelho*.

Referia-se o Rei Sabio ao trovador portuguez D. João Soares Coelho, o mais fecundo depois do rei D. Diniz; correu terras de Hespanha e fallou com o trovador Sordelo. Aqui temos trez typos de redondilha de cantares narrativos, em volta do Romance popular, que no seculo XV ia prevalecer nas litteraturas peninsulares pelo seu caracter archaico ou *velho*. Menendez y Pelayo, fallando da *Cronica de Alfonso Onceno*, diz: «prova a influencia dos Cantares do vulgo na épica historial dos versejadores cultos.» (*Antol.*, XI, p. 9.) E d'este «octosyllabo não popular mas artistico que existia no seculo XIV,» acrescenta: «puramente lyrico, *procede da poesia galaico portugueza* como as

outras combinações metricas usadas pelos trovadores e que se encontra nas Cantigas do Rei Sabio.» *(Ib.*, p. 98.) A elaboração dos Romances populares do seculo XIV consistiu na fusão ou syncretismo dos varios themas tradicionaes, fixando-se os quadros mais emocionantes, sendo as fórmas mais nitidas colligidas no seculo XV sob o titulo de *Romances velhos.* Escreve Menendez y Pelayo: «na segunda metade da decima quarta Centuria tinham começado a esgalhar-se da arvore épica muitos ramos, e começava a formar-se a epopêa fragmentaria, cujos ultimos residuos são os *Romances.*» *(Ib.* p. 9.) As Gestas Carlingias e os Poemas arthurianos e mesmo as reminiscencias classicas e lendas nacionaes tomavam a fórma narrativa do romance, laconica, dialogada e incisiva. Na *Cronica de Alfonso Onceno* vem o primeiro verso de um dos romances velhos mais populares: «Mal le passaron francezes.» (V. 2285.) O Romance lyrico ou subjectivo destaca-se da musica a que eram cantados os Lais bretãos, tambem em moda no seculo XIV, como se lê na Cronica em redondilhas:

> La gayta que és sotil
> Con que todos plaser han,
> Otros estrumentos mil
> La farpa de *Don Tristan.*
>
> Que de los puntos doblados
> Con que falaga al loçano,
> Todos los enamorados
> En el tiempo de verano.
>
> (Est. 409 e seg.)

§ III

Influencia armoricana ou Gallo-bretan

Nos fins do seculo XIII, o lyrismo trobadoresco, pelo seu intenso subjectivismo e tendencia allegorica desligava-se da musica para a idealisação philosophica. Não era uma decadencia, mas uma renovação; realisou-a o genio italiano. A creação da Musica moderna era simultanea com esta crise; e o desenvolvimento das Melodias populares veiu provocar uma renovação poetica. Espalharam-se pelas côrtes os *Lais* bretãos, de amor e novellescos. O trovador aristocrata Guerau de Cabrera da côrte de Affonso II de Aragão, em uma canção posterior a 1170, acoima o jogral Cabra, por não saber tocar na viola e cantar, nem terminar com a cadencia ou tempradura bretã:

> Mal saps viular
> E pietz chantar
> Del cap tro en la fenizon,
> Non sabz finir
> Al mieu albir
> A *tempradura de Breton.*

E fundamenta, que não póde mostrar-se instruido, quem não fôr fóra da sua terra:

> Jes gran saber
> Non potz aver,
> Si fors non iers de ta rejon.

O trovador enumera todos os Cyclos poeticos que interessavam a imaginação d'esse tempo,

> De la gran gesta de *Carlon*...
> Del setge qe a *Troja* fon...

Enumera em seguida os poemas de amor que foram conhecidos em Portugal, de *Flores e Brancaflor* e de *Tristan*, citados pelo rei Dom Diniz.

> Ni de *Tristan*
> Q' amava *Yceut* a lairon
> Ni de *Gualvaing*...

Pelo casamento de D. Diniz com D. Isabel, filha de Pedro III de Aragão, e pela vinda do seu cunhado D. Pedro á côrte portugueza, é que se propagaram os cantos lyricos dos *Lais* bretãos, e os cantares narrativos, que eram já conhecidos na fórma de Novellas. O conhecimento directo das ficções bretans deu-se no primeiro quartel do seculo XIV, n'esse periodo de syncretismo em que as Gestas frankas se convertiam em Chronicas historicas, e as narrativas poeticas eram *prosificadas*. O Conde de Barcellos no seu Nobiliario tit. II, segue a *Historia Britonum* de Geoffroy de Monmouth; a genealogia do Rey Arthur é conforme os poemas da Tavola Redonda, citando como individualidades reaes *Lançarote do Lago, Galvan* (Gauvain) a Ilha de Avalon *(Islavalon;)* seguindo o *Roman de Brut*, descreve as aventuras tragicas do Rei Lear (Leyr) e do propheta ou bardo *Merlin*.

Esboçando estas correntes tradicionaes, chegamos ao phenomeno capital da formação da Novella portugueza do *Amadis de Gaula*, que tão profundamente actuou na litteratura novellesca da Europa até ao seculo XVII.

a) *Os Lais amorosos.* — As melodias e os instrumentos musicos britonicos apparecem conhecidos na côrte dos Merovingios, como se vê pela referencia de Venancio Fortunato á *rhota britana,* percorrendo a Europa desde o seculo VI ao XII, cantores vagabundos, como o descreve Villemarqué. No poema de *Guilhaume au Cour-nez,* achase um vestigio do fervor com que nas côrtes eram ouvidos os *Lais,* citando-se entre os grandes prazeres da vida, a par do bom vinho e da caça, o ouvir os cantos *britonicos,* que eram especialmente agradaveis ás mulheres. Dil-o Denys Pyramus: «*Lais* soulent as dames plaire.» No *Lai de l'Epine* de Marie de France, confirma-se o caracter britonico d'esta fórma poetica, referindo-se ao irlandez, que com ternura cantava na rhota o Lai de Aielis:

> Le Lais ecoutent d'Aielis
> Que uns yrois doucement note
> Mont le some en sa rote.

A rota é a *chrota britana,* que deu o nome ao genero lyrico da *Rotuenges;* a rota era equiparada á cithara ou *luth (Leü, lou, luz),* o que leva a derivar o nome do *Lai,* como proveniente da designação do instrumento musico. E' frequente este processo como no genero da Lira, em que o instrumento dá o nome á Canção especial.

Do caracter musical dos *Lais,* lê-se no *Roman de Brut:*

> Il avait apris à chanter
> Et *Lais* e notes á harper.

E cita os differentes generos ou estylos dos *Lais* segundo os instrumentos musicos que se foram empregando:

> Lais de vieles, Lais de notes
> Lais de harpe et de fretiax.

No poema de *Gilles de Chin* aponta-se a grande vulgarisação do genero lyrico:

> Cil vieleur vielent *lais,*
> Cançonetez et estampiez.

No romance de *Raul de Cambrai*, apontam-se os melhores harpistas como bretões:

> Grand fu la joie, se sachiez de verité,
> *Harpent Bretons*, et vielent jongler.

Os themas poeticos das tradições britonicas começaram a servir de pretexto ou letra d'essas melodias, e assim os *Lais* se foram tornando narrativos; Marie de France, no *Lai de Chevrefeil*, o manifesta:

> Por les paroles remembrer
> *Tristan* ki bien saveit harper
> En aveit feit un nouvel *lai.*
>
> (*Poes.*, I, 398.)

Em Portugal no fim do Cyclo-Affonsino o descredito das Gestas francezas apparece na parodia satirica da Canção de mal-dizer de D. Affonso Lopes de Baião, e o enthuziasmo crescente pelas novellas bretãs de *Tristão e Yseut*, de *Flores e Brancaflor*, em uma evolução completa. Em uma Canção de Gonçalo Eannes do Vinhal os *Cantares de Cornwall* merecem-lhe uma referencia como a de Guerau de Cabrera ao jogral:

> Maestre, todolos vossos *cantares*
> já que filham sempre d'um a razom,
> e outrosi ar filhan a mi son,
> e nom seguades outros milhares;
> se non *aquestes de Cornoalha,*
> mays estes seguides ben sem falha,
> e nom vi trobar por tantos logares.
>
> (*Canc. Vat.*, n.º 1007.)

Nas *Cantigas de Santa Maria,* D. Affonso o Sabio memora um jogral, que entoava *Lais* á Virgem, conforme as melodias britonicas:

> Un jograr que seu nome
> era Pedro de Sigrar
> que mui ben cantar sabia
> e mui melhor violar,
> et en todalas eigreijas
> da Virgen que non a par,
> un seu *lais* sempre dizia
> ....
> aquell *lais* que el cantava
> era da Madre de Deus.
>
> (Cant., 8.)

Em uma Canção de Fernan Rodrigues Redondo é chasqueado D. Pedro de Aragão, o bastardo cunhado do rei D. Diniz, que residiu em Portugal de 1297 a 1325:

> Dom Pedro, o cunhado d'El-rei.
> que chegou ora aqui d'Aragon,
> com um espelho grande de leitom
> e pera que vol-o perlongarei...
> Muy ledo seend' hu cantara seus *lays*
> a sa lidice pouco lhi durou...
>
> (*Canc. Vat.*, n.º 1147.)

Pero da Ponte (ib. canç., n.º 1170) chasquêa de Soeyro Eannes, mostrando a imperfeição com que imita os *lais:*

E por esto não sei no mundo tal
home que lh'a el devess 'a dizer,
de nom lhi dar mui ben seu aver,
ca Suer' Eanes nunca lhi fal
razon des qu'el despagado vay
em que lhi *troba tan mal e tan lai,*
porque o outro sempre lhi quer mal.

No Poema de Rodrigo Yanes sobre a Batalha do Salado, fazem-se referencias ao fervor que produziam os cantares de *Tristan;* e o Arcipreste de Hita (1342) leva-nos a determinar a transformação que se estava operando nos Lais lyricos para narrativos:

cá nunca fue tan leal Brancaflor a Flores
nin es agora Tristan con todos sus amores.

Corresponde esta indicação chronologica ao facto de se estar elaborando o thema de Tristão em fórma novellesca. «E' do primeiro terço do seculo XIV o fragmento de *Tristão em castelhano, em prosa,* achado por Monaci em um codice da bibliotheca do Vaticano, e publicado em fac-simile. — Outro fragmento foi achado por Bonilla na bibliotheca de Madrid, nas guardas de um manuscripto d'essa época mas aproximado do texto impresso de 1528.» (Men. y Pelayo.)

N'este processo de desenvolvimento do thema novellesco em prosa desciiptiva e dialogada, exageradamente discursiva, os *Lais* lyricos receberam uma transformação objectivando-se para matizarem as situações em que eram intercalados. Deu-se este phenomeno nas Novellas francezas. No Cancioneiro de Colocci acham-se colligidos cinco *Lais,* importantissimos, cuja fórma franceza se

conservou entre a prosa de novellas ineditas. Referem-se a situações das aventuras amorosas de *Tristan.* Como vieram estes Lais a ser incorporados no Cancioneiro de Colocci? Póde-se inferir que elles pertenceram a essa redacção em prosa da Novella do *Tristan,* de que appareceram os dois fragmentos do seculo XIV em castelhano. O mesmo aconteceu com o lai de João Lobeira, que apparece em parte no Cancioneiro Colocci e em parte no texto castelhano do *Amadis de Gaula,* transformado por Montalvo com amplificações rhetoricas. Um caso explicará o outro.

b) *Os Lais novellescos.* — E' positivo o conhecimento das Novellas da Tavola Redonda na côrte do rei D. Diniz, alludindo em uma Canção aos Poemas de *Flores e Brancaflor* e de *Tristão e Yseult.* Tambem o trovador João de Guylhade, na canção n.º 358 emprega as mesmas allusões:

> Os grandes vossos amores
> que mi e vós sempre ouvemos
> nunca lhi cima fizemos
> com 'a *Branchafrol e Flores.*

O trovador Estevan da Guarda, escrivão da puridade de D. Diniz, em uma Canção (*Vat.*, n.º 930) faz referencias á lenda da morte de *Merlin* pela perfidia da fada Viviana:

> Com 'aveo a *Merlin* de morrer,
> per un gram saber que el foy mostrar
> a tal molher, que o soub 'enganar;
> por esta guisa se foy confonder
> Martim Vasques, per quanto lh'eu oí
> que o tem morto uma molher assi,
> a que mostrou por seu mal saber.
> ....

Sei que lh' é muyto grave de teer
per aquello que lh' el foy mostrar,
com quem sabe que o pód'ensarrar
en tal logar hu conven d'atender
a tal morte de qual morreu Merlin,
hu dará vozes fazendo sa fim,
ca non pod 'el tal morte escaecer.

Na Canção 1140 do Cancioneiro portuguez da Vaticana, Fernand' Esquio, allude ao monstro produzido por um incesto, a *Besta ladrador*, da Novella do Graal:

Disse hun infante ante sa companha
que me daria besta na fronteyra,
e non será já murzela, nen veyra,
nen branca nen vermelha nen castanha;
pois amarella, nem parda non fôr
a pram será a *Besta ladrador*
que lh' aduzam do Reyno de Bretanha.

O Conde D. Pedro, traz no seu Nobiliario a lenda do *Rei Lear*, colligida da Chronica britonica de Geoffroy de Monmouth, resumindo-a nos traços capitaes; [1] para fundamentar a origem maravilhosa da Casa de Haro traz a lenda do *Coouro* da Biscaya, e do Cavallo-fada *Pardallo* (nome grego *Pardalis*, dado á panthera, na *Hist. nat.* de Aristoteles, liv. VI, cap. 6.) E como o conhecimento das obras de Aristoteles fôra revelado á Europa por via dos Arabes, pela corrente arabe vieram tambem Contos e Fabulas orientaes, figurando no Nobiliario a lenda de *Gaya*, e as *Ra-*

1 *Portug. Mon.*, Scriptores, fasc. II, p. 228. Transcrevemol-a e discutimos na *Historia da Poesia popular portugueza*, t. II, p. 161 a 164

posias vulgarisadas com varios *Exemplos*, que sahiram de *Kalila e Dimna* para a transmissão oral. A obra de D. João Manoel, o *Conde de Lucanor*, é o documento d'esta nova corrente litteraria que veiu fortificar o castelhanismo pela revivescencia dos seus elementos ethnicos resultantes da occupação sarracena. E emquanto o genio iberico se compraz com os Fabularios orientaes pelo intuito moral coadjuvando a propaganda catholica, o genio lusitano foi attrahido para as galanterias do mais exaltado e desinteressado amor, dos poemas como o de *Antar*, de *Medjnun e Leila*, *Jussuf e Zoleika*. Esta corrente affectiva do amor mystico, entrára na Egreja na doutrina do *Pastor* de Hermas, e renovava-se pela interpretação allegorica dos amores da Sulamite do *Cantico dos Canticos*, recebendo todo o relêvo religioso no culto da Virgem. Em quanto o genio castelhano se exerce nas *Cantigas de Santa Maria*, em Portugal esse amor idealisa a mulher elevando-a acima do desejo sensual e da paixão invencivel dos poemas britonicos; transformando os amores de Tristão, de Lancelot e Percival na adoração de *Amadis*. Foi assim que o genio portuguez renovou esses themas, que se syncretisavam em soporiferas amplificações. Todos estes factos dispersos, por onde se reconstitue o estado das ficções novellescas na transição do seculo XIII para o XIV, são indispensaveis para reduzir a uma consequencia natural esse extraordinario producto da Côrte de D. Diniz, a Novella do *Amadis de Gaula*.

Esse cataclysmo que se deu na civilisação portugueza, que lhe fez perder e esquecer as gran-

des riquezas da sua Poesia lyrica trobadoresca, abrangeu tambem a quasi totalidade das creações das suas Novellas em prosa, que a critica moderna está reconstituindo. O Marquez de Santillana, na sua celebre Carta ao Condestavel de Portugal, affirmando que *a lingua portugueza era a empregada nas Canções lyricas*, não estendeu esta affirmativa ás Novellas em prosa, por não entrar esse assumpto no seu quadro historico. A esta omissão observa D. Carolina Michaëlis, com justiça: «se foram os gallego-portuguezes que exploraram e nacionalisaram as *Pastorellas*, a *Baleta* e os *Lais de Bretanha*, por que não se havia de explorar e nacionalisar tambem poemas diluidos em prosa? — Se no reinado de Affonso X e Affonso III os *Cantares de Cornoalhas* estavam vulgarisados na peninsula a ponto de um trovador se poder apropriar do seu *son*, sendo imitado por outros, como o mestre cujos seguires D. Gonçalo Eannes do Vinhal agride na cantiga 1007, não ha motivo para se chamar arrojada a conjectura, que no mesmo reinado tão litterariamente fecundo, houvesse quem juntamente com os *sons britonicos* tentasse senhorear-se da *Matière de Bretagne*, traduzindo os Lais e a Novella em prosa.» (*Canc. Aj.*, II, 519.)

No Cancioneiro apographo de Colocci foram colligidos cinco Lais, de uma extraordinaria importancia historico-litteraria: estão acompanhados de rubricas explicativas das situações novellescas a que se referiam e em que foram intercalados. D. Carolina Michaëlis, pelo seu tino critico, descobriu entre os manuscriptos francezes da No-

vella de *Tristan*, o texto poetico de que foram paraphrasticamente vertidos trez dos Lais do Cancioneiro de Colocci, e determinou as situações novellescas para que foram versificados; são o 1.º, 2.º e 5.º. O 4.º Lai, apresenta a sua musica primitiva na obra sobre a fórma dos Lais, por F. Wolf. (p. 240.) Esta descoberta é um triumpho da critica. [1] O facto irrefragavel da traducção versificada d'essees tres Lais, leva a inferir pela fórma liberrima da versão, que esse trabalho era concomitante de uma adaptação portugueza da prosa da Novella do *Tristão*, tal como se achava na sua phase cyclica. O estudo d'esses cinco Lais, conduz á conclusão de que existiu um texto portuguez de *Tristão*, em que elles estavam intercalados. Seria esse *Tristan* em portuguez o que se guardava na livraria do rei Dom Duarte; e o fragmento em prosa *castelhana* de *Tristan* não resultaria da apropriação do texto portuguez, como se deu com o texto de *Amadis?* Estas provas fazem-se por conjuncto de factos.

---

1 «Sendo conhecido o facto de varias Novellas francezas sobre *Matière de Bretagne* e especialmente os romances de *Tristan*, encerrarem Lais lyricos, a necessidade de ahi procurarmos não só os assumptos mas os proprios modelos dos Lais portuguezes impunha-se desde o momento da publicação de Molteni (1880)...»

«Desde que um dos discipulos de Gaston Paris (Löseth) nos deu em 1891 a analyse comparada dos romances de *Tristan*, a nossa empreza se tornou comtudo viavel. Por ora conduziu á descoberta de trez entre os cinco Lais, que serviram de fonte ao adaptador peninsular, assim como ao achado das scenas todas a que as rubricas alludem...» D. Carolina Michaëlis, *Lais de Bretanha*, p. 2. —*Id. Canc. Vat.* II, 479.

Vejamos como os Lais portuguezes do Cancioneiro levam ao reconhecimento da novela Portugueza de *Tristan*. No Cancioneiro Colocci-Brancuti acha-se um comêço de rubrica com o primeiro verso de um Lai, cuja cópia interrompida se completa no segundo Lai:

«*Esta Cantiga é a primeira que achamos que foi feita, e fezeron-a quatro donzellas en el tempo de Rey Artur a Maraot d'Irlanda por la (trayçon?) e tornada en lenguage palavra por palavra e diz assi:*»

A Cantiga foi transcripta em segundo logar, com esta nova rubrica, pela qual se descobre a situação da Novella:

«*Esta Cantiga fezeron quatro donzellas a Marote d'Irlanda en tempo de Rey Artur, por que Maurut filhava todalas donzelas que achava em guarda dos cavaleiros, se as pedia conquerer d'eles; e enviava-as pera Irlanda pera seeren en servidon da terra. E esto fazia el per que fora morto seu padre per razon d'húa donzela que levava en guarda.*»

Discutindo a fórma da Cantiga ou Bailada, que esta rubrica explica, conclue D. Carolina Michaëlis: «segundo a chronologia da Novella, devia occupar o primeiro logar... Nenhum dos versos analysados por Löseth e novamente examinados a meu pedido em Paris e Vienna contém esta Cantiga. E nenhum conta os acontecimentos de que ella parece derivar, pelo modo indicado na rubrica, comquanto o Morhout figure em todos (os versos) de maneira bem saliente e pertença não só á versão primitiva e ás secun-

darias, mas tambem aos poemas que a precederam.

«Este facto, estranhavel em si, mais singular se torna em vista de uma informação do velho compilador portuguez, o qual classifica exactamente esta Cantiga — e só esta — como traduzida verso a verso.» (*Lais de Bretanha*, p. 10.) A confissão do poeta: «*tornada em linguagem palavra por palavra*» encobre a originalidade e independencia do adaptador. Achada a situação alludida no Lai, observou D. Carolina Michaëlis: «As divergencias nos dizeres do Portuguez são bem notaveis.» Trata-se da libertação de um Tributo de Donzellas. «Mais tarde, quando este (*Tristan*) feito cavalleiro, vive na côrte de Marc de Cornoalha, o Morhout passa o mar e vem exigir certas páreas, já pagas aos soberanos da Irlanda durante dois seculos. Informado de que o reino podia ser livrado do horrivel *treüage*, composto de 100 donzellas, 100 mancebos e outros tantos cavallos de preço, se alguem vencesse o Irlandez, Tristan vae reptal-o. Na ilha de Saint Sanson, onde os dois abordam sem acompanhamento e no proprio dia consagrado ao santo, é que é a lide... O Morhout succumbe mortalmente ferido... com um estilhaço da espada de Tristan no cerebro. Tristan ferido egualmente de uma seta envenenada, leva comsigo além da arma com que ferira o Morhout, a harpa e rota...»

A situação a que corresponde o lai portuguez diverge: «Donzellas conquistadas uma a uma e *mandadas em servidão* ao reino do vencedor, substituem as do tributo, com quanto essas tambem

fossem *emmenées en servage.* E a motivação do costume? O pae de Morhout? A donzella a que este havia servido de guarda. De nada d'isso ha o menor vestigio nos textos francezes.» *(Ib.,* p. 11.)

Conclue-se sem violencia, que existia um *Tristan* em portuguez nos principios do seculo XIV; comprova-o a existencia de uma outra bailada no gosto do *estavillar* asturiano, em que se celebra a libertação do Tributo das Donzellas, que os estados christãos pagavam a *Mauregato* (Morhout,) sobre que se fez a lenda genealogica do *Peito Burdelo*, e se fundamenta o censo dos Votos de Santhiago. Appareceu esta lenda pela primeira vez no seculo XIII, em Lucas de Tuy e no Arcebispo D. Rodrigo Ximenez; a data dá-nos a corrente tradicional em que estavam no maior prestigio as aventuras de Tristan. Facil foi dar-lhe á sua popularidade o sentido religioso, para a Egreja exigir a prestação dos Votos de Santhiago que na batalha de Clavijo apparecera em um cavallo branco, libertando os estados christãos do criminoso tributo do Mauregato. [1] E' a bem conhecida *Canção do Figueiral*, compilada no Cancioneiro do Conde de Marialva, d'onde Soriano Fuertes transcreveu a melodia popular, [2] ligada ao seu texto. Nas canções portuguezas do seculo XIV, *Morhout*, é o Mouro, *(Morhaus,* cod. de Vienna) que tem prezas as donzellas:

---

1 *Historia da Poesia popular portugueza*, t, II, p. 101 a 139.

2 *Historia de la Musica en España*, liv. II, 12 e 13.

Mouro que las guarda
cerca lo achey;
mal las 'meaçára
eu mal me anogey;
troncon desgalhara...
Todolos machuquei...

A situação da novella de *Tristan* que produziu o Lai, tornou-se popular e ainda hoje é celebrada no romance do Algarve *Dom Almendo* (*Amoroldo*, no italiano) incorporado no Romanceiro geral portuguez:

Para ella avança o *Mouro*,
Pensando a deteria;
Ao puchar pela infanta
A mão aos pés lhe cahia...

Dona Carolina Michaëlis escreve: «Notarei que uma fórma com *a* (Marlot, Marolte por Morholt) se emprega tambem no *Amadis* (liv. I, cap. 10) onde já encontramos *Sansonha* (ilha de *Saint-Sanson*) e os louvores tradicionaes ao poder sublimante do Amor.» (*Lais*, p. 12.) No romance de *Dom Gaifeiros* tambem se indica *Sansonha*, e nos romances do *Conde Nino* ou Olino, elle canta um cantar com que se denuncia á princeza; e quando os dois amantes morrem das suas sepulturas nascem ramos que se entrelaçam no ár; no romance de *D. Auscnda* (Ausêa, de Yseult) ha a erva fadada ou a fonte cuja agua têm o poder genesico, como o philtro que desvairou os dois apaixonados, como o comprehendeu o rei Marcos. Como se poderiam tornar populares estes episodios, que receberam a fórma de romances velhos, se não proviessem de uma redacção portugueza do *Tristan?*

O designado primeiro Lai no Cancioneiro de Colocci, tem esta rubrica:

«Este lais fez Elias o Baço que foi duc de Sansonha, quando passou a gran Bretanha, que ora chamam Inglaterra. E passou lá no tempo do Rei Artur, pera se combater con Tristan, por que lhe matara o padre en ua batalha. E andando un dia en sa busca, foi pela Joysa Guarda u era a Rainha Yseu de Cornoalha. E viu-a tan fremosa que adur lhe poderia no mundo achar par. Enamorou-se enton d'ela e fez por ela este laix:

> Amor, des que m'a vos cheguei
> bem me posso de vos loar,
> ca mui pouc', ant, a meu cuidar
> valia; mais, pois enmentei...

Seguem-se mais nove quadras, na fórma britonica *(a b b a)*; em um dos mss. de Paris achou o original francez:

> *Amor, de vostre acointement*
> *me lou le molt, se dex mament!*
> *quant a vos ving premierement*
> *petit valoie voirement...*

Dona Carolina resume a situação da novella manuscripta franceza, concluindo tambem pela divergencia da redacção portugueza alludida na rubrica do Lai de Elis: «As particularidades que distinguem a rubrica portugueza são a alcunha *O Baço (Le Brun)* apposta a Helys; e a substituição da Cornoalha, como paiz invadido pela Gram-Bretanha. Com relação a esta particularidade, não esqueço que segundo Gaston Paris, um dos traços caracteristicos da versão rimada ingleza ou

anglo-normanda, é o representar a Marc como rei da Inglaterra inteira, e não exclusivamente da Cornoalha;... A fórmula — aliás vulgarissima — a *Gram Bretanha, que ora chamam Inglaterra,* encontra-se tambem no Livro de Linhagens do Conde de Barcellos em paragraphos extractados da *Historia Britonum.* A palavra *duc,* posteriormente nacionalisada em *duque,* ahi se acha egualmente, assim como no lais de Troia... Nem falta no Nobiliario o gallicismo *Soisnes,* nem tampouco *Sansonha,* forma nasalisada de *Saxonia.* Esta passou tambem para alguns romances épico-lyricos de Castella, e para o *Amadis,* o que é significativo.

«N'este livro de cavalleria, em cuja primeira parte ha numerosos trechos que parecem derivar do Cancioneiro gallaico-portuguez e cuja relação de parentesco com as Novellas britonicas não posso deixar de apontar aqui, encontro um elogio do Amor, n'um monologo de *Amadis,* que muito se parece com as primeiras coplas do nosso Lais. E diz: — *Amor, amor, mucho tengo que vos gradecer por el bien que de vos me viene...* (Liv. II, c. 3.)»

O terceiro lai tem a rubrica: *Don Tristan o Namorado fez esta Cantiga.* A illustre romanista achou o texto em um dos manuscriptos francezes; a fórma portugueza é de uma das tenções mais bellas do cyclo dionisio, superior ao tornel da novella:

> Mui gran temp'a, por Deus, que eu nom vi
> quen de bondade vence todo ren!...

> *Grant temps a que ie ne vi cele*
> *qui tote renz vaint de biauté...*

O trovador portuguez desenvolveu a estrophe unica em uma bella canção tripartita, ou de *mestria.* A situação a que allude «é logo depois da batalha contra Helys, o de Sansonha, que Tristan atravessa uma floresta primaverilmente engalanada, onde o canto das aves evoca a saudosa memoria de Iseut, longe da qual vivera mais de um anno como cavalleiro errante.» (*Lais de Bret.*, p. 14.)

O quarto Lai de *Tristan* (Colocci) é o *Lai de plor,* nos manuscriptos francezes, de que Wolf publicou a musica. Transcrevemos uma estrophe:

Dom Amor, eu cant' e choro,
e todo me ven dali,
da por que eu cant' e choro
e por me mal' dia vi.

Damor vient mon chant et mon plor
e diluec prendent naissement
cele fait que orendroit plor
qui mera fait chanter sovent...

A situação novellesca, é quando Tristan mal restabelecido segue caminho da Cornoalha, e ouviu de noite uma donzella cantar o lai composto por Yseult, o *Lai du Boivre amoureux.* E' depois, que Tristan compoz o *Lais de Plour.*

O quinto Lai tem esta rubrica: *Este laix fezeron donzelas a don Ançaroth quando estava na Insoa da Lidiça quando a rainha Geneura achou con a filha do rei Peles e lhi defendeo que non parecesse ant'ela.*

Escreve D. Carolina Michaëlis: «Tambem d'esta vez a redacção franceza falta nas novellas de *Tristan,* com quanto os nomes todos e os factos a que a rubrica allude, occorram em algu-

mas das versões cyclicas. E occorrem ainda na novella de *Lancelot* e na *Demanda do Santo Graal,* visto o heroe do canto ser o Cavalleiro do Lago. Em volta de seu escudo donzelas dansam e cantam jubilosas por elle ter alcançado qualquer victoria.» Depois de ter resumido este quadro de dois manuscriptos parisienses, da *Isle de joie,* conclue: «E' depois da victoria sobre Albano, que imagino dever collocar a balleta. — O successo romantico que motivou a desgraça e loucura de Lancelot a que se allude na rubrica, como se fôra simultaneo á bailada, é uma aventura nocturna, passada um decennio antes, na côrte do rei Artur, a que o heroe da *Demanda* e modelo de *Amadis,* o casto Galaaz, deveu o seu sêr, e que por isso mesmo fórma o ponto de ligação entre o *Lancelot* e o *Graal.* Enganado por... um philtro... Lancelot julgando-se em presença da Rainha Geneura, abraça a filha do rei Pelles, deslealdade de que em seguida se penitencía, magoadissimo, meio louco e esquecido, vivendo longos annos — afastado *da rem do mundo que el mais queria.*» (*Ib.,* p. 17 e 18.)

Entre os romances velhos do Romanceiro castelhano ha esta situação de Lancelot, no seu regresso de Bretanha, em que as damas o servem com regosijo; por certo que estas aventuras não foram vulgarisadas pelas narrativas francezas. Diz D. Carolina Michaëlis: «Sem que a *matière de Bretagne* tivesse penetrado nas côrtes peninsulares, quem se teria lembrado de compôr ou de traduzir essas novidades, levado por méro interesse litterario ou musical? A existencia dos

cinco Lais é, a meu vêr, indicio não só forte mas irrespondivel da existencia de romances de *Tristan* e *Lancelot* em prosa. Póde ser que o traductor da prosa, resolvido a apropriar-se os intermezzos lyricos todos, desistisse a meio do caminho... Ou ainda, que o collector do Cancioneiro escolhesse apenas as amostras, que mais lhe agradavam, por motivos que é impossivel adivinhar.» *(Ib.,* p. 20.)

Este ultimo caso é o que se repete no Cancioneiro Colocci com a Canção de João Lobeira, que andava ligada a um episodio da novella do *Amadis de Gaula*, «a primeira e principal imitação das novellas de *Tristan*, *Lancelot* e *Graal*.» Pelo caracter lyrico d'esta Canção ou *Lai de Leonoreta*, determina-se a época em que foi composta á qual pertence a primeira redacção da novella portugueza. A publicação do Cancioneiro Colocci em 1880 trouxe sob os n.os 230 e 232 dois fragmentos de uma Canção de João Lobeira, que são um documento decisivo para demonstrar a origem portugueza do *Amadis de Gaula*, e dar realidade a um certo numero de tradições ácerca d'esta novella cavalheiresca. Começa a Canção pelo *refren:*

> Lonoreta
> Sin roseta,
> Bella sobre toda flor,
> Sin roseta
> Non me meta
> Em tal coita vosso amor.

Este estribilho ou *tornel*, como se lhe chama na Poetica trobadoresca portugueza, conserva-se tambem nos versos da Canção intercalada no tex-

to castelhano do *Amadis de Gaula* (liv. II, cap. II) na paraphrase rhetorica de Garci Ordoñes de Montalvo. Sobre a fórma poetica, nota D. Carolina Michaëlis: «esse lais-ballada de Lobeira cinge-se rythmicamente a dois cantares de Affonso X, ou então aos modelos da litteratura provençal com a estrophe *couée*, que o rei seguia. E essa fórma foi transmittida *(aabaab)* aos trovadores gallaico-castelhanos da 2.ª época lyrica, que a empregaram (vid. Cancioneiro de Baena e congeneres) exactamente nos generos denominados *lais* e *descordos*, evocando assim a suspeita de o *Amadis* primitivo.» *(Ib.,* p. 26.) De facto, o proprio Montalvo revelou a existencia de uma redacção primitiva na sigla da *emenda por ordem do princepe D. Affonso de Portugal* no episodio dos amores de Briolanja. A primeira redacção do *Amadis* citado por poetas do Cancioneiro de Baena constava de *tres livros;* seriam estes escriptos pelo trovador João Lobeira, pertencendo o *quarto* á remodelação de seu filho Vasco de Lobeira, que Azurara deu como vivendo no tempo do rei D. Fernando. A erudição do chronista Azurara não permittia um engano tam capital, distanciando-o do Lobeira trovador do cyclo Dionisio. Eis a Canção de João Lobeira, reconstruida dos dois fragmentos:

Senhor genta
Mi tormenta
Voss 'amor en guisa tal;
Que tormenta
Que eu senta
Outro nom m' é ben nem mal,
Mais la vossa m'é mortal.

Leonoreta
Sin roseta,
Bela sobre todo fror,
Sin roseta
Non me meta
Em tal coita vosso amor.

Das que vejo
Non desejo
Outra senhor se vos nom;
E desejo
Tan sobejo
Mataria un leon,
Senhor do meu coraçom.

Leonoreta
Sin roseta, etc.

Mha ventura
En loucura
Me meteu de vos amar;
E' loucura
Que me dura
Que me non posso quitar.
Ay fremesura sem par!

Leonoreta
Sin roseta,
Bela sobre toda fror,
Sin roseta
Nom me meta
Em tal coita vosso amor. [1]

---

1 Monaci, editor do Cancioneiro de Colocci escrevia-nos em carta de 13 de agosto de 1880, dando noticia d'este facto: "Vi troverai in esso (Canc. Colocci) un documento molto interessante per la questione del *Amadigi*. E la poesia del Lobeira *Leonoreta sin roseta*, chi se retrova in una forma molto piu corretta ed autentica che non nella del Romanzo di Amadigi, e quindi offre un bell' argumento in favore della opinione sustenuta da te."

Importa comparar as fórmas da Canção intercalada na prosa castelhana do *Amadis de Gaula*, reconhecendo-se que o traductor Montalvo conservou inconscientemente os vestigios de um texto primitivo portuguez. Não comprehendeu a estructura estrophica, nem o *lexapren* da rima, encontrando mais estancias, que faltam no Cancioneiro, em que se verifica o estado de interpolação (n.os 230 e 232.) Vê-se que a necessidade da traducção o obrigou a alterar o typo poetico; e conservando a «*Canção que por vuestro amor Amadis fizo siendo vuestro caballero*» deixou a prova irrefragavel de um texto elaborado na côrte do rei D. Diniz, onde florescia João Lobeira, na menoridade do princepe D. Affonso (o IV), como se confirma pela declaração da emenda do caso de Briolanja. (liv. I, cap. 40.) Eis a versão castelhana por Montalvo:

Leonoreta sin roseta,
Blanca sobre toda flor,
Sin roseta no me meta
En tal cuita vuestro amor.

Sin ventura yo eu locura
Me meti de vos amar,
Es locura que me dura
Sin me poder apartar.
Oh hermosura sin par,
Que me dá pena y dolçor.
  Sin roseta no me meta
  En tal cuita vuestro amor.

De las que yo veo no deseo
Otra si no a vos servir;
Bien veo que es devaneo
Do no me puedo partir;
Pues que no puedo huir
De ser vuestro servidor,
  No me meta sin roseta
  En tal cuita vuestro amor.

Aunque mi queja parece
Referir-se á vos, senor,
Que mi vida desfallece,
Otro és la vencedor,
Otra és la matador,
Blanca sobre toda flor;
  Sin roseta no me meta
  En tal cuita vuestro amor.

De me hacer toda guerra
Aquesta tiene el poder,
Que muerto vive so tierra
Aquesta puede hacer
Sin yo gelo merecer;
Blanca sobre toda flor,
  Sin roseta no me meta
  En tal cuita vuestro amor.

Não transcrevemos aqui a fórma deturpada do texto castelhano, isto é, versos transpostos e mal cortados, que mostram a apropriação de um texto primitivo; ha o typo estrophico de João Lobeira, mas sem seguir o *encadeado* da rima; não tem a estrophe n.º 230 da lição de Colocci, mas apresenta mais duas estrophes que faltam ao Cancioneiro. D'estas omissões mutuas entre o Cancioneiro e a Novella, infere-se que a *Canção de Amadis* andou na tradição oral, d'onde foi colligida por causa da melodia para o Cancioneiro trobadoresco, sendo a versão da Novella mais completa por provir de um texto litterario, de que fazia parte. Este encontro dos dois textos, escriptos como prosa e mal cortados os versos nos seus hemistichios, é um facto decisivo e irrefutavel para fundamentar a elaboração novellesca portugueza do *Amadis*.

Depois dos primeiros criticos hespanhoes, Milá y Fontanals e Menendez y Pelayo terem accei-

tado as conclusões sobre a prioridade do texto portuguez da Novella do *Amadis de Gaula* por Vasco de Lobeira, dois novos argumentos foram trazidos á discussão recentemente, em sentido contrario. Pelo facto de ter sido encontrada por Ernesto Monaci na Bibliotheca do Vaticano uma folha solta de uma traducção castelhana do seculo XIV da novella do *Tristan*, quiz concluir o professor Gottfried Baist, no seu estudo do Quadro das Litteraturas romanicas, que á mesma corrente deve pertencer um texto castelhano do *Amadis de Gaula*; sendo em 1342 citado o *Tristan* como recente na voga *(agora)*, pelo Arcipreste de Hita, é collocada a elaboração da novella do *Amadis* em meados do seculo XIV. E avançando nas suas deducções, Baist reconhece a superioridade lyrica dos portuguezes, mas nega-lhes toda a prioridade de textos em prosa, incluindo n'esta negação o *Amadis de Gaula*, e até quer que a *Demanda do Santo Graal* fosse traduzida de textos castelhanos.

Diante do facto de apparecer na redacção castelhana de *Amadis* de Montalvo intercalada uma Canção de João Lobeira, entendeu Baist invalidar esse argumento a favor da prioridade portugueza por uma supposição capciosa: «que o traductor castelhano se cingira á moda do tempo, escolhendo para textos lyricos o idioma gallego-portuguez» e que o Lai de Leonoreta fora uma interpollação tardia e espuria se não do seculo XIV, pelo menos no texto do Montalvo. Todos os esforços de Baist visam a provar que a redacção em prosa do *Amadis de Gaula* data da mocidade do chanceller Ayala, isto é do meado do seculo XIV.

Pelo seu lado, D. Carolina Michaëlis (*Canc. da Ajuda*, t. II) attenuando as affirmativas de Baist, que caracterisa como singelas e seductoras, sente a necessidade de collocar a elaboração da Novella de *Amadis* tambem no seculo XIV, relacionada como está com o Lai de João Lobeira: «Com respeito á edade dos Lais e da Novella em prosa a que pertencem, eu adoptaria de boamente a data do primeiro decennio do seculo XIV. — Bem desejava consideral-os como remate da época gallaico-portugueza, transição para o periodo dos Romances de Cavalleria, epilogo (e não falso preambulo) dos Cancioneiros trobadorescos.»

Que facto se oppõe a que tão justa conclusão critica se não verifique e se torne effectiva? Respondera-se: um anachronismo.

Como existiu na côrte portugueza um *João Lobeira*, que figura em documentos officiaes de 1258 a 1285, filho illegitimo de Pero Soares Alvim, e que, segundo Brandão, na *Monarchia lusitana*, assigna João Pires Lobeira, acceitou-se que esse individuo era o trovador João Lobeira, auctor do Lai que se acha incluso no *Amadis*. Assim recuava para os principios do reinado de D. Affonso III o conhecimento dos Lais bretãos, e o começo da elaboração em prosa do *Amadis*; d'ahi as contradictas sensatas de Baist, e a verdade das observações de D. Carolina Michaëlis.

Comparando a fórma da Canção de João Lobeira, chega a insigne romanista a este resultado: «esse Lais-bailada de Lobeira cinge-se rythmicamente a dois cantares de Affonso X, fórma transmittida aos trovadores gallaico-castelhanos da 2.ª

epoca lyrica, que a empregaram exactamente nas especies que denominam *Lais* e *Descordos*. (Op. cit. II, 515.) Depois da deducção d'estes caracteres poeticos, e apesar de admittir as datas anachronicas de 1258 a 1285 referentes a João Lobeira, chega lucidamente a reconhecer: «o *Amadis* de Lobeira pertenceria ao primeiro quartel do seculo XIV (até 1.º do seguinte)...» «E esse facto obrigaria a collocar o primeiro *Tristan* peninsular no reinado de D. Affonso III e Affonso X.» E na necessidade de conciliar as datas anachronicas do supposto João Lobeira com o Lai, que está intensamente ligado ao episodio de Leonoreta no *Amadis*, D. Carolina Michaëlis recorre á «hypothese, que espiritos avançados, influenciados por contacto directo com auctores francezes, prepararam intrepidamente, no reinado do Bolonhez e do Sabio, o advento do novo gosto por Novellas em prosa.» (Op. cit., II, 516.) E sentindo a necessidade de aproximar a data do Lai lyrico de João Lobeira da data da elaboração da Novella do *Amadis*, continúa D. Carolina Michaëlis:

«Se as apparencias não mentem, a Cantiga que graciosamente principia com o *refren Leonoreta*... foi ideada como intermezzo lyrico da primeira e principal imitação peninsular das novellas de *Tristan*, *Lancelot* e *Graal*.

«Dirigindo-a ostensivamente á pequena irmã da amada — segundo o systema tantas vezes recommendado pelos trovadores, — *Amadis* falla no texto: *sub rosa* com Oriana a sem par, que amava a furto. — No *Amadis*, de Montalvo (II, II), onde surge em versão castelhana, a poesia

é cantada por um côro de Donzellas, que dansam coroadas de rosas e capitaneadas pela Infantinha. O episodio é muito secundario, e não se vê por que motivo teria tido maior desenvolvimento na redacção primittiva...» *(Canç. d'Aj.,* II, 511.)

E como o professor Baist entende, que da existencia dos Lais se não podia inferir um conhecimento cabal das Novellas bretãs e muito menos da sua nacionalisação pelos trovadores portuguezes, responde-lhe D. Carolina Michaëlis: «Se foram os gallegos-portuguezes que exploraram e nacionalisaram as Pastorellas, a Ballada e os Lais lyricos de Bretanha, porque não haviam de explorar e nacionalisar tambem poemas diluidos em prosa? Não poderemos considerar *Novellas* de Amor como pertencentes á Gaia Sciencia?» *(Ib.,* II, 519). E atacando de frente as objecções de Baist, escreve a eminente romanista: «A existencia de um *Tristan* castelhano antes de 1342 (epoca em que o Arcipreste de Hita allude) e a de um *Amadis* em tempo de Pero Lopez de Ayala, implica necessariameote a não existencia de um *Tristan* e *Amadis* gallego-portuguez anterior?» *(Ib.,* II, 547.) «Do portuguez foram transpostas para castelhano numerosas poesias lyricas dos epigones, que encontramos estropeadas nos Cancioneiros do seculo XV.» *(Ib.,* pag. 518.) Todas as negativas de Baist e laboriosas conciliações de D. Carolina Michaëlis recebem uma nova luz diante da existencia de um João de Lobeira pae de Vasco de Lobeira, cujo testamento é datado de 1386, collocando-nos assim no seculo XIV a simul-

taneidade dos Lais lyricos com as narrativas novellescas.

Quando se tornava difficil coordenar estes dois elementos, o chronologico e o artistico, foram achados em Elvas valiosos documentos que authenticam a individualidade de João Lobeira e de seu filho Vasco de Lobeira; coube essa gloria aos perseverantes esforços do grande folk-lorista da provincia do Alemtejo, o nosso amigo Antonio Thomaz Pires.

Por occasião do seu feliz achado, escrevia-nos em 24 de Novembro de 1903, entrevendo logo a parte essencial do problema:

«Está absolutamente averiguado que Vasco de Lobeira, auctor do *Amadis de Gaula*, floresceu no reinado de D. Diniz? Se não está, terá então valor, e grande, um pergaminho que tenho presente, e que se refere a um *João de Lobeira*, pae de um *Vasco de Lobeira* — o qual João de Lobeira em 1386 (éra de Cesar) instituiu por seu testamento uma capella chamada de Santa Suzana, na egreja de Santa Maria dos Açougues, da (então) villa de Elvas.

«O pergaminho é enorme e contém uma sentença ácerca da Capella instituida. Eis um trecho d'elle, em linguagem corrente para a trasladação me ser menos trabalhosa, e visto não me sobrar agora tempo: — «que em a dita villa de Elvas houvera um *mercador* por nome chamado *João de Lobeira*, que foi casado com uma mulher que chamavam Maria Domingues. Esta lhe morrera e casara depois com Aldonça Annes, filha de Domingos Joannes Cabeça: estando assim ca-

sado com ella fizera um testamento na éra de mil e trezentos e oitenta e seis annos, no qual tomara certos bens seus... e da dita Maria Domingues, sua primeira mulher, — cujo testamento disse que fizera, e mandara que o enterrassem em a dita Capella de Santa Suzana, que fizera o dito Domingos Joannes Cabeça, seu sogro. E por os ditos bens que a isso tomara, mandara que lhe cantassem dois capellães para sempre, deixando a cada um certa quantia de... em cada um anno por sua soldada; e isto fizera sem fazendo annexamento algum, mandando que a dita Aldonça Annes sua derradeira mulher fosse administradora da dita Capella se se não casasse, e casando-se dera poder aos Juizes e Procurador do concelho de Elvas que logo a desapoderassem de todo, e que deixem a seu filho maior a dita administração. E a dita Aldonça Annes se casara logo com Miguel Sanchez, cavalleiro castellão, morador em Badajoz. E o dito Concelho e Juizes e procurador tomaram a dita administração e a deram ao seu filho maior por nome chamado *Vasco de Lobeira*, o qual possuirá até o tempo de sua morte, etc.»

O documento pela relação com esse dois nomes historicos e data de 1386, patenteou-se de uma importancia capital para o problema pendente. Em carta de 18 de março de 1904, escrevia-nos Antonio Thomaz Pires: «Durante o trabalho da copia da sentença, occorreu-me o seguinte: Não seria o *Amadis* composto por Vasco de Lobeira na lingua castelhana? Ou, se o compoz em portuguez, não o passaria elle proprio para o castelhano? E' que a

lingua castelhana devia ser-lhe bastante familiar. Como se vê na sentença, a mãe d'elle Aldonça Annes, logo depois de viuvar de *João de Lobeira,* casou com Miguel Sanchez, cavalleiro castelhano, morador em Badajoz, e se bem que *Vasco de Lobeira* era obrigado pela instituição do morgado a viver em Elvas, não passaria grande parte da sua existencia junto de sua mãe e seu padastro, attenta a pequena distancia que ha entre Elvas e Badajoz?

«Outro caso. *João de Lobeira* ou *João Lobeira*, e ainda João Delobeira — diz a sentença, que era *mercador* em Elvas; será o trovador do Cancioneiro? *Mercador* e *troveiro?!* Verdade é que esse mercador tinha como concunhado nada menos que — Alvaro Gonçalves, mordomo-mór de D. Affonso IV, — como a mesma sentença diz.»

Interessado no valor historico d'este documento, Antonio Thomaz Pires não cessou nas suas investigações; pelo pergaminho da camara municipal de Elvas, descobriu que o testamento de *João de Lobeira* estava transcripto no Tombo 1.º da Provedoria de Elvas, actualmente depositado no governo civil de Portalegre. Foram extraordinarios os esforços empregados para poder consultar esse Tombo 1.º A final, em carta de 25 de outubro de 1904, escrevia-nos jubiloso:

«Até que consegui do governo civil de Portalegre o emprestimo do Tombo 1.º da Provedoria da camara de Elvas, onde está trasladado na integra o testamento de *João de Lobeira*, e onde tambem está trasladado o testamento (com codicillo) do sogro d'elle — o Domingos Joannes Cabeça —

testamento do anno 1374. São enormes, mas interessantissimos a varios respeitos, estes documentos. Abrangem 17 folhas do Tombo, que é de grande formato. Vale muito a pena publical-os; e a esse respeito vou consultar o meu bom amigo...» [1]

Que Vasco de Lobeira estava ligado a Elvas pela tradição historica, dil-o Barbosa Machado na sua *Bibliotheca lusitana*, ao biographar o auctor do *Amadis de Gaula*: «a maior parte de sua vida assistiu em Elvas, onde instituiu um morgado que depois veiu aos Abreus de Alcarapinha.» Tambem Jorge Cardoso, no *Agiologio lusitano*, attribuindo a composição do *Amadis de Gaula* a *Pedro Lobeira*, dá-o como tabellião em Elvas, (t. I, 410.) D'onde proviria esta tradição, espalhada nos seculos XVII e XVIII? Jorge Cardoso aponta como seu informador de antiguidades a Manuel Severim de Faria; e Barbosa Machado referindo-se ao Morgado de Alcarapinha leva-nos á inferencia derivada do mesmo informador, porque um dos possuidores do morgado foi D. Christovam Manuel, que casou em segundas nupcias

---

1 Com o mais extraordinario desinteresse, Antonio Thomaz Pires entregava-me esses documentos para entrarem na segunda edição do livro *Formação do Amadis de Gaula*. Mas essa nova remodelação do meu estudo vem longe, o que prejudicava o conhecimento de tão extraordinario descobrimento. Assim, a bem dos que estudam, acabam de apparecer á luz no fasciculo VII dos *Estudos e Notas Elvenses*, de que é editor o benemerito escriptor Antonio José Torres de Carvalho. Acompanhou estes documentos Antonio Thomaz Pires com algumas notas que muito o esclarecem.

com D. Joanna de Faria, filha de Gaspar Severim de Faria; e esse morgado foi herdado por D. Sancho Manuel, 1.º Conde de Villa Flôr, que casou com uma sua sobrinha, filha de Gaspar Gil Severim. Vê-se pois que a tradição do auctor do *Amadis de Gaula* ser esse possuidor do morgado e assistir ou ser natural d'Elvas, era conhecida pelo antiquario Manuel Severim de Faria. Os documentos achados e agora publicados por Antonio Thomaz Pires referem-se irrefragavelmente ao novellista e a seu pae, authenticando com toda a luz a epoca em que viveram.

Como veiu o seu morgado e capella de Santa Suzana aos Abreus de Alcarapinha? Pelos documentos vê-se, que Vasco de Lobeira, pelo casamento de sua mãe Aldonça Annes com o castelhano Miguel Sanchez, entrou na posse do morgado, deixando-o por sua morte a um filho illegitimo Martim de Lobeira. Por esta circumstancia foi a herança impugnada, obtendo sentença a seu favor Gonçalo Cerveira, que morrendo em 1425, o deixou a um seu primo Gonçalo Brandão.

Como este Cerveira, primo de Vasco de Lobeira, era-o por parte da mãe e não dos Lobeiras, veiu em 1427 a ser o morgado dado a Martim de Abreu.

Tambem se julgava o appellido de *Lobeira* derivado de uma terra da Galliza; mas este nome vem em documentos de Elvas de 1343 das grandes propriedades no *Valle de Lobeira* e *Herdade de Lobeira* no termo do Redondo. Este facto exclue toda a ideia de um trovador gallego de appellido Lobeira, que emigrasse para Portugal no tempo de D. Fernando.

Diante dos documentos achados e publicados por Antonio Thomaz Pires, apura-se, que o *João Lobeira,* que assignou como testemunha o testamento do Bispo de Lisboa D. Ayres Vaz em 1258, e que como filho bastardo de Pedro Soares Alvim, foi legitimado por D. Affonso III em 6 de maio de 1272, e que assigna em 1321, no instrumento de compromisso entre o Rei D. Diniz e a Camara de Lisboa, não é o poeta da Canção de Leonoreta, cuja imitação dos Lais bretões accusa tambem uma época muito ulterior. Frei Antonio Brandão escreve na *Monarchia lusitana:*

«D'este João Lobeira descendem, *ao que entendo,* os que ha em Portugal d'este appellido.» Os documentos actualmente descobertos justificam esta inferencia; e o facto de *João Lobeira* ser mercador em Elvas, e não querer que na posse do Morgado entre cavalleiro, revela o orgulho da sua estirpe burgueza, que se continuou em seu filho *Vasco de Lobeira,* armado *cavalleiro* depois dos sessenta annos, como se interpreta pelo episodio de Mocandon, em 1384. (N. 1324 + 1403, 79 annos.)

A epoca da morte de Vasco de Lobeira, fixada em 1403, por Barbosa Machado, poderá confirmar-se pelo litigio demorado, em que seu primo Gonçalo Cerveira entra na posse do morgado de Santa Suzana, excluindo *Martim de Lobeira,* como illegitimo. Por morte de Gonçalo Cerveira, é que este deixou a um seu primo Gonçalo Brandão, em 1425, o morgado, que foi sentenciado vago, por falta de representantes de João de Lobeira, vindo em 1427 aos Abreus de Alcarapinha.

E' depois de 1404, que se torna muito fallado o *Amadis de Gaula* pelos poetas do Cancioneiro de Baena e por Pedro Lopez Ayala; não se acha por elles reconhecida uma redacção castelhana. Essa versão fez-se pois sobre o texto portuguez, remodelando-se já com um *quarto livro* que não estava no plano, realisado sómente em tres livros.

A descoberta de Antonio Thomaz Pires vem dar ás objecções do professor Gottfried Baist uma resposta decisiva. Por ella temos datas que precisam a epoca em que João de Lobeira e Vasco de Lobeira, seguiram a corrente do gosto bretão, realisando uma evolução completa do Lai lyrico para o narrativo e sua evolução em Novella em prosa. E, apparecendo no Cancioneiro Colocci-Brancuti os Lais lyricos do *Tristão* em portuguez, é tambem plausivel que essa folha da Novella do *Tristão* em lingua castelhana fosse resultante de uma primitiva fórma portugueza, que se justifica pelas relações de Vasco de Lobeira com cavalleiros castelhanos pelos laços de familia. [1]

---

1 Na sua valiosissima descoberta, Antonio Thomaz Pires levou o requinte de patriotismo a dedicar-nos o seu trabalho: "Persuadindo-me que semelhantes documentos, authenticos e até agora ignorados, pódem efficazmente contribuir para a solução do tão discutido problema litterario — *a nacionalidade do Amadis*, resolvi, desde o momento que os salvei do pó dos archivos, offerecel-os a v. para os utilisar na segunda edição — já annunciada do seu precioso livro — *Formação do Amadis de Gaula*." E' certo que sobre estas bases novas todo esse livro será remodelado; mas d'aqui até esse dia, que vem longe, importa tornar conhecido tão excepcional descobrimento, que directamente influe no problema, presentido por novas criticas subjectivistas e que os dados historicos resolvem definitivamente.

Origem portugueza do Amadis de Gaula

Todos os grandes poemas da Tavola Redonda tinham terminado a sua evolução desde o desenvolvimento dos Lais narrativos em que primeiro foram esboçados, como o *Tristan* e *Lancelot*, e transformando-se em prosa agruparam-se cyclicamente, constituindo em 1250 o que se chamou a *Materia de Bretanha*. Portugal não ficou extranho a este enorme trabalho de idealisação, em que Chrétien de Troies teve uma parte preponderante desde o *Tristan* e *Lancelot* ao *Percival*, cujo assumpto tomou de um poema que de Inglaterra lhe trouxera Filippe de Flandres, Conde de Alsacia, marido de Thereza de Portugal. Não podiam estes poemas ser desconhecidos na côrte de D. Affonso III; a existencia da novella da *Demanda do Santo Graal* em prosa portugueza do seculo XIV o fundamenta. A revivescencia do lyrismo provençal sob Dom Diniz, absorveu um pouco o interesse dos poetas da côrte; mas o gosto das Novellas, pelos seus quadros de aventuras maravilhosas e de amores hallucinantes prevaleceu sobre a casuistica passional dos trovadores; a livre imaginação tomava os personagens secundarios, como *Sagramor*, como *Ivain*, como *Amadas*, e bordava-lhes uma biographia ideal, em que enquadrava todas as situações mais bellas dos melhores poemas da *Materia de Bretanha*. Gaston Paris, dá-nos o conjuncto da biographia poetica de um d'esses heroes: «Um joven cavalleiro desconhecido, as mais das vezes sem familia, acaba de chegar á côrte de Arthur, quando uma aven-

tura qualquer, considerada por toda a gente como irrealisavel, lhe estimula a sua coragem; deixa a corte, vae correr a aventura, triumphar em muitas outras, e acaba por desposar a donzella n'isso envolvida, e que em dote lhe traz um reino.» (*Litt. franç. au Moyen-age*, § 58.) Com leves modificações é este o typo e o thema do *Amadis de Gaula*; accrescentando situações episodicas, a loucura por amor, como no Lai da *Folie de Tristan* reproduzida no poema do *Amadas*, ou a tradição do morto reconhecido, de *Richard le Beau*, no poema inglez do *Sir Amadace*, chega-se da *Chanson d'histoire* á formação cyclica da grande Novella em prosa. O valor moral da fidelidade inquebrantavel do amor, através de todas as suggestões, e tirando d'esse amor a energia para realisar as emprezas quasi impossiveis, eis o thema que se destaca de todos os poemas e Lais narrativos, e que deu ao *Amadis de Gaula* a primazia sobre todas as Novellas de Cavalleria.

Na época em que foi composto o *Amadis de Gaula*, na côrte de Dom Diniz, já as Novellas da Tavola Redonda estavam transformadas *em prosa*. Gaston Paris assentou este principio critico para o conhecimento d'essas novellas: que os textos em verso as precederam e são mais antigos. Com o *Amadis de Gaula* deu-se este phenomeno; antes da sua redacção em prosa no seculo XIV, foi precedido de poemas em verso no seculo XIII, taes como o *Amadas et Ydoine*, em francez, e *Sir Amadace*, em inglez.

No Discurso sobre o *Estado das Lettras no Seculo XIV*, Victor Le Clerc, fallando do rei

D. Diniz, como fundador da Universidade de Coimbra, censura seu filho D. Affonso IV: «trabalhou tambem para aperfeiçoar a sua lingua nacional, e assignalar-se-ia já agora nos annaes das lettras, se podesse attribuir-se com certeza a Vasco de Lobeira, morto segundo dizem em 1403, a primeira redacção do famoso *Amadis de Gaula*, que todavia, não é, como se vê pelo texto mais antigo hoje conhecido o hespanhol, senão uma imitação prolixa dos poemas da Tavola Redonda e dos romances de Aventuras, taes como o nosso romance de *Amadas*.» [1] O grande critico esboçava uma direcção para o estudo da novella. Littré com seguro senso nota: «*Amadas* lembra o cyclo dos *Amadises*, que certamente hespanhol no seculo XV, tem por ventura ligações com as mais antigas composições francezas.» [2] Para determinar essas origens e formação importa conhecer os processos litterarios da Edade média, na evolução das formas, e no syncretismo dos variados poemas nas amplificações cyclicas. E não bastando ainda estes recursos contra a falta de documentos, o senso esthetico revelará as harmonias organicas ou as incongruencias; assim o comprehende Du Méril, no prefacio de *Blancheflcur:* «Os habitos litterarios da Edade média complicam desgraçadamente todas as questões de origens com difficuldades insoluveis, se se não deixar ao sentimento tirar as conclusões, quando, escaceando os dados preci-

1 Op. cit., t. I, p. 153.

2 *Dictionaire*, Compl. de la Préface, p. LIV.

sos, o raciocinio se dá como incompetente.» (p. XXXVII.)

Seguindo as phases da evolução do plano poetico do *Amadis*, chegaremos ao apparecimento logico e historico da Novella portugueza, constituindo-se com os elementos dominantes na sua época, ou os poemas que entraram na sua construcção cyclica; e caracterisando pelo sentimento a sua nacionalidade litteraria revelada no ethos portuguez.

1.ª **Phase**: *Lenda agiologica*. — A tendencia para a personificação, faz com que muitas palavras qualificativas se convertam em entidades; é uma das bases da legendogonia. Assim a palavra *lonke*, a lança, tornou-se a individualidade de *Longuinhos*, o designativo *vera icon*, estampado no sudario, anthropomorphisou-se em *Veronica*. Foi assim que *Amatos*, um qualquer designativo foi personificado por San Jeronymo como um discipulo do eremita Antão. [1] D'aqui a crear a legenda aurea de um Santo é evolução espontanea em uma época de credulidade e de fecunda sanctificação popular. Como as grandes Epopêas derivam as suas legendas heroicas de uma origem mythica, tambem algumas Canções de Gesta da Edade média foram a transformação de lendas agiologicas: a Canção de *Aiol* derivou-se da legenda latina de *Santo Agiulpho*, [2] o santo Abbade de Lerins, do seculo VII, torna-se na Ges-

---

1 *Journal Asiatique* de 1900; n.º 1, p. 24.

2 *Acta Sanctorum*, t. 1, p. 728, 763.

ta um estrenuo cavalleiro, que defende o imperador Luiz, filho de Carlos Magno, da revolta dos seus barões, e se retira para o claustro, aonde expira em santidade. *Guilhaume au Court-nez,* cujas façanhas são celebradas em dezoito Gestas, é a transformação heroica do typo devoto de Saint Guilhaume de Gellone, da legenda do seculo x, colligida pelos Bollandistas. [1] O mesmo processo tradicional se dá com a Gesta de *Miles et Amiles*, tendo por base uma lenda agiologica. [2] O que é todo o *Cyclo do Santo Graal*, senão o desenvolvimento épico-novellesco do Evangelho apocrypho de Nicodemus? Na Novella do *Amadis de Gaula* encontra-se o fio tradicional que liga o cavalleiro typo da fidelidade ao prototypo de um Sancto; lê-se na redacção castelhana: «Este es *Amadis...* y este nombre era alli muy preciado, por que *asi se llamaba un Santo* á quien la doncella lo encomendó.» Nas Actas dos Bollandistas encontra-se a legenda de um *Sanctus Amandius Gallesinus*. [3] No *Isopet II* traduzido de um texto inglez do seculo XII de Walter l'Anglais, vem na fabula da cigarra a exclamação: Par *Saint Amand!* E no poema de *Amadas et Idoyne*, (V 3092): «Venez, dame, *par Saint Amant*.» Era este o Santo mais popular e querido na época da elaboração d'estes poemas, como se lê na Historia litteraria da França; que na Edade média as

1 *Acta SS.* Maii, t. VI, p. 809.

2 Léon Gautier, *Les Epopées françaises*, t. I, p. 89.

3 *Acta SS.* Febr., p. 816.

vidas dos Santos eram muitas vezes tratadas em verso: «Outras vidas de Santos em versos provençaes parecem remontar ao seculo XI, como a de Santo *Amandius*, bispo de Rodhez...» (t. XXII, p. 240.) No catalogo de uma bibliotheca monastica do seculo XII, junto com o poema de *Miles et Amiles*: «Milo unus, cum *S.ti Amandis* vita metrice composita.» [1]

As relações d'esta lenda agiologica com a Novella são importantes: Santo Amandio foge da casa de seus paes, e esconde-se na Ilha Ogia; no poema, *Amadas* tambem se ausenta da casa paterna, e na novella, refugia-se na Ilha da Penha pobre, aonde faz vida eremitica. As relações entre o poema e a Novella são mais interessantes: tanto *Amadis* como *Amadas* servem na côrte de um rei, por cuja filha *Oriana* ou *Idoine* se apaixonam, e para merecerem-na vão nobilitar-se pelas armas, correr aventuras, até receberem o gráo de cavalleiros. N'este largo decurso de provas, os dois amantes dão o exemplo de uma inquebrantavel fidelidade; depois de terem salvado as suas amantes de perigosos encantamentos, casam a final e herdam o reino do pae, que se oppozera a este enlace. Paulin Paris e Leon Gautier consideram como excepcional a transformação de uma lenda agiologica em uma Gesta heroica; no caso de *Santo Amandius Gallesinus*, bastava a sua muita popularidade, para esse nome entrar na corrente da idealisação cavalheiresca, como tan-

1 *Bull. de l'Academie de Bruxelles* (1843) t. II, p. 591.

tos nomes mythologicos e de personagens gregos e romanos, que serviram de thema a muitas *Chansons d'histoire*.

Quando começaram a elaborar-se os Lais narrativos ou poemas sobre o *Amadis?* Póde determinar-se essa data por um processo negativo: é de 1170 a celebre Canção de Guerau de Cabrera, [1] que ennumera todos os poemas que andavam na transmissão oral, do cyclo Carlingio e da Tavola Redonda, da mythologia classica e da biblia, e entre essas preciosas referencias nada se encontra allusivo ao *Amadis*. Comtudo ahi se apontam *Tristan* e *Lancelot*, que animariam o thema novo que ia ser elaborado em Lais narrativos. Nos fins do seculo XII, é que se espalham as *Chansons de toile* sobre o *Amadis*.

2.ª **Phase**: *Lais narrativos*. — No poema francez de *Amadas et Ydoine* refere-se a extensão immensa que as suas aventuras tinham na Europa, nos principios do seculo XIII, a que pertence esse poema:

> Tout droitement par *Alemaigne*,
> Puis fait son tour parmi *Bretaigne*
> ....
> Espandue est já por *Bourgoigne*
> De lui la haut renommé.
> ....
> Qu'il n'a dusqu' as pars d'*Espagne*
> Dont si grans est la renommée
> De lui par tuit le mont alée
> Que d'*Angleterre* jusqu' a Rome...

---

1 Publicou-a com valiosas notas interpretativas Milá y Fontanals, nos *Trovadores en España*, p. 273 a 284.

De facto, em todos estes pontos indicados no poema francez encontram-se vestigios da tradição poetica de *Amadas*. O poeta Maërlant, reformador da poesia neerlandeza, e falecido em 1291, faz uma referencia ao *Amadis*; [1] n'essa lingua andavam já os poemas de *Tristan*, e *Lancelot*, que lhe serviam de modelo. Do seu conhecimento em Inglaterra, temos a cantilena de *Sir Amadace*, [2] do seculo XIV, e em França o Roman *d'Amadas et Ydoone*, acabado de copiar por João de Mados. Foi grande a popularidade d'este thema, cujas Canções narrativas apparecem mencionadas em numerosos poemas da Edade média e em catalogos de eruditos. No *Donat des Amants*, vem citado o Amadis como o prototypo da fidelidade:

> Que fist Didoum par Eneas,
> E *Ydoine* par *Amadas*.

E no pequeno poema romanesco *Gautier d'Aupais*, na fórma das Gestas, vem apontado; no poema de Gower, *Confessio Amantis*, (liv. VI,) de que existiu uma traducção portugueza na Bibliotheca do rei D. Duarte:

> Is fed with redynge *of romance*
> *Of Idoyne and Amadas*.

---

1 Jonckbloet, *Hist. de la Litteratura neerlandeza*, t. I, p. 161.

2 Edição de 1842. Pertence este poema ao seculo XIV, segundo o prof. Brandl. (*Gundriss* der germanischen Philologie, t. II, p. 665.) No Archiv der romanischen Philologie, t. LXXXI, p. 141, vem um estudo do Dr. Hipp, mostrando que o poema do *Sir Amadace* é o thema oriental do Morto agradecido. O prof. Breuster traduziu-nos do velho inglez este poema, illegivel para quem não fosse um philologo.

No lai inglez de *Emare*, é tambem memorado:

> In tath on korner mad was
> *Idoyne and Amadas...*

No manuscripto de Guido de Columna, *Regimento de Principes*, traduzido por João Garcia de Castroreges, por 1350, vem citado o *Amadis*, junto com *Tristan* e *Cifar*. No legado de Jean de Safres em 1365 ao capitulo de Clervaux, junto com os livros da Tavola Redonda vae tambem um *Amadas*. [1] Foi uma d'estas versões, que no seculo XVI Herberay des Essarts, ao traduzir do castelhano a novella de Montalvo, declara ter visto escripta em *lingua picarda;* Du Tressan, no seculo XVIII, ao fazer o resumo da versão franceza, confessa tel-a encontrado na bibliotheca do Vaticano no fundo doado pela rainha Christina da Suecia. [2] Estas duas affirmações ficaram provadas desde que veiu á luz publicado por Hippeau, em 1863, o poema de *Amadas et Ydoine*. Publi-

---

1 Victor Leclerc, *Histoire litteraire de la France*, t. I, 335.

2 "Durante uma assistencia de quatro mezes que o autor... fez em Roma, S. E. o Cardeal Querini honrou-o com a sua amisade e a Bibliotheca do Vaticano foi-lhe aberta... A' parte direita guarda-se a bibliotheca da celebre rainha Christina... Esta rainha altiva e instruida, tinha reunido durante a sua estada em França uma prodigiosa quantidade de antigas edições e de manuscriptos francezes. — Foi alli que se lembra ter visto o *Amadis* de Gaula em uma antiquadissima linguagem, que Herberay caracterisa denominando-a *langue picarde*, fundado em que o dialecto picardo é ainda o mesmo dos romancistas do fim do reinado de Filippe Augusto e dos reinados de Luiz VIII e de S. Luiz." (T. I, p. XXII.)

cado desde 1810 o poema de *Sir Amadace*, e conhecido o romance de *Audefroi le Bastard, Belle Idoyne*, que é um episodio de *Fleur et Blanchefleur*, reconhecia-se a necessidade de explicar por elles o processo formativo da novella em prosa do *Amadis de Gaula*. No seu discurso *Estado das Lettras no seculo XIV*, escrevia Leclerc: «Quando o poema francez de *Amadas*, que em 1365 fazia parte dos livros de um conego de Langres, e que ainda subsiste, tiver sido vulgarisado, quando o poderem comparar ao *Amadace* inglez, áquelle bravo, que os fragmentos publicados em 1840 e 1842, segundo differentes textos manuscriptos, concordam em represental-o como o mais brilhante modelo de lealdade, de bravura e de respeito cavalheiresco; quando principalmente se fizer uma ideia mais justa e mais completa da alluvião dos romances em prosa, que nos primeiros cento e cincoenta annos da imprensa, para corresponder, tanto em Hespanha como em França, ao enthusiasmo da moda, multiplicaram á compita os nossos antigos poemas, alongando-os com digressões importunas, conversas alambicadas, com uma ampla brigada de gigantes, de fadas, encantadores, será occasião então de perguntar, se foi sem fundamento ou se com rasão que o velho traductor francez do *Amadis* hespanhol, Herberay des Essarts, nos disse que descobrira *alguns fragmentos escriptos á mão em lingua picarda*, e decidir se este romance de aventuras, cujo plano pouco se prestava aos embellecos do perfeito amor, por isso que começá por onde os outros acabam, nasceu em Portugal, em Hespanha ou em qualquer

outra parte.» O problema está magistralmente posto, indicando Victor Leclerc ainda o espirito critico: «Nos *Amadises,* os quaes são derivados dos *Lancelot* e dos *Tristan,* e nos quaes se tem querido vêr o ideal do amor cavalheiresco, a bella Oriana concede tudo antes do tempo tão esperado em que os imperadores e os reis hão de vir assistir ás nupcias.» *(Ib.,* p. 483.)

D'este processo critico chega-se ao conhecimento que o thema do *Amadis* era generalisado na poesia medieval, na Europa no seculo XIII; e que entre esses poemas *de toile,* em lingua picarda, inglez e neerlandez, e a redacção castelhana do fim do seculo XV, houve uma elaboração intermediaria, em lingua portugueza nos começos do seculo XIV.

Tendo-se operado no seculo XIII a transformação dos poemas versificados para a fórma novellesca em prosa, as analogias entre o *Amadas et Idoine* e o *Amadis de Gaula* não devem procurar-se na fórma mas nas situações do thema tradicional: ambos são egualmente inspirados pelo mesmo sentimento da fidelidade no amor. Tanto *Amadas* como o *Amadis* servem na côrte de um rei, por cuja filha *Idoine* ou *Oriana* se apaixonam, e para merecem-as vão ambos nobilitar-se nas armas para serem armados cavalleiros. E' durante as suas longas e arriscadas aventuras, que tanto o donzel como a filha do rei se mostram animados de uma absoluta fidelidade, terminando a acção pela posse merecida que sonhavam. Eis a situação que fez nascer esse amor, que pelo sentimento da fidelidade encantou a Edade média; o

Duque de Borgonha dera um grande festim, e o Senescal n'esse dia veiu servil-o á mesa como lhe competia; a seu lado ia-o ajudando seu filho *Amadas*, se não quando o duque mandou o Donzel servir sua filha *Idoine*.

> Et *Amadas* devant son pére
> Devant son pére, á la table ere,
> Cui puis avint maint aventure.
> Li dus l'apela á droiture,
> Le mes li commande á porter
> Sa belle fille et presenter,
> Qui tint á une part sa feste.
> Com pucele haut geste.
> Li damoisiaz bien ensengniés,
> Comme courtois et afailiés,
> De cest message se fist prest.
>
> (V. 209 a 219.)
>
> En l'esgarder de la pucede
> Li saut au cuer une estincelle.
> Qui de fine amor l'a espris;
> Já en est tos mas e souspris,
> Et entrés en si grant effroi,
> Qu' il ne set nul conseil de soi;
> Ne set s'il a joie ou doleur
> Ou amertume, ou douceur;
> Ne set se il la vit ou non
> Par songe ou par avision...
>
> (V. 243 a 252.) [1]

Agora a mesma situação com *Amadis;* apesar do seu alto nascimento, teve uma infancia obscura,

---

1 *Amadas et Ydoine*. Edição de Hippeau. Paris. 1863. — No *Zeitschrift far romanische Philologie*, vol. XIII, p. 85, vem mais 286 versos de 2 folhas de um pergaminho de Guettingue. — *Romania* vol. XVIII, p. 197.

"No *Amadas et Ydoine* encontra-se a primeira ideia da scena do tumulo, que faz o desenlace de *Romeu e Julieta* de Shakespeare." L. Cladat, *L'Epopée courtoise* (Hist. de la litt. franç. I, 332.)

e só pelo seu garbo e gentileza é que foi tomado pelo rei Languinés de Escossia para a sua côrte. Foi na chegada de *Oriana,* vinda da Dinamarca, na festa que na sua côrte lhe deu o rei Languinés, que Amadis viu e se apaixonou pela filha do rei Lisuarte. Lê-se na novella: «*Amadis* tinha então doze annos, mas pelo seu corpo e pelos seus membros bem parecia ter quinze; servia a Rainha e era muito amado d'ella e de todas as damas e donzellas; mas logo que alli chegou *Oriana,* filha do rei *Lisuarte,* a rainha deu-lhe o donzel do mar para a servir, dizendo: — Amiga, eis aqui um garção que vos servirá. Ella respondeu: que do seu agrado era. Esta palavra penetrou de tal forma o coração do donzel, que d'alli em diante nunca mais lhe sahiu da lembrança. E nunca, como esta historia o contará, em dias de sua vida se enfadou de a servir, e seu coração lhe foi sempre dedicado, e este amor durou tanto quanto ambos viveram.» [1] Nas redacções em prosa, que se succederam tanto pela corrente cyclica como pelo gosto do tempo, os innumeros episodios, as historias genealogicas e os longos discursos, fazem esquecer o simples trama, não deixando determinar as relações com o texto poetico originario d'onde proveiu.

3.ª **Phase:** *Novella cyclica em prosa.* — No seculo XIV encontram-se nos poetas hespanhoes numerosas referencias á novella do *Amadis,* e este nome torna-se um symbolo e uma designação sym-

---

1 *Libros de Cabellerias,* p. 30. (Ed. Ribad.)

pathica. O rei D. João I, de Castella, poz a dois dos seus cães os nomes de Ogier e de *Amadis;* [1] e symbolisando a fidelidade instinctiva do cão é com este nome representado nos monumentos sepulchraes. Don Aurelian Fernandez Guerra descobriu em um sepulchro da egreja da Universidade de Sevilha, onde está representado um cavalleiro estendido com os pés encostados a um cão, um signal da vasta popularidade do *Amadis* em Hespanha; o cavalleiro representa D. Lorenzo Soares de Figueirôa, avô do Marquez de Santillana, que fôra Mestre de Santhiago e servira nas armas sob Henrique III, D. João I e II e faleceu em 1409; tem aos pés o cão com o nome de — *Amadis*, duas vezes inscripto na colleira. [2] Era esta mesma predilecção que fazia, como conta Pablo de Cespedes, que o *Amadis* fosse o assumpto de muitas telas pintadas no seculo XV. No Nobiliario do Conde D. Pedro, bastardo do rei D. Diniz, o nome de *Oriana* já apparece muito usado na fidalguia portugueza, como prova historica da influencia do *Amadis* em Portugal no principio do seculo XIV. O descobrimento da Canção de Leonoreta pelo trovador João Lobeira, que foi intercalada na redacção castelhana, fundamenta a realidade historica de uma primeira redacção portugueza em prosa na côrte de D. Diniz, como o affirmara Miguel Leite Ferreira, dando noticia

---

1 Milá y Fontanals, *Trovadores en España*, p. 501, not. 6.

2 Amador de los Rios, *Sevilla Pintoresca*, p. 236.

do texto portuguez na casa do Duque de Aveiro: «*na linguagem que se costumava n'este reyno em tempo del Rey D. Diniz, que he a mesma em que foi composta a historia de Amadis de Gaula — cujo original anda na Casa de Aveiro.*»

Ha ainda um outro facto, que leva a precisar esta primeira redacção portugueza, que constava apenas de *tres livros,* como o declara o poeta do Cancioneiro de Baena, Pero Ferrús, que em 1379 escrevera um Dizer á morte de Enrique II.

1.ª *Redacção portugueza* (de João Lobeira). Montalvo, explicando o movel da sua paraphrase castelhana do *Amadis de Gaula*, falla «de *los antiguos originales* que estaban corruptos y *compuestos en antiguo estilo* por falta de los *differentes escriptores...*» Logo adiante confirma a existencia de um texto do *Amadis* em *tres livros,* como revelára Pero Ferrús: «E' yo esto considerando, y deseando que de mi alguna sombra de memoria quedasse, no me atreviendo á poner mi flaco ingenio en aquello que los mas cuerdos sabios se ocuparan, quiselo juntar con estes postrimeros que las cosas mas livianas y de menor sustancia escribieron, por ser á el, segun su flaqueza, mas conformes, corrigiendo estes *tres libros de Amadis,* que por falta de los malos escriptores ó *componedores* muy corruptos ó viciosos se leian... y *trasladando y emendando el libro cuarto...* que hasta aqui no es memoria de ninguno ser visto, etc.» Authenticada essa primeira redacção em *tres livros*, que eram entremeados de Canções á maneira das Novellas da *Materia de Bretanha*, o trovador do Lai de Leonoreta, João Lobeira, pae de Vasco

de Lobeira como se sabe pelo seu testamento de 1386, torna-se assim o auctor do texto em prosa do *Amadis*. Do estado do episodio de Leonoreta na redacção castelhana, D. Carolina Michaëlis tira uma conclusão: «O episodio é muito secundario. Mas por ventura *teria mais desenvolvimento na redacção primitiva*, cuja perda obriga a tantas conjecturas e discussões.» (*Lais de Bret.*, p. 26.)

O que se deu com este episodio, tornou-se mais patente com o episodio da princeza Briolanja; na logica da acção, *Amadis* para não quebrar a lealdade que sustentava pela princeza Oriana, tinha de não acceder á ternura de Briolanja, que se lhe entregara por gratidão. Isto determinou uma remodelação da novella, por determinação do Infante D. Affonso de Portugal. No texto castelhano de Montalvo ficou intercalada uma sigla com essa declaração interessante. E' uma nótula, que encerra um poderoso argumento historico para authenticar a origem portugueza do *Amadis de Gaula*: «*aunque el señor Infante Don Alfonso de Portugal, habiendo piedad d'esta fermosa donzella* (Briolanja) *de outra guisa lo mandase poner. En esto hizo lo que su mercê fué, mas no aquello que en effecto de sus amores se escribia.*» Este Infante D. Affonso de Portugal, que mandou modificar o episodio era o herdeiro do throno de Dom Diniz, que teve muito cedo casa apartada (1297), e que dizia, segundo a Chronica de Nunes de Leão:

> Para amores e revezes
> Ninguem melhor que os portuguezes.

Na edição dos *Poemas lusitanos* do Dr. Antonio Ferreira, seu filho affirma que esse infante de Portugal era effectivamente o successor do rei D. Diniz. De Puymaigre, reconheceu que a allusão era «a um principe que foi rei sob o nome de Affonso IV, e que nasceu em Coimbra em 1290. Este infante devia contar vinte annos em 1310, e estava em edade de poder interessar-se pela Briolanja.» [1] O principe D. Affonso veiu a reinar em 1325; por tanto desde 1304, entrado na puberdade, podia ter compaixão da *formosa donzella,* e mandar fazer o retoque na Novella. Podia muito bem João Lobeira ir escrevendo os cadernos do *Amadis,* da mesma fórma que fez João de Barros com a novella do *Clarimundo,* escripta aos cadernos para comprazer com o principe que foi rei com o nome de D. João III. D'aqui se infere que já em 1367 podia o Chanceller Pero Lopez de Ayala citar o *Amadis* no seu *Rimado de Palacio,* mesmo como reminiscencia da sua mocidade, (1355) sem comtudo dar-se esse anachronismo imaginado por D. Pascoal de Gayangos. No reinado de D. Affonso IV apagou-se o interesse pelo lyrismo trobadoresco; quanto elle seguia o espirito cavalheiresco das Novellas, que dominavam no gosto, vê-se no modo desinteressado como procedeu na batalha do Salado. O seu caracter va-

1 *Vieux Auteurs castillans,* II, 183; corrige o erro intencional de D. Pascoal de Gayangos, pretendendo invalidar a notula com dizer gratuitamente que já era conhecido em Hespanha o *Amadis* em 1359, e que D. Affonso de Portugal ainda não era nascido em 1370! *(Libros de Caballerias,* p. XXIII.)

ronil e forte, quando infante, andando sempre em lucta contra seu pae, revela-se na emenda que mandou fazer em contrario do que dos amores de Briolanja *se escrevia:* onde *Amadis* recusava a offerta do seu corpo excusando-se com muitas lagrimas choradas por Oriana, manda que lhe faça dois filhos de um só ventre!

Amador de los Rios, deduz d'esta modificação ter existido uma redacção anterior e mais pura: «E' pois evidente que Montalvo conheceu uma redacção em que interviera D. Affonso de Portugal, por ventura a attribuida a Lobeira; porém tambem parece ter tido noticia de *outra, em que se conservava mais fielmente o caracter cavalleiresco do Amadis, que reconhecia por base capital a fidelidade dos seus amores por Oriana;* pois só com este conhecimento podia rejeitar como [illegible]torio, superfluo e vão, o episodio dos amores da donzella Briolanja, introduzido na versão portugueza.» [1] Esta primeira redacção tinha a singeleza da ingenuidade; a acção não era complicada, seguindo directamente para o seu natural desenlace, subordinada aos modelos conhecidos da côrte de D. Diniz, os poemas de *Flores e Brancaflor*, e de *Tristan;* notou Amador de los Rios esta feição, destacando-a da redacção ulterior: «A ideia geradora do *Amadis* é a fidelidade do amor que se professam por toda a vida os amantes, fidelidade que serve de purificação e de talisman para vencer todos os obstaculos e encantamentos, como

---

1 *Hist. critica de la Litteratura española,* t. v, p. 94.

acontece na Ilha Firme; esta ideia levada assim ao extremo, deriva indubitavelmente da historia de *Tristan*, e por ventura com mais exactidão de *Flores e Brancaflor*, espelhos de enamorados; e tão clara é a semelhança, que não ha poeta do seculo XIV que ao louvar a constancia e verdadeira ternura de amor, deixe de citar egualmente, como modelos aquelles formosissimos pares.» [1]

Por estes caracteres separa Amador de los Rios os *tres livros* do Amadis como pertencendo a uma primeira redacção: «A singeleza, a excessiva candura e infantil credulidade que se revela na narração dos maravilhosos impossiveis que n'ella se accumulam, a ingenuidade nativa das descripções, e o vigoroso e ás vezes aprazivel colorido que anima a suas romanescas scenas... o sabor archaico dos meios expositivos, da dicção e da phrase, *especialmente nos tres primeiros livros*, bastante differentes n'este ponto do *ultimo*, que não seria extranho a Garci Ordoñez de Montalvo a antiga *Historia de Amadis*, conhecida e com tanta frequencia mencionada pelos mais notaveis poetas da segunda metade do seculo XIV.» [2] O poeta Pero Ferrús, em um Dizer dirigido a Pero Lopez de Ayala, allegando-lhe o exemplo do cavalleiro Amadis na resistencia resignada, falla nos *tres livros* da celebrada novella:

> *Amadis*, el muy fermoso,
> las lluvias y las ventiscas
> nunca las fallo ariscas

1 *Historia crit. de la Lit. española,* t. V, p. 85, nota.
2 Ibid., t. V, p. 94.

por leal ser é famoso:
sus proezas fallaredes
en tres libros, e diredes
que le Dios dé santo poso.
(Canc. Baena, I, p, 322.)

Além da redacção das proezas do Amadis em *tres livros,* aqui authenticada, tambem se infere pelo Dizer do Pero Ferrús, que a acção do *Amadis de Gaula* não estava terminada, anciando o poeta: «Que le Dios de santo poso.» Como observa Amador de los Rios, a situação achava-se no resgate de Oriana do poder dos Romanos, sendo entregue por Lisuarte a Amadis, que vae a caminho da Ilha Firme esperar o termo d'aqueila aventura: «de maneira que estava muito distanciado Amadis do *santo repouso,* a que Ferrús alludia.» *(Ib.,* p. 93, not.) A materia dos *tres livros* primitivos acha-se tambem destacando pela sua unidade esta primeira redacção da Novella. Reconhece Amador de los Rios, que Amadis, Galaor, Florestan, com o intimo Agrajes, revelam uma impressão da Gesta dos *Quatro Filhos d'Aymon,* formando uma trama principal: «Na historia dos tres paladinos de Gaula cuja unidade assenta principalmente n'aquelle laço do sangue (os tres filhos do rei Perion) liga-se á de Agrajes modelo de fidelidade áquelles tres irmãos votados á gloria da familia por um proximo parentesco. Estes quatro personagens nos quaes insiste a acção da Novella, pertenceram á *primeira redacção* como bases indispensaveis da mesma.» (Op. cit., p. 85.) E ainda discrimina os *tres livros* do *Amadis de Gaula,* pela confissão do proprio Montalvo, que

diz que os *corrigiu e emendou,* e declarando ter *traduzido o quarto livro.*

Vê-se d'aqui que ainda se não tinha entrado na grande elaboração cyclica, encadeando episodios colhidos das variadas Novellas, para complicar as aventuras cavalheirescas; essa phase litteraria é que determinou a remodelação e ampliação do *quarto Livro do Amadis de Gaula.*

2.ª *Redacção portugueza* (Vasco de Lobeira.) Sente-se através das ingenuas narrativas um prurido de apropriação e de referencias ás novellas do grande cyclo da Tavola Redonda. Observa Amador de los Rios este caracter que a Novella appresenta principalmente no *quarto livro* do *Amadis:* «as citações e allusões expressas que encontramos no *Amadis,* taes como as que se referem ao *Santo Graal,* a *Tristão* e *Lancelot,* contidas no quarto livro, accrescentado... dá-nos o auctor conhecimento desde as primeiras paginas, de que era familiar da historia = do muy virtuoso Rei Arthur, que foi o melhor rei dos que alli (em Bretanha) reinaram = reflectindo-se no pensamento e composição de toda a obra o mesmo conhecimento dos outros livros cavalheirescos.» A côrte do Rei Lisuarte é remodelada segundo a do bom *Rei Arthur;* Archeláo, o maligno Encantador é como Tablante de Ricamonte no poema de *Jofre y Brunesinda;* o episodio de Briolamja é mui semelhante ao da rainha Conduiramor no *Percival.* [1]

---

[1] Lê-se na *Romania,* vol. VII, p. 151, dando conta da critica allemã: "O episodio de Briolanja é tomado do romance francez de *Agravain.*"

assim como o reconhecimento de Amadis e Galaor egual ao de Feravis e Percival.» *(Ib.*, p. 86.) Era este o processo cyclico, que foi geral na litteratura novellesca, a que pertence a elaboração determinada pela alteração dos amores de Briolanja, feita por Vasco de Lobeira no esbôço de seu pae. Foi este texto o que Montalvo conheceu e ampliou no fim do seculo xv, notando a sua incongruencia, condemnando-o como alheio ao plano da Novella: «Todo lo que mas desto en este libro primero se dice de los amores de Amadis y d'esta hermosa reyna (Briolanja) *fué acrecentado*, como ya se os dijo; é por esso, *como superfluo é vano se dejará de recontar, pues no hace al caso; antes esto no verdadero contradiria é danaria* lo que con mas razon esta grande historia adelante contará.» (Libr. de Caball., p. 103.) Como é que Montalvo poderia condemnar este episodio de Briolanja, expungil-o, e ao mesmo tempo prometter desenvolvel-o no *quarto livro*, como declara: «Esto lleva mas rason de ser creida, porque esta fremosa reyna (Briolanja) casada fué con Galaor, como el *quarto libro* lo cuenta.»? Como é que o rhetorico Montalvo podia reprovar este episodio e tornar a alludir a elle no fim do livro segundo, na scena em que Oriana e Briolanja conversam ácerca de *Amadis*, e em que esta lhe dá conta como teve d'elle dois filhos? D'aqui se vê que Montalvo não póde apagar completamente na sua redacção castelhana o caracter do antigo texto portuguez, que os poetas do Cancioneiro de Baena conheceram nos primeiros annos do seculo xv, na fórma que lhe deu Vasco de Lobeira. Transparecendo atra-

vés d'estas contradicções, Montalvo, preoccupado com a amplificação rhetorica, tão caracteristica do fim do seculo xv, não comprehendeu o nexo entre a mesma situação do primeiro e do segundo livro. Braunfels n'um pretendido *Estudo critico sobre o Amadis de Gaula, (Leipzig 1876)* para negar a origem portugueza d'esta novella, diz que não achou no fim do livro segundo a situação da confissão dos amores de Briolanja, de que nasceram os dois filhos. Mas lá está o sentido, implicito n'estas palavras: «Assi estuvieron ambas de consuno con mucho plazer hablando en las cosas que mas le agradaban, *é contando Briolanja entre otras cosas por mas principal lo que Amadis per ella feciera, é como le amaba de coraçon.*» O que Briolanja contou era de natureza que exigia um inviolavel segredo: «Mas quiero que vejais lo que en esto me acontecio, *é guardadlo en puridad*, como tal señora guardalo debe; que yo lo acometi esto que agora dejistes, é probé de lo haber pera mi en casamiento, *de que sempre me occurre verguenza cuando á la memoria me torna.*» (Ed. Rib., p. 151.) Que segredo era este, e que motivo de vergonha tinha Briolanja ao reconhecer que Amadis pela sua fidelidade a Oriana a não quiz desposar, se não o facto de haver o cavalleiro accedido aos desejos d'ella, de que resultaram dois filhos. A refutação de Braunfels é capciosa, por que cingindo-se materialmente á letra, exime-se á intelligencia do texto.

O episodio de Briolanja, impressionando os poetas do seculo xvi, em Portugal, deu azo a que se conservasse uma positiva affirmação historica

da origem portugueza do *Amadis de Gaula.* O Dr. Antonio Ferreira, tendo começado a coordenar os seus Sonetos em 1557 na collecção intitulada *Poemas lusitanos*, no Soneto 34 do 1.º livro escripto em linguagem antiga, trata da anecdota dos amores de Briolanja:

> Bom *Vasco de Lobeira* e de gram sen
> De pram que vós avedes bem tratado
> O feito de *Amadis,* o námorado
> Sem quedar ende per contar hi rem
> ....

O nome de *Vasco de Lobeira*, como auctor do *Amadis de Gaula* apparece pela primeira vez citado por Azurara, na *Chronica do Conde D. Pedro de Menezes*, que ficou inedita até 1792; e tambem nas *Antiguidades de Antre Douro e Minho* pelo Dr. João de Barros, que ainda estão ineditas; por tanto o Dr. Antonio Ferreira leu o texto portuguez. Pela sua morte na peste grande de 1569, ficaram os *Poemas lusitanos* ineditos até 1598, em que seu filho Miguel Leite Ferreira lhes deu publicidade. No verso do frontispicio, entre algumas linhas de erratas, accrescentou o filho do poeta esta explicação: «Os dous Sonetos, que vão a fl. 24 fez meu pae *na linguagem que se costumava n'este reyno em tempo del Rey D. Diniz, que he a mesma em que foi composta a historia de* AMADIS DE GAULA *por Vasco de Lobeira,* natural da cidade do Porto, *cujo original anda na Casa de Aveiro.* Divulgaram-se em nome do Infante D. Affonso, filho primogenito del Rey D. Diniz, por quam mal este princepe recebera (como se vê

da mesma historia) ser a fermosa Briolanja em seus amores maltratada.»

A importancia d'este documento é capital. O pae do poeta quinhentista, Martim Ferreira, era védor da fazenda de Dom Jorge, Duque de Coimbra, cujo titulo fôra mudado pelo rei D. Manoel para o de Duque de Aveiro. Era facil ao poeta vêr esse manuscripto do Amadis *original*, conservado na Casa de Aveiro; o Dr. Antonio Ferreira era amigo intimo do Duque, para ter facil accesso á sua livraria; bastava o herdeiro do duque ser tambem poeta, como se vê pelos *Poemas lusitanos*, para se communicarem estas amenidades litterarias. Na Ode III, na Ecloga XII, na Carta V e IX, vê-se quão intimo amigo foi o Dr. Antonio Ferreira de D. João de Lencastre, filho do Duque de Aveiro; o seu poema de *Santa Comba dos Valles* é dedicado a D. Jorge, Marquez de Torres Novas e a seu irmão D. Diniz, filhos do velho Duque. Viviam em perfeita communhão intellectual; isto justifica como Miguel Leite Ferreira, sempre estimado na Casa de Aveiro podia, ainda em 1598, affirmar de visu que o *original* do *Amadis* andava na Casa de Aveiro. Contra este documento positivo, D. Pascual de Gayangos no seu Discurso sobre as Novellas de Cavalleria, para refutar a origem portugueza só teve um meio — a negação da existencia da nota de Miguel Leite Ferreira no exemplar dos *Poemas lusitanos* de 1598! Demais, D. Nicoláo Antonio, (em 1684) na sua *Bibliotheca*, referindo-se ao original conservado na Casa de Aveiro, confessa ter visto a nota dos *Poemas lusitanos:* «Hujus *autographum lusita-*

num extare penes Dynastas Aveirenses notatum *inveni in quadam notula*, quæ post Antonii Ferreiræ Lusitani poetæ opera edita est.» 1

Como refuta Gayangos a auctoridade do celebre bibliographo? Considerando a affirmativa como alludindo a uma sigla manuscripta de um qualquer curioso! Eis as proprias palavras, que serão sempre uma vergonha contra o criterio de Gayangos: «La nota attribuida al hijo de Ferreira, con que se pretende probar la existencia del manuscripto original en el palacio de los Duques de Aveiro, y la que se asegura puso igualmente al Soneto relativo al incidente de Briolanja *no se hallan en la edicion de 1598*, unica antigua que se conoce de los *Poemas lusitanos*. Añadidas posteriormente en la reimpresion de los Poemas hecha en 1772, son obra de Editor moderno y no del hijo de Ferreira. El testimonio queda pues, reducido á la simples asercion de Don Nicolas Antonio, quien sin duda vió algun ejemplar con una *nota marginal y manuscripta* de lector ocioso y autor desconocido, puesto que, á ser hijo de Ferreira, este la hubiese intercalado en el texto impresso.»

Não ha n'isto só a impudencia da má fé, ha tambem a ignorancia voluntaria: Gayangos imaginou duas notas, e ao mesmo tempo que uma d'ellas devia estar junto dos Sonetos archaicos, e que a outra era manuscripta escripta á margem por um curioso. Isto que elle inventa, é o que refuta, com um argumento da inintelligencia do

1 *Bibl. Vetus*, t. II, lib. 7, cap. 7.

prologo escripto pelo erudito academico Pedro José da Fonseca á edição dos *Poemas lusitanos* de 1772, onde no seu estudo biographico transcreve as linhas das erratas do exemplar de 1598 com a informação historica do filho do Dr. Antonio Ferreira. [1]

O documento mais antigo que cita o nome de *Vasco de Lobeira* como auctor de *Amadis de Gaula*, é de 1454, a *Chronica do Conde D. Pedro de Menezes* (cap. 63) escripta pelo chronista do reyno Gomes Eannes de Azurara. Eis o texto authentico: «Estas cousas, diz o Commentador, que primeiramente esta Istoria ajuntou e escreveo, vão assy escriptas pela mais chã maneira que elle pôde, ainda que muitas leixou, de que se outros feitos menores que aquestos poderam fornecer...; ou seja que muitos auctores cubiçosos de alargar suas obras, forneciam seus livros relatando tempos que os Princepes passavam em convites, e assy festas e jogos, e tempos alegres, de que se nom seguia outra cousa se nom a deleitaçam d'elles mesmos assi como sam os primeiros feitos de Ingraterra que se chamava Gram Bretanha, e assi o LIVRO D'AMADIS, *como que sómente este fosse feito* a prazer de um homem que se chamava Vasco de Lo-

1 A bronca comprehensão de D. Pascual de Gayangos deu a seguinte conclusão logica de Amador de los Rios: "pero como observa Don Pascual de Gayangos, no existiendo la dicha nota en la edicion de 1598, y hallandose en la reimpression hecha en 1772, hay razon para creer que fué posta después y carece por tanto de la autoridad que se le ha attribuido." *Hist. crit. de la Litteratura española*, t. V, p. 83.

beira, em tempo d'El Rei Don Fernando, sendo todalas cousas do dito Livro fingidas do Auctor...» [1] Azurara referia-se ao grande Cyclo Arthuriano, quasi todo conhecido pelos exemplares guardadas na Bibliotheca do rei D. Duarte, e ao texto unico do *Amadis de Gaula,* que devera existir na Livraria de D. Affonso v, de quem o chro-

---

1 Braunfels, no *Kritischer Versuch uber den Roman Amadis von Gallien,* pretendeu invalidar o texto de Azurara, esforçando-se com subtilezas para provar que esta parte do capitulo 63 em que Azurara se refere ao *Livro de Amadis* é interpolada e apocrypha! E o critico D. Juan Valera, como bom castelhano acceita como ouro de lei esse latão germanico: "El principal esfuerzo y trabajo del Dr. Braunfels tira a demonstrar que todo el passaje ó parrafo que dicha noticia era incluida fue nota marginal en algun Codice de Zurara, interpolada luego ó adrede, ó per descuido en el texto de la obra." *(La Academia,* vol. II, p. 34.) Braunfels desconhece a historia externa do texto da Chronica do Conde D. Pedro de Menezes, que a Academia real das Sciencias imprimiu em 1792 no seu estado authentico, sem interpolações, e em uma epoca em que o *Amadis de Gaula* estava totalmente esquecido. Braunfels tambem ignora, que Azurara escrevendo essa Chronica se serviu de memorias particulares, a que segundo a erudição do seculo xv se chamavam Commentarios. Assim as phrases: "Estas cousas diz o Commentador, que primeiramente esta historia ajuntou..." querem dizer, que servindo-se Azurara de memorias particulares, quando trata das qualidades domesticas do Conde D. Pedro de Menezes, pouco encontrou, porque esses Commentarios estavam escriptos de uma maneira chã, narrando apenas feitos gloriosos não se occupando com as descripções de festins e outras sumptuosidades principescas. Braunfels imaginou que Commentador significa um annotador ou glosador de um texto definitivo, e por isso julgou invalidar o texto de Azurara pela phantastica fusão com um glossa!

Lemke considera como um grave erro de Braunfels a negação da existencia de um texto portuguez do *Amadis. (Romania,* vol. VI, p. 475.)

nista era bibliothecario;[1] e infere-se isto, por que o *original* da Novella veiu á posse da Casa de Aveiro, do Duque D. Jorge de Lencastre, bastardo de D. João II, ao qual foi dedicado um dos ramos cyclicos do *Amadis de Gaula,* intitulado *Lisuarte de Grecia.* Ha no testemunho de Azurara um dado chronologico, quando diz que Vasco de Lobeira florescera «*em tempo del Rey Dom Fernando.*» Precisa perfeitamente a epoca de 1367 a 1383, em completa concordancia com a sua filiação do trovador João Lobeira, e em condições de transformar e ampliar o plano da Novella cyclicamente; e concilia-se admiravelmente com o que escreve Duarte Nunes de Leão trazendo o nome de *Vasco de Lobeira* na lista dos que foram feitos cavalleiros depois da batalha de Aljubarrota em 1384. Fixada essa epoca por Azurara, temos tambem restituida a comprehensão historica das referencias á Novella do *Amadis de Gaula* pelos poetas hespanhoes do fim do seculo XIV. Comecemos pelo Chanceller Pero Lopez de Ayala, que esteve prisioneiro em Portugal com os vencidos de Aljubarrota; refere elle, no seu *Rimado de Palacio*, escripto no seu desterro em Inglaterra em 1367, que o deliciava na sua mocidade:

> ......oyr muchas vegadas
> Libros de devaneos et mentiras probadas,
> *Amadis, Lançarote* et burlas assaçadas...

---

1 O insigne cosmographo Visconde de Santarem considerou que todas as obras citadas por Azurara nas suas Chronicas pertenciam á Livraria real, de que elle era bibliothecario.

A sua mocidade coincide com a epoca em que o lyrismo trobadoresco estava destituido pela paixão das Novellas de aventuras; e n'esta transformação litteraria ainda a lingua portugueza era cultivada em Castella, podendo ser lido o *Livro de Amadis*, na redacção de João Lobeira ou na remodelação de seu filho Vasco de Lobeira, desde 1360, em que Ayala já toma parte nos disturbios de Castella. A Pero Lopez de Ayala se dirigiu o poeta Pero Ferrús, apontando-lhe a abnegação de *Amadis*, como se conta nos *tres livros* das suas proezas. Mas este poeta, alludia nos seus versos ás façanhas de Enrique II e as suas victorias em Portugal sobre el-rei D. Fernando:

No dexó per lavajal
de llegar hasta Lisbona,
é onrró la sua corona
tres veces en Portugal.

(*Canc. Baena*, I, 323.)

Referia-se Pero Ferrús á morte de Enrique II em 1379, e por tanto a sua poesia ao Chanceller Ayala morto em 1407, precisa-nos bem quando foi escripta. Por tanto a allusão ao *Amadis* entre 1379 e 1407, concorda plenamente com a epoca da vulgarisação da Novella portugueza em Hespanha. Gayangos servindo-se das referencias d'esses trovadores do Cancioneiro de Baena, fórça a verdade recuando a data das suas composições, que á mais simples leitura se verifica que foram escriptas depois de 1406. Julgava

assim invalidar a redacção portugueza. A primeira citação do *Amadis* é de Fray Miguel:

> ....*Amadis* aprés,
> *Tristan é Galas. Lançarote del Lago,*
> é otros aquestos, decitme qual dragó
> tragó todos estos, é dellos que és.
>
> *(Canc. de Baena,* 1, 46.)

Na rubrica que acompanha esta poesia lê-se a sua data de 1406: «Este Dezir fizo fray Miguel de la Orden de Sant Jeronymo, capellan del onrrado obispo de Segovia Don Juan de Tordesyllas, quando finó el dicho señor rey Don Enrique en Toledo...» Em uma poesia de Affonso Alvares de Villasandino, em uma rubrica determina com rigor esta data do Dizer de Fray Miguel: «quando el dicho señor rey don Enrryque finó en Toledo, el domingo de navidat [1] del *ano de mil e quatro cientos é syete.*» *(Ib.,* 1, p. 38.) O trovador Micer Francisco Imperial, cantando o nascimento de D. Juan II, desejava-lhe mais felizes amores:

> Que los de Paris et los de Vyana,
> Et de *Amadis* et los de *Oriana*
> Et que los de Blancaflor et Flores.
>
> *(Canc. Baena,* 1, 204.)

A rubrica inicial que acompanha esta poesia declara que fôra escripta em 1405. «Este Decir fizo é ordenó micer Francisco Imperial... al nas-

---

1 Como o anno novo se contava da noite de natal em diante, conclue-se que o rei Henrique III morreu ainda em 1406.

cimiento de nostro señor el rey Don Juan, quando nasció en la ciudat de Toro, *año de MCCCCV°...*» Por occasião d'este nascimento, a rainha D. Caterina mandou fazer um torneio em Valladolid, e n'elle entraram alguns cavalleiros portuguezes, como se vê por este Dizer de Ferrant Manoel de Lando:

> De dentro de Portugal
> vino un noble cavallero
> Fernando Portocarrero...

Estas communicações indicam como as Novellas portuguezas passavam a Castella. No *Mar de Historias* de Fernan Perez de Gusman, aponta-se a *Demanda do Santo Graal* como não estando ainda em castelhano: «Esta historia non se falla en latin, *sinon en frances*, é dizese que algunos nobles la escrivieron.» (Cap. XCVI.) N'este fim do seculo XIV já se achava paraphraseada em portuguez a *Demanda do Santo Graal*, achada em Viena ao fim de cinco seculos da ruina do nosso grande espolio mediévico. Em outra passagem de Micer Imperial refere-se aos elementos generativos do *Amadis*:

> Et otrosy de Tristan
> Que fenesció por amores,
> De *Amadis*, et Blanca et Flores...

O poeta Villasandino aponta o rei Lisuarte, pae de Oriana, como o espelho de cavalleiros:

> ......si le comple sufrir
> Fasta que el grant *Lisuarte*
> Se faga rey ó le farte.

Ainda se encontra uma outra referencia a um personagem da Novella de *Amadis*; é em um Dizer de Ferrant Manoel de Lando «declarando a la dicha coronacion en Saragoça: (1414.)

> Pues que tengo otro sentir
> quiso ser con gran razon
> el segundo *Mocandon*...

Como se lê pela lista dos Cavalleiros armados em Aljubarrota, em que Vasco de Lobeira figura sendo já muito velho, quiz-se vêr no personagem de *Mocandon* armado cavalleiro em provecta edade, uma representação do novellista a si proprio; as noticias biographicas apontam a sua morte por 1403.

O trabalho de Vasco de Lobeira não ficara terminado no *quarto livro* do *Amadis de Gaula*; ahi, quando Amadis gosava os seus amores na Ilha Firme com Oriana e seu filho Esplandian, chega a noticia da terrivel aventura do Rei Lisuarte ter cahido debaixo do poder do Encantador Archelaus. Os amigos e alliados que vão á Ilha Firme levar a sinistra nova offerecem-se a Oriana para lhe irem libertar o rei seu pae; mas Esplandian é armado cavalleiro para ir iniciar as suas emprezas heroicas pelo resgate do seu avô. Vê-se que o *quarto livro* não continha o quadro completo da Novella, promettendo o auctor continuar essas façanhas alludindo ás aventuras de Leonorina, filha do Imperador da Grecia. Por certo a novella ficou interrompida no *quarto livro* pelo falecimento de Vasco de Lobeira em 1403.

Gayangos e Vedia, nas notas á sua traducção

da *Historia da Litteratura hespanhola* de Ticknor, escrevem: «ha rasões muito poderosas para crêr que o *quarto livro* foi accrescentado posteriormente á obra, se não pelo mesmo Montalvo, ao menos por algum escriptor cujos originaes vieram a parar ás mãos d'este.» (Op. cit., t. I, p. 520.) Reconhecem as differenças: «o caracter e assumpto do *quarto livro*, no nosso modo de vêr, é mui diverso dos *tres livros* primeiros, embora n'elle se pinte *Amadis* mais como um rei sabio governando com justiça os seus estados e recebendo embaixadas dos outros reis, do que um cavalleiro andante.» (Ib.) Tambem Ticknor reconheceu no *quarto livro* do *Amadis* um facto, que lhe serve de differenciação: lamenta-se o auctor no quarto livro, capitulo 53, das perturbações sociaes que se estavam passando. Observa o historiador americano, que esta circumstancia não podia referir-se ao reinado dos reis catholicos Fernando e Isabel; (*Hist. litt. esp.*, t. I, p. 239) e effectivamente essas prolongadas perturbações deram-se entre o rei D. Diniz e seu filho o principe D. Affonso; entre este quando rei com seu filho Dom Pedro I, cujo reinado foi de incertezas e violencias; e ainda os tempos de D. Fernando em lucta com Enrique de Trastamara, até a revolução de Lisboa e batalha de Aljubarrota, em que Vasco de Lobeira tomara parte. E esta allusão vem revelar-nos essa fácula tenebrosa, que decorre do fim do reinado de D. Affonso IV até ao de D. João II, de uma esterilidade na litteratura portugueza.

3.ª *Terceira redacção portugueza* (Pedro Lobeira.) Sem alterar o plano fundamental da no-

vella, o conhecimento de outras composições cavalheirescas obrigava a incorporar-lhe os surprehendentes episodios que mais suscitavam a imaginação. Montalvo no prologo da sua paraphrase castelhana falla de «*los antiguos originales... de los differentes escriptores...*» Isto leva a considerar essa tradição conservada por Jorge Cardoso, no *Agiologio lusitano* (t. I, 410) de que o Infante D. Pedro, o que correu as *Sete partidas do mundo*, pedira a Pedro Lobeira, escrivão em Elvas, para fazer algumas modificações no *Amadis de Gaula*. [1] Póde a tradição ser rejeitada como facto concreto, mas é certo que na côrte de D. João I foram conhecidas as novellas inglezas como o revela a *Confissão do Amante* de Gower, traduzida para portuguez por Roberto Payno, e que foi parar á Bibliotheca do Escurial; e essas fontes até ahi ignoradas vieram avivar os estimulos esgotados das Novellas francezas, taes como as Viagens de San Brendan, que Azurara cita na *Chronica da Conquista da Guiné* como aproveitadas pelos nossos primeiros navegadores; a ilha encantada de Barontus, as prophecias do sabio *Merlin*, ou as Fabulas de *Ysopet II* de Walter o Inglez. Houve uma

1 Se ha algum fundamento na interpretação do *Amadis de Gaula*, achando ahi allusões ás luctas dos Plantagenetas e á morte do arcebispo Thomaz de Cantorbery, em que occupara José Gomes Monteiro os seus processos comparativos, seria esta parte da historia da Inglaterra introduzida n'esta terceira redacção portugueza da novella pelo influxo do Infante D. Pedro. Bernardo Tasso, que traduziu o *Amadis de Gaula* da redacção castelhana, considerava-o de origem ingleza.

recrudescencia de enthuziasmo cavalheiresco na côrte de D. João I. As tradições britonicas conservadas até ao seculo XII no seu confinamento *insular*, estimulo d'essa raça vencida contra a raça invasora dos Saxões, tinham-se diffundido na Europa por via do successo historico do triumpho dos Normandos sobre os Saxões odiados; esta corrente, veiu reflexamente acordar as tradições da Bretanha *continental*, combatida tambem pela intolerancia dos dogmas catholicos, fortificando-se pelo enthuziasmo das lendas insulares. A redacção litteraria de Robert Wace, no *Roman de Brut*, suppriu a transmissão oral, sendo lido na vida sedentaria das côrtes com a predilecção crescente que ia faltando ás Gestas Carlingias. A importancia social da mulher, exaltada pelo lyrismo trobadoresco, radicava o interesse pelas novellas de aventuras da Tavola Redonda, servindo de elemento historico para a redacção synthetica das Chronicas e para as hallucinações religiosas do cyclo da Cavalleria celeste da *Demanda do Santo Graal*. Na época de D. João I, Portugal luctando pela sua independencia era uma pequena Bretanha sob a ameaça do invasor; era o enthuziasmo cavalheiresco o que multiplicava o valor dos que formavam a *Ala dos Namorados* e a phalange dos Cavalleiros da *Madre Silva*, e a imitação das virtudes do cavalleiro parthenio, que levava o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira a imitar a virgindade de *Galaaz*, como relata a sua Chronica anonyma.

Fernão Lopes, na *Chronica de Dom João I*, cita esta significativa anecdota passada entre o

monarcha e os seus cavalleiros no cêrco de Coria: «Gram mingoa nos fizeram hoje este dia os boos cavalleiros da Tavola Redonda, cá certamente elles foram, nós tomariamos este logar. Estas palavras nom pode ouvir com paciencia Mem Rodrigues de Vasconcellos, que logo nom respondesse e disse: — Senhor, nom fizeram aqui mingoa os Cavalleiros da Tavola Redonda; que aqui está Mem Vasques da Cunha que é tam bom como *Dom Galaaz*, e Gonçalo Vasques Coutinho, que é tam bom como *Dom Tristam;* e ex aqui Johan Fernandes Pacheco, que he tam bom como *Lançarote;* (e de outros que viu estar ácerca;) e exme eu aqui, que valho tanto como *Dom Queà:* assi que nom fizeram aqui mingoa estes Cavalleiros que vós dizeis; mas feeze-nos a nós aqui gram mingoa o bom *Rey Arthur,* flor de lis, senhor d'elles, que conhecia os bons servidores: fazendo-lhes mercês por que aviam desejo de o bem servir. El rey vendo que o haviam por injuria, respondeu entonce e disse: — Nem eu esse nom tirava a fóra, cá assi era companheiro da Tavola Redonda, como cada um dos outros.» (*Op. cit.*, II, cap. 76.)

O fervor pelas tradições britonicas, desde a côrte de Dom Diniz até a epoca de D. João I correspondia á situação da nacionalidade portugueza. Desde Dom Affonso III estavam terminadas as guerras de conquista; as povoações organisadas em concelhos governavam-se pelas suas Cartas de Foral; pelo uso do direito romano iam-se regulando as prepotencias senhoriaes submettendo os ricos-homens á auctoridade real. As

Gestas feudaes não tinham uma relação vital com a sociedade portugueza; a *Materia de Bretanha* lisonjeava a sentimentalidade de um povo onde os seus poetas morriam de amor como o apaixonado *Tristan*. Nenhuma côrte peninsular tinha então a estabilidade para a cultura artistica, para a galanteria das damas, para os passatempos litterarios das Côrtes de Amor. Esta situação moral, que suscitou essa extraordinaria efflorescencia lyrica dos Cancioneiros da Ajuda, Vaticana e Colocci; pela tendencia da época e pelo impulso do genio da raça lusa, pela assimilação dos Lais narrativos e dos mais saboreados poemas amorosos da Tavola Redonda, conduziu a uma synthese poetica — a invenção singular do *Amadis de Gaula*. Passava-se o contrario na Hespanha iberica, aonde a guerra da reconquista christã sómente acabou no fim do seculo XV, e as luctas contra os grande vassallos só levaram o poder real a fundar muito tarde a unidade monarchica na concentração absorvente do castelhanismo. A disposição da Lei de Partidas, que impunha aos fidalgos, que só ouvissem Cantares que fossem de feitos de armas, correspondia á elaboração que se estava passando das Epopêas hespanholas, sobre heroes nacionaes de perfeita realidade historica. Menendez y Pelayo, reconhecendo a origem portugueza do *Amadis de Gaula*, confessa esta antinomia: «todos os heroes das Gestas hespanholas são eminentemente realistas. Vivem na atmosphera do seu tempo e d'ella recebem a sua grandeza. Suas emprezas até quando são fabulosas, quadram com a realidade historica, e sem

grande difficuldade identificam-se com a historia documentada. — Não é preciso amontoar exemplos: lembremo-nos de todos os nossos typos épicos: *Bernardo del Carpio, Fernan Gonzales* e seus successores; os *Infantes de Lara* e seu vingador *Mudarra;* finalmente sobre todos o *Cid*... Pois bem, o *Amadis* é a negação de tudo isto, — appresenta os caracteres mais directamente oppostos á genuina epopêa castelhana.

«Havia na Peninsula hispanica alguma raça mais preparada do que a de Castella para receber o influxo do *Amadis de Gaula?* Só uma existia, afastada nas regiões occidentaes, celtica (britonica) sem duvida alguma de origem... O *Amadis de Gaula* teve por typo os Poemas da Tavola Redonda... Aonde devia pegar esta semente senão nas regiões da Hespanha — unicas que alimentavam crenças, superstições e costumes analogos aos dos bretões, e unicas portanto que podiam comprehender e sentir aquella poesia que *resôa tão exotica a ouvidos castelhanos,* aragonezes e catalães? Em these geral, pois, parece mui verosimil a opinião que colloca o berço do *Amadis de Gaula* na região galaico-portugueza, cujos poetas deram carta de naturalisação pela primeira vez entre nós aos nomes de *Tristan* e *Yseult* e de *Lançarote*, e cujos cavalleiros gostavam, no fim do seculo XIV, de honrar-se e distinguir-se com sobrenomes tirados dos poemas do Cyclo bretão, — a ausencia de todo o elemento tradicional e historico na Novella, phenomeno inexplicavel se tivesse nascido em Castella, e mui verosimil pelo contrario em Portugal, que foi das

nacionalidades ibericas a mais tardia a formar-se, e a que careceu da base épica, porque chegou á vida em tempos inteiramente historicos; e por ultimo o facto mesmo da tradição continuada e imperturbavel em Portugal e ausencia em Castella de todos os antecedentes a respeito do auctor ou da época das primeiras redacções do *Amadis*, levamnos se não a crêr a suspeitar que os portuguezes tiveram grande parte na creação d'esta rarissima Novella.»

O antagonismo entre os genios luso e iberico posto em evidencia pela creação do *Amadis*, foi notado por Milá y Fontanals: «Foi tardia em Castella a introducção do Cyclo bretão ou do Rei Arthur e da Tavola Redonda. Enlaçado com uma nova cavalleria menos heroica e mais refinada do que a do Cyclo Carlingio, não se comprazia com o caracter grave da Castelhana.» Menendez y Pelayo conclue deliberadamente por essa differenciação: «Assim como em Castella, povo heroicamente enamorado das grandezas da acção e das realidades da vida pegou facilmente a semente das narrações do Cyclo Carlingio, tambem no povo galaico, inclinado por temperamento... á *saudade*, á melancholia e ao devanear inquieto e phantastico, arreigaram-se mais do que em outra parte as historias e os lais do Cyclo bretão.» [1]

Seguindo este mesmo criterio, Amador de los Rios, que adoptara os resultados de Gayangos sobre o *castelhanismo* do *Amadis de Gaula*, vê-se

1 *Antologia de Poetas liricos*, t. III, p. XL.

forçado a pôl-o em contraste com o genio hespanhol: «para os heroes reaes da poesia nacional taes como Fernan Gonzales e o Cid Campeador, é lei suprema a *palavra empenhada;* para os paladinos do *Amadis* é o *juramento* o mais firme laço da vida.» *(Ib.,* p. 87.) Não era por méra religiosidade este juramento, mas pelo costume da garantia dos Foraes das Cidades livres de Portugal, e da prova judicial dos *Juratores* nas defezas criminaes, pelo direito foraleiro.

Em relação á mulher, ainda Amador de los Rios appresenta inconscientemente egual contraste: «as damas que figuram no *Amadis*, embora idealisadas pela exaltada imaginação dos cavalleiros, ainda que acatadas com um respeito que tocava pela idolatria, são demasiado faceis para os seus amantes; e não só acontece isto com as donzellas das encruzilhadas que vão em procura de aventuras se não com as mais esclarecidas princezas, com Elisena e Aldava, com Olinda, Brandueta e Oriana. Satisfeitas com a fama de invenciveis que gosam Perion e Agrajes, Galaor e Amadis, além de corresponderem benevolamente aos seus amores, chegam tambem a provocal-os; *circumstancia que as separa da mulher historica e poetica de Castella*, confrontando-as com as damas heroicas romanescas.» *(Ib.,* p. 88.)

Fernando Wolf considera o *Amadis de Gaula:* «uma composição méramente artistica e totalmente ficticia, sem base historico-tradicional, nascida sem duvida em um paiz aonde, como em Portugal, estavam em voga os livros de Cavallerias de origem franceza ou ingleza, já de todo prosificados,

não só nas suas fórmas senão tambem no seu espirito, já desvairados e extravagantes; nascida sem duvida em uma época em que, como na segunda metade do seculo XIV, o espirito creador do cavalheirismo ideal já se havia extinguido, quando as ideias que o dirigiam passaram a ser fórmas ôcas sem vida real, e como sempre em tal caso, a caricatura de um sêr que foi. Por tanto, nem o *Amadis*, nem as suas imitações, nem mesmo os romances tirados d'ellas, poderam ser populares em Hespanha...» (Introducção á *Primavera y Flor de Romances.*) E accentuando esta carencia de toda a base nacional ou historico-tradicional, e como arremêdo dos modelos já de si bastante alterados e disfigurados, considera os Livros de *Tirant il Blanco* e do *Amadis de Gaula*, sem a minima duvida, puras ficções e com toda a probabilidade de origem portugueza.» (Nota 28, á *Primavera.*)

Tambem D. Agustin Duran, no *Romancero general* (p. XX) mostra que o *Amadis de Gaula* não podia ser hespanhol: «Que épocas, que circumstancias retratavam os *Amadises?* Que typo necessario e popular existiu d'elles entre nós? — O cavalheirismo exagerado e inutil dos *Amadises* só podia representar-se a homens de côrte cuja caricatura foi o *Don Quixote*. De mais, prova que as referidas fabulas não tinham o selo da nossa verdadeira e arreigada civilisação.»

Amador de los Rios teve informações de Fernando J. Wolf de que vira uma versão hebraica do *Amadis de Gaula* na escolhida livraria de Oppenheimer; e observa: «se esta edição se fez antes da

de Montalvo (1508 e 1510) a sua importancia é de muito vulto nas nossas lettras. Lastima é que Wolf não desse um extracto do seu argumento para avaliar se constava dos *tres livros* que indicou Pero Ferrús, ou dos *quatro* hoje conhecidos.» (*Op. cit.*, V, 90.) E' possivel mesmo que por essa traducção feita por algum judeu portuguez se podesse reconstruir o primitivo texto do *Amadis*. Nos Cantos populares dos Judeus do Levante, quasi todos sahidos de Portugal, acha-se com frequencia o nome de *Amadi*, reminiscencia de um typo de namorado, e *Conde Amadi*. [1] Nunca na tradição portugueza se obliterou o conhecimento d'esta creação bella do seu genio.

Antes de ser escripta a traducção castelhana por 1492, ainda a tradição do *Amadis de Gaula* era vivissima na côrte de Dom João II; no celebre certame poetico do *Cuydar e Suspirar*, invocaram o nome de *Oriana* a apar de *Iseut*, o velho Coudel mór e Nuno Pereira:

> Alegaes-me vós *Iseu*,
> *Oriana* com ella...
>
> Se o dissesse *Oriana*
> E Iseu, alegar posso...

E a aristocracia portugueza usava os nomes civis de *Briolanja* e *Oriana*, de *Lisuarte*, personagens da Novella portugueza, como tambem os nomes dos apaixonados que lhes serviram de mo-

1 Menendez y Pelayo, *Antologia*, vol. x, p. 309.

delo como *Iseu* e *Tristan*, *Genebra* e *Lancelot*, *Percival* e *Arthur*.

Em Hespanha antes da versão de Montalvo, vulgarisada em 1508, era do *Amadis de Gaula* portuguez que se faziam as referencias, taes como a de *Urganda a desconhecida*, que vem na novella catalan de Martorell, o *Tirant il Blanch*, dedicado *al serenissimo Princepe don Fernando de Portugal* (irmão do rei D. Affonso V), escripto em 1460 e impresso em 1490. [1]

D'aqui tambem a referencia de D. Luiz Zapata, embaixador de Carlos V, em Portugal, por 1550: «era fama en aquel reyno, que el Infante Don Fernando, hija *(irmão)* de D. Alfonso, habia compuesto el *Libro de Amadis*.» *(Memoria de los Zapatas.* Ms. de Bibl. nac. de Madrid. — Gayangos, *Op. cit.*, p. XXII.) D. Fernando era phantastico vaporoso e poeta, o que justifica esta relação com as duas novellas.

Em umas trovas de D. Alfonso de Cartagena tambem apparece o nome de *Oriana* designando o ideal da namorada:

> E' es tan cruel sin medida
> La belleza de *Oriana*,
> Que si dos mil prezos gana,
> No torna ninguno á vida.

---

1 Lê se no fim de Tirant il Blanch a declaração: "Lo qual fou *traduit de Angles en lengua portugueza* e apres en volgar lengua valenciana." D'aqui a falsa attribuição ao infante portuguez d'essa imaginaria traducção.

Nas Coplas de disparates, glosando o romance Oh Belerma! oh Belerma, do Cancioneiro de Ixar, tambem se allude aos amores de Oriana:

> No fué discreto en murirse,
> Si murió de mala gana,
> No menos pude sofrirse,
> Que quedar sin escribirse
> Los amores de *Oriana*.

Don Pascual de Gayangos, que tão contrario se mostrou á origem portugueza do *Amadis de Gaula* na introducção aos Libros de Caballerias, na nota á traducção de Ticknor, acceita como provado, que a primeira redacção do *Amadis* constava sómente de *tres livros;* que o *quarto livro* foi accrescentado posteriormente, isto é depois de 1379, em que só os tres livros eram citados pelos poetas d'essa epoca; concluindo: «que todas as probabilidades são que Montalvo reunira os *tres livros*... com o *quarto* de auctor desconhecido, e os traduzira para castelhano formando um corpo e corrigindo, como elle declara, os antigos originaes, tirando muitas palavras superfluas e pondo outras de mais polido e elegante estilo. Só d'este modo se conciliam aquellas tres palavras, *ajuntando, trasladando* e *emendando.*» (*Hist. de la Litt. españ.*, t. I, p. 522, notas.)

4.º — *A redacção paraphrastica castelhana.* (1492). — E' facto assente que o texto unico conhecido pela impressão (1508) do *Amadis de Gaula*, é em lingua castelhana, sob o nome de um certo Garci Ordoñez de Montalvo, que a si mesmo se chama «Regidor de la noble villa de

Medina del Campo.» A epoca em que começou o seu trabalho de adaptação ao estylo dominante de amplificação rhetorica póde fixar-se em 1492 e 1504 por que allude á tomada de Granada sob Fernando e Isabel, [1] quando diz no prologo: «pues si en el tiempo de estos oradores, que mas en la fama que de intereses ocupaban sus juicios y fatigaban sus espiritus, acaescera *aquella conquista que el nuestro muy esforzado y catholico rey D. Fernando hizo del reino de Granada,* cuántas flores, cuántas rosas, asi en lo tocante al esfuerzo de los caballeros...» Para corresponder a este espirito novo da hegemonia do castelhanismo, que ia impôr-se a toda a peninsula tambem pelo descobrimento da America, é que Ordoñez de Montalvo foi renovar os *antigos originales* do *Amadis de Gaula*, sob o influxo do pedantismo rhetorico, que tanto viciou o humanismo hespanhol no fim do seculo XV. [2] Essa versão caste-

---

1 Falecida em 1504.

2 A inferioridade das *Sergas de Esplandian,* em que Montalvo continúa o *Amadis de Gaula,* põe em evidencia, que as duas Novellas não foram escriptas pelo mesmo auctor. Cervantes o reconheceu; quando na celebre scena do Cura e o Babeiro, condemna á fogueira o *Esplandian* "não salvando o filho a bondade do pae." Ticknor é de opinião, que Montalvo antes de ter feito a traducção castelhana do *Amadis*, já tinha composto a sua continuação. (*Hist. da Litt. españ.*, I, 241.) E aponta a irreverencia com que trata a idealisação que lhe não pertencia: "Nos feitos heroicos de *Esplandian* procura offuscar as façanhas esplendorosas de *Amadis;* não conserva aos personagens da novella-mãe os seus typos consagrados, alterando-os absurdamente, a encantadora e bella Urganda transforma-a em uma bruxa selvagem e feroz; assim tambem o sabio e

lhana chegou muito cedo a Portugal; no Catalogo da livraria do Rei Dom Manoel apparece apontado o *Amadis de Gaula,* que, pelas suas relações com a côrte de Fernando e Isabel seus sogros, evidentemente se reconhece ser um exemplar impresso. Foi sobre essa leitura que Gil Vicente fez e representou na côrte a tragi-comedia do *Amadis de Gaula;* e foi como protesto contra essa preponderancia que adquiriu a redacção castelhana, que o Dr. João de Barros protestou, quando no seu livro *Antiguidades e causas notaveis de Antre Douro e Minho,* referindo-se á cidade do Porto, escreveu: «E d'aqui foi natural VASCO DE LOBEIRA, *que fez os primeiros quatro livros de Amadis,* obra certo muito util e graciosa e aprovada de todos os galantes; *mas como estas cousas se secam em nossas mãos, os Castelhanos lhe mudaram a linguagem e attribuiram a obra a si.»* A tradição portugueza não se perdia, e em 1589 o filho do Dr. Antonio Ferreira, authenticava a existencia da «*historia do Amadis de Gaula,* por VASCO DE LOBEIRA, *cujo original anda na Casa de Aveiro.*»

Resta determinar, pela persistencia d'estas tradições quando se perdeu a noticia do original portuguez do *Amadis.* Na Conta dada pelo Conde

---

mestre Elizabad. Nenhum dos caracteres já conhecidos nem dos inventados, está traçado com tino e habilidade." *(Ib.,* p. 243.) "Não tem a eloquencia que brilha em muitas passagens do *Amadis*... o argumento em verso de cada capitulo, é tudo quanto ha de mais prosaico, e muito inferior aos versos esparsos pelo *Amadis.*" (Ib.)

da Ericeira á Academia de Historia portugueza em 31 de Maio de 1726, appresentando extracto do catalogo das riquezas da Livraria do Conde de Vimeiro, que a esse tempo estava entregue á guarda de um velho creado, cita sob o N.º 19, um Catalogo d'essa Livraria que traz apontado como existente ali em 18 de Março de 1686, o —*Amadis de Gaula em Portuguez.*

Na sua Conta á Academia diz o Conde: «Servindo esta memoria para que se vejam os que faltam com tam justo sentimento de curiosos e para que a boa fé os restitua a este Archivo litterario.»

Pela corrente geral das Litteraturas modernas determina-se tambem a origem portugueza do *Amadis de Gaula.* Emquanto as Epopêas francezas eram assimiladas pelas litteraturas romanicas, a Hespanha elaborava activamente as suas Epopêas nacionaes historicas. A Italia fez o syncretismo das Gestas Carlingias nos *Reali di Francia*, *Buovo d'Antona*, *Spagna*, e *Regina Ancroja*, chegando ás bellas fórmas artisticas de Pulci, Boiardo e Ariosto. Portugal identificou-se com o sentimento das Novellas amorosas e de aventuras do Cyclo arthuriano da Tavola Redonda, e fez a synthese esthetica do *Amadis de Gaula*, com que exerceu nas litteraturas modernas uma plena hegemonia. [1]

---

1 Formulou-a Cervantes, no *D. Quixote*: "es el mejor de todos los libros que de esto genero se han compuesto, y asi, como unico en su arte, se debe perdonar." (P. 1, cap. 6.)

§ IV

Cultura latino-ecclesiastica

Desde Carlos Magno em que se fizera a integração politica da Europa, que se revelava a intuição entre uma grande parte dos estados modernos de uma unidade de ideias e aspirações prevalecendo sobre as diversidades nacionaes. Sob o ponto de vista religioso era a synthese affectiva da *Christandade*; no seu aspecto social era a auctoridade da Lei civil, definida pelos Codigos romanos, com que o Poder real se impunha ao Feudalismo e á Theocracia. Este antagonismo dos dois Poderes, nos conflictos do Sacerdocio e Imperio, abre a éra da grande revolução occidental, em que se inicia a edade moderna, pela dissolução successiva do regimen theocratico-feudal. Preparada a sociabilidade moderna pela transição romana (activa) e medieval, (affectiva) os povos europeus alcançaram as condições para se continuar a elaboração especulativa da Grecia. E' esta orientação que suscita e caracterisa essa assombrosa primeira Renascença da Antiguidade classica, em que a Revolução moderna se appresenta mais como intellectual do que social. Na fervente anarchia theorica o Scholaticismo dissolve-se no Realismo, no Nominalismo, no Conceptualismo, e nas idealisações mysticas, e a audacia individual decompõe pela dialectica os dogmas e discute a lei, avançando até ás heresias e ás revoltas. E' a revivescencia da cultura greco-

romana que não deixa obliterar-se esta unidade especulativa pela nova corrente do Humanismo.

N'este momento historico de uma commum admiração, merece uma attenção especial o syncretismo das tradições classicas ou greco-romanas com as tradições heroicas das raças da Europa já constituidas em nações. Ha poemas germanicos com fórma latina, como o *Waltharius;* e surge uma classe de poetas e escriptores intermediarios ao povo e aos eruditos, os *Goliardos,* os *vagos Scholares,* que versificavam em latim as canções populares, e reduziam a metrica latina da quantidade á *accentuação* e *rima* do vulgo, compondo os *Cantos farsis,* em que os versos latinos se alternavam nas estrophes dos dialectos romanicos. Era natural este phenomeno provocado pelo genio da parodia; diversas raças, como Ligurios, Iberos, Celtas, Illyrios, sob o dominio romano, disciplinaram as suas linguas analyticas pelo latim synthetico, enriquecendo-as com o vasto vocabulario d'essa cultura, por fórma que ao desenvolverem-se em organismos nacionaes, acharam-se através das suas differenciações ethnicas instinctivamente solidarias com a cultura greco-romana e continuadoras d'ella. Enumerando as fontes tradicionaes dominantes da Edade média, Jean Bodel na *Chanson des Soissons,* aponta este elemento greco-romano:

> Ne sont que trois *Matières* à nul homme, entendent,
> De *France,* de *Bretagne* et de *Rome la grand.*

Todos estes trez cyclos foram conhecidos em Portugal: o *carlingio* ou franko, o *arthuriano* ou

bretão, e o greco-romano, que chegou a syncretisar-se por via da eschola dos falsos Chronicões com as nossas origens historicas. Mas, da Antiguidade classica, como observou Joly, só procuravam apprehender a fórma, o lado romanesco: o *espirito* era-lhes completamente fechado, e em vez do lado esthetico consideravam o problema moral do paganismo. Popularisando essas fórmas bellas pelas parodias goliardescas e imitações scholarescas, a Antiguidade classica aproximava os dois elementos *Clercois* e *Courtois*, nos conflictos doutrinarios da Theologia e da Philosophia, das Escholas Geraes e das Universidades.

a) Os Estudos quadriviaes

Junto das Collegiadas existiram Escholas destinadas ao ensino ecclesiastico; eram regidas pelo *Cabiscol* (Caput Scholæ) e frequentavam-as os *Mouzinhos* ou Mozinhos (os Mocinhos) para os quaes o Bispo D. Paterno fundou em 1086 em Coimbra, junto á sé um Collegio. O Abbade de Alcobaça fundara em 1269 no mosteiro de Santa Maria os estudos da Grammatica, Logica e Theologia, não só para os monges, como para quantos quizessem frequental-os. O Bispo D. Domingos Jardo, admittia no Hospital de Sam Paulo em 1266 ao estudo de Latim, Grego, Theologia e Canones seis escholares. Porém a corrente dominante attrahia os espiritos para as Escholas Geraes ou leigas, e os estudos em vez de um fim ecclesiastico faziam-se com um fim humanista. Nas Li-

vrarias dos Bispos do Porto D. Vasco (1331) e D. Vicente (1334) predominavam os livros de direito civil e canonico, mais do que as obras liturgicas e moraes. Em um livro traduzido por Fr. Roque de Thomar, se lê que é feito *«para os Clerigos minguados de sciencia, e por que he assi como mendigado e apanhado dos Livros do Direito e da Sagrada Theologia.»* (Cod. CCLII.) Alargava-se o quadro dos estudos.

1.º **Philosophia e Theologia.** — As Escholas das Collegiadas, Abbaciaes e Episcopaes, em que se ensinavam as disciplinas da Grammatica, Rhetorica e Dialectica, ou o *Trivium*, foram alargadas no seu quadro pedagogico, facultando a Egreja o ensino de outras sciencias, como a Theologia, a Philosophia, esboçando assim o organismo universitario. Foi uma consequencia da crise mental do seculo XIII. «Durante este rapido momento de fervor os dois Poderes, espiritual e temporal, acharam-se de accôrdo para favorecerem a renovação dos Estudos, embora a Egreja preferisse a cultura da Theologia e da Philosophia, e a Realeza ligasse a maxima importancia ás Escholas de Jurisprudencia. E' n'este momento transitorio de um accôrdo que ia quebrar-se pela antinomia entre o dogma e a rasão, que apparecem os sabios pontifices, como Urbano IV, dando em Roma uma cathedra a San Thomaz de Aquino para ensinar Moral e Physica, Clemente IV protegendo o genio innovador de Rogerio Bacon, Innocencio V elevando-se ao papado pelos seus talentos de orador, canonista e

metaphysico, e João XXI (o nosso Pedro Julião, mais conhecido pelo nome de *Pedro Hispano*) que dota as Escholas da Europa com as *Summulas logicales*, o primeiro compendio que prevaleceu com auctoridade até ao fim da Edade média.» [1]

A cultura theologica degenerava na dialectica, criando-se as rivalidades das Escholas: Dominicanos e Franciscanos, aos quaes os papas confiaram o ensino da Theologia, eram inconciliaveis no seu antagonismo doutrinario, seguindo embora a Philosophia de Aristoteles. Os Dominicanos eram thomistas, por que San Thomaz conciliara os processos criticos dos Nominalistas com a Theologia especulativa; os Franciscanos entregavam-se ao subjectivismo dos Realistas, defendendo as opiniões de Alexandre de Halés, por que lhes auctorisava os devaneios do Mysticismo. Como observa Hauréau, na sua obra *Da Philosophia Scholastica:* «A paixão do seculo XIII é a Philosophia: os chefes dos partidos belligerantes são commentadores de Aristoteles; os problemas cuja solução agita as consciencias, pertencem ao dominio das cousas abstractas.» Estas duas correntes, como se lê na *Historia da Universidade de Coimbra*, dominicana e franciscana, foram superiormente representadas por portuguezes fóra de Portugal: a thomista pelo afamado Pedro Hispano, e a mystica pelo não menos e immortalisado Santo Antonio de Lisboa, que professou em Montpellier, em Padua e Tolosa.

---

1 *Historia da Universidade de Coimbra*, t. I, p. 43.

Entre os grandes Doutores da Edade média, Pedro Hispano teve a singular gloria de ficar memorado por Dante, na sublime Epopêa da *Divina Comedia:*

> Ugo da San Vittore, é qui con elli
> E Pietro Mangiator, e PIETRO HISPANO
> Le qual già luce in *dodeci libelli.*
>
> (Pardiso, C. XII.)

Dante referia-se ás *Summulas logicales*, celebres em todas as Escholas, as quaes se dividiam em doze tratados: 1.º Da enunciação (das *Perihermeneis*, de Aristoteles); 2.º Dos cinco universaes (dos *Predicaveis* de Porphyrio); 3.º Dos Predicamentos (*Predicamenta*, de Aristoteles); 4.º Do Syllogismo simpliciter (Liber *Priorum*, de Aristoteles); 5.º e 6.º Das Falacias (*Elencos*, de Aristoteles). A estes seis tratados seguiam-se os outros seis conhecidos pelo titulo geral *De parvis logicalibus*, divididos arbitrariamente nas Escholas: 7.º Da Supposição; 8.º Da Relação; 9.º Da Amplificação; 10.º Da Appellação; 11.º Da Restricção; 12.º Da Distribuição.

As *Summulas logicales* de Pedro Hispano eram um claro resumo do *Organon* de Aristoteles, que Hauréau, o erudito critico da Philosophia Scholastica considera: «feito com gosto e intelligencia, e que mereceu tornar-se o manual dos professores e dos estudantes.» Kaebler, nas *Noticias sobre o Papa João XXI, celebre medico e philosopho sob o nome de Pedro Hispano*, (Gotting, 1760) escreve: «é a elle que pertence sem

duvida o engenhoso quadro das diversas especies de Argumentos, reproduzido frequentemente d'ali em diante.» Allude ás fórmas em *Baralipton, Baroco, Datisis,* etc., que systematisaram os processos dialecticos em todo o ensino europeu. Pedro Julião era natural de Lisboa, do appellido do orago da sua freguezia, arcediago de Vermoim, Dom Prior da Collegiada de Guimarães e figura como Bispo de Braga sob D. Affonso III; foi nomeado Cardeal pelo papa Gregorio X, no Concilio de Leão em 1274, succedendo no pontificado a Adriano V, em 1276, eleito em Viterbo, em 15 de Septembro. Um dos primeiros actos d'este *Clericus universalis,* assim chamado por ser graduado em todas as Faculdades, foi estabelecer a concordia entre Philippe, rei de França e Alfonso o Sabio de Castella; em uma das Canções d'este Rei-trovador, allude a elle, e a um Canonista compostellano chamado Garcia Bernardo:

Pero que ey ora mengoa de companha,
Nen Pero Garcia, nem *Pero d'Espanha*
Nen Pero galego
Non iran comego.

E ben volo juro por Santa Maria,
Que *Pero d'Espanha,* nem Pero Garcia
Nen Pero galego
Non iran comego...

Canc. Col., n.º 365.

Pero Hispano, que seguia o aristotelismo averroista, adoptara o mesmo auctor arabe nos seus estudos medicos, *Canones medicinales* e *Thesaurus Pauperum*. Martinho de Fulda fallando d'esta obra, escreve: «*Fuit magnus medicus.*» Da-

remberg, na *Historia das Sciencias medicas*, (vol. I, 282) aponta-o como um dos continuadores de Bartholomæus, de Cophon, de Maurus e dos outros mestres da Eschola de Salerno, em que prevalecia o caracter menos individual, com um methodo dialectico. Ainda depois da sua morte, alguns dos seus tratados foram traduzidos em grego. As relações de Pedro Hispano com Affonso o Sabio, actuariam no empenho de Dom Diniz em fundar a Universidade de Lisboa.

A corrente mystica representada pelos Franciscanos, no seculo XIV brilha com a excelsa figura de Antonio de Lisboa, sanctificado nas poeticas lendas populares, pela influencia da sua prédica, e finando-se aos trinta e sete annos. San Francisco de Assis mandara-o seguir os cursos de Artes (Grammatica, Logica e Rhetorica) e de Theologia no mosteiro em Vercelli, onde ensinava Thomaz Gaulez, vindo depois ensinar Theologia em Bolonha, junto de Rolando Bandinelli (papa Alexandre III) e como suppõe Tiraboschi, ao lado de S. Thomaz de Aquino. Um bello documento litterario apparece restituido a Santo Antonio; escreve Renan, que o *Cantico delle Creature*, de San Francisco de Assis, fôra posto em verso pelo nosso insigne portuguez: «O texto italiano que se possue, é uma traducção de uma versão portugueza, que tambem fôra traduzido do hespanhol.» [1] N'esta época a lingua castelhana (só modernamente chamada hespanhol) não

1 *Nouvelles Etudes d'Hist. religieuse*, p. 331.

era empregada no lyrismo, tendo o proprio rei de Castella Affonso o Sabio adoptado o portuguez. Para italiano traduziu-o rimando-o Frei Pacifico.

Essa corrente mystica da Edade média apresenta, a par da ortodoxa representada por Joachim de Flores no *Evangelho Eterno*, uma outra heterodoxa ou materialista, resumida no livro imaginado dos *Tres Impostores*, que foi memorado em Portugal por um tal Thomaz Scot, prezo em Lisboa «por ter ousado repetir por toda a parte, que houve no mundo *Tres Impostores (Tres fuisse in mundo deceptores)*.» Colhendo esta noticia de um manuscripto intitulado *Collyrium Fidei contra haerescos*, escreve Victor Le Clerc: «Como é que esta impiedade tão antiga, e que Gabriel Barlette no seu sermão sobre Santo André attribue por antecipação a Prophyrio, teria chegado a Lisboa?»

Explica-se perfeitamente pelo aristotelismo averroista, que dominava em Portugal; Renan no seu admiravel estudo sobre *Averroes*, escreve: «Vê-se que não foi sem alguma rasão que a opinião attribuiu a Averroes o pensamento criminoso do parallelo das religiões e do titulo dos *Tres Impostores*. Este pensamento que perseguia como um pezadello todo o seculo XIII, era em parte o fructo dos estudos arabes...» Pela cultura dos Arabes é que se generalisou a Philosophia de Aristoteles em Portugal modificando a corrente dialectica que considerava a *Philosophia ancilla Theologiæ*. No Nobiliario do Conde D. Pedro cita-se a auctoridade do stagirita: «Esto diz *Aristotilles*, que sse os homeens ouvessem antre si

amisade verdadeira nom averiam mester rreys nen justiças, cá amisade os faria viver seguramente... (*Mon. hist.*, Scriptores, I, 230.) Um outro corypheo do aristotelismo averroista em Portugal foi Gil de Roma, o auctor do *De Regimine Principum*, que Dom João I citava aos seus cavalleiros durante o cêrco de Ceuta, e que o Infante D. Pedro traduzia para portuguez.

2.º **As Traducções latinas.** — O exame dos catalogos das Livrarias claustraes, episcopaes e reaes revelam-nos as fontes eruditas e tradicionaes, que exerceram o desenvolvimento litterario das modernas linguas nacionaes e suscitaram novas idealisações poeticas. Predominavam as obras de jurisprudencia canonica e cesárea nas Livrarias dos bispos do Porto, D. Vasco de Sousa, (1331) de Dom Vicente (1334); os nossos bispos, como observa Villa-Nova Portugal, que andaram sempre no caminho de Roma, traziam de França e da Italia as Compilações, principalmente de Graciano, — as obras de Durant chamado o *Speculator*, de Alberico de Rosate, de Guido Papa, que todos escreveram por 1280 até 1300 e de outros. A Livraria do Mosteiro de Alcobaça (hoje em grande parte guardada na Torre do Tombo e na Bibliotheca nacional) era riquissima de traducções em lingua portugueza, que vem do seculo XI ao seculo XIV. O erudito Visconde de Santarem que visitou essa opulenta Livraria antes da extincção das Ordens religiosas, em notas addicionaes á carta ao Barão de Mielle, aponta um documento do seculo XI, a traducção da *Re-*

gra de San Bento; dez do seculo XII; setenta e dois do seculo XIII: «notando especialmente dois Diccionarios geographicos latinos do monge Bartholomeu; um *Vocabulario latino* por Fr. Affonso do Louriçal; e um exemplar das *Confissões* de Santo Agostinho, copiado por Frei Antonio de Condeixa;» do seculo XIV, setenta; e vinte e cinco do seculo XV. D'estas enormes riquezas philologicas e litterarias em portuguez está publicada uma diminuta parte.

Frei Fortunato de S. Boaventura publicou a traducção dos *Actos dos Apostolos,* os *Dez Mandamentos,* fragmento da *Regra de San Bento,* e as *Historias d'abreviado Testamento Velho, segundo o meestre das historias scolasticas e segundo outro que as abreviaram, e com dezeres d'alguns doctores e sabedores.* [1] Aponta esta parte «pelo menos do seculo XIV, foi trasladada do latim de Pedro chamado Comestor, e que sendo tecida pela maior parte das palavras formaes do texto sagrado, e na parte da historia, que falta n'este, seguindo litterariamente a Flavio Josepho...» Na Bibliotheca dos Bispos de Lamego existia uma copia d'esta traducção do *Velho Testamento,* que «pertenceu a Francisco de Sá e Miranda.» Com estas traducções do seculo XIV, com a dos *Actos dos Apostolos* do seculo XV, com as traducções integraes do P. João Ferreira de Almeida do seculo XVII, e Antonio Pereira de Fi-

1 *Collecção de Ineditos portuguezes do seculo* XIV. Coimbra, 1829. 3 vol. in-8.º

gueiredo temos documentadas todas as modificações morphologicas porque passou a lingua portugueza.

O mais antigo documento que reproduz Frei Fortunato de S. Boaventura é a *Regra de San Bento*, que pertenceu ao Convento de S. Paulo de Almaziva a par de Coimbra. Transcrevo as suas primeiras linhas: «Filho, ascuita os preceptos do mestre, e inclina a orelha de teu coraçom e recibe de boamente o amoestamento do padre piadoso, e afficadamente o comple, por que te tornes per trabalho de obediencia a aquel do qual te partiste per priguiça de desobediencia.» (*Ined.*, I, 249.)

O Codice n.º 37 (CCLVI), in-4.º magno do fim do seculo XIV, traz os seguintes textos em portuguez:

Vida angelica do infante Josafat, filho de Avenir, rei indiano. [1]

---

1 Publicado em 1898 nas Memorias da Academia real das Sciencias: *Lenda dos Santos Barlaão e Josafat.* (O texto foi copiado pelo paleographo Aires de Sá.) No Ms. tem o nome do traductor Frei Hilario da Lourinhã, em letras do seculo XVIII. E' a celebre lenda budhica extrahida do *Latita Vistara*, como o prova Max Muller (*Essais de Mythologie comparée*, p. 451 a 467.) O nome de *Josaphat*, empregado pelos christãos orientaes na fórma de *Joasaf*, apparece alterado em *Budaf*, por falta dos pontos diacriticos de *Bododhisathva*. (*Renan*, *Etudes d'Hist. relig.*, p. 133.) Attribuiu-se esta versão primitiva a S. João Damasceno, mas pertence ao monge João de Damasco, anterior a Mahomet a sua vulgarisação em grego, e a Surio em latim. Os Bollandistas acceitaram esta vida lendaria de Budha nas *Acta Sanctorum* de 27 de Novembro. O tra-

Vida de Santa Euphrosina, filha de Panucio.
Vida de Santa Maria Egypciaca.
Vida de Santa Tarsis. 1
Vida de Santo Aleixo, Confessor.
Vida de certo Monge.
Exposição do Decalogo, segundo a Doutrina da Egreja.
Narração da morte de S. Jeronymo.
O Conto de Amaro. 2
Historia do Mouro que desejou ir ao Paraiso.
Historia do Cavalleiro Tubuli (Tundal.)

No Codice n.º 244 da Bibliotheca nacional, de fl. 90 a 104 vem uma outra versão:

— *Estoria d'hum Cavalleyro a que chamavã* TUNGULO, *ao qual foram mostradas visivelmente e nô per outra revelaçõ todas as penas do inferno e do purgatorio. E outrosi todos os beês e glorias que ha no santo parayso, andando sempre hú angeo cõ el. Esto lhe foy demostrado por tal que*

---

ductor portuguez termina com a seguinte declaração: "Ora diz Johã de maceno que esta estorya screpveo em lingugem grego: Eu escrepvi este sermõ segundo meu poder, assy como apprendy de mui honrrados e verdadeyros barõoes que m'o assy contarõ. E dos que vyra que este recontamento screvia a proveyto das almas de nos outros que o leemos ê tal guisa que mereçemos seer cõntados ê a parte dos Santos Barlaão e Josaphat bem aventurados amigos de nosso senhor."

1 Publicadas pelo Dr. Jules Cornu, na *Romania*, vol. XVI (1887) de pag. 357 e 390. — Tambem publicou no vol. XI da *Romania*, sob o titulo de *Anciens Textes portugais*, excerptos do *Orto de Esposo*.

2 Publicado na *Romania*, vol. XXX, por Otto Klob. Paris. 1901.

se ouvesse de correger e emendar dos seus peccados e de suas maldades. 1

O Codice CCLXXIII contém:

Orto do Esposo de varios logares da Escriptura, dos Prophetas e Santos Padres, dividido em diversos capitulos com muitos Exemplos. Por Frei Hermenegildo de Tancos. No codice seguinte vem outra versão do *Orto do Esposo.* 2 São numerosos os *Exemplos* ou Contos moraes, que formavam a elaboração originalissima das Litteraturas modernas: *Exemplo das tres Donzellas* (fl. 16); *Trajano e a Viuva* (fl. 20); é assumpto de um panno de raz do tempo de D. João II; o *Avarento* (fl. 48); *O rei que anda de noite* (fl. 54); *O homem beberrão* (fl. 55 V); *O que se faz pelo melhor* (fl. 63 V); *O rei Alburno* (fl. 97); *O criado que casa com a ama* (fl. 89 V); *Os dois irmãos* (fl. 90 V); *A Papisa Joanna* (fl. 99); *Os Ladrões* (fl. 105); *O Cavalleiro que empobreceu* (fl. 120); *Os esposos piedosos* (fl. 125); *O Imperador e o filho* (fl. 122 V); *Os dois Irmãos* (fl. 127); *A arte das mulheres.* (fl. 139.) 3

---

1 A traducção do Cod. CCLVII, fl. 124 a 137, está publicada na *Revista Lusitana*, vol. VIII, p. 249, por J. J. Nunes. Esta outra redacção do Cod. CCXLIV, fl. 90 a 104, foi tambem publicada na *Revista Lusitana*, vol. III, p. 101, por Esteves Pereira. Attribue-se a primeira traducção a Frei Hilario da Lourinhã, e a segunda a Fr. Hermenegildo de Payopelle. Apontam-se muitas versões d'esta lenda nos mosteiros da peninsula. Mussafia, *Sulla Visione di Tundalo.*

2 O Dr. Jules Cornu copiou estes dois textos, e prepara uma edição critica do *Orto do Esposo.*

3 Alguns d'estes Contos e Exemplos foram publica-

Outros Codices da Livraria de Alcobaça, são versões portuguezes de livros asceticos, como o *Livro ascetico intitulado Castello perigoso;* a Vida de San Bernardo, traduzida por Fr. Francisco de Melgaço, e o *Espelho de Monges*, pelo mesmo.

A Lenda de Santo Eloy. [1]

Vida de S. Nicolau. [2]

Vida da Rainha Santa Isabel. — Apparece este documento pela primeira vez referido no testamento do Infante D. Fernando, o Santo, feito antes da partida para Tanger: «Item, o *Livro da Rainha Santa Elisabet.*» Este livro veiu parar ao Mosteiro de Santa Clara, de Coimbra, d'onde o copiou Frei Francisco Brandão em 1751. *(Monarch. Lusit.*, P. VI.) Uma copia existe no Vaticano como documento para o processo da sua canonisação. O codice de Santa Clara, *Relação da Vida gloriosa de Santa Isabel Rainha de Portugal* tem no principio a sua imagem vestida com habito, cordão, manto e véo da ordem; na mão direita um crucifixo e na cabeça uma corôa de espinhos; a seus pés a corôa e sceptro, com a letra: *Crux et spinea corona Domini mei, sceptrum et corona mea.* Um pequeno excerpto fará conhecer a antiguidade do seu texto: «Em sa casa se criavam filhas de muitos nobres homens, e filhos de cavalleiros e d'outros homens, e dos que eram de edade, e achavam casamentos a si eguaes, casa-

---

dos nos *Contos tradicionaes do Povo portuguez*, vol. II, p. 38 a 60.

1 Impressa por Hincker, em 1900; começou a publicação no *Instituto*, de Coimbra, vol. XLVII.

2 Dois fragmentos publicados por P. A. de Azevedo. 1905.

va-os, e outros punha em ordem a cada uma Deus procurava, e dava a elle de seu haver, segundo a pessoa que era e o estado que filhava. Outros muitos e muitas que non eram de sa casa, que o a ella demandavam, fazia ella ajuda para casarem seus filhos ou para necessidades outras que houvessem:... E per hu ella hia non ficavam emparedadas, nem gafos, nem prezos, que sa esmola non recebessem parte.» As lendas poeticas que envolvem a vida de Santa Isabel, como a do pagem lançado ao forno, ou como a das esmolas convertidas em rosas, acham-se nos cantos populares portuguezes; a primeira apparece na sua fórma mais antiga em um Fableau, publicado por Legrand Aussy, na *Gesta Romanorum*, nas *Cento Novelle antiche*, e nas de Geraldo Cynthio, e ainda na Cantiga LXXXVIII das *Cantigas de Santa Maria* de Affonso o Sabio; a das rosas figura tambem na *Vie de Sainte Elisabeth de Hungrie*.

B) O Poder real protege o humanismo

A sociedade civil no seculo XIV estabelecia pela acção dos Jurisconsultos e do proletariado, apoiados no poder temporal da realeza, as condições da sua secularisação e independencia. Tal é o sentido da divisa: *As Universidades servem para ensinar*, em contraposição com o ensino clerical das Collegiadas; *as Jurandas servem para edificar*, em contraposição á actividade guerreira dos barões, fortificando-se a classe obreira com espirito e disciplina da associação; e na ordem politica, os *Estados servem para governar*, contraba-

lançando-se assim a vontade popular com a prepotencia senhorial em um accôrdo de que resultou o reconhecimento do principio supremo da soberania nacional definida pelos Jurisconsultos. A' sombra d'este impulso de reorganisação, procurou o Poder real estabelecer a sua independencia, submettendo á lei escripta, estabelecimento, codigo geral ou ordenação a arbitrariedade dos barões. Para isso tratou de coadjuvar a emancipação das classes servas, de garantir as franquias communaes das Cartas *pueblas* ou dos Foraes, fixadas pelo costume ou direito consuetudinario: assim se realisou a elevação do *terceiro estado*, defrontando com os estados clerical e aristocratico. Pela protecção aos estudos humanistas atacou o poder espiritual da Egreja, que se impunha pelo ensino das Collegiadas, o unico que então existia na Europa; e fazendo renascer o ensino e o uso do Direito romano, em que estava definida a esphera dos *direitos reaes*, atacou a classe senhorial, avocando a si o direito de levantar hoste, de bater moeda, de ter justiças proprias, e o privilegio de conferir nobreza. O emprego da lingua vulgar para as obras litterarias e juridicas, a fundação de uma Universidade, e a coordenação dos Nobiliarios ou Livros de Linhagens são factos capitaes que nos relacionam com a marcha da civilisação moderna n'esta phase ephemera mas fulgurante da primeira Renascença.

1.º **Fontes poeticas da Antiguidade classica.** — Libertado o sentimento poetico da Edade média da obsessão religiosa das Lendas agiologicas

e das Gestas guerreiras do Feudalismo, o genio esthetico foi encontrar novos themas para a idealisação nos poemas gregos, romanos e orientaes. Remodelaram-se n'essa livre phantasia dos trovistas a *Illiada* de Homero, a *Eneida* de Virgilio, a *Thebaida* de Stacio, a *Pharsadia* de Lucano, as *Metamorphoses* e os *Amores* de Ovidio. Era, como observa Constans «uma eschola em que se apropriava a materia antiga ao gosto e aos costumes do seculo XV, tomando da Epopêa classica e da Historia lendaria os assumptos novos mais apropriados do que as antigas *Gestas* a um estado de civilisação já menos rude, graças á influencia crescente do Meio Dia e da sua brilhante poesia.» [1] No *Roman de Flamenca*, vem enumeradas as Gestas eruditas que constituiam este cyclo dos poemas greco-romanos, uns que ficaram na fórma rudimentar do Lai narrativo e outros deram grandes poemas, como a *Historia de Troya*, o romance de *Thebas*, *Eneas*, *Julio Cesar* e *Alexandre:* «Um canta de Priamo, outro de *Piramo;* outro, da bella *Hellena*, como Paris foi á sua procura e depois a trouxe: outro canta de *Ulysses*, outro de *Heitor* e de *Achilles*. Outro cantava de *Enéas* e de *Dido* e como por elle ficou triste e desolada; outro cantava de Lavinia... de *Appollonice*, de *Tideu*, de *Etidiocles*... Um canta de Alexandre, outro de *Leandro* e de *Hero*. Um de *Cadmo* e sua fuga, e de *Thebas* como se edificou.

1 *L'Epopée antique* (Na *Hist. litteraire*, de Julleville, t. I, p. 184.)

Outro cantava de *Jason* e do *Dragão* que desconhecia o somno; outro cantava de *Hercules* e da sua valentia; outro, como *Philis* attenta contra si pelo amor de *Demophonte*. Um diz como o bello *Narciso* se afogou na fonte onde se mirava. Um diz de *Plutão* como roubou a *Orpheo* a sua bella esposa... Um canta de *Julio Cesar*, como passou sósinho o mar, por que não sabia o que era o medo...» Joly, no vasto estudo critico que acompanha o poema da *Historia de Troya* de Benoit de Sainte More, dá-nos a conclusão critica sobre este grande cyclo poetico: «Sabe-se o que fizeram os velhos troveiros da Epopêa classica. Na realidade a sua obra nada tem de antigo, nem litteraria nem moralmente. Das qualidades litterarias das obras primas da Grecia e de Roma nada têm; nem a sciencia da composição, nem o sentimento da unidade, nem a largueza dos desenvolvimentos, nem a perfeição da fórma, nada emfim do que constitue o artista. E mesmo por isso, estes poemas appresentam um interesse que os excede, por assim dizer, lançam uma viva luz na poesia da Edade média inteira.» [1] Benoit de Sainte More, não conheceu directamente a *Illiada* de Homero; como lhe chegaram as tradições troyanas? Desde o seculo III, que ellas eram conhecidas por Aeliano, no seculo IX por Macelas, no X por Constantino Prophyrogeneta, no XI por Suidas, e no seculo XIII por Isac Prophyrogeneta, Constan-

1 *Benoit de Sainte More et le Roman de Troie*, t. I, p. 391.

tino Manassés, João e Isac Tzetzés. E' por tanto explicavel como pela tradição *scholaresca* veiu esta corrente fecundar a poesia medieval jogralesca. O pedantismo erudito fez com que essas relações imaginosas da ruina de Troia se convertessem em factos historicos. O Conde Dom Pedro, o que legou a D. Affonso XI de Castella o seu *Livro das Cantigas*, transcreve no seu *Nobiliario* grandes peripecias da *Historia de Troya*. Isto nos explica o facto de Affonso XI mandar traduzir da lingua portugueza para o castelhano uma *Historia de Troya*. O archivista André Martinez Salazar, que publicou este monumento considerado como escripto em gallego, observa: «O Codice acha-se em bom estado de conservação. — Tem guardas de pergaminho, e capa de chagrin verde com ferros lendo-se: CRONICA, TROIANA, EM PORTUGUÉS. Formou parte da Bibliotheca do Marquez de Santillana.»

Sobre a lingua da *Historia de Troia*, impressa como gallega, escreve o consciencioso editor: «Não tem unidade linguistica, contendo fórmas de todos os dialectos da região, umas *litterarias*, e outras populares, que são as que ainda se conservam na linguagem fallada actualmente: (p. XIV.) E em nota: «A *lingua portugueza* concorreu mais ou menos para estas *fórmas litterarias archaicas*.» Accrescentando em seguida: «Nos escriptos portuguezes do seculo XV é difficil quando não impossivel *distinguir o gallego do portuguez*, a não ser pelas fórmas dialectaes e locaes e *pela ortographia*... mas não negaremos a possibilidade de que esta versão gallega tenha pas-

sado por outra portugueza...» (p. xv.) Vê-se que o copista gallego pelas simples alterações graphicas naturalisou o texto, que em tudo ficou portuguez do seculo xiv: d'esta *Historia de Troya* mandou Affonso xi fazer uma traducção castelhana. [1]

Para formar-se ideia do texto portuguez da Historia de Troya, basta um excerpto do *Nobiliario* do Conde D. Pedro: «O primeiro rrey que pobrou a Troya ouve nome Dardanus, e por esto as gentes da terra forom chamadas dardanides. Esto foy no tempo d'Abraham, quando sayo das çidades dos caldeus. — Depois de Dardanus ouue hi outro rrey Ilius; aquelle fez o catello de Troya. E por este rrey Ilius ouve o castello nome Ylom. E depois do rrey Ylius, rreynou Leomedon. Este Leomedon, per a maa colhença que fez a Jason, neto de Peltus, quando vençeo Tarson, do ouro que era na Ilha de Calcus. E por esta rrasom quando se tornou Jason, rrogou seus amigos e parentes. E veerom com grande oste sobre a Troya, e cercou-a e tomou-a, e matou rrey Leomedon, e tomou huma sa filha que avia nome Esiona, levoua cativa e foy a cidade destroyda. Este rrey Leomedon avia hum filho que avia nome Priamo.

---

1 Escreve Menendez Pidal: "Creio que a castelhana, que está no Escurial, ainda que feita tambem na côrte de Alfonso xi e de Pedro i, se fez *sobre a gallegà*, contra o que affirma Amador de los Rios. Digo isto por que alguns galleguismos descobri na do Escurial." Carta ao Dr. Rennert. *Revista gallega*, anno viii, n.º 361. (1901.) A anterioridade da versão gallaico-portugueza sobre a castelhana está provada pela chronologia litteraria d'essa epoca.

e era ido com grande hoste sobre seus emiigos, e nom foy no destroimento da çidade. E quando tornou achou seu padre morto e a cidade destroida, e pobroua outra vez. E cercoua outra vez darredor de boom muro e fezea a mais forte que pode pera se defender de seus emiigos. — Este rrey Priamo ouve cinquo filhos de sua mulher, que foram muy boons cavalleiros, hum ouve nome Eytor, e outro Paris, e o terceiro Troillos, e o quarto Deifebus, e o quinto Elenus. E conselhou-se rrey Priamo com seus filhos e seus amigos, e enviou Paris seu filho a Greçia per clamar o torto que lhe aviam feito os rreys, de Leomedon e de seu padre que lhe matarom, e de sua irmãa Esiona, que tinham cativa. E Paris foy á Greçia, e levou XII naaos e duzentos cavalleiros e grandes gentes de pee e asy veo a Greçia. E entom avia perventuira que era hi ajuntada toda a gente da terra a humna festa que hi faziom. E era hi Elena a mulher de rrey Menelaos irmão de Gamenon, que era a mais fremosa dona de toda a terra. Paris quebrantou todo o templo e destroyu toda a gente que hi era e cativou os que quizerom. E filhou a rainha Elena e levoua a Troya para ssa molher. E per esta rrazon moveromsse todas as gentes das terras, e veerom sobre Troya e teverom a çercada dez annos. E ouve hi grandes fazendas e mortes grandes cavallarias *assy como falla na ssa estoria.* E a cabo de dez annos foy preza a çidade per gram arte e per grande engano de traiçom que hi ouve feita. E todos os que ouve na çidade forom mortos, e a çidade foy destroyda e queimada.»

Depois do conhecimento da *Estoria de Troya*, de Benoit de Sainte More, revela o Conde Dom Pedro conhecimento do *Romance de Eneas*, elaborado sobre o poema de Virgilio: «Avia hi humn ricomem em a çidade que avia nome Eneas e avia per molher a filha del rrey Priamo, que avia nome Aquilea. E prendeu esta molher em a prisom da çidade. Este Eneas escapou do destroimento da çidade de Troya. E ouve trezentos cavalleiros e noue naaos e meteosse no mar e trabalhou hi muito tanto que chegou a Cartago. E avia hi humma rainha que avia nome Dido. E rreçebeo muy bem e amouo muito e deu-lhe seu corpo em poder e foy senhor de ssa terra. E a cabo de tempo partiosse Eneas della a furto, assy que ella nom o soube e leixoua. E depois que ella o soube de pesar que ouue matousse com humma espada que Eneas lhe avia dado. — Eneas aportou en Italia, honde ora he Roma...» [1]

Os eruditos do seculo XIV explicavam a Antiguidade classica identificando-a com a sociedade feudal: Troya era ũm *castello*; os filhos de Priamo *boons cavalleiros*, Helena uma *fremosa dona*, Eneas um *ricomem*. Observa Joly no seu estudo sobre Benoit de Sainte More: «Nos seculos XII e XIII a Edade média era ainda impenetravel ao espirito da Antiguidade como tambem ás suas qualidades litterarias. Tinha muita juventude e uma individualidade bastante forte para poder ser outra cousa a não ser ella propria. Immediatamente

---

1 Mon. hist. — Scriptores, p. 236.

instinctivamente, inconscientemente imprimia-lhe a sua original e forte feição, transformava na sua propria substancia tudo quanto tocava.» (*Op. cit.*, II, 393.)

No fim da Edade média cessou esta visão phantastica da Antiguidade classica, mas as ficções poeticas foram reelaboradas como documentos historicos, postos em circulação pelo dominicano Anio de Viterbo, que considerava como de origem troyana todas as nacionalidades modernas. Já os velhos chronistas Fredegario, Roricon, e Paulo Warnefried consideravam os Frankos de origem troyana, e em documento de Dagoberto se lê: *Ex nobilissimo et antiquo Trojanorum reliquiarum sanguine nati.* Em uma carta de Eduardo III ao papa, mostrando-lhe a superioridade da Inglaterra sobre a Escossia, allega as suas origens troyanas. Um bairro de Veneza povoneava-se por povoado pelos foragidos de Troya; e no *Edda* de Snorre confundem-se as origens scandinavas com as lendas troyanas. Os estudos humanistas da Renascença, já quando a crença christã estava abalada pelo protestantismo, e o regimen feudal substituido pela realeza absoluta, determinaram a negação da Edade média, transitando da lenda de Troya para a da grandeza de Roma, elaborando a ficção politica da *Monarchia universal.* Estas duas tradições eruditas reflectiramse em Camões, quando nos *Lusiadas* canta:

> *Ulysses* é o que fez a santa casa
> A' deusa que lhe dá lingua facunda,
> Que se lá na Asia *Troya insigne abrasa*,
> Cá na Europa *Lisboa ingente funda*.
>
> (Cant. VII, est. 5.)

2.º **Fundação da Universidade de Lisboa.** — A cultura greco-romana, que a Egreja renegara, appareceu no Occidente nas Escholas arabes; em 529, Justiniano mandara fechar as escholas philosophicas, e Damascio, Simplicio, Eulamio, Prisciano, Isidoro de Gaza, Hermias e Diogenes de Phenicia refugiaram-se na côrte dos Sassanides. Tal foi o ponto de partida da communicação das sciencias da Grecia aos Arabes, por via dos quaes se tornaram conhecidas as obras mathematicas de Euclides, o *Almagesto* de Ptolomeu, as obras medicas de Hipocrates, o *Organon* de Aristoteles, o *Phedon*, o *Cratylo* e as *Leis* de Platão. Esta influencia das Escholas Arabes é considerada por J. J. Ampère como uma primeira Renascença. Os que haviam frequentado as escholas arabes eram procurados individualmente, e em volta da sua *cathedra*, em um logar isolado agrupavam os espiritos sequiosos de saber. A organisação das Universidades foi o reconhecimento d'este novo modo de ensino, de que tanto a Egreja como a Realeza trataram de se apoderar. A influencia e o conflicto do poder papal e real transparece nos dois titulos *Universidade* e *Estudo Geral*, no cargo de *Cancellario*, representando o antigo inspector das Collegiadas, a par do Rector escolhido pelos estudantes ou nomeado pelo rei; na intervenção dos bispos nos gráos doutoraes, e na transferencia das aulas para onde residia a Côrte. A este periodo da creação das Universidades no seculo XIII, chamou Ampère a segunda Renascença. Os reis fundavam Universidades para centralisarem o ensino, evitando assim que os estudiosos

fossem frequentar as Universidades estrangeiras, de Bolonha ou de Paris. Quando Dom Diniz fundou em 1291 a Universidade de Lisboa, já muitos portuguezes se tinham distinguido nas Universidades italianas e francezas. A Universidade de Lisboa foi dotada pelos Abbades de Alcobaça, de San Bento, e do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e Reitores de certas egrejas seculares. Pela bulla do Nicolao IV, approvando a applicação dos subsidios aos estudos de *certa faculdade permittida,* limitava-se a conceder aos lentes e escholares o privilegio de fôro ecclesiastico, sugeitando os gráos á confirmação do bispo de Lisboa: «que os escholares nas *Artes* e nos *Direitos canonico e civil,* e na *Medicina,* possam ser licenciados na sobredita sciencia pelo bispo de Lisboa que n'esse tempo o fôr, e quando estiver séde vacante por meio do vigario capitular.» As differenças de fôro e os privilegios dos escholares produziram dissenções com os habitantes de Lisboa, tendo o rei sob esse pretexto de transferir a Universidade para Coimbra em 1307. Prevalecia uma razão mais funda; não era permittido o ensino da Theologia na Universidade de Lisboa, e para incorporar n'ella essa disciplina, que se cultivava no Mosteiro de Santa Cruz, por mestres que iam estudar a Paris, mudou-se para Coimbra a Universidade, considerando-se esse facto como sendo *inaugurado radicalmente* o Estudo Geral. Os primeiros Estatutos foram dados por Dom Diniz em 1309, soffrendo novas modificações em 1347. Para manter o seu caracter real, foi reinando D. Pedro I, transferida a Universidade para Lis-

boa, por estar ahi a côrte, negando-se por isso os Abbades e Priores a contribuirem com o subsidio da quota parte dos seus rendimentos. Por carta de 16 de Agosto de 1338, que mudava a Universidade de Coimbra para Lisboa, fundamenta-se, pela «*assistencia que n'esta cidade fazia El Rei a maior parte do anno.*» Outra vez em 1354 é trasladada a Universidade para Coimbra em virtude dos privilegios que então o papa lhe concede do *jus ubique docendi,* que como observa Denifle, era muito raramente obtido pelas Universidades. Tendo de contractar mestres no estrangeiro era difficil trazel-os para a vida confinada da provincia; para vencer esse obice, o rei D. Fernando em 1379 transfere-a outra vez por causa dos Lentes estrangeiros quererem residir em Lisboa. Sob o governo de D. João I, e quando a côrte teve estabilidade, é que em 1384 este monarcha ordenou que *para sempre* a Universidade ficasse em Lisboa, sendo estabelecida «a porta de Santo André — da parte de fóra, contra o arrabalde dos mouros.» E assim se manteve em uma vida apagada durante todo o seculo XV, até á reforma de D. João III, que a transferiu definitivamente para Coimbra em 1537.

3.º **Nobiliarios.** — No seculo XIV a organisação dos Livros de Linhagens correspondia a uma necessidade social. O Poder real definindo a esphera dos seus direitos soberanos, avocava a si o direito de conferir nobreza. Nas *Leis de Partidas,* que foram traduzidas em portuguez, impõe-se aos fidalgos, «que escrivian sus nomes, e el

linage onde venian e los logares onde eran naturales en el Libro que estavan escritos los nomes de los otros caballeros.» [1] Em uma lei portugueza encorporada na *Ordenação Affonsina* (Liv. I, tit. 63) explica-se mais claramente, impondo a *nobreza por fôro de el rei*: «nenhum homem dos concelios de sua terra não pódem ser cavalleiros se nom por mim ou per meu mandado.» O phenomeno foi geral em todos os estados da Europa. Este trabalho suscitou uma certa actividade litteraria e historica. Quatro são os monumentos conhecidos: o *Livro velho das Linhagens*, com um fragmento, publicado por D. Antonio Caetano de Sousa, [2] Fragmento de Nobiliario que andava junto ao *Cancioneiro da Ajuda*, e o Nobiliario do Conde D. Pedro, que se guarda na Torre do Tombo, achando-se todavia encorporados em edição paleographica nos *Portugaliæ Monumenta* (Scriptores, p. 230 a 390) sob a direcção de Alexandre Herculano. O velho linhagista dá a razão da sua obra: «Porém eu Dom Pedro, filho do muy nobre rey Dom Dinis, ouve de catar por gram trabalho por muytas terras escripturas que fallavam das linhagens. E veendo as escripturas com grande estudo e em como fallavam de outros grandes feitos, *compuje este livro por gaanhar o seu amor* e por meter amor e amisade antre os nobres fidalgos de Hespanha...» E enumerando as razões que fundamentam um tal trabalho, aponta: «por os reys

1 Partida II, tit. 20, liv. 22.

2 Provas da *Historia genealogica*, t. I, p. 145.

averem de conhecer aos vivos com mercês por os merecimentos e trabalhos e grandes lazeiras que receberam os seus avóos em se gaanhar esta terra de Espanha, por elles.» E referindo-se aos impedimentos canonicos até ao sexto gráo, que faziam a instabilidade dos casamentos: «pera saberem como podem casar, sem peccado segundo os casamentos da Egreja.» Vê-se que através dos motivos, era o principal o fixar o cadastro das familias de nobreza reconhecida, para d'ahi em diante admittir sómente a nobreza de *fôro do rei*. Apesar das listas fatigantes dos nomes, apparecem entremeadas tradições maravilhosas da origem dos Solares como da Casa de Haro, dos Marinhos, as grandes prepotencias da arbitrariedade senhorial como o incendio de castellos, o rapto e violação de mulheres, como o da decantada *Ribeirinha*, D. Maria Paes da Ribeira; a cegueira infligida por vindicta particular, a herança do crime e a vindicta pessoal e o odio inveterado entre familias. Ahi se allude á penalidade symbolica, como a da *burrella*, e os factos historicos como o *Lide do Porto*, no conflicto decisivo entre os partidarios de D. Sancho II e os de seu irmão, e os appellidos caracteristicos de alguns fidalgos: o *trobador*, *o que trobou bem*, *trobador e muy saboroso*, referencias, que revelavam uma ignorada actividade poetica na epoca pre-dionisia, em que floresceram. Essas relações do parentesco fixadas pelos Nobiliarios espalham uma intensa luz sobre a realidade das situações idealisadas nos Cancioneiros trobadorescos portuguezes. Para a philologia e para a historia litteraria estes livros são preciosos pelas

fórmas archaicas da linguagem, pelos excerptos historicos que lhe servem de introducção, e se intercalaram accidentalmente. No Fragmento do Nobiliario, que anda junto ao Cancioneiro da Ajuda encontra-se uma extensa relação da *Batalha do Salado*, tambem celebrada em redondilhas por Affonso Giraldes. Póde-se dizer que é a pagina historica mais perfeita a que chegou a litteratura portugueza no seculo XIV. O genealogista bem conhece que aquella narração historica não pertence a essa ordem de escriptos genealogicos: «e se alguns ouvesse contar as maravilhas e bondadas que faziam, seeria o livro tan grande que os que o lessem com a grande escriptura se anojariam e os outros de que aqui nom falassem ficariam reprehendidos. Des i por que este livro he de linhagens nom faz mester de en el falar de todo salvo de algumas cousas maravilhosas...» (*op. cit.* p. 190.) O genealogista colloca na bocca dos seus personagens allocuções, como no estylo de Tito Livio, pouco depois tornado conhecido pelo chanceller Lopez de Ayala. Eis como falla de D. Affonso IV, o heroe do Salado: «E el-rei Dom Affonso de Portugal era de grandes feitos, e quanto mais olhava polos mouros, tanto lhi mais e mais crecia e esforçava o coraçom como home que era de grandes dias e tinha que deus lhi fezera gram mercê en o chegar áquel tempo hu podia fazer emmenda de seus peccados per salvaçom de sa alma e receber morte por Jhesu Christo. El de todo boom contenente falou ali com os seus e disselhes assi: — Meus naturaes e meus vassallos, sabede bem en como esta terra da Espa-

nha foy perdida por rei Rodrigo e ganhada pelos mouros, e em como outra vez entrou Almançor, e em como os nossos avoos donde descendedes por gram seu trabalho e por mortes e lazeiras ganharom o reino de Portugal, en como el rei dom Affonso Anriquez com que a eles ganharom lhis deu onras e coutos e liberdades e contias por que vivessem honrados, e nom tam solamente fez esto a eles, mais por a sua onra dava os maravedis aos filhos que jaziam nos berços e os padres serviam por eles. En como os reys que despois el veerom aguardarom esto. Eu despois que vim a este logo fiz aquello que estes reis fezerom, e se alguma cousa hy a pera emendar eu a corregerei se me deus d'aqui tira. Olhade por estes mouros que nos querem ganhar a Espanha de que dizem, que estam esforçados e oie este dia a entendem de cobrar se nós não formos vencedores. Poede em vossos corações de usardes do que usarom aquelles donde viides como nom percades vossas mulheres nem vossos filhos, e o em que ande viver aqueles que despois de nós veerem, os que hy morreren e viverem seerom salvos e nomeados pera sempre. — Os fidalgos portugueses lhi responderom: — Senhor, os que aqui estam oie este dia vos farom vencer ou hi todos prenderemos morte. Elrei foi desto muyto ledo.» *(Ib., p. 185.)* Seriam estas as tradições ou *Estorcas*, que Fernão Lopes poz em *Caronica*? Assim a Historia como fórma litteraria tem uma origem e desenvolvimento simultaneo e analogo ao da Poesia. A sua differença está no modo de tratar a fonte commum — a tradição.

4.º **Chronicas e Relações historicas.** — Nas *Memorias para la Historia de la Poesia española*, escreveu o P.e Sarmiento: «Este siglo decimo quarto, que con razon se poderá llamar el siglo de las Cronicas verdaderas, se poderá llamar tambien de las Cronicas fingidas.» (*Op. cit.*, p. 330.) Estas duas formas litterarias apparecem dignamente tratadas pelo genio portuguez n'este periodo fecundo. Das Chronicas phantasiosas deixámos um monumento que seria bello em extremo se conservassemos a sua fórma primitiva — o texto portuguez do *Amadis de Gaula*; das Chronicas historicas restam documentos, que se destacam dos registos latinos ou Obituarios e Dietarios, que se usavam nos claustros. O apparecimento subito do grande chronista Fernão Lopes no inicio do seculo XV, e a série das Chronicas dos Reis de Portugal, que apographos e plagiarios lhe desmembraram, não se comprehende sem determinar a filiação d'essas narrativas que elle integrou em uma fórma da historia como a comprehendeu Froissart e os grandes chronistas da sua epoca.

A Chronica mais antiga, escripta em lingua vulgar, que temos, é anonyma, e trata desde a fundação da monarchia até Dom Diniz. Acha-se publicada em o titulo de *Chronica breve do Archivo nacional*, e está intercalada no livro IV, fl. 6 das *Inquisições* de D. Affonso III. Foi trasladada em 1429 da éra moderna: «ata a presente éra que ora corre do nacimento de nosso sennor Jeshu Christo de *mil quatro centos e vynte e nove annos*.» Explica a sua intenção: «A qual rremenbrança serve a proll porque muytas vezes mos-

tram perante El Rey nosso sennor e perante os seus juizes algumas doações e outras escripturas, que fazem em prejuizo dos direitos e cousas da corôa dos Regnos, fazendo taaes cartas de doações e escripturas mençom que forom outorgadas per hum Rey o qual segundo a data d'essa escriptura já era finado: E pera tirar estas duvidas aproveitam muito estas éras.» A Chronica, confessa o auctor para justificar o seu laconismo: «faz mençom quando cada hum Rey começou de rregnar, e quando se finou, e onde jaz sepultado.» Traz um traço pittoresco ácerca de Dom Sancho I: «E entom filhou El Rey huma dona de que se non pode saber o nome... E filhou Dona Maria Paes da Ribeira, a que elle deu Villa do Conde...» A linguagem da Chronica não é muito antiga; apenas se encontra uma palavra franceza «*daprés* da cidade de Lisboa.» Segundo a auctoridade indiscutivel do colleccionador dos *Portugaliæ Monumenta historica*, é a chronica em vulgar mais antiga que nos resta.

A *Chronica* ou *Relação da Conquista do Algarve*, descoberta por Fr. Joaquim de Santo Agostinho na Camara municipal de Tavira em 1788 (Tomos velhos, I, p. 207 a 213), embora esteja retocada por um copista do seculo XV, foi escripta por quem não estava muito afastado da data d'essa conquista. O narrador allude ás ossadas que existiam no sitio das Antas: «e quando chegou ás Antas e vio os cavalleiros mortos começou com os mouros muy dura pelleya, e morreu tanta gente d'elles, que *ainda hoje em dia jaz alli a ossada d'elles*, e desde que os venceo seguiu ho alcance

fazendo grande estrago em elles...» [1] A tendencia para a forma historica no ultimo quartel do seculo XIV é uma prova da data d'esta narrativa.

Éra conhecida em Portugal a *Cronica general de España;* este livro mandado traduzir por Dom Diniz do original castelhano foi um dos primeiros ensaios e um grandioso modelo em que se exerceu a lingua portugueza para fixar as fórmas severas da Historia. Fernão de Oliveira, na sua Grammatica portugueza refere-se a esta traducção: «As dicções velhas são as que foram usadas, mas agora são esquecidas, como... *ruão*, que diz cidadão, segundo eu julguei em um livro antigo, o qual foi trasladado em tempo do mui esforçado rei Dom João de boa memoria, o primeiro d'este nome em Portugal: por seu mandado foi o livro que digo escripto, e está no mosteiro de Peralonga e se chama *Estorea Geral*, no qual achei estas com outras anteguidades de falar...»

Da *Cronica general*, escreveu Menendez Pidal, considerando-a como obra de Alfonso o Sabio: «Ella marca o despertar de uma éra na historiographia, pois para ella couverge uma multidão de imitações, que seguindo a eschola do Rei Sabio no mesmo plano e criterio formam uma rica litteratura historial, anonyma e inteiramente popular que se renovava continuamente.» [2] A uma circumstancia allude, que nos revela a importancia

---

1 *Memorias de Litteratura,* da Acad., t. I.

2 *La Legenda de los Siete Infantes de Lara,* p. 54.

da traducção mandada fazer pelo rei D. Diniz: O grande numero de Manuscriptos da *Cronica general* não permitte fixar qual fosse a sua fórma mais primitiva e authentica; é pois admissivel, que o texto portuguez, d'entre esses trinta e um manuscriptos, provindo directamente do monarcha castelhano como offerta a seu neto, tenha excepcional importancia para determinar-lhe a authenticidade.

Com egual titulo se conservou na Bibliotheca do Rei Dom Duarte (n.º 24); e na Bibliotheca nacional de Paris o manuscripto portuguez: *Historia geral de Hespanha, composta em castelhano por El Rei de Leão e Castella, Dom Affonso o Sabio, trasladada em portuguez por rei Dom Diniz ou por seu mandado.* A esta traducção foram ajuntando os copistas os successos da historia de Portugal, vindo por isso ampliado o titulo: *e continuada na parte que diz respeito a Portugal até ao anno de 1455 no reinado de Dom Affonso v.* Era uma traducção reduzida da *Cronica* de Alfonso o Sabio; pertencera ao Condestavel de Portugal Dom Pedro, primitivamente.

Na Bibliotheca da Academia real das Sciencias de Lisboa existe um codice pergaminaceo d'esta *Chronica geral;* ahi se lê: «E despois per tempo arribarom onde agora chamã o Porto huas gentes en naves que eram degradados de sua terra, os quaaes erã chamados *Galases;* e estes pobrarõ huã grande parte da Galliza, que era herma, e esta era antre dois rryos a que chamã a hú doyro e o outro mynho; e enton poserom nome aa terra composto de duas partes, convem a saber *Portu-*

galeses, mas despoys o encurtarom e peseromlhe nome *Portugal*.» No seculo XV nas Memorias breves de Santa Cruz de Coimbra citava-se como fonte historica a *Chronica de Espanha*. Não admira que Fernão Lopes revelasse a sua justa comprehensão da Historia.

2.º Periodo: Os Poetas Palacianos

(Seculo xv)

---

§ I

Elaboração do Lyrismo provençal pelo genio italianó (Phase allegorica)

Os trovadores occitanicos tinham encontrado sympathia nas cidades italianas, que constituiam pequenas republicas; a Canção amorosa idealisava situações da vida domestica, que ia ser o thema fundamental das litteraturas modernas. Os burguezes opulentos que transformaram algumas d'essas republicas em Principados, attraíam para as suas festas e palacios os trovadores que transpunham os Alpes. A poesia lyrica italiana começou a ser elaborada por esta imitação e impulso social; e quando a Poesia trobadoresca se extinguiu sob as violencias sangrentas da cruzada contra os Albigenses, ou da realeza do norte contra o municipalismo do sul, esse lyrismo occitanico

renascia pelo genio italiano, que dos esbôços poeticos soube tirar as fórmas bellas, definitivas da Canção, do Soneto, da Elegia, e insuflar-lhes o sentimento pelo idealismo platonico da Primeira Renascença e pela exaltação mystica christan, que davam todo o relêvo á emoção do Amor. Os trovadores italianos foram considerados os grandes mestres do Amor; souberam interpretar allegoricamente as indefinidas emoções da alma moderna, na consagração da mulher. Elles crearam a lingua nacional, avançando para a unificação synthetica das suas diversidades dialectaes: Sordelo, na Italia do Norte cria uma linguagem poetica com os fallares de Cremona, de Brescia, de Verona, cidades convisinhas de Mantua, sua terra natal; Dante, e os cortezãos de Frederico II, criam pela unificação d'esses dialectos da vertente direita e esquerda do Apenino a lingua toscana, que pela acção politica e pela litteratura se torna a lingua nacional, seculos antes da Italia realisar a sua unificação politica. A eschola toscana era representada por Guido Guinicelli, que Dante immortalisou nos seus versos, imitando ao mesmo tempo Arnaldo Daniello, Guido Cavalcanti e Dante de Maiano, que subordinados ainda aos trovadores lhes compete a gloria de terem fecundado o seu genio. Dante foi o primeiro epigone d'esta renovação esthetica, elevando-se dos esboços provençalescos aos admiraveis Sonetos e Canções do mais puro idealismo. Por Dante se exerceu a influencia do Lyrismo italiano fóra da Italia, em todo o seculo XV; é a *phase allegorica*. Petrarcha era então exclusivamente estudado como moralista e eru-

dito, e sómente no comêço do seculo XVI é que o seu *Canzoniere* communicou ás Litteraturas da Renascença as fórmas definitivas do Lyrismo. A poesia italiana em Dante e nos Fieis do Amor, e depois em Petrarcha destacou-se dos modelos provençaes pelo idealismo recebido em as doutrinas platonicas, que se desenvolveram mais tarde na Academia florentina dos Medicis. Dante conheceu essas doutrinas em Cicero, Boecio, Ricardo de Sam Victor, Sam Boaventura e Sam Thomaz; como moralista Petrarcha, depois reagindo contra o aristotelismo, seguia no seu estudo Platão, Santo Agostinho, San Bernardo e imitava Boecio. Esta nova poesia, de um vago subjectivismo, era pelas suas origens eruditas sympathica aos espiritos superiores que seguiam a corrente do humanismo do seculo XV.

A Hespanha abraçou muito cedo o lyrismo italiano, na sua phase allegorica; Micer Francisco Imperial introduziu em Sevilha o conhecimento de Dante e da *Divina Comedia*, no fim do seculo XIV, e querendo o Marquez de Santillana prestar ao seu talento a homenagem devida, empregou uma designação erudita, que bem caracterisa o seculo do humanismo: «al qual yo no llamaria *decidor* ó *trovador*, mas *poeta*.» O influxo crescente da corrente italiana fez com que a Poesia castelhana prevalecesse no seculo XV sobre as outras litteraturas peninsulares, a gallega, a aragoneza e a portugueza.

Porque não actuou a Poesia italiana directamente em Portugal, continuando a evolução trobadoresca? Por que esgotadas as fórmas proven-

çalescas, o genio portuguez, pela facil assimilação, apoderou-se da corrente novellesca, que lisongeando-lhe o espirito de aventura o impelliu á acção historica. Nas luctas entre Pedro Cruel e seu irmão bastardo Enrique de Trastamara, interveiu o aventureiro bretão Bertrand Duguesclin, dando assim ás ficções bretãs uma realidade suggestiva; as relações com a côrte ingleza vieram accentuar mais o interesse pelas novellas bretãs. Tudo nos afastava da passividade lyrica; e conquistada Ceuta por D. João I, como a chave do imperio de Fez, seguiu essa série de feitos na occupação do norte da Africa, «dando um sentido real e verdadeiramente historico ao espirito aventureiro, nascido das ficções cavalheirescas, emprehendendo-se e levando-se a cabo outras não menos afortunadas emprezas...» [1] A exploração da costa occidental africana e as navegações atlanticas imprimiram á sociedade portugueza uma vida em que a actividade intensa a afastava das idealisações do lyrismo. De 1350 a 1445, observa-se uma grande falha na producção litteraria portugueza; ainda assim a sua antiga influencia em Castella continuou-se até aos reinados de Don Juan II e Enrique IV, como o reconheceu Menendez y Pelayo. Pelo seu lado Amador de los Rios tambem observa: «o dialecto gallaico-lusitano, tradicionalmente conservado entre ambos os paizes, escre-

1 Amador de los Rios, *Hist. crit. de la Litteratura espan.*, VI, p. 22.

vem n'esse dialecto Pero Gonzalez de Mendoza, o Arcediago de Toro, Affonso de Villasandino e outros tantos, que n'aquella edade (seculo XIV) illustram o parnaso castelhano.» *(Hist. litt. esp.,* VI, 23.)

O *Cancioneiro de Baena* suppre essa falha que se determina na litteratura portugueza; achamse alli poetas que floresceram desde 1368, em que nasceu Pedro Cruel, até 1406 em que começa o reinado de D. Juan II, que foi, como notou Menendez y Pelayo, uma florente côrte poetica. Representam esse elemento gallaico, Pero Gonzalez de Mendoza, avô do Marquez de Santillana, que conservou a tradição lyrica das *Serranillas,* o chanceller Lopez de Ayala, micer Francisco Imperial, Pero Ferrús, Garci-Fernandes de Jerena, Affonso Alvares de Villasandino. O facto de se encontrarem n'este Cancioneiro versos de Vasco Pires de Camões respondendo a outros que lhe são dirigidos, define bem o espirito de revivescencia do genio gallego, n'essas luctas politicas, em que Portugal e Galliza se aproximavam. O rei D. Fernando, de Portugal, acobertando as suas pretenções ao throno de Castella com o pretexto de vingar a morte de Pedro Cruel, achou apoio em muitas cidades da Galliza, como Ciudad Rodrigo, Ledesma, Alcantara, Valencia d'Alcantara, Zamora, Tuy, Coruña, Santhiago, Lugo, Orense, Padron e Salvaterra. N'esta lucta de ambições, D. Fernando mostrou-se menos habil do que Enrique de Trastamara, que chegou a invadir Portugal. Incapaz de sustentar-se na lucta, o monarcha portuguez offereceu azylo no seu reino

aos fidalgos gallegos que se comprometteram pela sua causa. D'esta emigração resultou a vinda de Vasco Pires de Camões, o terceiro avô do grande épico, para Portugal; vieram outras familias de que descendem os poetas Sá de Miranda e Andrade Caminha, que brilhando na renascença italiana não abandonaram as fórmas da *medida velha*, do lyrismo tradicional. Vasco Pires de Camões, tendo-se declarado em 1384 pelo partido de D. Fernando, refugiou-se em Portugal, obtendo numerosas doações regias, que o faziam considerado como favorito do monarcha, comparando-o n'isto a João de Mena, o poeta favorito de D. Juan II, de Castella. O fidalgo Manoel Machado de Azevedo fallava d'esse favoritismo, dizendo como se podia — ser mais medrado, que *Camões* e *João de Mena*. O Marquez de Santillana, na sua *Carta ao Condestavel de Portugal*, de 1448, depois de indicar muitos trovadores portuguezes da eschola provençalesca, aponta os que pertenceram a esta phase galleziana: «despues destos venieron *Basco Perez de Camões* e Ferrant Casquicio, é aquel gran *enamorado Macias*...» Mas não era só o Marquez de Santillana, que pelas tradições domesticas conhecia estes monumentos gallaico-portuguezes; os trez grandes poetas da côrte de D. Juan II, João de Mena, Fernan Perez de Gusman e elle proprio, mantinham através da cultura castelhana ainda a impressão da poesia gallaico-portugueza. João de Mena conserva a *endecha*, a que se chama de *gaita gallega*, de preferencia ao endecasyllabo italiano; Fernão Perez «seguiu na sua primeira epoca a tradição dos trovadores

gallegos (isto é portuguezes).»[1] E de Santillana, escreve o mesmo critico: «Na poesia lyrica é grande mestre; por elle se acclima ao parnaso castelhano a *Serranilha* gallega; se teve predecessores na sua familia, elle os excedeu n'isto, como em tudo...» E recapitulando as influencias litterarias que actuaram na côrte castelhana de D. Juan II, aponta antes das formas *allegoricas* de Dante combinadas com reminiscencias de Petrarcha, especialmente nos *Triumphos*, — a tradição litteraria dos antigos Cancioneiros gallegos, visivel nas Serranilhas, Villancicos, Esparsas, Canções e Motes, em geral em todas as poesias ligeiras e cantaveis. Isto nos explica o facto de figurarem nos Cancioneiros castelhanos do seculo XV muitos poetas portuguezes, achando-se ahi uma coplilha do Infante D. Pedro; na bibliotheca do Escurial apparece uma traducção de Juan de Cuenca da versão portugueza da *Confissão do Amante*, do poeta inglez João Gower, pelo conego de Lisboa Roberto Payn.[2] Mas todo este influxo teve de ceder diante da florescencia do castelhanismo, nas trez côrtes de D. João II, Enrique IV, e dos Reis catholicos, em que se manifestaram genios primaciaes, e em que a politica da unificação iberica era a preoccupação dos casamentos regios.

1.º **A influencia castelhano-aragoneza.** — Quando a poesia provençalesca decahira em Fran-

1 *Antologia*, t. V, p. LXV; p. LXXIX.
2 Ap. Rios, *Hist. crit.*, VI, p. 46, nota.

ça, em Tolosa procurou-se sustentar a sua cultura pela organisação da *Sobregaya companhia dels sept Trovadores de Tolosa,* em 1323; para Barcelona, onde era a côrte habitual dos Reis de Aragão, passaram estas instituições trobadorescas, que os monarchas protegiam como um meio de resistencia contra a penetração da lingua e poesia castelhanas. Em 1388, o rei de Aragão D. João I pediu a Carlos VI de França para os trovadores tolosanos virem a Barcelona fundar um Consistorio poetico, effectivamente creado em 1390. Mas o castelhanismo começou em Aragão desde o compromisso de Caspe em 1411, admittindo como rei um principe castelhano, o Infante de Antequera (1416) D. Fernando. O que se conservou dos Provençaes, como observa Menendez y Pelayo, era a tradição metrica mais ou menos degenerada em mãos dos trovadores do Consistorio. Era preciso vivificar estas formas pela idealisação allegorica-dantesca. Sob Fernando o Justo a eschola trobadoresca teve novo impulso. D. Enrique de Villena, que foi director do Consistorio, traduz a *Divina Comedia* (1427) e as composições em dialecto catalão e valenciano eram applaudidas e apreciadas. O Marquez de Santillana elogiava no seu poemeto *La Coronacion,* os poetas lyricos catalães Ausias March e Jordi, intimamente italianisados. E' este novo gosto allegorico-dantesco o que irmana litterariamente com Castella, que se torna um centro hegemonico da poesia peninsular no seculo XV.

O centro da actividade de Castella foi a côrte de D. João II (1407 a 1454) não só pelas altas

individualidades que floresceram n'ella, mas pela propria personalidade do rei, que recebera uma excellente cultura litteraria dirigida pelo chanceller Pablo de Santa Maria, e além da Moral philosophica, lingua latina, e arte oratoria e poetica, segundo o testemunho de Mossen Diego de Valera, sabia musica, cantava e tocava, ouvia com agrado Dizeres rimados e apreciava a historia, como o revelou o celebrado poeta Hernan Perez de Gusman. [1] Apezar das grandes luctas dos Infantes de Aragão, e do seu privado D. Alvaro de Luna, esse esplendor litterario tornou essa epoca a mais gloriosa da lingua e da litteratura castelhana, vindo a produzir os seus effeitos politicos no tempo dos Reis Catholicos.

Em Aragão, D. Affonso v, primo de D. Juan II, assim como seu irmão rei da Navarra, receberam não menos esmerada cultura, competindo com o centro castelhano. D. Affonso v, no seu governo de Italia, cercou-se de todos os grandes humanistas, que preparavam a Renascença. O que se passava na região central da Hespanha (Castella) e com egual fervor na região oriental (Aragão), reflectiu-se inevitavelmente em Portugal, pela sua dupla influencia. Pelo receio da absorpção castelhana, que levara os poetas aragonezes a sustentarem em composições litterarias a sua lingua nacional, tambem depois da victoria de Aljubarrota (1385) os portuguezes afastaram-se politica e litterariamente de Castella. O

1 Menendez y Pelayo. *Antologia*, v, p xxv.

rei D. Duarte casa com D. Leonor, filha de D. Fernando de Antequera, rei de Aragão; para sua mulher escreveu a sua encyclopedia moral do *Leal Conselheiro*, e na sua Livraria existiam um exemplar de Valerio Maximo *em aragoez*, uma Historia de Troya *per aragoez*, e a seu filho D. Fernando dedicou Martorell a novella de *Tirant il Blanch*. O Infante D. Pedro, duque de Coimbra, casou com D. Isabel, primogenita de D. Jayme o Desditoso, ultimo Conde de Urgel, que segundo Belaguer, tambem cultivava a Gaya sciencia. Como principal herdeiro dos direitos do Conde de Urgel, o Condestavel D. Pedro de Portugal, acceitou a corôa de Aragão, offerecida por uma deputação catalã, em 1464. Na celebre carta-Proemio, que lhe dirigiu o Marquez de Santillana, citava com louvor os poetas aragonezes, como «grandes officiaes d'esta arte, como Jorde de Sant Jordi, e Ausias March, grande trovador e homem de assás elevado espirito.» O Condestavel de Portugal conheceu esta poesia aragoneza que revivificara a tradição da metrica provençal com o subjectivismo italiano, e d'ella recebeu a expressão allegorica que tão bem se quadrava com a sua melancholica sentimentalidade. No *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende, apezar do seu extremo castelhanismo, apparecem por vezes as allegorias amorosas do gosto aragonez.

A influencia castelhana na poesia portugueza, não só pela importancia litteraria, como pelos enlaces matrimoniaes, tinha de predominar inteiramente. Em quanto o esplendor litterario da Côr-

te de D. Juan II é sustentado pelos talentos superiores de Juan de Mena, Fernan Perez de Gusman e Marquez de Santillana, Alvaro de Luna faz o casamento do rei castelhano com a Infanta portugueza D. Isabel, sobrinha do Infante D. Pedro.

O mesmo esplendor litterario continua-se na côrte de Enrique IV, (1455-1474) casado com D. Joanna, irmã do rei de Portugal D. Affonso V; é n'este periodo que brilham os lyricos gallegos Juan Rodriguez del Padron e Macias el Enamorado, que tanto são memorados pelos poetas palacianos portuguezes. Dado o conflicto transitorio do roubo dos direitos de successão de D. Joanna (a Beltraneja) por sua tia Isabel de Castella, foram tão intimas depois as relações da Côrte dos Reis Catholicos (1474 a 1504), que D. João II de Portugal casou o principe herdeiro D. Affonso com uma filha de Fernando e Isabel, tendo em vista a futura incorporação iberica a que falta esta parte da Hespanha occidental. N'esta epoca litteraria dos Reis Catholicos, em que o apparecimento do *Amadis de Gaula* symbolisa a absorpção castelhana, brilham Gomes Manrique e seu sobrinho Jorge Manrique, e Garci Sanchez de Badajoz accende esse fogo da paixão amorosa que se propaga em Portùgal a Bernardim Ribeiro, e Juan del Encina acorda o genio dramatico de Gil Vicente.

Para chegar á clareza d'estas trez phases *castelhanas*, foi preciso que os eruditos hespanhoes Amador de los Rios e Menendez y Pelayo desembrulhassem dos anachronismos dos vastos Can-

cioneiros manuscriptos do seculo xv o fio conductor que nos dá o encadeamento historico. N'este periodo do seculo xv, ou dos Poetas palacianos, a influencia castelhana mascára com o gosto da imitação da poesia esta penetração que se estava exercendo pelas relações politicas que deram o exito ambicionado pela Casa de Austria.

Entre a Italia do seculo xiv, em que brilha a eschola toscana, e a Hespanha do seculo xv, em que floresce o lyrismo castelhano, ha uma verdadeira similaridade de condições do meio social; esclarece-a a sympathia pela obra de Dante. Gidel, no seu estudo *Os Trovadores e Petrarcha*, notou: «A Italia sugeita a ávidos conquistadores; a ardentes inimigos destruindo a sua liberdade; a crimes e a acções heroicas; no esforço de cidades para fundarem uma independencia gloriosa; as artes nascendo no meio das conflagrações politicas, taes foram os grandes trabalhos com que foi ferida a imaginação do poeta.» (p. 83.) Ainda n'este meio em que vibrava a consciencia nacional, Dante apontava os trovadores que eram dignos de serem imitados, Bertrand de Born para as Canções marciaes, Arnaldo Daniello para as Canções de amor, e Giraud de Borneilh para os encomios da virtude.

Em Castella as perturbações sociaes não foram menos profundas e calamitosas no seculo xv: é n'esse fragor de traições de fidalgos, de insurreição de potentados senhoraes, de conflictos de familias dynasticas, que se cria a bella poesia classica de Castella, e a litteratura, que se tornou o titulo glorioso d'essa epoca. Antigos trovadores

italianos como Sordello, de Mantua, e Bonifacio Calvo, de Genova, frequentaram as côrtes de Aragão e Castella, deixando aqui esses germens que determinaram nas duas côrtes o interesse pela obra de Dante e dos Fieis de Amor. Em Castella, que se tornava um centro de preponderancia politica, a nova poesia italiana era communicada pelas traducções e imitações dos poetas aragonezes, e por directas relações dos seus homens cultos com a Italia. Teve Castella, no meio das prolongadas perturbações do reinado de D. Juan II, poetas primaciaes como Juan de Mena, Hernan Perez de Gusman e o Marquez de Santillana, que, continuando a antiga influencia gallaico-portugueza, souberam vivificar as esgotadas formas trobadorescas com a belleza litteraria suscitada pelo conhecimento das creações do genio italiano. João de Mena foi o chefe prestigioso d'esta reforma poetica, no seu *Labyrintho*, ou as Trezentas outavas de synthese historica e moral; elle mesmo traduz do latim a *Iliada*. Diz Menendez y Pelayo: «Com João de Mena compartilha o Marquez de Santillana o primado da Eschola allegorica derivada de Dante, e naturalisada em Castella por Micer Francisco Imperial.» (*Ant.*, v, p. LXXX.) «Foi um grande discipulo dos Italianos o Marquez de Santillana, e um dos mais qualificados precursores de Boscan.» Elle introduziu *o metro endecasyllabo*, como o reconheceu primeiramente Hernando de Herrera. Os quarenta e dois Sonetos que escreveu o Marquez de Santillana são como elle mesmo indica *al modo italiano*; e na Dedicatoria confessa a origem: «Esta

arte falló primeramente en Italia Guydo Cavalgante, é después usaron d'ella Checo d'Ascoli é Dante, é mucho mas que todos Francisco Petrarca, poeta laureado.» Como observa Menendez y Pelayo: «Não tinha chegado a Castella a epoca da dominação poetica de Petrarcha; mas em compensação, o Petrarcha *humanista* e *moralista* era um dos auctores mais lidos e mais frequentemente allegados.» *(Ib.*, v, p. VIV.) E definindo as influencias que actuaram na litteratura castelhana do seculo XV, depois das tradições do lyrismo dos Cancioneiros galaico-portuguezes, mostra o citado critico como prevaleceu a fórma *allegorica* de Dante combinada por vezes com reminiscencias de Petrarcha, especialmente nos *Triumphos*, e de algum outro poeta italiano...» *(Ib.*, XXII.) E' tambem forte o influxo de Boccacio, traduzido integralmente em castelhano, destacando-se o poema de *Fiameta* que dá origem ás Novellas sentimentaes, do *Siervo libre de Amor*, do apaixonado João Rodriguez del Padron, que tanto encantou na côrte de Enrique IV, e *Carcel de Amor* de Diego de San Pedro. Recebem a cultura italiana além do Marquez de Villena, Juan de Lucena, Alonso de Palencia, Pedro Dias de Toledo, Cardeal Mendoza; Juan del Encina assistira em Roma, onde esteve tambem João de Mena, sendo no seu regresso nomeado secretario das cartas latinas.

O conhecimento da poesia castelhana em Portugal no seculo XV foi introduzido pelo Infante D. Pedro, amigo e admirador de João de Mena; seu filho o Condestavel D. Pedro tambem me-

receu a amisade do Marquez de Santillana a quem pediu as suas obras poeticas. Se não fossem as grandes desgraças que cahiram sobre a familia do Infante D. Pedro, esta iniciação litteraria teria tornado mais fecundo este periodo dos Poetas palacianos.

O Infante D. Pedro, que acompanhou seu pae na tomada de Ceuta, em 21 de Agosto de 1415, foi no comêço do anno seguinte feito Duque de Coimbra, emprehendendo depois as suas viagens longinquas e demoradas por varios paizes da Europa. No livro da *Tragedia da insigne Rainha Dona Isabel,* allude o Condestavel seu filho a esse cyclo de Viagens d' «aquel que passando la grande *Bretanha* y las *galicas* e *germanicas regiones* a las de *Hugria,* de *Bohemia* e de *Boria* partes pervino, guerreando contra los exercitos del *grand Turco* por tiempo estuvo, e retornando por la maravilhosa çibdat de *Venecia,* venido a las *ytalicas* e *esperias* provincias, escodriñó é vido las insignes é magnificas cosas, e llegando a la çibdat de Querino tanjó las reliquias respeitando honor é grandissimas glorias de todos los princepes e reynos que vido.» [1] Não allude o Condestavel D. Pedro ás viagens de seu pae ao Oriente, Jerusalem, Côrtes do Soldão de Babylonia; foram apontadas na tradição que se idealisou sob o titulo das *Sete Partidas do Infante D. Pedro,* vulgarisada no folheto de cordel attribuido a Gomes de Santo Estevam. No seculo XVII D. Francisco

1 Ed. D. Carolina Michaëlis, p. 57, Madrid, 1899.

Manoel de Mello faz uma referencia jocosa ás *Sete Partidas*, e Gongora pelo seu lado escreve no mesmo espirito:

> os envio ese inventario
> de *las partidas* que os debo;
> que es como se os enviara
> *las del Infante Don Pedro.*

Quando o Infante D. Pedro regressou a Portugal, esteve na côrte de D. João II, onde tomou amisade com João de Mena, que em umas coplas allude ás suas viagens de estudo:

> Nunca fué despues ni ante
> quyen vyesse los atavios,
> e secretos de Levante,
> sus montes, insuas y ryos,
> sus calores y sus frios,
> como vós, señor Ifante.
>
> (*Canc. geral,* t. II, 72.)

Na sua passagem por Veneza a Senhoria offereceu-lhe a copia das *Viagens de Marco Polo,* que em Portugal muito suscitaram a empreza dos Descobrimentos geographicos. Quando se achava em Bruges escreveu a seu irmão D. Duarte em 1428, aconselhando certas reformas na Universidade de Lisboa, á qual convinha agregar Collegios, como se usava em Paris e Oxonia. Era animado do espirito da erudição humanista e moralista do seculo XV, cultivando tambem a poesia, e são d'elle apenas conhecidas as coplas que enviou a João de Mena, chronista do rei D. João II, (de 1429 a 1445) chamando-lhe «*coronysta* abastante.» Pelo seu lado, João de Mena allude ás suas funcções soberanas de Regente do reino

na menoridade do seu sobrinho D. Affonso v (1440): «por serdes byen regido — dios vos fizo su *regente.*» O Duque de Bragança, seu irmão bastardo que elle dignificara, tomou-lhe um odio mortal depois que as Côrtes de 1441 auctorisaram os esponsaes de D. Isabel, filha do Infante, com seu primo o rei D. Affonso v; esse odio tornou-se uma complicada intriga que determinou o assassinato do Infante D. Pedro em 20 de Maio de 1449, quando vinha justificar-se perante o monarcha. Um poeta do Cancioneiro de Resende, Luiz de Azevedo, em uma Elegia em nome do illustre princepe, conta este lance quasi parricidio:

> Eu andei por muitas partes
> e por muitas boas terras,
> muita paz e tambem guerras
> vi tratar, por muitas artes.
> Mas aquelle dia *martes*
> foi infeliz para mim;
> o meu sangue me deu fim
> e rompeu meus estandartes.

Dom Affonso v decretou perseguições até ao quarto gráo a todos aquelles que acompanharam seu tio o Infante D. Pedro; é crivel que isto actuasse no desapparecimento das suas obras poeticas. A esta phase das relações litterarias com a côrte de D. João II de Castella, sob o influxo do Infante D. Pedro, podemos attribuir varias traducções para portuguez de poetas castelhanos. Na Bibliotheca do rei D. Duarte guardava-se um exemplar das composições do *Arcipreste de Hita;* e na bibliotheca municipal do Porto guarda-se uma folha avulsa de pergaminho com de-

zoito coplas escriptas a duas columnas, em que as quadras castelhanas em endechas estão reduzidas a outavas em redondilha. Esse fragmento, em portuguez, corresponde ás estrophes 90 a 93, 95 a 100, e 113 a 120 dos exemplares do *Arcipreste de Hita.*

De Hernan Perez de Gusman, publicou Frei Fortunato de Sam Boaventura (attribuindo-as ao Dr. Frei João Claro, da Universidade de Lisboa) a versão do *Te Deum laudamus* e as paraphrases de *Padre nosso e Ave-Maria,* que no *Cancionero general* de Castillo vem em nome do illustre procere castelhano. Nos Ineditos de Caminha, vem em nome de Ayres Telles de Menezes fragmentos vertidos de uma Canção do Marquez de Santillana, que iniciava o joven Condestavel de Portugal no conhecimento historico das differentes escholas poeticas peninsulares.

D. Pedro de Portugal, filho do Infante D. Pedro, nasceu em 1429; foi nomeado Condestavel em 1443, sob a regencia de seu pae, do que se originou o odio implacavel do duque de Bragança, que pretendia que esse cargo fosse hereditario na sua familia por ter casado com uma filha de D. Nuno Alvares Pereira. Aos dezeseis annos foi commandar uma expedição de dois mil infantes e seiscentos cavallos, a Castella, em 1445, em auxilio de D. Alvaro de Luna, contra os Infantes de Aragão; esteve na batalha de Olmedo, onde conheceu pessoalmente o Marquez de Santillana, ao qual mandou pedir, em 1449, a collecção das suas obras *Canciones é Decires.* O Marquez enviou-as para Portugal, com um Proemio

ou Carta do mais alto valor historico. Por esta epoca da expedição, o Regente contractou o casamento de D. Isabel, sua sobrinha, com o rei D. João II de Castella, pensando assim abrandar o odio do Bragança que pretendia casar esta sua neta com o joven rei D. Affonso V. A estes factos allude o Condestavel D. Pedro na *Tragedia da insigne Rainha*, fallando de seu pae: «Aquel que al rey Johan de Castella sostuvo la real corona en la cabeça e la moneda de Portugal en los exercitos por el embiados, de los quales tã fuerte duque e conductor, hizo tomar a los Castellanos al precio de la propria tierra e *casou a la reyna doña Ysabel su sobriña* con el rey Don Johan de Castella e a su fija con el rey de Portugal.» (p. 58. Ed. Mich.) Esta rainha, que deveu o seu casamento á influencia de D. Alvaro de Luna, actuou fortemente na perda do seu favoritismo e ruina. D'ella escreveu o Marquez de Santillana:

> Dios vos fizo sin enmienda,
> De gentil persona é cara,
> E sumando su contienda,
> Qual Gioto no vos pintara.

O Condestavel D. Pedro, durante a Regencia de seu pae, vivia nos seus castellos de Elvas e Marvão, no Mestrado de Christo, entregue aos seus estudos litterarios. Teve repentinamente em Março de 1449 de abandonar Portugal, pelo desastre de Alfarrobeira, onde foi assasinado seu pae pela parcialidade do duque de Bragança e do Conde de Barcellos. D. Affonso V, seu primo, destituiu-o de todos os seus cargos, entregando o

Mestrado de Christo ao Infante D. Henrique. Nas prosas da *Tragedia da insigne Rainha,* allude á situação do Regente: «Aquel que con tanta reverençia e lealtad, con tanto acatamiento, con tanta humanidat despues de puesto las sus manos próprias al su pequeño rey Alfonso en la real silla, por nove años lo crio, en tanta alteza, entre tantas e buenas doctrinas... (p. 58.) Aquel que regio los reynos de los Portuguezes por tanto tiempo con tanta sabieza, con tanta justiçia e clemencia.» Tudo isto foi pago pela execranda emboscada de Alfarrobeira, a que succedeu o requinte da lei malvada de 10 de Outubro de 1449, perseguindo até á quarta geração aquelles que acompanhavam o Infante. Toda a sua familia foi desmembrada. Durante os nove annos de desterro o Condestavel de Portugal procurou consolação das desgraças de seus irmãos, escrevendo varias composições poeticas, que traduzia para castelhano seguindo o gosto allegorico, imitando o *Labyrinto* de Juan de Mena e a *Comedi:ta de Ponza* do Marquez de Santillana. A sua irmã, a rainha D. Isabel, esposa de D. Affonso v, dirigiu a composição allegorica intitulada *Satira de felice e infelice vida,* que declara, na carta que serve de dedicatoria ser «el primero fructo de seus estudios.» Fôra primeiramente escripta em portuguez, mas durante o desterro traduziu-a para castelhano «mas costreñido de la necessidad que de la voluntad.» D'esta obra, guardada na Bibliotheca nacional de Madrid, deu extensa noticia Amador de los Rios, e Octavio de Toledo, achando-se hoje

publicada por Paz y Melia. [1] Por 1457 escreveu outra composição allegorica entremeiada de prosa e verso, *Tragedia de la insigne Rainha D. Isabel*, dirigida a seu irmão D. Jayme, que morreu em Florença, sendo Cardeal-Bispo de Pafos em 1457. Esta obra existe actualmente publicada e commentada pela sapiente romanista D. Carolina Michaëlis. [2] Foi ainda do seu desterro de Castella, quando a rainha D. Isabel, sua irmã, procurava reconcilial-o com D. Affonso v, que elle dirigiu ao monarcha, seu cunhado, as Outavas castelhanas *Del menosprecio é contempto de las cosas formosas del mundo.* Na dedicatoria diz ao rei: «que con graçiosos e amigables oios tu leas los mil versos mios acompañados de algunas glosas: los quales yo caminando por deportar é passar tiempo a la feria pasada de Medina, en mi viaje hove la introduçion e la invencion dellos feriado...» No Catalogo da Bibliotheca do Condestavel de Portugal, publicado por Belaguer y Merino, n.º 82, vem indicado um livro — «intitulat en la cuberta, ab letres dor, *Satira de contento del mundo:* reservat en un stoig de cuyre forrat de drap negre.» Estas cento e vinte e cinco outavas foram duas vezes impressas no fim do seculo xv, sem data, apparecendo nos exemplares

1 *Bibliofilos Españoles*, vol. XXIX: Opusculos literarios de los Siglos XIV a XV.

2 Na *Homenage á Menendez y Pelayo en el año vigesimo de su professorado*, com uma introducção: Uma obra inedita do Condestavel D. Pedro de Portugal. Madrid, 1899.

vistos por José Soares da Silva e por Hain, rubricas manuscriptas, dando-as como impressas «*seis annos* depois que foi achada em Basiléa a Arte da impressão» e «*nove annos* depois de inventada a famosa Arte.» Quando Garcia de Resende no primeiro quinquennio do seculo XVI, publicou o seu *Cancioneiro geral*, n'elle incorporou estas Outavas, attribuindo-as ao Infante D. Pedro, e supprimindo-lhe os commentos em prosa, em que se revela o verdadeiro auctor. Esta errada attribuição prevaleceu na litteratura; e Amador de los Rios justificava-a por uma referencia isolada mostrando que ahi era chamado D. Alvaro de Luna *el Maestre*, Señor d'Esaclona, sendo-lhe dado este titulo em 1445, depois da morte do Infante D. Enrique pelos ferimentos da batalha de Olmedo. (*Hist.*, VII, 75.) Mas em seguida a esta allusão, o poeta falla na morte desgraçada de D. Alvaro de Luna em 1453:

> Mirad el Maestre si vivio penando
> Mirad luego juncto *su acabamiento.*
> (*Est.* 12.)

Por este facto o critico Octavio de Toledo poz em evidencia que o Infante D. Pedro, morto em 1449, não podia ser o auctor das estancias em que se commemorava um acontecimento de 1453. Os commentos em prosa authenticam a composição do Condestavel de Portugal escripta nas fórmas generalisadas por Juan de Mena, e seguindo-lhe o mesmo espirito da historia. D. Affonso V restituiu ao Condestavel D. Pedro o seu mestrado de Christo, e este acompanhou-o á expedição afri-

cana, achando-se com o rei em Ceuta em 1463. Novas fatalidades surgiam, para lhe atormentar a sua existencia contemplativa. Falecido em 1463 o Principe D. Carlos de Viana, tambem como elle grande apaixonado da litteratura, foi-lhe offerecido por uma deputação de Catalães o Principado e Corôa de Aragão. O Condestavel acceitou, partindo logo para Barcelona, vendo-se immediatamente empenhado na lucta que lhe promovia o Princepe Fernando, sendo vencido em Prados d'El rey. Refugiou-se na Catalunha, falecendo em 1469 em Granallers, com quarenta annos de edade. A sua livraria (de 96 volumes) continha obras classicas, poemas italianos e francezes e tratados de moralistas. Era um dos mais illustres espiritos do seu seculo.

O desenvolvimento da poesia palaciana seria um facto inexplicavel, se a creação definitiva do poder monarchico não reduzisse a aristocracia a uma posição subalterna e parasita. Deu-se este phenomeno social no typo da Monarchia franceza, que prevaleceu em Hespanha e Portugal. Depois de atacada a nobreza no seu fôro, primeiramente pelo estabelecimento dos *Livros de Linhagens*, em seguida pela adopção de um *Codigo* ou Ordenação commum; atacada na sua parte vital a propriedade pela *revogabilidade das doações regias*, pela necessidade das *confirmações geraes*, e ainda por essa ficção romana, a *emphyteuse*; reduzida á inactividade por ter acabado a reconquista sobre o poder mussulmano; e privada da acção individual por que a sua justiça arbitraria tomara um caracter abstracto na instituição do *Ministerio pu-*

blico, n'estas condições em que se occuparia a Nobreza? Esgotada nas revoltas contra o poder real ou luctando pelo favoritismo, acercou-se do rei, fez-se palaciana, inventou festas, torneios, divisas, brazões, e para encher os ocios tediosos dos serões do paço fez-se tambem poeta.

O Coudel-mór, dando instrucções a um sobrinho para tratar o paço, recommenda-lhe: «*Apupar* alto lhe rima... E é bom ser rifador...» Passava-se este phenomeno nas côrtes peninsulares; nas côrtes de D. João II, de Castella, de Enrique IV e na dos Reis catholicos floresceram os grandes fidalgos e grandes poetas, como os Marquezes de Vilhena e de Santillana, Hernan Perez de Gusman, os dois Manriques. Em Portugal, nas côrtes de D. Affonso V e D. João II, agrupam-se o Coudel-mór Fernão da Silveira, o Conde de Marialva, Alvaro de Brito, D. João de Menezes. As duas côrtes aproximando-se pelos casamentos reaes, poetas portuguezes figuram com numerosas composições nos Cancioneiros castelhanos, e um grande numero d'elles escreve em castelhano os seus versos. A poesia palaciana, áparte algumas composições allegoricas de um melancholico idealismo, tornou-se exclusivamente pessoal, anecdotica e satirica, procurando, pela erudição, o uso da mythologia classica para dar algum colorido ás apagadas expressões convencionaes. Este genero de poesia, tanto em Hespanha como em Portugal, deu logar á formação dos numerosos Cancioneiros manuscriptos, sendo os principaes o de Ixar, de Stuniga, o Palatino, o de Gallardo e o da Bibliotheca de Paris, vindo o de Hernan

de Castillo por via da impressão a influir no trabalho de Garcia de Resende do *Cancioneiro geral* portuguez, publicado em 1516.

2.º **Formação do Cancioneiro geral.** — Quando Garcia de Resende começou a colligir as poesias da fidalguia portugueza do seculo XV, escrevia, como justificação do seu trabalho: «muytas cousas de folguar e gentylezas ssam perdidas ssem aver d'elas notiçia. E sse as que ssam perdidas dos nossos passados se poderam aver, e dos presentes s'escreveram, creo que esses grandes poetas, que per tantas partes ssam espalhados, nam teveram tanta fama como tem.» Referia-se, como homem erudito, á poesia castelhana, italiana e franceza, cujos exemplares enriqueceram as livrarias de D. Duarte, do Condestavel D. Pedro e de D. Affonso V. Resende accusa essa grande fácula na litteratura portugueza na transição do seculo XIV para o XV. Os desastres da invasão castelhana sob D. Fernando, a que succedeu, sob D. João I, o triumpho de Aljubarrota, a empreza guerreira no norte da Africa iniciada pela conquista de Ceuta, as desgraças da côrte do rei D. Duarte, que não póde libertar seu irmão D. Fernando morto no cativeiro em Fez, o assassinato do Infante D. Pedro, em Alfarrobeira, e a morte mysteriosa de seus filhos D. Isabel, esposa de D. Affonso V, e D. João, rei de Chypre; a perseguição contra o Condestavel D. Pedro, e contra seu irmão D. Jayme, dão-nos um quadro bem sombrio para fundamentar o descui-

do por essas *muytas cousas de folguar e gentylezas*, a cuja perda allude Resende.

Para emprehender a compilação do *Cancioneiro geral* achava-se Garcia de Resende em uma situação privilegiada; entrara muito criança para moço da camara de D. João II, que começou a reinar em 1481. Brilhava a poesia palaciana na côrte dos reis catholicos; a grande importancia que elle via dar no paço á poesia, que formava a parte mais interessante dos serões, levou Garcia de Resende a cultivar tambem a poesia e a sabel-a julgar. O seu talento de musico e desenhador deu-lhe a sympathia do monarcha. D. João II confessara-lhe que a poesia era uma *singular manha*. Na chronica de D. João II, descreve elle este quadro intimo: «E estando uma noite na cama já despejado, me perguntou se sabia as trovas de Jorge Manrique, que começam: *Recuerd el alma dormida,* etc., e eu lhe disse, que sim; fez-m'as dizer de cór, e depois de ditas me disse que folgava muito de m'as vêr saber, e que tão necessario era em um homem sabel-as, como saber o *Pater noster*, e gabou muito o trovar de singular manha, e isto por que eu fiz vontade de o aprender e fazer saber.» (Cap. CC.) Com um caracter jovial fleugmatico, com que respondia aos apodos contra a sua obesidade, estimado pelo monarcha que apreciava as suas variadas prendas, tudo o collocava em condições para obter os pequenos Cancioneiros particulares, os cadernos ou rôlos de coplas avulsas, e constituir com elles um grande *Cancioneiro geral*. Alguns fidalgos, como Jorge de Vasconcellos, pro-

vedor dos Armazens, excusavam-se, não podendo a final resistir á sua insistencia; ou como o Abbade d'Alcobaça, a quem enviara um emissario.

A collecção portugueza, que encerra composições de trezentos e cincoenta e um fidalgos, foi formada ao acaso, sem ordem chronologica, nem de generos poeticos, salvo a parte final reservada a *Cousas de folgar*. Póde comtudo estabelecer-se uma coordenação, localisando pelos Livros das Moradias os poetas palacianos que pertenceram ás côrtes de D. Affonso v, D. João II e que ainda figuraram na côrte de D. Manoel. Os nobiliarios manuscriptos tambem esclarecem os elementos biographicos d'esses fidalgos e as suas frequentes homonymias. Importante para o conhecimento da vida intima da côrte, o Cancioneiro tem alto valor pelas referencias historicas d'esta laboriosa epoca da transformação social que se inicia.

Provavelmente determinou esta colleccionação o certâme poetico que se deu na côrte entre varios poetas que debatiam a questão subjectiva do *Cuydar* e o *Suspirar*, em 1483. A estima que Resende encontrava em D. João II, fez com que pudesse alcançar da Livraria de D. Affonso v, ou de D. Philippa de Lencastre as poucas obras que restavam do Infante D. Pedro, seu pae, e do Condestavel de Portugal, seu irmão. Descrevem-se n'essas composições os grandes successos do tempo, taes como as *festas da Imperatriz*, por occasião do casamento da Infanta D. Leonor com o Imperador da Allemanha em 1451; os *ricos Mômos que o Infante D. Fernando fez* então;

descobre-se ahi o regresso do Condestavel D. Pedro á côrte de D. Affonso v em 1464, nos versos do Coudel-mór «*a el Rei Dom Pedro, que chegando á côrte se mostrou servidor d'uma senhora a quem elle servia.*» [1] Alludem tambem á descoberta da Mina em 1459 e á batalha de Toro em 1474; ás celebres Côrtes de Monte-mór em 1477; á morte de D. Affonso v em 1481, e á morte do Duque de Bragança executado em 1483: «*mas isto veo no tempo da morte do Duque*.» N'este anno se fez o certame do *Cuydar e Suspirar*, imitando as *Côrtes de Amor*. Em uns versos refere Pero de Sousa Ribeiro a grande festa de 1490: «*quando el rei nosso senhor veo de Santyago, que fez o singular Mômo de Santos...*» O torneio e as Divisas por occasião do casamento do principe D. Affonso com uma filha de Fernando e Isabel, em 1491, e a lamentação de Alvaro de Brito pela sua morte desastrosa; o enterro e trasladação de D. João II em 1495, tudo alli pulsa na corda plangente ou chistosa, fazendo do *Cancioneiro geral* um verdadeiro monumento da vida moral da sociedade aristocratica portugueza, no seculo xv. Já n'este Cancioneiro figura *Mestre* Gil Vicente, (Mestre, titulo do graduado em Artes) que entrou no paço como mestre de Rhetorica de D. Manoel. E como na historia tudo é evolutivo, os *Mômos*, *Crisautos*, *Entremezes* e *Dansas de retorta*, da côrte de D. João II, tudo

1 São os versos d'este rei D. Pedro (de Aragão) os que se attribuiram irreflectidamente ao amante de D. Ignez de Castro.

vem integrar-se no genio dramatico de Gil Vicente, como as recordações dos fallados *Serões de Portugal* acordaram o genio lyrico de Sá de Miranda e de Bernardim Ribeiro.

Considerado como obra de litteratura, o Cancioneiro é essencialmente lyrico, de ordinario satirico nos improvisos provocados nos accidentes dos serões do paço. Empregam-se as *Voltas, Villancetes, Esparsas, Apodos, Canções* e *Endechas*; nas composições elegiacas emprega-se a forma estrophica das celebres Coplas de Jorge Manrique. Ha no Cancioneiro Poemetos narrativos ou historicos, endecasyllabos ou endechas, á morte do Principe D. Affonso, e de D. João II, e á tomada de Azamor. Eram puras imitações da forma das *Trezentas* de João de Mena, constituindo um genero usado tambem por Santillana sob titulo de *Lamentações*. Os versos de Garcia de Resende *em fórma de Romance* á morte de D. Ignez de Castro, são tão bellos, que se não existisse o episodio dos *Lusiadas*, seriam a expressão artistica d'essa grandiosa tradição affectiva. Da forma dramatica contém apenas um rapido esboço no *Mômo do Anjo*, feito pelo Conde de Vimioso, quando namorado. A maior parte das composições do Cancioneiro eram improvisos sobre qualquer pretexto para animar os Serões do paço: um poeta propunha um thema em fórma de *Pergunta*, sobre qualquer descuido de uma dama, qualquer trajo menos galante de um cavalleiro, como aconteceu com as ceroulas do chamalote de Manoel de Noronha, ou com a gangorra de solya, ou com os pombos que uma dama atirou

de uma janella; os poetas que entravam no *Apodo* vinham em *Ajuda*, e destacavam-se em duas parcialidades, atacando e defendendo ás vezes em serões successivos. Outras vezes tomava a feição de um processo forense simulado, em que a propria rainha D. Leonor vinha dar a sentença, como succedeu com o apodo feito a Vasco Abul. Resende tambem foi alvo de enormes cargas satiricas a que elle proprio deu publicidade e em que se fixam alguns traços da sua vida. Esta ordem de composições entrou tão profundamente nos costumes palacianos, que difficil foi a introducção dos novos metros da Eschola italiana *petrarchista*, no principio do seculo XVI, oppondo-se obstinadamente ao *dolce stil nuovo* as trovas em redondilhas ou da *medida velha*. Tambem foi essa a primeira maneira dos grandes poetas quinhentistas, ensaiando as azas n'esse *estylo de Cancioneiro*. Entre aquella alluvião de poetas que metrificaram por feição aristocratica, alguns se destacaram, representando com altura esta epoca, como Alvaro Barreto, Alvaro de Brito, Fernão Brandão e Diogo Brandão, Garcia de Resende, e João Rodrigues de Sá, que nas suas *Heroides*, traduzidas de Ovidio, accentua a tendencia erudita dominante.

Embora a principal actividade poetica do seculo XV esteja colligida no *Cancioneiro geral*, muitos Cancioneiros particulares existiram, uns completamente perdidos e outros no esquecimento dos manuscriptos. Além das obras poeticas do Condestavel D. Pedro já estudadas, ha apenas noticia do:

a) *Livro das Trovas de El Rei D. Duarte.* — Sabe-se, pelo *Catalogo dos seus Livros de uso*, achado na Cartuxa de Evora, da existencia d'este Cancioneiro. O rei D. Duarte sabia trovar, como a maior parte dos reis peninsulares, e as suas composições apresentariam pelo seu caracter, uma feição didactica, moralista, com imitações dos *Triumphos* de Petrarcha, e versões dos hymnos ecclesiasticos, como fizera Fernan Perez de Gusman. Perdido o *Livro das Trovas de El Rey*, podemos fazer ideia da sua aptidão poetica, pela versão de um hymno ecclesiastico do seculo x feita a pedido da rainha D. Leonor, sua mulher: «E por que por vosso requerimento tornei em linguagem simplesmente rimada de seis pés de um consoante a Oraçon do *Justo Juiz* Jesu Christo, vol-a fiz aqui screver, a qual pera fazer consoar nom pude compridamente dar sua linguagem, nem a fiz em outra melhor forma por concordar com a maneira e tençon que era feita em latim.» [1] Transcrevemos duas estrophes para conhecer-se a metrificação do poeta:

---

[1] *Leal Conselheiro*, p. 477. Diz o editor: "Fizemos grande diligencia por descobrir esta Oração latina, mas com pesar nosso a não pudemos enconseguir; etc." Tivemos nós essa ventura; é um hymno latino do seculo x do Ms. n.º 30 da Academia de Historia de Madrid, publicado por Helffrich e de Clermont, no *Aperçu de l'Histore des Langues Neolatines en Espagne*, *p. 48*. — João de Barros, na *Compilação de Obras varias*, p. 55, traz uma versão em prosa.

Justo Juiz Jesu Christo
Rey dos Rex e boo Senhor,
Que com Padre regnas sempre
Hu he d'ambos hun amor;
Praza-te de me ouvir,
Pois me sento peccador.

Tu, que do ceeo descendiste
En o ventre virginal,
Hu tomando logo carne
Livraste o segre de mal
Por teu sangue precioso
De perdiçom eternal... [1]

Tambem existem algumas Outavas em endechas, na forma castelhana, com *Preceitos contra a peste*. Dominava nas litteraturas o fervor das traducções dos poetas gregos, latinos, italianos, inglezes e francezes; é de presumir, que a tendencia erudita de D. Duarte o levasse a exercer n'este campo a sua pericia metrica. Existiriam n'esse *Livro das Trovas* composições lyricas de seu irmão o Infante D. Pedro, de que mui pouco resta, e que elle tanto admirava.

b) *Cancioneiro portuguez.* — Falla d'este livro Gil Vicente, citando composições que se não encontram no Cancioneiro geral; o que leva a inferir ser uma collecção independente. N'este Cancioneiro escreveu um poeta de Thomar, chamado Affonso Lopes Sampaio, este rifão:

---

1 Eis a primitiva fórma latina:

Justus judex Jesu Christe, regum rex et domine,
Qui cum Patre regnas semper, et cum sancto flamine
Te digneris preces meas clemente suscipere.
Qui de cœlis descendisti Virginis in uterum,
Inde summens veram carnem visitasti sæculum,
Tuum plasma redimendo sanguinem per proprium...

Matou-me moura e não mouro,
E quem m'a lançada deu
Moura ella e mouro eu.

Trovando sobre este versos, traz Gil Vicente a rubrica: «Affonso Lopes Sampaio, christão novo que vivia em Thomar, fez um rifão, que andava no *Cancioneiro portuguez;* ao rifão se fizeram muitas trovas e boas. Pediu o Conde do Vimioso a Gil Vicente que fizesse tambem e elle fez esta trova.»

c) *Cancioneiro portuguez da Bibliotheca de Madrid.* — Fez o hespanhol D. José Thomaz, em 1790, descripção d'este codice, contendo: «obras burlescas na lingua portugueza, recopiladas segundo parece no *seculo decimo quinto.* Comprehende 96 folhas de folio, e ainda é maior o numero dos auctores de poesias n'elle conteúdas, as quaes são todas coplas reaes, compostas de duas redondilhas de cinco versos cada uma, outra de quatro: algumas mixtas; poucos villancicos e redondilhas de quatro versos com alguns tercetos. A maior parte dos versos são dos que chamamos de redondilha menor ou de seis syllabas, e se encontra frequentemente o verso quebrado.» Será este Cancioneiro esse referido por Gil Vicente. Bem merecia ser copiado para a Bibliotheca nacional ou para a Academia real das sciencias.

d) *Cancioneiro do Abbade D. Martinho.* — Quando Garcia de Resende colligia materiaes para o *Cancioneiro geral,* soube d'esta compilação e desejou exanimal-a para extractar algumas composições. Assim o revela Resende em uma: «Trova sua a Diogo de Mello, que partia

de Alcobaça, e havia-lhe de trazer de lá um *Cancioneiro* d'um Abbade que chamam Frey Martinho:

> Decoray pelo caminho
> té chegardes ó Mosteiro,
> qu' hade vir o Cancioneiro
> do Abbade frey Martinho.
>
> *(Can. ger.,* III, 634.)

e) *Cancioneiro de D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva.* — No fim do seculo XVI apparece pela primeira vez uma referencia a este Cancioneiro, por Frei Bernardo de Brito, a proposito da transcripção das trovas ou Canção do *Figueiral:* «E porque em materias onde faltam auctores vale muito a tradição vulgar, e as cousas que antigos traziam entre si como authenticas e verdadeiras e as ensinavam a seus descendentes nos *Romances* e *Cantares* que então costumavam, porei parte d'aquelle cantar velho que vi escripto em um *Cancioneiro de mão, que foi de Dom Francisco Coutinho, Conde de Marialva,* o qual veiu á mão de quem o estimava em bem pouco...» *(Monarch. Lusit.,* fl. 296, 1609.) E accrescenta: «e *depois ouvi cantar na Beira a lauradores antigos com alguma corrupção...*» De facto essa melodia foi transcripta no Cancioneiro, d'onde a extrahiu em 1855 em Barcelona, D. Marianno Soriano Fuertes, publicando-a na sua *Historia de la Musica en España.* Em que consistiria a corrupção notada na tradição oral? Da sua forma dansada em côro de *estavillar,* passou para a cantilena em verso de redondilha maior assonantada, que é

como ainda hoje se repete no Algarve. Concorda com o que d'esta Canção escreveu no fim do seculo XVI Miguel Leitão de Andrade, na sua *Miscellanea:* «A qual me lembra a mim ouvil-a cantar muito sentida, a uma velha de muita edade natural do Algarve, sendo eu muito menino.» (Nascera em 1555.) Além das *Trovas dos Figueiredos*, publicou Miguel Leitão na *Miscellanea* (p. 458 e 460) duas *Cartas de Egas Moniz Coelho* a sua dama, e as Outavas da *Perda de Hespanha* (ib., p. 456) sem declarar que eram extrahidas do Cancioneiro de D. Francisco Coutinho, quando as intercalou no meio de uma novella. Frei Bernardo de Brito, publicou na *Chronica de Cistér* (Liv. VI, c. 1) os *Versos a Ouroana,* tambem sem tornar a referir-se ao Cancioneiro do Conde de Marialva. Como verificar este conteúdo? O Cancioneiro só torna a apparecer citado no fim do seculo XVIII pelo erudito academico Dr. Antonio Ribeiro dos Santos, *Elpino Duriense*, referindo-se ás supra-mencionadas composições:

— *Cancioneiro do Doutor Gualter Antunes.* — «Vimos em tempos passados um *Cancioneiro Ms.*, que parece letra do seculo XV, em que se tratavam *Louvores da Lingua portugueza*, em que vinha esta *Canção de Hermingues* (a Oriana), o fragmento do *Poema da perda da Hespanha*, e as duas *Cartas de Egas Moniz*, com as Cantigas de *Goesto Ansures* (Figueiral), e com variantes em alguns termos que iremos notando em seus logares competentes: este codice era da escolhida livraria do Doutor Gualter Antunes, erudito cidadão da cidade do Porto, que nol-o mostrou e d'elle

copiamos as ditas obras.» As *variantes* foram notadas confrontando as lições conhecidas pelos textos do seculo XVII, de Fr. Bernardo de Brito e Leitão de Andrade. Por este processo ficou identificado o Cancioneiro do Dr. Gualter Antunes, ms. do seculo XV, com o Cancioneiro de D. Francisco Coutinho pelo sabio philologo Dr. Antonio Ribeiro dos Santos. [1] Contra esta identificação oppõe D. Carolina Michaëlis um reparo infundado: «Mas esse volume (Ms. Gualter) era um opusculo em prosa portugueza, entremeado de documentos illustrativos, entre os quaes avultava uma d'essas cinco reliquias.» Encontravam-se ahi as cinco peças vulgarisadas no seculo XVII, e outras composições em verso, com transcripção de musica, o que bastava para denominar esse manuscripto do seculo XV um Cancioneiro. Como se pode affirmar isto, depois d'este dado fornecido pelo Dr. Ribeiro dos Santos: «Por morte do Doutor Gualter Antunes não sabemos onde foi parar com os mais Mss., livros e preciosidades do seu precioso gabinete.» Em 1855, D. Marianno Soriano Fuertes, publicando a sua *Historia de la Musica en España*, indicava a pista d'este Cancioneiro: «Para dar alguma ideia da poesia portugueza no seculo XII (!) e principios do seculo XIII, copiaremos uma Canção extractada de um *Cancioneiro antigo, que foi de D. Francisco Coutinho*, Conde de Marialva.» E a Canção que transcreve é effectiva-

---

1 Mss. Vol. VIII, p. 233-251. (Na Bibliotheca nacional).

mente em velho portuguez, e acompanhada de musica; começa:

> A Reyna groriosa
> tan é de gran santidade,
> que con esto nos defende
> do demonio de sa maldade;
> e tal razon com'esta
> um miragre contar quero,
> que fez a Santa Maria,
> aposto e grande e fero,
> que nom foi feito tan grande
> ben des lo tempo de Nero,
> que emperador de Roma
> foi d'aquella gran cidade...»

Esta cantiga foi apontada por Amador de los Rios como pertencente a Affonso o Sabio; e de facto no livro das *Cantigas de Santa Maria*, publicado pelo Marquez de Valmar tem o numero LXVII. Soriano Fuertes ignorava a sua preciosa e authentica origem, o que mais valorisa a transcripção, bem como a sua melodia. [1] D'esse mesmo Cancioneiro, que tinha mais do que os Louvores da lingua portugueza, transcreveu a Canção do

---

1 D. Carolina Michaëlis, querendo invalidar esta descoberta do Cancioneiro de D. Francisco Coutinho, fórça a nota ironica: "Parece todavia que resurgiu no nosso seculo, momentaneamente em Barcelona apparecendo a um musicographo privilegiado. Creio que em sonhos! Soriano, cujos juizos em materia litteraria são de uma leveza inaudita, diz ter colhido no Cancioneiro do Conde de Marialva uma cantiga do seculo XII ou XIII. E communicou-a com a notação egual á que se vê nas Cantigas de Affonso o Sabio. Isto não admira visto ser de facto obra do proprio rei, colhida em qualquer apographo secundario.» Em 1855 ainda não estavam publicadas as *Cantigas de Santa Maria*, e Soriano transcreveu essa de um apographo, que era o Cancioneiro de D. Francisco Coutinho.

Figueiral, tambem com a musica que ahi estava notada: este facto identificava decisivamente o Cancioneiro do Dr. Gualter Antunes com o de D. Francisco Coutinho. Para invalidar este facto, oppõe D. Carolina Michaëlis, depois de ter dito que Soriano Fuertes vira *em sonhos* o Cancioneiro, uma hypothese gratuita: «O texto tirou-o evidentemente da *Monarchia lusitana*.» E a musica que acompanhava a Canção? Convencida de que o Cancioneiro foi visto em sonhos pelo musicographo hespanhol, condemna os textos do Codice do fim do seculo XV como fabricação litteraria do seculo XVII: «O romance (do apparecimento) emparelha provavelmente com as mesmas reliquias da arte nacional, em prosa e verso, que appareceram no tempo das mudanças maravilhosamente a ponto para fornecer certas patranhas e doutrinas historicas, genealogicas e litterarias, então em moda.» *(Canc. Aj.*, II, 268.) Quer referir-se ao *tempo das alterações*, depois da pêrda de Alcacer-kibir, em que se simularam satiras e prophecias, em um fervoroso *apocryphismo*. Nos fins do seculo XV é que irrompeu o apocryphismo litterario, iniciado por Anio de Viterbo revelando Annaes egypcios e chaldeus, e dando logar em Hespanha á eschola pseudo-erudita dos falsos Chronicões, com um syncretismo de lendas do cyclo troyano e de poemas arabes. O Cancioneiro de D. Francisco Coutinho não era *trobadoresco*, mas uma miscellanea, como reconheceu a illustre critica: isto explica o *apocryphismo* de algumas das composições colligidas, cujo valor consiste n'esta caracteristica do seculo XV. O que é in-

acceitavel por absurdo, anachronico e estupido, são as circumstancias que revestem essas composições, marcando-lhes phantasiosamente épocas, personagens, auctores e situações historicas. João Pedro Ribeiro, o fundador da diplomatica portugueza, rejeitou em bloco tudo isso, envolvendo as composições, sem lhes determinar a fórma litteraria, que revelaria um *apocryphismo* do seculo xv, com certo valor artistico. Ribeiro dos Santos fez o exame dos vocabulos, para determinar o seu valor archaico, sem notar que se simula antiguidade com palavras obsoletas. Não era esse o verdadeiro criterio para apreciar as cinco composições do Cancioneiro de D. Francisco Coutinho, que se vulgarisaram avulsas no seculo XVII, apenas pelo espirito de compilação curiosa. Consideremol-as á luz do *apocryphismo* do seculo xv, que immediatamente se verifica:

Fragmento do Poema da perda de Hespanha. — São quatro outavas em endechas, ou de gaita gallega, fórma já usada por Affonso o Sabio, mas posta em voga por João de Mena, no meado do seculo xv, nas suas *Trezentas* em bellas narrativas historicas. Esta fórma foi empregada nas narrativas historicas do Cancioneiro de Resende, e ainda pelo chronista João de Barros, fazendo um esboço da Epopéa portugueza. O thema da invasão de Hespanha vulgarisou-se com todo o impressionismo da lenda poetica, desde que Pedro del Corral, publicou em 1443 a *Cronica Sarracina*, e a *Cronica del Rey D. Pedro con la Destrucion de España;* elle emprega tiradas da *Cronyca Troyana*, e lances tomados do *Amadis*. O

nome de *Cava,* (do arabe *Cabha,* rameira) filha de D. Faldrina, irmã de D. Opas, muda-se no de Florinda na *Verdadeira historia de D. Rodrigo*, por Miguel de Luna. [1] O nome de *Miramolim* (Emir el mumenin) só foi usado do seculo XII por diante. Essas quatro Outavas eram uma *Lamentação da perda de Hespanha*, segundo o genero de *Lamentação*, de que falla o Marquez de Santillana, das luctas politicas do reinado de D. Juan II e Enrique IV.

Canção do Figueiral. — Desprezadas as circumstancias de que Frei Bernardo de Brito cercou este cantar velho, e o nome de Goesto Ansures, fica uma Canção bailada, ligada a um episodio da lenda de *Tristão* da novella do seculo XIII e XIV. E podemos mesmo consideral-a um Lai primitivo do perdido texto do *Tristão portuguez*. Outros Lais de Tristão, foram colligidos muito deturpados no Cancioneiro Colloci Brancuti. Não será o do Figueiral um d'esses que pela melodia tradicional se conservou por seu turno no Cancioneiro de D. Francisco Coutinho? A lenda do *Tributo das Donzellas*, pago a Morhouet da Irlanda, foi transformada no Peyto burdelo que recebia Mauregato, servindo o milagre da sua libertação para fundamento do

---

1 Estas Chronicas são paraphrases da *Cronica de D. Rodrigo* anonyma, onde se agglomeraram as tradições da Torre ou Cova encantada de Toledo, os amores da Cava e a Penitencia do Rei Rodrigo. Pedro del Corral tambem se serviu amplamente da *Chronica do Mouro Rasis* (Ahmed-Ar-Rasi) na "traducção castelhana do seculo XIV *fundada sobre outra portugueza* feita pelo mestre Mohamed e o clerigo Gil Pires.» (Pelayo, *Origines*, p. CCCLV.)

Censo ou Votos de San Thiago. Antes da Novella de *Tristão*, a lenda do Tributo das Donzellas derivava do mytho dos Dragões, a quem se pagavam Donzellas, que os heroes, como personificação solar, resgatavam. O mytho dissolveu-se em lenda épica e novellesca, e tambem agiologica. Vemos esta transição no Lai de *Guingamor*, a que Affonso o Sabio deu forma de lenda, conhecida em Portugal no enlevo de um monge de Villar de Frades. Tambem o Lai do *Figueiral* apparece na lenda agiologica de San Thiago libertando as Donzellas, na tradição de Simancas, Veiga de Carrion, lenda heraldica dos Queiroz, de Betanços ou Peito Burdelo, em Hespanha; e em Portugal, Figueiredo das Donas, em Vizeu, Alfandega da Fé, Castro Vicente, Chacim e Balsemão. Foi o interesse clerical que propagou a tradição novellesca dando-lhe feição agiologica. E' absurdo desprezar uma Canção novellesca propagada no fim do seculo XIV, e que mão piedosa colligiu, a par de uma Cantiga de Affonso o Sabio, em um Cancioneiro do fim do seculo XV.

As duas Canções de Egas Moniz. — Appareceram pela primeira vez publicadas por Leitão de Andrade, attribuindo-as gratuitamente a um cavalleiro da côrte de D. Affonso Henriques; pela fórma poetica, vê-se que essas quadras com dois versos de redondilha maior, com quebrados de redondilha menor, foram empregadas pelo Arcediago de Toro no fim do seculo XIV, não apparecendo nos Cancioneiros trobadorescos portuguezes dos seculos XII a XIV; pela linguagem intencionalmente de uma rudeza archaica, conhece-se uma

intenção satirica (como na *Gesta de mal dizer)*. Esse Egas Moniz, em nome do qual se fez a Canção, é um fidalgo do fim do seculo XIV, que atraiçoou D. João I, passando-se para Castella, — como diz a Cantilena: «Cambiastes a Portugal — Por Castilla...» Pela *Pedatura lusitana* (III, fl. 7.) era filho de Pero Coelho; «casara com D. Maria Gonçalves Coutinho, filha de Gonçalo Vaz Coutinho, d'onde procedem os Condes de Marialva.» Restituidas as circumstancias lendarias aos seus residuos de verdade, as duas Canções, como do seculo XV, certo que João Pedro Ribeiro com todo o seu rigor diplomatico as apreciaria como documento litterario da *Eschola gallaico-portugueza,* em que escreviam Pero Gonzalez de Mendoza e Gomez Manrique.

— *A Canção de Ouroana.* — Publicada por Frei Bernardo de Brito na *Chronica de Cister* (p. 713) acceitamol-a por existir no Cancioneiro do Dr. Gualter Antunes, onde a leu o Dr. Antonio Ribeiro dos Santos em grande estado de deturpação. Desprezemos todas as circumstancias e attribuições phantasiosas do chronista, que sendo bom poeta, poderia, com o seu intuito apocryphista dar-nos uma Canção legivel. Mas d'essa mesma deturpação se tira uma certa luz. A Canção dirige-se a *Ouroana,* nome da amante de Amadis de Gaula, celebrada no seculo XV por D. Alonso de Cartagena, e sendo thema de melodias ou *Chacones.* [1] O rapto de Oriana salva

---

1 No Catalogo da Bibl. de Musica de D. João IV, cita-se: *Triumpho de Oriana,* a 5 e 6 vezzes, de Michel Est, e outros.

por Amadis do poder do Magico Archeláo teria sido o thema de uma das Canções perdidas da novella na sua forma portugueza. A Canção de João Lobeira explica estas perdas. Até aonde se degradam os versos intercalados na musica, vê-se no Cancioneiro de Barbieri, do seculo XV. Na Canção a Ouroana cita-se a fórma da Chacone, ainda no seculo XVI commum á Italia e Hespanha, e em Portugal existe a *Chacoina* no povo de Friellas, e a *Chacoula* no Alemtejo.

Dos Cancioneiros trobadorescos portuguezes até ao *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende vae um grande hiato, um vacuo, que em parte pode ser preenchido pela ennumeração dos poetas portuguezes que figuram nos vastos Cancioneiros hespanhoes, e pela somma espantosa de Motes velhos, Cantigas, Esparsas, Dizeres, que passaram para a geração quinhentista, e que lhe suscitaram a delicada sentimentalidade, ou sustentando a resistencia dos poetas da medida velha.

3.º **Existencia de um elemento popular.** — No seculo XV, como observou Gaston Paris, floresceu subitamente na Europa a poesia popular na sua forma lyrica e épica; são os *Romances velhos* em Hespanha, as *Aravias* em Portugal, as *Canzone* e *Stramboti* italianas, os *Gwerziou* na Bretanha, as *Ballads* na Inglaterra e Escocia, os *Volkslieder* na Allemanha, as *Chansons à toile* na França, e os *Kampviser* scandinavos. Correspondia este facto a uma transformação social, em que as classes servas da Edade média eram um terceiro estado que se integrava entre os po-

deres da nação, tal como escrevia um embaixador de Veneza: «*che per voce commune si puo chiamare popolo.*» E emquanto a aristocracia ou o elemento *courtois* e a Egreja ou o elemento *clercois*, se confinavam em uma erudição morta, em um separatismo degenerescente, o elemento *popular*, constituindo a classe média productora e numerosa, inspirava-se da realidade da vida, que lhe sorria, aspirava a uma nova ordem social. O desenvolvimento litterario da lingua portugueza e a exagerada cultura latina dos seus escriptores determinam o afastamento do povo; a litteratura, como a planta fóra do humus fecundo, desde que se não alenta na tradição nacional estiola-se procurando a luz nas correntes do gosto por uma imitação submissa. Assim nos aconteceu com o *castelhanismo*. O povo portuguez, que pela sua organisação social em *Behetrias* se elevou muito cedo á unificação nacional, possuia caracteres accentuados de individualidade, tinha costumes idealisaveis, festas, cantos e tradições maravilhosas, como a das *Ilhas encantadas*. Tudo nos indica, que essa crença veiu excitar a imaginação dos navegadores portuguezes no seculo XV, levando-os á exploração do oceano Atlantico, do *Mar Tenebroso* dos antigos. Nas celebres viagens do Barão de Rosmital, de 1465 a 1467, vem descripta a sua digressão em Portugal, e ahi aponta a narrativa de uma *Ilha encantada* a que aportaram os navegadores portuguezes: «que um dos reis de Portugal mandara construir navios e os enchera de todas as cousas necessarias, e puzera em cada navio doze escreventes, provendo-os

de viveres para quatro annos, para que d'aquelle logar navegassem pelo espaço de quatro annos até o mais longe possivel, e lhes mandou escrever o que vissem, os paizes desertos a que chegassem, e finalmente os contratempos que no mar experimentassem. Estes, portanto, segundo nos foi contado, tendo sulcado o mar pelo espaço de dois annos completos, chegaram a umas certas trévas, das quaes sahindo, passado o espaço de duas semanas aportaram a uma ilha. Alli, chegados os navios á praia, tendo desembarcado, encontraram debaixo da terra casas construidas, abundantes de ouro e prata, das quaes comtudo não se atreveram a tirar nada.» A lenda contada pelo viajante Rosmital, é muito dramatica e extensa, tendo recebido outras redacções curiosas em differentes epocas. A crença popular das *Ilhas empoadas* (Ilhas brancas) é alludida por Gil Vicente e D. Francisco Manoel de Mello, e segundo os crédulos ainda se avistam dos Açores e das Canarias.

Refere-se tambem Rosmital ás Endechas, ou *Clamores* e *brados* sobre finados, que se prohibiram no tempo de D. João I: «Ha tambem alli certa costumeira: morrendo alguem, levam para a egreja vinho, carne, pão e outras comidas; os parentes do morto acompanham o funeral vestidos de roupas brancas proprias dos enterros, com capuzes á maneira dos monges, com o qual se vestem de um modo admiravel. Aquelles porém, que são assalariados para carpirem o defuncto vão vestidos com roupa preta, e fazem um pranto como o d'aquelles que entre nós pulam de con-

tentes ou estão alegres por terem bebido.» Estes costumes denunciam a vitalidade de uma poesia popular semelhante aos *Aurusta* de Bearn, aos *Areytos* hispanicos, aos *Tribuli* e *Vocero* da Italia e da Corsega. Encontram-se na *Chronica dos Carmelitas* do P.e Pereira de Santa Anna, as Cantigas que o povo de Lisboa entoava na sepultura do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, com que perpetuavam a memoria do santo guerreiro na tradição nacional; pela Paschoa florida vinham as mulheres cantar-lhe varias seguidilhas sobre a sua sepultura; e os moradores do Restello pela segunda outava do Espirito Santo, e os moradores de Sacavem pelo seu anniversario. Já em vida, á porta do Convento onde o Condestavel se recolhera, vinham os pobres saudal-o como santo em sinceras cantilenas. Por differentes chronicas se encontram intercaladas cantigas do povo, pelo seu espirito epigrammatico, e grande parte d'ellas serviram como *Motes velhos* nas trovas dos Cancioneiros, e foram glosadas pelos genios lyricos do seculo XVI, salvando-se algumas entre as composições melodicas dos contrapontistas. Contra a Canção popular no seculo XV prevalecia a Canção allegorica dos poetas palacianos; contra o Romance ou canção narrativa deblaterava com desprezo a erudição dos humanistas. Assim o Marquez de Santillana, na sua Carta ao Condestavel de Portugal, com a auctoridade do seu talento e grande saber, soltava esta condemnação: «Infimos son aquelles poetas, que sin regla ni cuento facen aquelles *Cantares* e *Romances* de que la gente baja e de servil con-

dicion se alegra.» Era o grito de separação entre os escriptores e o povo, que ia caracterisar a Renascença no seculo XVI. Mas apesar de todo esse desprezo os Romances tradicionaes tinham raizes fundas, e mesmo nas Côrtes foram glosados e reelaborados. No Cancioneiro de Resende allude-se a dois romances *Nunca fue pena maior*, e a *Bella mal maridada*. No seculo XV cantava-se o romance dos amores do rei D. Fernando com a mulher de João Lourenço da Cunha, conservado entre os Judeus do Levante; romances populares sobre os amores de D. Ignez de Castro foram assimilados por Garcia de Resende e accommodados em varios romances anonymos castelhanos e catalães; as aventuras veridicas dos amores de D. Pedro Niño com a princeza D. Beatriz deram motivo para o romance do *Conde Ninho* (Olino); existem colligidos os romances á morte do princepe herdeiro de Castella, D. João, e do Princepe D. Affonso de Portugal, em 1491, com toda a energia pathetica da alma popular. Observa Menendez y Pelayo, sobre a transformação dos Romances populares: «E' certo que quasi todos os Romances que chamamos *velhos*, adquiriram no seculo XV a fórma que ainda conservam, ou como mais proxima a ella; porém é rarissimo, principalmente os *historicos* (que são o nervo da nossa poesia popular e o mais caracteristico d'ella) aquelle que não tenha origens muito mais remotas e possa suppôr-se então composto pela primeira vez.» (*Antol.*, v. p. XVII.)

Nos romances tradicionaes portuguezes notam-se duas fórmas de *versificação*: o metro *qui-*

nario, de redondilha menor, que prevaleceu até ao seculo XV, emquanto o romance foi dansado e cantado, a que o Chanceller Ayala chamava *Versetes de antiguo rimar*; e o metro octonario ou de redondilha maior, que prevaleceu do seculo XV em diante, quando os romances separados da dansa e da musica, como exclusivamente narrativos eram *resados* (recitados). Esta forma facil e espontanea facultou aos eruditos a transformação dos *romances* velhos no thema, mas actualisados ao seculo XV, glosados e parodiados, até se tornarem subjectivos. O nome de Romance, que para os eruditos significava a linguagem vulgar, tambem designava esses Cantares *sin regla ni cuento*, deprimidos por Santillana; o povo, que conservava oralmente o seu thezouro tradicional, dava-lhe o nome de *Aravias*. As populações portuguezas confinadas nos Archipelagos da Madeira e dos Açores desde o meado do seculo XV, conservaram na mais estupenda integridade o grande romanceiro tradicional tal como existia na peninsula hispanica n'essa epoca; basta vêr os mais completos paradigmas dos Açores e Traz-os-Montes, com os fócos tradicionaes das Asturias e da Catalunha, estendendo as comparações para os cantos da França meridional e da Alta Italia. E este fundo poetico portuguez ainda se enriquece com os Cantos tradicionaes dos Judeus portuguezes, que se refugiaram no Levante.

Nas Memorias avulsas de Santa Cruz de Coimbra, lê-se: «E este Mem Moniz era muy ardido cavalleiro e sabia mui bem falar a *ara-*

via...» [1] No seculo XV os poetas do Cancioneiro de Resende empregavam a palavra *aravia* para designar a falla do vulgo, nos seus ditos e chascos:

> D'estas novas nom dou mais,
> porque será demasia,
> querer falar *aravia*
> com vos que a ensinaes.
>
> (*Canc. ger.*, II, 300.)
>
> Dois pontinhos de *aravia*.
>
> (*Ib.*, 130.)
>
> E falla mil *aravias*...
>
> (*Ib.*, III, 186.)
>
> Pareceys por *aravia*,
> grande couvão de vesugos...
>
> (*Ib.*, III, 617.)

Coincide o emprego d'esta palavra com a designação açoriana de *Aravia*; nas colonias hespanholas de Mexico tambem se encontra o nome de *Yaravi* designando cantares heroicos em versos octosyllabicos assonantados. O missionario Acosta, na *Historia natural da India*, referindo o gosto dos mexicanos pela musica, e da vantagem que d'isto se tirava para a catechese, diz: «Tambien han puesto en su lingua composiciones y tonadas nuestras, como de Canciones, de Romances de redondilhas; y es maravilla quan bien los toman los indios y cuanto gustan.» (*Op. cit.*, p. 47.) Eis aqui uma evidente connexão entre a *Aravia* açoriana e a *Yaravi* mexicana, reportando-nos a um fundo ethnico commum a Portugal e Hespanha entre a população mosarabe. O romance po-

1 *Port. Mon.* (Scriptores) I, p. 28.

pular chegou a ser desconhecido pelos escriptores, mas não se obliterou na tradição portugueza, considerada pelos folk-loristas como a mais archaica e bella da Europa. E' para notar, que na invasão do *castelhanismo* na litteratura portugueza do seculo XVI, os escriptores que crearam os Autos populares, nacionalisando o theatro pela representação dos costumes, intercalaram com significativa graça muitos romances tradicionaes que andavam na versão oral antes da publicação das collecções castelhanas. O theatro portuguez esboçava-se no seculo XV sobre os elementos sociaes da Edade média. Uma grande parte dos costumes portuguezes ainda hoje nos apresenta fórmas dramaticas, como os Descantes das *Janeiras*, das *Maias*, dos Colloquios da *Lapinha* ou Presepios, e muitos actos da vida usual, como as malhadas do centeio no Minho, a apanha da azeitona no Alemtejo, e o enterro das Séstas, a festança da obra nova ou páo de fileira, terminando com paradas e apódos satiricos. No seculo XV encontram-se muitas referencias a divertimentos theatraes: lê-se no *Leal Conselheiro* do rei D. Duarte: «em tal maneira que nom pareça que os *albardañes* teem mais sabedoria que nós, porque elles nom se trabalham *d'arremedar as estorias milhores*, mas que lhe som mais convenientes. Pois estas cousas taes esguardará o *albardam* na zombaria, e nom as veerá o homem sabedor en sua vida...» *(Op. cit.*, p. 321.) Esta palavra empregada pelo Arcipreste de Hita, é por Gil Vicente transformada para exprimir a sua predilecção pelos divertimentos dramaticos, dando-se

figuradamente por filho de um *albardeiro*. No Cancioneiro geral Alvaro de Brito, em 1496, allude a uma forma theatral:

> *Estudantes prégadores*
> metem Santas Escrituras
> em Sermões;
> derivados em amores,
> fazem de falsas feguras
> tentações.
>
> (*Canc. ger.*, I, 189.)

Em uma carta de perdão de D. João II, de 23 de abril de 1482, esclarece-se este costume de que fôra accusado o estudante prégador Rodrigo Alves, escollar de Artes, morador em Setubal, tendo sido prezo por andar «prégando como o italião, e remedava Judeus em maneira de capellão e arrabi, e dezia *Da-lhe, da-lhe*, a que respondia o Juiz e tabelliães e alcayde em som de missa, e que dezia uma paixom de um Frade e de uma Freira e um Veredyno (*vére dignum*) de um Crerigo que roubarom em um caminho, e se acabava em uma voce: *Bibamus*...» E' um completo repertorio bazochiano. Gil Vicente, que se graduou Mestre em Artes, pertencera na epoca dos seus estudos a este elemento escholaresco. Tudo o impellia para a creação do theatro nacional. A forma aristocratica do theatro estava tambem esboçada no seculo XV. No Archivo da Camara do Porto acham-se os recibos da despeza feita pelo Concelho da Cidade para o *Tablado e com os que tangeram nas Matinadas*, por occasião do baptismo do Infante D. Henrique de 20 a 22 de Outubro e de 7 a 8 de Novembro da éra de 1432.

(*Perg. Liv.* 3.º, da fl. 40.) Nas festas do paço tambem se usavam *Mômos* e *Entremezes;* pelo casamento da Infanta D. Leonor ficaram na memoria os que então se fizeram:

> Eram vossos tempos *Autos*
> *nas festas da Imperatriz.*
> (*Canc. ger.,* fl. 47 ̄V.)

Duarte de Resende e Alvaro de Brito fallam nos *novos entremezes;* no casamento do principe D. Affonso, em 1491, fizeram-se em Evora *Mômos,* em que tomou parte D. João II *envencionado em Cavalleiro do Cisne.* No Cancioneiro geral ha referencia ao *singular Mômo de Santos.*

O theatro hieratico era tambem dramaticamente suggestivo: certas commemorações historicas foram celebradas com Procissões, como as quatro de Corpo de Deus, ordenadas por D. João II, além da instituição da Eucharistia no dia do milagre da cêra, em vespera de Santa Maria de Agosto pelo vencimento da batalha real, e no dia da victoria de Toro e Samora. Para se vêr definida a fórma dramatica basta transcrever do regimento d'essa procissão: «Os homens d'armas, estes todos bem armados sem nenhuma cobertura, e com as espadas nuas nas mãos, e levarão *San Jorge muy bem armado com page e uma Donzella, para matar o Drago.*» Os grandes descobrimentos maritimos do fim do seculo XV crearam uma effectiva riqueza publica, que, ampliando as relações da vida civil, proporcionaram o desenvolvimento da arte e litteratura no grandioso seculo quinhentista.

§ II

As Novellas portuguezas da Tavola Redonda e do Santo Graal

Os romances da Tavola Redonda franceza, fundados sobre antigos poemas anglo-normandos de base gaëlica, foram os que mais se prestaram ás adaptações portuguezas no fim do seculo XIV. Na sua fórma mais primitiva, quando os Lais narrativos se desenvolviam em poemas, era o *Amor* o sentimento exclusivo que movia os Cavalleiros nas suas emprezas, segundo o genio britonico; no seu desenvolvimento pelos troveiros normandos prevaleceu a *Cortezia*, sendo o amor e o valor apenas os recursos ou estimulos para fazer brilhar esse cerimonial ou culto externo da galanteria. Esta feição é que no seculo XV fez que nas Côrtes fossem apreciadas as Novellas cavalheirescas, dando-lhes um novo alento não de invenção mas de estylo na sua prolixidade rhetorica. O advento do Mestre de Avis ao throno de Portugal, se representa o momento historico em que a nacionalidade teve a consciencia da sua soberania, assignala tambem a elevação de um obscuro bastardo á realeza, que para a conservar não se peja de sacrificar um povo livre á dependencia de um alliado protector. D. João I mudou a politica seguida por D. Affonso IV e D. Fernando para com a Inglaterra, pela Convenção de Londres de 9 de Maio de 1386, obrigando Portugal a servir a Inglaterra com armas e galés á

sua custa, para assim lhe garantirem o throno. Os chronistas d'este reinado calaram a Convenção, hoje conhecida pelas *Foedera* de Rymer, pela qual se explica o pensamento politico proseguido por outros bastardos seus descendentes. Não só pela vaidade de uma realeza recente como pelo casamento com uma filha do Duque de Lencastre, D. João I deu todo o relêvo á sua côrte por exageração de fórmulas cavalheirescas. As Novellas cavalheirescas, como em um pre-quixotismo, pautavam a vida palaciana. O Infante D. Pedro, mandando compilar as Ordenações Affonsinas, fez ahi introduzir o *Regimento de Guerra*, em que minuciosamente se reproduzem as ceremonias da investidura dos gráos da Cavalleria com o ritual da epoca das cruzadas. Os Poemas da Tavola Redonda, communicados pelo séquito de D. Phillippa de Lencastre e relações com a côrte ingleza, eram lidos com fervor pelos cavalleiros dedicados á nova dynastia e o proprio D. João I tratava os cavalleiros no cêrco de Coria, pelos nomes dos companheiros do bom Rei Arthur, que com elle se sentavam á Meza Redonda. O prurido cavalheiresco era extemporaneo, mas acirrado pelas Novellas de cortezania; o Condestavel D. Nuno Alvarez Pereira imitava a virgindade heroica de *Galaaz* que tomava para modelo das suas acções. Esta phase das Novellas de Cavalleria, com os seus sentimentos ficticios, penetraram nos costumes da sociedade portugueza, apparecendo empregados na aristocracia como nomes civis os nomes dos principaes heroes dos poemas arthurianos. Percorrendo documentos do

seculo xv, acham-se no onomastico usual, Dona *Iseu* Perestrello, Dona *Iseu* Pacheco de Lima; são vulgares os nomes de *Genebra, Oriana* e *Viviana;* figuram *Tristão* Teixeira, *Tristão* Fogaça, *Tristão* da Silva; *Lançarote* Teixeira, *Lançarote* de Mello, *Lançarote* de Seixas, *Lançarote* Fuas; *Lisuarte* de Andrade, *Lisuarte* de Liz; *Percival* Machado; *Arthur* de Brito, *Arthur* da Cunha. Os *Votos denodados*, e as aventuras galantes da *Ala dos Namorados*, dos Cavalleiros da *Madre Silva*, dos *Doze de Inglaterra* resultam de uma moda cortezanesca estimulada pelo genero litterario dominante. Nas Bibliothecas portuguezas do seculo xv, como as de D. Duarte, Infante Santo, Condestavel D. Pedro abundam os poemas da Tavola Redonda em lucta com o elemento erudito, moralista e historico. Operava-se um syncretismo dos themas da Tavola Redonda com os do cyclo do Santo Graal; isto exaltou mais as imaginações em que a emoção mystica acordava a apagada paixão amorosa. Este o caracter com que se elaboraram as Novellas portuguezas do seculo xv.

O Cyclo da Tavola Redonda abrangeu as tradições britonicas da lucta contra a invasão dos Saxões, sendo o Rey Arthur o heroe em que se encarnara toda essa resistencia e a inextinguivel esperança de resurgimento e triumpho. Para se vivificarem estas tradições guerreiras, ligaram-se na credulidade popular ao espirito religioso das lendas da introducção do Christianismo em Inglaterra (Egreja proto-cathédrica) pelo discipulo de Jesus, Joseph ab Arimathéa, que trouxe o *Calix* (o Santo *Graal*) ou escudela por onde o Salvador

bebera na ultima ceia com os apostolos. Para a busca d'este Calix, perdido desde o incendio do mosteiro de Glastombury, instituiu-se a Ordem da Cavalleria celeste entre os Cavalleiros da Tavola Redonda. Assim se fundiram os dois themas poeticos em uma nova elaboração artistica. Charles d'Hericault, determina uma phase em que os dois themas foram independentes: «E' verosimil que nos dados primitivos, anteriores aos romances que chegaram até nós, estas duas ordens de poemas eram bem distinctas. Póde-se inferir, segundo o grande numero de traços abafados no conjuncto, que a Cavalleria do *Santo Graal* representava uma ideia puramente religiosa; ella queria mostrar-nos o ideal do guerreiro christão na lucta contra as paixões e contra o inimigo exterior da Egreja de Deus. Mas esta preoccupação appareceu nitidamente só nos poemas allemães. Na Epopêa franceza, o poema do *Santo Graal* e o de *Percival le Gallois*, são os unicos que appresentam uma theoria mystica e que se preoccupam sinceramente do santo Calix. Nos outros poemas Arthur é o personagem preponderante, e vêem-se brilhar os aspectos mundanos da Cavalleria, a guerra e o amor, ou antes o habito da guerra e a galanteria do amor. Os cavalleiros, companheiros do Rei bretão, partem á demanda do Santo Graal; foram investidos para estas emprezas, mas parecem sempre esquecer o seu projecto e fim da sua instituição no meio de mil aventuras que surgem na sua passagem.» [1]

---

1 *Essai sur l'origine de l'Epopée française,* p. 49.

No começo do seculo XIII Robert de Boron emprehendeu narrar em prosa toda a historia do *Santo Graal,* tomando de Gautier a tradição de que esse *Calix* pertencera a Joseph de Arimathéa, o apostolo da Bretanha. Esta primeira parte, tem por fonte o Evangelho apocrypho de Nicodemus. Todo este vasto Cyclo prosificado e ampliado por Boron, existiu adaptado á lingua portugueza. D'esta primeira parte intitulada *Livro de Josep ab Arimathéa,* achamos uma referencia no *Cancioneiro geral,* em uns versos de Alvaro de Brito á morte do Infante D. Pedro em 1449:

> Do comprido *Mestre Escolla*
> ou *Josep Baramatya.*
> *(Canc. ger.,* II, 278.)

No manuscripto n.° 643 da Torre de Tombo, tem esta Novella, no fim do volume, esta declaração: «Este Livro mandou fazer João Sanches, *mestre escolla* de Astorga, no quinto anno que o estudo de Coimbra foy feito e no tempo do papa Clemente que destruiu a ordem del Templo e fez Concilio geral em Viana, e posto o entredito em Castella, e n'este anno se finou a rainha D. Constança em São Fagundo, e casou o Infante D. Philippe com a filha de D. A.º anno de 13 bij anno.»

Foi este texto do *Mestre Eschola* de Artorga, conhecido em Portugal por 1449; podemos descrevel-o com as palavras de um copista do meado do seculo XVI: «O qual Livro segundo por elle parece he *scripto em pergaminho e illuminado* e a caise de duzentos annos que foi scripto, trata de muitas anteguidades e materias boas e saboro-

sas.» Este livro ficou perdido até principios do seculo XVI, em que foi achado pelo Dr. Manoel Alvares, do qual fez uma copia que offereceu a D. João III, ficando esta mesma tambem desconhecida até 1840 em que Varnhagem tomara nota d'ella em Lisboa. Eis o seu titulo com a parte da Dedicatoria mais interessante:

Livro de Josep ab Aramatia, intitulado: A primeira parte da *Demanda do Santo Greal* até a presente idade nunca vista. Treladada do proprio original por ho Doutor Manoel Alvarez Corregedor da Ilha de Sã Miguel. Derigida ao muy alto e poderoso princepe el Rei D. João ho 3.º d'este nome, El Rei nosso Señor. [1]

Na Dedicatoria fixa-se a data da offerta: «E de quantos mosteiros e casas piadosas por vossa gloriosa memoria ajais edificado e nas da *Universidade de Coimbra* per V. A. principiada e acabada, e com vossos nestoreos annos será mui acabada.» Allude ás reformas de 1537 e 1549.

Depois, justificando a offerta, dá estas noticias litterarias: «fora muy estranha cousa e por certo dina de grande castigo ser o presente Livro en vosso Reino achado, e dar-se a Princepe extranho, e ainda que nẽ menos de estranhar pareça em mim esta ousadia e de emprehender a trasladação da presente obra... E com esta ousadia comecei a trasladação do presente Livro, que a V. A. offereço, o qual eu achey em Riba Dancora (he uma

1 Fol. em papel de linho, com 311 folhas, e CXIX Capitulos, com diversas letras do seculo XVI. Ms. n.º 643 da Torre do Tombo.

freguesia) em poder de uma velha de muy antiga idade no tempo que meu paay C.or de vossa Côrte, servia V. A. de C.or Dantre Douro e Minho.» E dizendo que era em pergaminho com illuminuras, revela-nos uma obra principesca. Continua: «E porém a letra cõ a muyta antiguidade nã ser tam legivel e asi por muitos vocabulos irem na antiguidade d'aquelle tempo que agora inintelligiveis nos parecem, tomei d'isto por escudo vossa muita clemencia e beninidade, que d'este temor me defenderão... d'elle não mudei senão hús vocabulos inintelligiveis, que se podem entender na antiguidade d'aquelle tempo os leixei hir.»

Este apographo, perdido da côrte de D. João III, tem a nota: «Livro da Cartuxa de Scala Cœli, do qual o Ill.mo Rev.mo Snr. D. Theotonio de Bragança Arcebispo de Evora e fundador da mesma Casa fez doação.» [1]

A segunda parte da *Demanda do Santo Graal* contem a historia de *Merlim*, inspirando-se Boron da *Vita Merlini* de Geoffroy de Monmouth. Esta parte foi desenvolvida na litteratura peninsular, achando-se hoje publicado o texto castelhano de 1498, *Baladro do Sabio Merlim*, sendo uma amplificação do *Tristan* com o nome de *Bret* de Luce de Gast. Na Bibliotheca do rei D. Duarte vem apontado um *Merli;* e da rainha Isabel a Catho-

---

1 D'esta Primeira parte da *Demanda do Santo Graal*, está publicado o cap. LXVI: Dos grandes trabalhos que Mordain na pena passou e das tentações que o diabo lhe fez e do que lhe Deus disse, fl. 105. (Na *Chrestomatia archaica* de J. J. Nunes, p. 56 a 62. Lisboa, 1906.)

lica, um caderno manuscripto «en romance que se dice de *Merlin* con cobertura de papel de cuero blancas, é habla de *Josef ab Arimathéa.*» D'este livro restam ainda na tradição portugueza algumas estrophes propheticas nas *Trovas* do Bandarra. Na Hespanha, em vez de tomar os Saxões como os inimigos da fé, substituiram-lhes os Sarracenos nas prophecias merlinicas; e desde as victorias de D. Affonso IV, na batalha do Salado, e de D. Affonso V em Arzilla, até D. Sebastião e D. João IV não se apagaram as esperanças do acordar do Leão dormente.

Ainda nos costumes populares persistiram reminiscencias da novella de *Merlin;* no regimento da Procissão do Corpo de Deus em Lisboa, como se vê em um apontamento da Camara municipal de 1493, indicando as figurações de cada mister, lê-se: «Peliteiro com o *Guato paull.*» Era a *cath Palay*, felino monstruoso do Lago de Genebra celebrado em muitas variantes de *Merlin.* Na novella de *Cifar* ha uma referencia a este *Gato paull:* «viu-se o rei Arthur em maior aperto com o *Gato Paus*, que nos vemos nós outros com aquelles malditos.»

Escreve Menendez y Pelayo, nas *Origines de la Novella*, sobre os vestigios d'este cyclo em Portugal: «E o que são as proprias *Trovas* do sapateiro Bandarra, estranho apocalypse dos Sebastianistas, se não uma sobrevivencia das de Merlin? *(Op. cit.,* p. CLXXVII.)

A terceira parte da *Demanda do Santo Graal*, ainda existe na lingua portugueza, no esplendido manuscripto n.º 2594 da Bibliotheca de Vienna,

do fim do seculo XIV com o titulo de: *A historia dos Cavalleiros da Meza Redonda e da Demanda do Santo Graal.* Consta de 199 folhas de pergaminho. [1] O texto francez, que foi liberrimamente paraphraseado em portuguez, intitula-se *La tierce partie de Lancelot du Lac avec la Queste du Sainte Graal et la dernière partie de la Table Ronde.* Na Livraria de Isabel a Catholica, n.º 143, existia tambem a *Tercera parte de la Demanda del Santo Grial en romance;* e na do Princepe de Viana, de 1461, tambem um manuscripto del *Sangreal* em francez. Na folha 129 do texto portuguez faz-se referencia ao texto latino romanceado por Roberto de Boron: «ca o nom achei *em francez* nem Boron no diz, que eu mais achei na *grande storia do latim*, de quanto vos eu conto.» Seria allusão ao *Liber Gradalis*, contendo a lenda da vinda de Joseph ab Arimathéa á Bretanha, feita por um monge do seculo VIII e amplificada por Geoffroy de Monmouth. A parte secreta d'essa lenda, era a pretenção da Egreja da Bretanha a independencia da Egreja de Roma, por ser tambem proto-cathédrica. A isto allude na fl. 21: «Mas esto nom ousou mudar Roberte de Boron, do francez em latim, porque *as puridades da santa egreja nom os quiz elle descobrir; ca nom convem que os saiba home leigo.*»

Na redacção portugueza d'esta terceira parte da *Demanda do Santo Graal* deu-se uma alteração

1 Estão publicadas até fl. 70 pelo Dr. Karl von Reinhardstoettner. Berlin. 1887. O Dr. Wechssler, considera-a uma traducção do texto francez. Na *Revista lusitana*, vol. V, está publicado um excerpto da parte inedita.

profunda em que Lancelot, por causa do seu amor adultero, é substituido por *Galaaz*, o Cavalleiro parthenio. [1] Predominava em Portugal a tendencia para separar os dois Cyclos, tratando no de *Santo Graal* a theoria mystica, em que a sua empreza era realisada pelo poder da perfeição moral do Cavalleiro. Cledat, no estudo sobre a Epopéa cortezã, observa: «Tem-se reparado quanto é extravagante, que a lenda do *Santo Graal* ou o triumpho da castidade a mais perfeita se enxertasse na lenda arthuriana, que é a glorificação do amor o mais sensual e o mais apaixonado. Esta opposição das duas lendas está indicada nitidamente e a sua fusão é engenhosamente explicada pelo auctor do *Lancelot* em prosa no episodio da concepção de Galaaz.» [2] O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, imitando a virgindade heroica de *Galaaz*, como refere a sua Chronica anonyma, lêra na sua mocidade este desfecho da grande novella em prosa, que vae do nascimento de Lancelot até a sua morte, ás aventuras de Percival, mas em que a gloria da conquista do Graal compete a *Galaad*. Eis o trecho da *Chronica do Condestavel*: «E com esto avia gram sabor de leer *livros de estorias*, especialmente usava leer a *estoria de Galaaz*, em que se continha a somma da Tavola Redonda. E por que em ella achava que per vertude de virgindade que em elle ouve, e em que perseverou *Galaaz*, acabara muy notaveis feytos, que outros nom poderam acabar. E elle de-

1 Menendez y Pelayo, *Origines de las Novellas*, p. CLXXXII.

2 Na *Hist. litteraire*, de Julleville, t. I, p. 324.

sejava muito de o parecer em alguma guisa, e muitas vezes em sy cuidava de ser virgem...» (Cap. III.) No Catalogo dos *Livros de uso* do rei D. Duarte, vem apontado *O Livro de Galaaz*; d'onde se pode inferir, que teve um desenvolvimento importante para substituir o de *Lancelot*. Tudo revela que existiram em portuguez todas as Novellas cortezanescas do *Cyclo do Santo Graal*, que soffreram essa calamidade que dispersou, quando não destruiu, o nosso opulento espolio litterario.

Na novella manuscripta de *Josep ab Arimathéa*, trata-se por vezes da lenda do Imperador Vespasiano; basta apontar a summula de alguns capitulos: «Como o Emperador perguntou se J. C. creia nos idolos (cap. 4.) — Como o Emperador enviou buscar as reliquias de J. C. pelo seu mestre sala (cap. 5.) — Como Vespasiano foi gafo (cap. 21.) — Como a Veronica veio a Roma, e como Vespasiano foi são... (cap. 23.) — Vespasiano havendo promettido não queimar nem enforcar a Caifás, o manda metter em uma barca á ventura. (cap. 27.)»

Algumas d'estas summulas são eguaes á de capitulos da *Historia de Vespasiano*, impressa em Lisboa por Valentim de Moravia em 1496. Pertencendo esta novella ao Cyclo do Santo Graal, pelo seu desenvolvimento contamina-se com o Cyclo greco-romano e as lendas apocryphas dos Actos de Pilatos. [1] O moderno editor d'esta rari-

---

[1] Edição de 1905, por Esteves Pereira. In-8.º de 114 pag. comprehendendo prologo, texto, e appensos.

dade bibliographica dá-nos preciosas indicações sobre a origem d'esta novella historica. «A fórma mais antiga d'esta narração parece encontrar-se em um apocrypho, de que ha duas redacções: uma publicada por Tischendorf, com o titulo *Vindicta Salvatoris*, e outra publicada por Mansi com o titulo *Cura sanitatis Tiberii Cæsaris Augusti*, por que n'esta redacção é o imperador Tiberio, que, atacado da doença, foi sarado. Em uma segunda fórma da mesma redacção, muito mais vulgar na Edade média, é o imperador Vespasiano que foi atacado de lepra e miraculosamente sarado, e emprehende a vingança de Jesus Christo...; esta forma da narração... teve um successo immenso — e foi traduzida em quasi todas as linguas falladas na Europa central e occidental.» Embora não tenha sido encontrada esta redacção latina, determina-se a sua existencia «porque diversas redacções em prosa feitas em provençal, francez, catalão e castelhano, presuppõem um texto original commum, tanto pela egual disposição da narração, como tambem pelo modo de dizer.» Attribue-se á segunda metade do seculo XII a redacção latina; as relações entre *Josep ab Arimathéa* e a *Historia de Vespasiano*, a primeira mais extensa, remontando ao seculo XIV, e texto differente, assentam sobre esse original latino, sendo a do seculo XV derivada da redacção franceza *La destruction de Jerusalem* ou *La vengeance de Jesus Christ*, de 1491. Existe uma traducção castelhana, impressa in-4.º, sem data, de que dá noticia o Catalogo da Livraria de Fernando Colombo, filho do Almirante das In-

dias, e que elle comprara em Sevilha por outo maravedis. [1] Será uma edição de Juan Vasquez, de Toledo, cujas impressões terminam em 1486, ou uma outra de 1490. Esteves Pereira conclue: «que a redacção portugueza, posto que conforme com a franceza na sua disposição geral, differe comtudo d'ella em pequenos accidentes; emquanto que ella concorda com a redacção castelhana, não só na sua disposição geral mas tambem nas menores particularidades, de modo que uma parece ser traducção verbal da outra.» A edição castelhana da *Historia de Vespasiano* de 1499, pela sua grande conformidade do texto e das estampas da nossa impressão de 1496, como o affirma Esteves Pereira: «permittem conjecturar, que o texto da impressão castelhana de 1499 é uma retraducção da redacção portugueza, como as estampas são uma copia com ligeiras modificações das estampas da impressão portugueza.»

As relações intimas da côrte portugueza com a de Castella determinavam estas communicações litterarias; pelo casamento de D. Joanna, irmã de D. Affonso v, com Enrique iv de Castella, quando o prurido da erudição humanista abafava o lyrismo allegorico, a galanteria da côrte, com as suas intrigas amorosas, provocou o enthuziasmo pelas Novellas cavalheirescas. O *Amadis de Gaula*, ainda na sua redacção portugueza, era lido com predilecção, dando-nos noticia do seu auctor o chronista Gomes Eanes de Azurara.

---

1 Gallardo, *Biblioteca*, t. II, p. 530.

como quem o tinha diante dos olhos. A novella estava em uma nova elaboração cyclica, e em Castella, encabeçavam nas narrações dos feitos do *Amadis* os de seu irmão *Florestan;* allude a este ramo o poeta João Affonso a D. Juan II, por 1433:

> Jo lei del Capitan
> et grand duque de Ballon,
> de Narciso e de Jason,
> de Ercoles e de Roldan,
> Carlo-Mano et *Florestan*,
> de *Amadis* e Lançarote
> Valdevinos é camelote
> de *Galás* et de Tristan.
> *(Cod. Gellardo,* Fl. 34 *v.)*

Gayangos considera a mais antiga novella castelhana *El Caballero Cifar* como uma das imitações do *Amadis;* Menendez y Pelayo, reconhecendo que esta novella pode ser mais antiga como ficção, affirma que não têm relações entre si. Baist entende que Cifar é mais antiga, mas o syncretismo dos elementos *agiographico, cavalheiresco* e *didactico* provam o contrario, porque o effeito moral que se procura, sacrificando-lhe o processo artistico, é já uma degenerescencia. Os novellistas tinham sempre diante de si como typos de imitação os personagens da novella do *Amadis;* na novella catalan do seculo XV, *Curial y Guelfa* (p. 498) citam-se entre os mais celebrados amantes *Amadis* e *Oriana.* (Pelayo, *Orig.*, p. CCIII.) Os poetas castelhanos, como Fernan Perez de Gusman, referiam-se sempre a esse ideal feminino:

> Ginebra e *Oriana*
> E la bella reyna Iseo.
> *(Canc. Baena,* n.° 572.)

A influencia do *Amadis* apparece reflectida no *Tirant il Blanch*, que Martorell, vivendo na côrte de D. Affonso v, por 1460, escreveu na lingua portugueza, traduzindo-o depois para catalão, como reconhece Menendez y Pelayo. Apparece tambem essa influencia na novella do poeta gallaico da côrte de Enrique iv, João Rodriguez del Padron; na sua novella *Siervo libre de Amor*, o episodio da *Historia de los amores de Ardenlier é Liessa* foi o germen que suscitou mais tarde Bernardim Ribeiro a crear a sua novella autobiographica. Tambem na *Cronica Sarracina*, de Pedro del Curral, as aventuras de *Amadis* são adaptadas ás narrativas lendarias da Perda de Hespanha pelo rei D. Rodrigo. [1] Porventura este processo litterario suscitou Garci-Ordoñez de Montalvo a reelaborar o *Amadis de Gaula*, para consagrar a conquista de Granada como termo do dominio sarraceno em Hespanha. A recente introducção da Imprensa na peninsula, universalisando as novellas typicas de *Cifar* e *Amadis de Gaula*, deu vigor a esta representação do genio medieval através da corrente fascinadora dos estudos classicos da epoca da Renascença. Mas a corrente humanista, como se vê pela *Confectio Catoniana*, manuscripto do seculo xv, considerava já uma leitura inutil as volumosas historias de Tristão, de Lancelot ou do *Amadis*.

Fallando das poucas referencias dos poetas portuguezes do seculo xv ao *Amadis de Gaula*,

1 Menendez y Pelayo, *Origines de la Novella*, p. cciv.

Menendez y Pelayo relaciona o facto: «considerando que quasi todo o cabedal poetico da primeira metade do seculo XV desappareceu, ficando uma grande lacuna entre os Cancioneiros da eschola gallaica, que propriamente termina no reinado de D. Affonso IV e o *Cancioneiro* de Resende, compilado nos primeiros annos do seculo XVI com obras de auctores que floresceram os mais, depois de 1450, e appareceram inteiramente dominados pela influencia de Castella.» [1] D'esta obra em que se revela o genio de um povo, diz o critico Menendez y Pelayo: «obra capital nos annaes da ficção humana, e uma das que por mais tempo e mais profundamente imprimiram o seu sello não só no dominio da phantasia como tambem nos habitos sociaes.» *(Ibid.*, p. CXCIX.)

§ III

Predominio da Erudição latina

O seculo XV continuou a primeira Renascença interrompida iniciando a epoca da erudição, pelos moralistas, jurisconsultos e humanistas. Desponta por toda a parte a Renascença sob o aspecto *philologico* e *artistico*. Não se opéra de um modo brusco a negação da Edade média; os espiritos cultos ao passo que se apaixonam pelas obras da Antiguidade greco-romana, afastam-se do contacto com o povo, confinando-se nas escholas e na

---

1 *Origines de la Novella,* p. CCIV.

curia, na côrte e na egreja, desprezando o elemento tradicional da litteratura. A coexistencia das duas correntes, a medieval e a classica, apparece de um modo nitido nas transformações que recebe a lingua portugueza escripta, e na escolha das obras das bibliothecas principescas, antes da vulgarisação da Imprensa.

1.º **Estado da lingua portugueza:** *Fórmas populares e eruditas.* — Como a litteratura, a lingua nacional recebeu tambem um desenvolvimento erudito, modificando-a e imprimindo-lhe um caracter differente d'aquelle que teria, se os escriptores do seculo XV, em vez de augmentarem o lexico com palavras tomadas directamente do latim ciceroniano, se reconhecessem obrigados a escrever para o povo, em uma linguagem *vernacula* que elle entendesse. Se a lingua portugueza seguisse uma evolução natural, chegaria organicamente a essa contracção das palavras, que tanto se exerceu na lingua franceza, submettida sómente no seculo XVI á auctoridade dos eruditos, quando já não podiam alterar a sua morphologia, não obstante as innovações do seu lexico. A lingua portugueza desde que começou a ser escripta foi fixando as suas fórmas ao arbitrio dos traductores; por isso as duas leis phoneticas — *suppressão das vogaes mudas* e *queda das consoantes mediaes*, exerceram-se continuamente na linguagem oral, mas foram modificadas na linguagem escripta. Sob esta divergencia os vocabulos appresentam fórmas *duplas*, conforme a palavra proveiu do fundo popular modificada pela lei das

alterações phoneticas, ou introduzida immediatamente do latim dando-lhe os eruditos a simples terminação portugueza; além d'isso as diversidades de accepção ou sentido, pelo processo semeiologico, augmentam a duplicidade da mesma palavra. [1]

As fórmas populares, em que prevalece o archaismo, só foram introduzidas accidentalmente nos textos como vicio de escripta; as fórmas eruditas introduzidas com pretenção culta, tornaram a lingua litteraria convencional, á qual o rei D. Duarte chamava lingua *ladina* ou *ladinha;* lin-

---

1 Eis alguns exemplos do phenomeno:

POPULAR:	ERUDITO:	LATIM:
Ancho	Amplo	Amplus
Almalho	Animal	Animalis
Amendoa	Amygdala	Amygdala
Bodega	Botica	Apotheca
Bago	Baculo	Baculo
Caldo	Calido	Calidus
Couto	Covado	Cubitus
Combro	Comoro	Comorus
Delgado	Delicado	Delicatus
Deão	Decano	Decanus
Enxabido	Insipido	Insipidus
Eira	Area	Area
Froixo	Flacido	Flacidus
Frio	Frigido	Frigidus
Freima	Fleuma	Flegma
Grude	Gluten	Gluten
Insôsso	Insulso	Insulsus
Lidimo	Legitimo	Legitimus
Lobrego	Lugubre	Lugubre
Meolo	Medula	Medula
Mezinha	Medicina	Medicina
Nedio	Nitido	Nitidus
Olho	Oculo	Oculus
Paço	Palacio	Palatium
Pardo	Palido	Palidus
Pó	Polvora	Pulvis
Parola	Palavra (Parabola)	Parabola
Quedo	Quieto	Quietus
Rêlha	Regra	Regula
Séstro	Sinistro	Sinistrus
Têlha	Técla	Tegula
Vedro	Velho	Vetulus

guagem que se tornou de uso corrente entre as classes illustradas, a ponto de já no fim do seculo XV se julgar a linguagem popular de tal modo *archaica* que se tornou necessario traduzir para a linguagem corrente os documentos officiaes antiquados, o que motivou a refórma dos Foraes ainda no tempo de D. João II. Quando se colligem do dictado popular as cantigas, romances e contos é que se nota quanto hoje mesmo a phonologia, a morphologia e a syntaxe da lingua do povo se affastam da linguagem escripta. Na morphologia distinguem-se os substantivos pelo suffixo *mento* em vez de ão; ha incerteza nas fórmas em *om* e *am*; emprega-se o pronome *omem* e *homem* como indefinido; formas verbaes em *ades (aes)*, participios em *udo* (ido), e toma-se directamente do latim o suffixo *issimo* para a formação dos superlativos, que antes do seculo XV eram compostos com o adverbio *mui*, *muito* e *mui muito*. No *Leal Conselheiro* do rei D. Duarte fixa-se a introducção d'este superlativo litterario: «porque nos Senhores esta virtude antre todas muyto recebe grande louvor, onde por especial d'ella som chamados *illustrissimos* e *serenissimos*, mostrando que som assy claros em verdade...» (p. 213.) E' d'esta mesma epoca o documento sobre Behetrias, onde se lê: «Conde de Barcellos, filho do muito virtuoso e *vitorissimo* rey D. Joham.» [1] Nas côrtes de Evora de 1481 apparecem os seguintes superlativos *santissima*, *christianissimo*, *grandissima*. A

---

1 *Mem. de Litteratura portugueza*, t. I, p. 182.

natureza d'estes ultimos documentos revela-nos, que tambem os jurisconsultos na traducção das leis romanas imprimiram certo cunho litterario á linguagem vulgar; na phraseologia juridica o archaismo popular por vezes encontra-se como neologismo, assim na fórmula *teúdo* e *manteúdo; nascituro, novimestre,* etc.

As traducções do latim. — A actividade dos traductores das lendas medievaes e dos patrologistas, no seculo XIV, revelada pelos codices de Alcobaça, foi continuada no reinado de D. João I com mais fervor e enthusiasmo pelos moralistas e cultores da erudição classica. Influiu este facto no augmento do lexico pelos *neologismos* eruditos, e nas construcções classicas que se foram tornando ellipticas. Egual phenomeno actuava nas linguas romanisadas. Pedro de Bercheure traduzindo Tito Livio, introduziu nas linguas modernas as palavras *auguro, auspicio, cohorte, colonia, facção, fastos, inauguração, magistrado, senado, transfuga, triumpho;* Oresme traduzindo Aristoteles introduz os novos vocabulos: *aristocracia, demagogia, democracia, despota, insurreição, monarchia, oligarchia, sedição, tyrannia.* O poeta castelhano João de Mena, ampliando pela boa cultura humanista a linguagem poetica, introduz no seu *Labyrinto*, as palavras compostas: *armigero, beligero, eviterno, nubifero;* e os neologismos *dulcido, exilio, ficto, funereo, minaz, mendacia, pigro, superno, tabido, turbido, ultriz;* e os verbos: *insuflar, prestigiar, trucidar.* Em Portugal o Infante D. Pedro, ao fazer a compilação dos sete livros de Seneca, usa d'esta mesma liberdade neolo-

gica, desculpando-se: «E os que menos letrados forem do que eu sou, nem se anojen d'algumas *palavras latinadas* e termos scuros, que en taes obras se nam podem escusar.» [1] Do secretario do Infante D. Fernando, Frei João Alvares, abbade de Paço de Sousa: «E que não fez o aliás erudito Frei João Alvares?—Parece quiz trasladar todas as palavras latinas para o nosso idioma.» [2]

A abundancia e a facilidade dos neoterismos, actuava sobre o estudo da synonimia: assim observa o Infante D. Pedro, na *Virtuosa Bemfeituria:* «A taes prazeres como este chamam-se em latim *Jucunditates.* E nós por não termos em nossa linguagem vocabulo apropriado, podemol-os chamar Sobreavondante e extremada alegria.» O rei D. Duarte tambem se entrega a estas considerações synonimicas: «Da *yra,* seu proprio nome em nossa linugagem é sanha.» *(Leal Cons.,* p. 96.) Já com caracter philosophico procura estabelecer a synonimia da lingua: «Antre *nojo* e *tristeza* eu faço tal diferença; por que a *tristeza,* por qualquer parte que venha, assy embarga sempre contynuadamente o coraçom, que nom dá spaço de poder em al bem pensar nem folgar; e o *nojo* é a tempos, assy como se vee na morte de alguns parentes e amigos, onde aquel tempo que per justa falla ou lembrança se sente, o sentymento é muito rijo; porém taaes hi ha que passado o dia logo riim, fallam, e despachadamente no que lhes praz pen-

1 Ms. da *Virtuosa Bemfeituria,* liv. 1, cap. 2.

2 J. Pedro Ribeiro, *Reflexões philologicas.* N.º 4, p. 42.

sam. E a *tristeza* nom consente fazer assy, por que he húa door e continuado gastamento como apertamento de coraçom; e o *nojo* nom continuadamente, salvo se tanto se acrecenta que derriba em *tristeza*. E tal deferença se faz antre *nojo* e o *pesar*; porque o *nojo* no spaço que o sentem faz em aquel que o ha grande alteração, mostrando manyfestos sygnaes em chorar, sospirar, e outras mudanças de contenença, o que nom mostra o *pesar* solamente, ca bem veemos que das mortes de alguns nos pesa muyto, e nom nos derriba tanto que façamos o que o nojo nos constrange fazer, e menos caymos em *tristeza*, nem d'elles avemos sanha, mas propriamente sentimos no coraçom um *pesar* com assás de sentido... O *desprazer* he já menos, porque toda cousa que se faz, de que nos nom praz, podemos dizer com verdade que nos despraz, aynda que seja tam ligeira que pouco sintamos.» — «E o *avorrecimento* avemos de algumas pessoas que desamamos, ou de que avemos enveja, posto que seja em nossa secreta camara do coraçom, e dos desgraciados, enxabidos ou sensabores, e aquesto do que fazen que a nós nom pertença nem nos torve;... E a *suydade* nom descende de cada húa d'estas partes, mas he hum sentido de coraçom que vem de sensualidade e nom de razom, e faz sentir aas vezes os sentidos da *tristeza* e do *nojo*.» (*Ib.*, cap. xxv.) Os processos que assim actuaram sobre a degenerescencia da lingua portugueza, reduzem-se á innovação dos traductores, e á influencia do meio litterario em que os escriptores pensavam e viviam. O bom saber consistia na arte de bem traduzir, em que

predominava a fórma paraphrastica. O rei D. Duarte expõe as regras: *Da maneyra para bem tornar alguma leitura em nossa linguagem:* «Primeiro, conhecer bem a sentença do que a tomar, e poella enteiramente, nom mudando, acrecentando, nem minguando alguma cousa do que está escripto. O segundo, que nom ponha *palavras latinadas*, nem d'outra linguagem, mas todo seja em nossa lingua scripta, mais achegadamente ao geeral boo costume de nosso fallar que se podér fazer. O terceiro, que sempre se ponham palavras que sejam direita linguagem, respondente ao latim, nom mudando umas por outras, assy onde desser per latin *scorregar*, nom ponha *afastar*, e assy en outra semelhante, entendendo que tanto monta uma como outra, porque grande deferença faz para se bem entender serem estas palavras propriamente escriptas. O quarto, que nom ponha palavras, que segundo o nosso costume de fallar sejam havidas por deshonestas. O quinto, que se guarde aquella ordem que egualmente deve guardar em qualquer cousa que se escrever deva, scilicet, que escrevam cousas de boa sustancia claramente para se bem poder entender, e fremoso o mais que elle poder, e curtamente quando for necessario, e para esto aproveita muito paragraphar e pautar bem. Se um rasoar tornando do latim em linguagem, e outro escrever, achará melhoria de todo juntamente per hum só feito.» (*Ib.*, p. 476.) O sabio monarcha exemplificou estas regras vertendo em redondilhas o hymno *Juste Judex*.

Sob a influencia do rei D. Duarte, fez o sabio bispo de Burgos, D. Affonso de Cartagena, quan-

do esteve como enviado na côrte portugueza, a traducção da *Rhetorica* de Cicero: «Fablando con vos, principe esclarecido, en materias da sciencia en que vos sabedes fablar, en algunos dias de aquel tiempo en que la vuestra *côrte*, por mandado del rey catholico mi señor, estaba, viuvos a voluntad de haber de la Arte de la *Retorica*, en claro linguage, por conocer algo de las doctrinas de los antiguos dieron para fermoso fablar. Et mandasteme, pues yo a esta sazon parecia haber alguno espacio para me occupar en cosas estudiosas, que tomase un pequeno trabajo, e pasase de latin en nuestra lengua la *Retorica* que Tulio compuso.» [1] Para o rei D. Duarte, quando principe, compilou dos moralistas antigos um *Tratado de Virtud*; n'elle se lê: «Porque las cosas nobles e provechosas, mientras mas se extienden al pro comun, non solamente mas nobles, mas aun divinas se facen, segund que lo escribio Aristoteles en el tomo de las *Ethicas*. Commigo pensando determiné trasladar en nuestra comun lengua castellana, un gracioso e noble tratado que de virtudes fallé, el cual de los dichos de los Morales filosofos compuso el de loable memoria D. Alfonso de Santa Maria, obispo de Burgos, al muy illustre é muy inclito sr. D. Duarte, rey de Portugal, seyendo primero principe, al cual *Memorial de Virtudes* intituló.» [2]

---

1 Fl. 45. V do *Libro de Marcho tulio çiçeron*, que se llama *de la Retorica*, trasladado de latin en romance, por el muy reverendo D. Affonso de Cartagena, obispo de Burgos a ynstancia del muy esclarecido Principe D. Eduarte Rey de Portugal. *(Bibl. do Escurial.)*

2 Ap. Gallardo, Biblioteca, t. II, p. 255.

A rainha D. Isabel, filha do Infante D. Pedro, mandara tambem traduzir a *Vita Christi*, de Ludolpho Cartusiano; este livro andava na Casa real desde D. Duarte, que traduzira o capitulo septimo da primeira parte que intercalou no *Leal Conselheiro*. (cap. 28.) No tempo d'este monarcha era ainda essa obra considerada de auctor anonymo: «aquel livro *Vita Xpõ*, que fez segundo dizem, que per el nom se nomêa, huú freire da ordem dos Cartuxos.» *(Ib.*, cap. 85.) A rainha D. Isabel, mãe de D. João II, «mandou trasladar de latim em linguagem portuguez, ao muy pobre de vertudes dom Abbade do moesteiro de S. Paulo.» A rainha D. Leonor encarregou da impressão d'esta obra a Valentim de Moravia e Nicoláo de Saxonia a sua estampa; e como em 1495 a linguagem parecesse muito antiquada, encarregou o seu prégador Frei André, franciscano, da revisão do texto. Os philologos portuguezes do seculo XVI reconheceram este extraordinario phenomeno; escreve Duarte Nunes de Leão: «Do tempo da rainha D. Philippa e de seus filhos para cá, houve em Portugal, na policia e tratamento das pessoas reaes muita differença e bons estylos e *muita differença na linguagem e nos conceitos*.» [1] Tambem Fr. Manoel do Sepulchro assignala o mesmo facto: «E não ha duvida, que maior mudança fez a lingua portugueza nos primeiros vinte annos do reinado de D. Manoel: como vêmos pelos escriptos em verso e prosa de uns e outros tempos.» [2] A carta

---

1 *Chron. D. João I*, cap. 86.
2 *Refeição espiritual*, § 2, n.º 3.

regia de 22 de Novembro de 1497 reconheceu a necessidade de modernisar o texto dos Foraes. Esta rapida transformação não se operou na lingua castelhana no fim do seculo XV; e quando Garci Ordoñez de Montalvo corrigiu o *Amadis de Gaula*, em 1492, de *los antiguos originales*, que estaban *corruptos é compuestos en antiguo estilo*, era sobre um texto portuguez que praticava esta modernisação «na linguagem e nos conceitos.»

Bibliothecas. — Sómente os reis e princepes é que podiam possuir livros, antes da descoberta da Imprensa, por causa dos seus preços extraordinarios segundo o esmero dos copistas e illuminadores e das luxuosas encadernações. Os livros que se facultavam aos estudiosos eram *concatenati*, prezos por cadeias á estante, como bem se declara no testamento do Doutor Manganchа, de 1448: «*e que os meus livros se pozessem en huma Livraria per cadeas.*» Entre esses livros cita-se um *Chino*, o celebrado Commentario de Cino da Pistoia aos nove primeiros livros do Codigo, ponto de resistencia dos civilistas contra os decretalistas. Encontram-se os nomes dos varios copistas que trabalharam nas livrarias regias e principescas; em documento de 2 de Novembro de 1451, falla-se en Johan Gonsalves, *scripvam que foe dos livros do ifante D. Pedro;* Domingos Vicente apparece aposentado do cargo de *escrivão dos livros* do rei D. Duarte, em 25 de Janeiro de 1446; o rei D. Affonso V tinha um *illuminador* Vasco, e em 3 de julho de 1452 dá uma tença a Gonçalo Eanes, creliguo, capellam, *nosso illuminador*

dos livros... [1] Conhece-se a Bibliotheca do rei D. Duarte pelo *Catalogo dos seus livros de uso* encontrado na Cartuxa de Evora; n'ella, como nas dos seus contemporaneos, acham-se promiscuamente representados o elemento *medieval*, e o *greco-romano* e humanista, tendendo a prevalecer este ultimo, a ponto de no seculo XVI os poemas da Edade média serem desprezados e até esquecidos. Na bibliotheca do rei D. Duarte guardava-se a *Dialectica* de Aristoteles, um Valerio Maximo, Seneca commentado, Cicero, Vegecio, Tito Livio, Julio Cesar, as obras dos Santos Padres e moralistas ecclesiasticos. O elemento medieval tambem se achava brilhantemente representado, figurando o *Livro de Tristão*, o *Amante* (Confessio Amantis) de Gower, *Merlin*, o *Livro de Galaaz*, a *Historia de Troya* em aragonez, traducção de Jacques Coresa do francez de Benoit de Sainte More; o *Livro do Conde de Lucanor* de D. João Manoel, a *Gran Conquista de Ultramar*, as obras do *Arcipreste de Fysa* (Hita), o *Livro das Trovas do Rei D. Diniz*, e o das *Trovas do Rei D. Affonso*. Pelo caracter austero e estudos philosophicos do rei D. Duarte, deve considerar-se esta parte da sua livraria como nucleo da Livraria real de D. João I. Outros livros da Edade média eram lidos na côrte de D. Duarte, taes como o *Ovidio da Velha* (De Vetula) traduzido por Richard de Furnival, que apparece citado no ma-

1 Documentos publicados pelo Dr. Sousa Viterbo, na sua memoria *A Livraria real, especialmente no reinado de D. Manoel.*

nuscrito da *Côrte Imperial:* «bem sabedes que húu grande poeta muy genhoso e mui sotil antre os outros poetas foi o que ouve nome Ovidio Naso e foi gintil. E este fez muitos livros, o qual antes de sua morte compoz húu livro que chamã *Ouvidio da velha*, e este livro foy achado em no muymento...» Este poema exemplifica o syncretismo das duas correntes medieval e classica, que o seculo xv ia separar implacavelmente.

A pequena livraria do Infante D. Fernando acha-se apontada no testamento que fez antes da expedição de Tanger; n'essa lista destacam-se entre as obras mysticas: *um livro de linguagem chamado Rosal d'Amor.* Item, *outro livro que chamam Isac, em linguagem*... Item *o livro da Rainha D. Ilizabeth*... Item, *o livro de linguagem que chamam Hermo espiritual.* Predominavam na sua livraria as obras dos Santos padres.

A Bibliotheca do Condestavel D. Pedro, como se vê pelo seu catalogo de 30 de junho de 1466, constava de noventa numeros, contendo obras extremamente raras e com as mais esplendidas encadernações. N'esta livraria tem egual importancia o elemento medieval e o classico com a erudição humanista; apontaremos o poema de *Alexandre en ffrances, Dels fets de la Cavallerie en ffrances*, Boecio *de Consolacion en vulgar castellã, Conquestas de Ultramar en vulgar castella, Sidracho lo philosopho, Les Cent balades, Troya en leti*, Joan Bocaci. Entre os livros da corrente greco-romana destacam-se o *Sonho de Scipião*, as obras de Aristoteles, *Ethica, Politica* e *Economica;* Suetonio, a *Vida de Cesar*, Tullio, *De*

Officiis, Valerio Maximo *en vulgar francez*, as *Epistolas* de Seneca *en vulgar frances*, Plutarcho, *Liber de Viris illustribus;* Virgilio, *Les Eneides*, Tito Livio, *de secundo bello punico;* Josepho, *De bello judayco;* Plinio, *de la natural istoria;* Cornelio Tacito; *Commentarios* de Cesar, Justino; *Declamações* de Seneca; Ovidio, *Metamorphoseos; Liber Ysopetis*, etc.

Da Livraria de D. Affonso v falla o chronista Ruy de Pina, dizendo: «que ajuntou bõos livros e fez Livraria en seus paços.» Em uma quitação passada a Fernão Dias, almoxarife do Castello e paço de Lisboa, lê-se em data de 1 de janeiro de 1452: «Item, deu e pagou cinquenta e cinquo rs. a Symon carpinteiro do feitio de duas mezas, que fez para *a casa honde está a nossa livraria*, que foram postas em ella.» Não existe um Catalogo da Livraria de D. Affonso v; mas pelas varias e eruditas citações do chronista Gomes Eanes de Azurara, na *Chronica da Conquista de Guiné* reconstitue-se em parte, pelo que se lê no fim d'essa obra, terminada em 1453: «E acabou-se esta obra *na livraria que este rey fez em Lisboa...*» Cita successivamente S. Thomaz e S. Gregorio, Orosio, Marco Polo; as *Metamorphoses* de Ovidio; as tragedias de Seneca, *Phedra* e *Hypolito;* Lucas de Tuy, continuador da Chronica de Isidoro de Sevilla; Cicero, S. Jeronymo; a *Ethica* de Aristoteles, Lucano, S. Chrysostomo, as Viagens de *S. Brendan*, *de Civitate Dei* de Santo Agostinho, *Decadas* de Tito Livio, Valerio Maximo, *Summa da Historia romana;* Rodrigo de Toledo, Flavio Josepho, das *Antiguidades dos judeus*, Gualter,

das gerações de Noé; as *obras dos Romãos* (Gesta Romanorum) Vegecio, *De re militari*, a Biblia, Bernardo, *Regimento da casa de Ricardo*, Frei Gil de Roma, *Regimento de Princepes,* Tolomeu, *Homero, Esiodo,* Mestre João o Ingres (Duns. Scoto) Hermas, o *Pastor;* Pedro Lombardo, Alberto Magno; e a Gesta do *Duque Jean de Lanson* a par da *Chronica do Condestavel.* Na outra obra, *Chronica do Conde D. Pedro de Menezes,* cita: «aquelle famoso poeta Dante, na sua primeira Cantica, etc.» Por esta enumeração se comprehende o sentido da phrase de Ruy de Pina «ajuntou bõos livros,» comprando-os aos livreiros estrangeiros; a descoberta da Imprensa veiu satisfazer esta anciedade de possuir os livros raros, mas nem por isso D. Affonso v e o seu successor deixaram de occupar os seus calligraphos e illuminadores. Vieram para Portugal impressores estrangeiros, e livreiros, como se vê pela carta de privilegio de D. Affonso v de 19 de Maio de 1483, passada a Guilherme e Francisco de Montrete, e a Guido «estantes em a nossa cidade de Lixboa, teemos por bem e queremos e nos praz que de todolos *livros de forma* que elles em a dita nossa cidade teveren e trouverem ou mandarem trazer de fóra da terra a estes ditos nossos regnos nom paguem d'ello nenhuma sissa de sy e das partes a que os venderem...» [1]

A Imprensa em Portugal. — Sobre a data do estabelecimento da Imprensa em Portugal encon-

---

1 Ap. Dr. Sousa Viterbo, *A Livraria real*, p. 6. Lisboa, 1901.

tra-se uma noticia que se fundamenta pelo que já era sabido da iniciativa do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Escreve Buckmann: «Em 1460 alguns negociantes d'esta cidade de Nuremberg informaram o governo real de Portugal da descoberta e utilidade da Imprensa, feita por Gutemberg e Faust em Mayença. Um cardeal ou o Prior de um grande Convento de Coimbra mandou vir em 1465 os primeiros typographos de Nuremberg para Portugal, onde elles imprimiram de 1465 a 1473 em um convento, os auctores gregos e latinos e muitos livros ecclesiasticos, como por exemplo Thomaz de Aquino, etc. — Segundo uma velha chronica, estes impressores que vieram para Portugal eram Emanuel Semons (Simões) e Christophe Soll, de Altdorf, um burgo proximo de Nuremberg, ensinaram muitos discipulos, e immediatamente a typographia espalhou-se por todo o reino de Portugal.» [1] No Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra é que se estabeleceu uma imprensa para a reproducção de livros gregos e latinos e grammaticas para uso dos seus escholares. Um dos primeiros trabalhos dos prélos portuguezes foi o opusculo sobre o *Menosprecio do Mundo* do Condestavel D. Pedro; apesar de terem sido impressas sem data essas Coplas, certas notas manuscriptas coévas apontam aproximadamente o anno da sua publicação. Segundo o academico José Soares da Silva, existia um exemplar d'este rarissimo monumento «na Livraria que foi do Cardeal Sousa,

1 Boletim da Sociedade de Geographia, 2.ª série, p. 684, (1881.)

e existe na Casa dos Duques de Lafões, Marquezes de Arronches.» Descrevendo o exemplar, declara trazer no fim a sigla de que fôra estampado «*nove annos depois de inventada a famosa Arte de Impresão.*» Tambem o Conde da Ericeira, relatando á Academia de Historia portugueza o estado da livraria do Conde de Vimeiro, escreve: «Tambem entre os impressos permanecem muitos exquisitos, e entre elles as obras do Infante D. Pedro (aliás do Condestavel, seu filho), com esta declaração no fim: = *Este livro se imprimiu* seis annos depois que em Basilea *foy achada a famosa Arte de Impressão.* = O que serve muito para averiguar a epoca d'este admiravel invento, e disputar a gloria a Moguncia, e mostrar a brevidade com que se introduziu em Portugal.» Sendo a Imprensa introduzida em Basilea em 1474 é facil de inferir que em 1480 foram estampadas as Coplas do Condestavel D. Pedro. [1] Os judeus portuguezes tambem empregaram muito cedo a Imprensa para a reproducção dos livros biblicos: em 1489, os judeus Samuel Zora e Rubem, imprimiram o *Commentario sobre o Pentateuco*, e em 1491 fizeram a edição do Pentateuco em caracteres hebraicos. Os trabalhos esplendidos da Imprensa portugueza foram protegidos pela

---

1 Houve duas edições sem data, que se podem determinar por essas duas notas manuscriptas. Fixada a descoberta da Imprensa em 1456, *nove annos* depois foi impresso o opusculo do Condestavel em 1465; tomando a data de 1474 como aquella em que se estabeleceu a Imprensa em Basilêa, temos *seis annos* depois uma nova edição das Coplas do Condestavel em 1480.

rainha D. Leonor, esposa de D. João II, a mesma illustre senhora que foi em Portugal a instituidora das Misericordias, a que soube conhecer o talento de Gil Vicente, o ourives seu *lavrante*, e que actuou no outro Gil Vicente, mestre de rhetorica de D. Manoel, com directas instancias para que escrevesse novos Autos para os Serões do Paço e para as festas religiosas. O livro da *Vita Christi* foi por ella mandado imprimir a Valentim de Morávia e Nicoláo de Saxonia, sendo esse esplendido trabalho terminado em 1495. Valentim de Moravia figura até 1514 em Portugal com o nome de Valentim Fernandes; em 1496 imprime a *Istoria do muy nobre Vespasiano;* em 1500, as obras de Cataldo Siculo, servindo já a corrente do humanismo, — Aquel *Siculo* elegante, — que por estes reinos vino, como aponta Fray Juan d'Avila, apodando os eruditos; em 1501 imprime as *Coplas* de Jorge Manrique, de que tanto gostava D. João II, circumstancia que leva a presumir a intervenção da rainha D. Leonor; em 1502 imprime as *Viagens* de Marco Polo, trazidas para Portugal pelo Infante D. Pedro e se guardaram na livraria do rei D. Duarte. O interesse por essas Viagens de Marco *Milhão*, como lhe chamavam na Italia, apparece revelado no seu aspecto maravilhoso no Cancioneiro de Resende:

> Outros metem mais *Mylham*
> do mesmo pontificado...
> (*Ed. Stutt.*, I, 141.)

A corrente litteraria da epoca forçava-nos a abandonar as ficções medievaes pela erudição, e

a realidade dos conhecimentos levava-nos ás narrativas historicas em vez das aventuras novellescas.

2.º **Humanistas, Moralistas e Philosophos.** — No Catalogo dos Livros de uso do rei D. Duarte cita-se *Alexandre*, que era a fórma laconica de designar o *Doutrinal* de Alexandre de Villa Dei, em que se achavam compilados os tratados grammaticaes de Servio, Varrão e Prisciano, que se estudava com *grande arruido;* em 1494 já se mencionam mestres de *grammatica da Arte velha e da nova.* Era a corrente dos novos estudos humanistas, que penetravam em Portugal, quando Ayres Barbosa, cooperando com Nebrija, imprimiam «aos estudos de Humanidades a fórma e organisação definitiva que haviam de conservar no glorioso seculo XVI...» [1] Cataldo Siculo, que ensinara rhetorica em Padua, veiu a Portugal para educar D. Jorge, bastardo de D. João II, e D. Manoel, desenvolvendo-se então na côrte a educação obrigatoria dos môços fidalgos, inscriptos nas Moradias aos doze annos. Durante a Edade média a litteratura epistolar teve uma importancia especial, sendo cultivada com o titulo de *Ars dictandi;* na epoca da Renascença a carta era um pretexto para os humanistas brilharem pela imitação do estylo *ciceroniano*, que se tornou uma monomania. Não fallando das Cartas de D. Duarte, do Infante D. Pedro, do Marquez de Santil-

1 Menendez y Pelayo, *Antologia,* t. V, p. XI.

lana e de Angelo Policiano, nas suas relações com Portugal, destacam-se por um notavel vigor de pittoresco realismo as Cartas de Lopo de Almeida, escriptas da Allemanha em 1451, dirigidas a D. Affonso V, contando-lhe a jornada e as festas do casamento da imperatriz D. Leonor, irmã do monarcha. [1] A preoccupação rhetorica do seculo XV fez que o *Magister dictaminis*, se tornasse na côrte o môço da escrivaninha, como Garcia de Resende junto de D. João II, ou Bernardim Ribeiro secretario da camara de D. João III.

Pertence a esta phase humanista o manuscripto do *Livro de Esopo*, traducção portugueza do seculo XV da collecção medieval intitulada *Romulus vulgaris* ou *ordinarius*, derivado das Fabulas de Phedro; nas 48 folhas de um texto publicadas pelo Dr. Leite de Vasconcellos, [2] comprehendem-se as seguintes fabulas, a que a linguagem archaica dá um pittoresco relêvo: O gallo e a pedra preciosa, O lobo e o cordeiro, O rato, a rã e o minhoto, O cão que cita o carneiro em juizo, O cão e a posta de carne, O leão que vae com outros animaes á caça, O casamento do ladrão e do sol, O lobo e o grou, A cadella que pediu a casa a outra, O villão que recolhe a serpente, O rato da cidade e da aldeia, A aguia que arrebata o filho da raposa, A aguia e o cágado, O corvo e a aguia, O leão velho, o asno, o touro e o porco, O branchote, o seu senhor e o amo, O

1 *Provas da Hist. genealogica*, t. I, p. 633.
2 Na *Revista lusitana*, t. VIII, p. 12.

calvo e a mosca, A raposa e a cegonha, O lobo e a cabeça do homem morto, O corvo enfeitado com as pennas do pavão.

D'entre estas fabulas merece destacar-se como um excellente trecho litterario a lenda da *Matrona de Epheso,* que ahi tem o titulo *A viuva e o alcaide* (Fab. xxxiv.)

Os Exemplos da Edade média renovavam-se pelas Fabulas da litteratura classica, que se prendiam ás preoccupações dos moralistas e das especulações philosophicas. Segundo a velha classificação das Sciencias por S. Boaventura, remodelada por Lullo, a Grammatica, Rhetorica e Logica formavam a Philosophia *racional*, e a Physica, a Mathematica e a Metaphysica constituiam a Philosophia *natural*, como a Monastica, Economia e Politica a Philosophia *moral*. O interesse por este quadro de estudos fez com que o rei D. Duarte, conhecedor das doutrinas *raymonistas*, mandasse traduzir a *Rhetorica* de Cicero e a *Ethica* de Aristoteles, cujo *Canon* dominava em Portugal sob a fórma do averroismo. Os livros philosophicos d'esta epoca tem o caracter de compilações encyclopedicas, prevalecendo sempre o dogmatismo moral sobre as suas conclusões; d'estas obras, escriptas em portuguez no seculo xv, apenas se acha impresso o *Leal Conselheiro* do rei D. Duarte; a *Virtuosa Bemfeituria* do Infante D. Pedro, e a *Côrte Imperial* jazem ineditas nas bibliothecas municipal do Porto e da Academia real das Sciencias.

O rei D. Duarte, cultivando os estudos litterarios, tinha o exemplo de grande numero de mo-

narchas da Europa; em casa, o rei D. Diniz e seus bastardos Conde D. Pedro, e D. Affonso Sanches, depois D. João I, e Infante D. Pedro, pae e irmão, impelliam-no ao esmerado estudo das boas lettras. Elle proprio confessa este motivo da sua determinação: «E semelhante o muy excellente e virtuoso Rey, meu Senhor e Padre, cuja alma Deus aja, fez húu livro das *Horas de Santa Maria*, e *Salmos* certos pera os finados, e outro de *Montaria*; e o Iffante D. Pedro, meu sobre todos presado e amado irmão, de cujos feitos e vida som contente, compoz o livro da *Virtuosa Bemfeituria*, e as *Horas da confissom*; e aquel honrado Rey D. Affonso estrollogo, quantas multidões fez de lecturas? E assy Rey Sallamon, e outros da ley antiga e d'outras crenças, seendo en real estado, filharam desejo e folgança em screver seus livros de que lhes prouve, os quaaes me dam para semelhante fazer nom pequena autoridade.» (Cap. XXVII.) No livro da *Ensinança de bem cavalgar*, confessa que a exemplo de Julio Cesar escreve como elle no desenfado dos negocios graves: «E sentyndo esto o vallente emperador Jullyo Cesar, por guardar e retêr seu cuydado, por muyto que ouvesse de fazer, sempre quando avia spaço, seguya o estudo, e algunas obras de novo screvya. E veendo que meu coraçom nom póde sempre cuydar no que, segundo meu estado seria melhor e mais proveitoso: alguns dias por andar a monte, caça e camynhos, ou desembargadores nom chegarem a mim tam cedo, estar como ocioso, ainda que o corpo trabalhe por nom filhar em tal tempo algum cuidado que em-

pecimento me possa trazer, e por tirar outros de que me nom praz, achey por boo e proveitoso remedio alguas vezes pensar, e de minha mão screver em esto por requerymento da vontade, e folgança que em ello sento, ca doutra guysa nunca o faria, por que bem sey quanto para mym presta fazello ou leixallo de fazer.» (Prol., p. 498.)

Quem lê o Catalogo dos livros de uso do rei D. Duarte, reconstitue a historia intellectual do seculo XV, e entreverá o conteúdo do *Leal Conselheiro*, vasta encyclopedia da Theologia, Moral, Medicina, Logica, Pedagogia e Grammatica de envolta com rapidas memorias pessoaes, ainda com a ingenuidade médievica, *tempi della virtù sconochiuta*. A compilação era o processo habitual com que o rei D. Duarte exercia a sua aptidão calligraphica, prenda rara no seculo XV entre os altos personagens. A coordenação d'esses elementos proveiu da vontade de comprazer com a rainha. Com o *Leal Conselheiro* dá-se o facto que tanto caracterisa a litteratura do seculo XV, a separação entre os sabios e o povo: «E tal trautado me parece que principalmente deve pertencer para os homens da côrte, que alguma cousa saibam de semelhante sciencia, e desejam viver virtuosamente, porque aos outros bem penso que nom muyto lhes praza de o ler nem de ouvir.» Apesar de escripto sob o regimen da importuna erudição, o *Leal Conselheiro* pela sua origem familiar e domestica mostra na sua redacção «esta ordem de escrever na geral maneira de nosso fallar natural.» Sob este aspecto é um importante documento philologico para a historia da lingua portugueza.

O livro da *Virtuosa Bemfeituria*, que se guardava na bibliotheca do rei D. Duarte, é um tratado de moral em fórma de compilação, escripto por seu irmão o Infante D. Pedro. No *Leal Conselheiro* cita-o como auctoridade: «e o Infante D. Pedro, meu sobre todos presado e amado irmão... compoz o livro da *Virtuosa Bemfeituria...*» O chronista Ruy de Pina caracterisa-o: «foi bem *latinado* e assás *mistico* (encyclopedico) em sciencias e doutrinas de letras, e dado muito ao estudo; elle tirou de latim em lingagen o *Regimento de Princepes*, que Frey Gil Correado compoz, e assim tirou o Livro dos *Officios* de Tullio, e Vegecio *De Re militari*, e compoz o livro que se diz da *Virtuosa Bemfeituria.*» [1] E' uma compilação dos sete tratados de Seneca; existem dois apographos na Academia real das Sciencias e bibliotheca municipal do Porto.

O rei D. Duarte possuia um outro livro intitulado *Côrte Imperial;* existe ainda hoje na bibliotheca do Porto; [2] eis como explica o seu titulo: «e tal nome lhe he feyto, porque asy como na côrte do Rey ou do emperador ou d'outro alto princepe ssoê a seer trautados os grandes negocios e os altos feytos, e as arduas questões deter-

---

1 *Chron. de D. Affonso V*, cap. 125.

2 Manuscripto em pergaminho de 134 folhas: "*Este livro he chamado* Côrte emperial, *o qual livro he dafons Vasques de Calvos morador na cidade do Porto.*" Sabe-se pelos livros de linhagens, que este Calvos foi creado do duque de Bragança em 1442, e que em 1446 alcançou o ser isento por privilegio de servir de vereador nem ter algum officio da cidade.

minadas, asy este livro tracta de grandes cousas e de muy altas questões asy como — a essencia de Deus e da trindade e da encarnação divinal e d'outras materias proveitosas para conhecer e entender o senhor deus, segundo o poder da fraqueza humanal, provando tudo por auctoridades da santa escriptura cõ declarações e exposições de doutores e per rasões evidentes e dizeres de barões sabedores declarados de latim em linguagem portuguez...» Por esta obra se póde saber o estado do conhecimento dos livros arabes em Portugal em uma epoca em que nos paizes mais civilisados da Europa eram desconhecidos. Vejamos algumas citações: «segundo podedes veer por seus livros antre os quaes fuy húu que houve nome *hermoge*, em húu livro que chamam *logostelcos*... (cap. XII) — Ca mafamede en seu livro *alcarõ* em que he escripto a vosa ley e preceptos que vos ele deu, o qual livro he principal e authentico antre vós.» *(Ib.)*

3.º **Universidade de Lisboa; Jurisconsultos; Codificação.** — O espirito de secularisação subsiste no desenvolvimento da Universidade no seculo XV. Como no tempo de D. João I se fixou a côrte em Lisboa, assim quiz este monarcha, em 1384, que a Universidade fosse *para sempre em Lisboa*, como ligada ao poder real. Havia classes de estudantes ricos, medianos e pobres. Durante as suas viagens o Infante D. Pedro escreveu extensamente ao rei D. Duarte, seu irmão, lembrando-lhe a reforma da Universidade, fundando junto d'ella Collegios *a exemplo dos de Oxonia e*

Paris. O Infante D. Henrique collocou a Universidade em casa propria em 1431 «para as *sete artes liberaes,* grammatica, logica, rhetorica, aresmetica, musica, geometria e astrologia...» Em 1442 o Infante D. Pedro fundava em Coimbra uma Universidade, como uma prerogativa regia; d'aqui talvez os odios e intrigas que o victimaram na cilada de Alfarrobeira. Para *estudantes pobres* instituiu o Dr. Mangancha um Collegio, no seu testamento de 3 de dezembro de 1447. O Infante D. Henrique no seu testamento de 1460 instituiu um cadeira de Theologia dotada com doze marcos de prata. Prevaleceu o espirito clerical na Universidade, entregando D. Affonso v em 1476 o governo e protecção do Estudo Geral ao bispo D. Rodrigo de Noronha. A Universidade de Lisboa ficou esteril até á primeira refórma de 1504, envolvida nos conflictos scholasticos de Scotistas e Thomistas. A necessidade de irem frequentar as escholas humanistas da Italia os filhos das familias fidalgas portuguezas, prova a insufficiencia do quadro dos nossos estudos. Por 1489 os filhos do chanceller João Teixeira frequentavam os cursos humanistas de Angelo Policiano, e Henrique Caiado attribue ás lições de Cataldo Siculo a sua cultura litteraria. Os estudantes de Theologia dirigiam-se especialmente para a Universidade de Paris.

O seculo xv é tambem a epoca dos Jurisconsultos, que preparavam a independencia do Poder real; o Doutor Diogo Affonso de Mangancha, que se fizera notado em Bolonha pela sua erudição, quando foi por Adjunto á embaixada que o rei

D. Duarte mandou ao Concilio de Basilêa, era Regedor da Casa da Supplicação; e já no reinado de D. Affonso v, figura Vasco Fernandes de Lucena, Desembargador do Paço, Chanceller da Casa do Civel, tendo desempenhado trez embaixadas. Nas côrtes de 1481 e 1482 convocadas para Evora, elle fez a oração de abertura.

Os Jurisconsultos foram os primeiros humanistas da Renascença; conhecedores do systema das leis romanas, trataram de codificar as differentes ordenações especiaes, formando um corpo geral que veiu a destruir a legislação foral. Com o titulo de *Leis antigas*, achou o escrivão Jorge da Cunha entre o lixo da Torre do Tombo um pergaminho de 168 folhas, em 1633, que procurado seis annos depois pelo Procurador da Corôa Thomé Pinheiro da Veiga já não foi encontrado. Em uma certidão do Mosteiro de S. João de Tarouca da éra de 1459, cita-se o *Livro das Ordenações que anda na Chancellaria;* é crivel que fosse o codigo mandado organisar por D. João I ao seu jurisconsulto João Mendes Cavalleiro. Na bibliotheca do Rei D. Duarte «que en sendo Infante foi Regedor da Casa da Supplicação» encontra-se designado o *Livro das Ordenações dos Reis;* e no codigo affonsino cita-se o *Livro das Ordenações do Reino* e tambem o *Livro das Leis que anda na Casa do Civel.* (Liv. III, tit. 6, § 1; e tit. 15, § 29.)

As occupações de D. Duarte quando Infante levaram-o a emprehender uma nova codificação das leis. Uma copia das *Ordenações de D. Duarte* chegou ao poder do ministro José de Seabra da

Silva, vindo outra copia do desembargador Joaquim Pedro Quintella a pertencer a seu filho o barão de Quintella; constavam de 450 folhas numeradas, segundo a descripção que fez João Pedro Ribeiro. Acham-se hoje publicadas as *Ordenações de D. Duarte* pela Academia real das Sciencias na collecção *Portugaliæ Monumenta historica*. Durante a Regencia do Infante D. Pedro, na menoridade de D. Affonso v, elle mandou codificar sob o titulo de *Ordenações Affonsinas* as leis dispersas dos diversos reis ainda da primeira dynastia; cada um dos seus titulos é precedido de um preambulo litterario, com ideias dos moralistas greco-romanos, misturando com ellas o symbolismo pittoresco da Edade média, no *Regimento de Guerra*. (Tit. 51.) Como obra de litteratura as *Ordenações Affonsinas* são um vasto repositorio de locuções e costumes populares, da vida social no seculo xv. Predomina n'ellas a eschola bartholista, que impõe acima de todas as leis privilegiadas, ecclesiasticas, locaes e senhoriaes o *fóro do rei*, fórma transitoria da unificação civil. No seculo xv os Jurisconsultos eram homens de letras, cuja disciplina se continuou no espirito de Cujacio e da eschola historica do direito. Os Jurisconsultos encarregados de codificarem as leis portuguezas, como João Mendes Cavalleiro por D. João i, e Doutor Ruy Fernandes por D. Duarte e D. Affonso v, devem considerar-se como representantes da cultura humanista.

§ IV

Desenvolvimento da fórma historica

A realeza travou a sua ultima lucta contra o poder senhorial: o movimento realisado por Luiz XI contra o Duque de Borgonha, teve tambem em Portugal e Castella repercusão analoga, na execução do Duque de Bragança, e na de D. Alvaro de Luna. O seculo XV, d'estas poderosas conspirações da aristocracia e da sangrenta rasão de Estado, legou-nos Memorias particulares e pessoaes. A velha Chronica ingenua e destacando-se da tradição da Epopêa, veiu encontrar nos factos da vida social, nos interesses da ordem politica, na transformação das relações civis o objecto das suas pittorescas narrativas. As nacionalidades recentemente constituidas reclamaram dos eruditos a invenção das suas genealogias historicas, indo os graves eruditos filial-as nos heroes de Troya foragidos em França, Veneza, em Hespanha e Portugal. Os estados geraes ou Côrtes queriam que se fixassem authenticamente as rasões das refórmas que estatuíam, e os Chronistas eram lisongeados pela realeza para justificarem os seus arbitrios e crimes; conta Damião de Góes, que Affonso de Albuquerque presenteava com joias a Ruy de Pina para lhe ser favoravel nas Chronicas. No meio d'estas pretenções de uma vaidade erudita, appareceram os Comines, os Platina, os Olivier de la Marche; Froissart viaja por França para colligir os successos do seu tempo: «Faltava-lhe alguma cousa a di-

zer sobre as guerras de Hespanha, e precisava para isso o testemunho dos portuguezes. Asseguraram-lhe que muitos cavalleiros d'esta nação estavam em Bruges. O cavalleiro andante da Historia parte para Bruges; alli sabe que um outro portuguez valente e sabio estava na Zelandia; eil-o a caminho para a Zelandia para saber dos acontecimentos de Portugal. Alli encontra o seu homem *gracieux et accointable*, e com elle está durante seis dias fazendo-lhe contar as historias e anecdotas, que vae reduzido a escripto. Depois de ter exhaurido a memoria d'este cavalleiro, parte para outra investigação.» [1] Com este mesmo espirito Fernão Lopes percorre Portugal para escrever a historia de cada reinado, e Azurara visita as conquistas do norte da Africa. A realeza preoccupava-se com a organisação das Chronicas do reino, e convidava latinistas italianos como Matheus Pisano, Frei Justo Balduino, e Angelo Policiano para traduzirem para latim as memorias nacionaes. De D. João II, escreveu Damião de Góes: «era tão curioso de fazer vir em luz todos os feitos d'este Conde D. Duarte e do Conde D. Pedro seu pae, e hos dos Reys passados, que para se divulgarem em *lingua latina*, mandou vir de Italia D. Justo, frade da ordem de S. Domingos, a quem por este respeito fez Bispo de Septa...» [2] Veiu-nos d'este frade a perda incalculavel dos melhores materiaes colligidos para a

---

1 Lefranc, *Hist. crit. de la Litterature française* — Moyen-Age — p. 395.

2 *Chron. de D. Manoel*, P. VI, 38, fl. 49.

nossa historia, por causa do seu falecimento repentino. Angelo Policiano não accedeu ao convite de D. João II. No seculo XV propala-se a tradição das *Quinas,* das Armas nacionaes, explicando-as pela lenda do milagre de Ourique, referida por Olivier de la Marche; o Bispo D. Garcia, orando diante do Papa, emprega no seu discurso humanista o nome de *Lusitania* identificando-o com o de Portugal: Herculano motejou d'esta designação ethnica desconhecendo os Mappas do seculo VI a XII, em que o nome de *Lusitania* designa sempre a região que veiu a ter o nome de Portugal.

Apesar do exagerado respeito pelos latinistas estrangeiros é no seculo XV que apparecem os grandes historiadores portuguezes escrevendo na lingua nacional, com um admiravel relêvo pittoresco e com um elevado bom senso. A redacção portugueza julgar-se-hia então provisoria, sendo destinada á amplificação do latim ciceroniano, como se póde inferir da despreoccupação do estylo em Fernão Lopes, e dos variados plagios que d'este chronista fizeram outros que lhe succederam. A fundação de um Archivo nacional (Torre do Tombo), e a creação do cargo de Chronista do Reino, inherente aos guardas d'esse Archivo, actuaram directamente sobre o desenvolvimento da fórma historica, determinando as capacidades de Fernão Lopes, Gomes Eanes de Azurara e Ruy de Pina.

1.º **Conversão das Estorias em Caronicas.** — Na carta escripta pelo rei D. Duarte, de San-

tarem em 19 de Março de 1434, a Fernão Lopes, encarregava-o «de poer em *caronica* as *estoreas* dos Reys que antigamente em Portugal foram; etc.» Herculano ligou a estas duas palavras sentidos differentes: a *estoria* designava as memorias tradicionaes, os registos latinos, os obituarios, as legendas mesmo oraes. De facto no syncretismo da Edade média os cantores narrativos foram chamados *histriones*, e *Gesta* a historia de feitos heroicos; como ainda hoje na ilha da Madeira os romances populares são chamados *Estorias*. A Chronica era a ephemeride palaciana com o caracter de um registo; os seus redactores eram como os Logographos gregos. Para se chegar ás formas bellas e superiores das chronicas do seculo xv, convém indicar os esbôços isolados em que as narrações eram ainda moldadas pela concepção limitada do seculo xiv.

a) *A Chronica da fundação do Moesteyro de S. Vicente.* — No principio do seculo xv fez-se uma traducção da relação latina intitulada *Indiculum fundationis Monasterii Sancti Vicentii*, escripto no reinado de D. Affonso II; [1] guardava-se esta traducção com o mais rigoroso affêrro na livraria do Mosteiro de S. Vicente, em Lisboa. Na *Chronica dos Eremitas de Santo Agostinho* (t. I, fl. 993) refere Frei Antonio da Purificação: «tambem me admira o notavel cuidado que se tem no Convento de S. Vicente sobre a guarda d'aquella escriptura latina da sua fundação, e do

1 Herculano, *Hist. de Portugal*, t. I, p. 506, Not. XVII.

Ordinario de S. Rufo, não consentindo que pessoa alguma as tome na mão para as lêr... Porque as escondem não só a nós, mas até aos outros historiadores e Chronistas do Reino.» Em 1538 mandou D. João III imprimir este vedado manuscripto traduzido «*em a propria lingua antigua em que foi achado.*» Diverge este texto do que existe na Torre do Tombo e foi em 1861 publicado nos Monumentos historicos. [1] Sobre a Chronica dos Vicentes falla Herculano: «Tem-se offerecido algumas duvidas sobre a sua authenticidade. O que se póde ter por certo é que não foi escripta nos primeiros annos do reinado de D. Sancho I, como ahi se indica; ou que é copia tirada posteriormente... A letra porém do manuscripto de S. Vicente é semelhante em grandeza, em fórma, em tudo á de um volume de Chancellaria de D. Affonso II (Maço de Foraes antigos, n.º 3.) [2] A *Chronica dos Vicentes*, além de ser um valioso documento do estado da lingua portugueza no seculo XV é inapreciavel para o estudo historico dos primeiros annos da nação portugueza; alli se encontram tradições poeticas ligadas á memoria dos francezes que ajudaram á conquista de Lisboa, como a sentidissima lenda do cavalleiro Henrique e da fidelidade do seu pagem, que com tanta arte idealisou Camões nos *Lusiadas* alludindo á palma que nascera sobre a sepultura do Cavalleiro.

1 *Portugaliæ Monumenta hist.* — Scriptores, p. 407.
2 Op. cit., t. I, p. 506.

b) *Vida de D. Tello.* — E' a historia no seu elemento biographico; a vida d'este arcediago de Santa Cruz de Coimbra foi escripta em latim no seculo XII, e encerra muitas circumstancias da historia nacional não referidas em outros monumentos. Traduziu-a para portuguez mestre Alvaro da Mota, dominicano, o nomeado reitor da Universidade de Coimbra fundada pelo Infante D. Pedro; lê-se no seu prologo: «Aqui se começa a obra que fala do fundamento do moesteiro de Santa Cruz de Coimbra e quaes foram aquellas pessoas que este ordenaram, e fala mais da vida de D. Tello e d'outros homens seus companheiros. Esta obra está em latim no livro do erdamento de Santa Cruz, e foi tornado em linguagem por que o entendessem muitos, a requerimento de *Pedr'eanes*, prior de podentes, irmão de Affonso annes, conigo de santa cruz. E esto foy em tempo de dom gomes, prior de santa cruz, homem de santa vida, que primeiro foi abbade de frorença. E esta trasladaçam fez do latim em linguagem mestre *Alvaro da Mota*, da ordem dos prégadores, o maior letrado da ordem, estando em santa cruz com o prior dom gomes no anno LV, no mez de Novembro.» A linguagem da *Vida de D. Tello* appresenta fórmas já não empregadas por escriptores seus contemporaneos; ahi se lê: «Vinham muitos velhos *cãaos* fazendo grande *chanto* por D. Tello...» A fórma vulgar de *cãoos* (canos ou encanecidos) desappareceu por causa da homonymia com *cão*, conservando-se a fórma feminina *can* por não ter esse inconveniente. *Chanto* era a fórma vulgar de *planctus*, que desappa-

receu diante da fórma erudita de *pranto*, ficando a fórma *chantar* proveniente de *plantare*. O trabalho da erudição ia reconhecendo estas homonymias e homophonias, avançando para a disciplina da lingua pela escripta.

c) *Chronica do Condestabre*. — O auctor anonymo d'esta chronica classifica-a no seu pequeno prologo como *estoria*: Azurara compara-a sob o aspecto biographico á Gesta do *Duque João de Lanson*: «Antigamente foi costume fazerem memoria das cousas que se faziam, assi *erradas*, como dos valentes e nobres feitios. Dos erros, porque d'elles se soubessem guardar; e dos valentes e nobres feitos aos boos fezessem cobiça aver pera as semelhantes cousas fazerem.» E' com este intuito que exemplifica os feitos errados com a *faulse geste*, e os nobres feitos com a *Chronica do Condestavel* D. Nuno Alvares Pereira. O elemento tradicional predomina n'este importante quadro em que nos mostra o Condestavel apaixonado pela leitura dos poemas da Tavola Redonda: «*avia gram sabor de leer estorias.*» Alli tambem se encontra a lenda da Espada encantada que lhe entregara o alfageme de Santarem (cap. XVII) sobre a qual Garrett fundou um drama nacional.

d) *Cronica do Santo e virtuoso Infante D. Fernando*, por Frei João Alvares. Foi publicada em Lisboa em 1527, na imprensa de German Galharde. Na Bibliotheca nacional de Madrid existe um texto manuscripto em portuguez do seculo XV, com o titulo: *Fernando Infante, filho de D. João I de Portugal. Sua vida.* N'elle se declara o auctor: «Johã alvares, cavalleiro de Avis

e da casa do S.or Infante D. Anrique, que foi creado e secretario do muito virtuoso S.or Yfante D. Fernando.» João Pedro Ribeiro caracterisou esta Chronica como um continuado neologismo latino. Quanto á narrativa historica, escreveu Fray Hieronymo Roman na *Historia do los religiosos Infantes de Portugal*, criticando tambem a remodelação de Fr. Jeronymo Ramos de 1577: «todos quedaron cortos, por que no vieron los papeles de la Torre de Tombo ó Archivo de Lisboa ni los del Convento de Avis, ni otros memoriales que vinieron á mis manos.»

2.º **Fundação do Archivo Nacional** (Torre do Tombo.) — Nas Chronicas de D. Pedro I e de D. Fernando, falla Fernão Lopes da *Torre alvarã* ou do *aver*, construida primitivamente para se guardar o Thezouro real. (Cap. 12; e cap. 48.) A cargo do Védor da Fazenda, já no tempo do rei D. Fernando (1367-1383) ahi se depositavam como em archivo estavel os livros findos das Chancellarias, na Torre de Menagem do Castello de Lisboa. D'aqui o nome de *Torre do Tombo*, (tomo) de *Recabedo Regni*, inventario dos bens proprios nacionaes, e direitos. Tinha um escrivão privativo, que se tornou depois Guarda-mór, Contador da Fazenda, que authenticava os diplomas das provisões e certidões, em nome do soberano e bem assim as allegações dos titulos e documentos. Os primeiros Guardas da Torre do Tombo ainda não estavam separados nas suas attribuições dos empregados do thezouro: assim foram João Annes, védor da Fazenda por 1373; Gonçalo Es-

teves, Contador dos Contos de Lisboa, encarregado do serviço da Torre em 1403, vencendo o mantimento e vestir, posto que não trabalhasse nos Contos, o que leva a fixar a separação do cargo de Archivista do de Thezoureiro em 1403; seguiu-se-lhe Gonçalo Gonçalves, Contador dos Almoxarifados de Setubal e Obidos, incumbido do serviço do Archivo em 1414 e exercendo-o até 1418. Em Outubro d'este anno estava já de posse d'este logar Fernão Lopes, o fundador da historia portugueza. O facto de apparecer nomeado em vida de Gonçalo Gonçalves leva a induzir que as attribuições de archivista e de thezoureiro foram completamente separadas e tornadas com esta nomeação independentes. A competencia de Fernão Lopes seria reconhecida durante o exercicio de secretario do princepe D. Duarte e infante D. Fernando. Desde 1418 até 1420 ha bastantes documentos assignados por Fernão Lopes «*a que d'esto he dado seu especial encarrego de guardar as chaves das dictas escripturas e o traslado d'ellas.*»

Fernão Lopes exerceu durante trinta e seis annos este cargo, pedindo a sua exoneração «*já tam velho e flaco, que por si não pode bem servir o dito officio...*» A nomeação do novo archivista recahiu em Gomes Eanes de Azurara, indigitado pelo proprio Fernão Lopes: «*per seu prazimento, e per fazer a elle mercê, como he razom de se dar aos boos servidores.*» Sobreviveu Fernão Lopes ainda cinco annos á sua aposentação. Azurara preencheu o seu encargo até 1490, em que

lhe succede Ruy de Pina, severo na critica historica em que serve intuitos politicos, sob a pressão official. Erradas comprehensões fizeram que as Chancellarias dos primeiros reinados fossem destruidas e muitos documentos originaes se substituissem por resumos e indices summarios, e se reduzissem a *leitura nova* (1495-1557) tratando do luxo exterior da calligraphia e illuminuras inçando essas copias de erros palmares.

Os grandes Chronistas do seculo XV

Depois de Portugal ter affirmado conscientemente a sua autonomia nacional, e iniciado as navegações modernas, que haviam de determinar a éra pacifica da actividade industrial, revelou-se o genio historico nos seus grandes chronistas, como uma consequencia logica d'esse individualismo heroico. Formulou Frederico Schlegel com notavel tino: «Feitos memoraveis, grandes successos e largos destinos não bastam para nos prender a attenção e determinar o juizo da posteridade. Para que um povo tenha este privilegio, é preciso que elle possa *dar conta das suas acções e dos seus destinos.*» Isto nos mostra que a fórma litteraria da Historia não foi um producto da erudição e do influxo official, mas um producto organico, que no seculo XV competiu dignamente com as obras historicas dos grandes chronistas europeus, seguindo a evolução completa d'este genero, que pela Grecia fôra realisado na sua integralidade. Para apreciar os Chronistas portugue-

zes do seculo xv, basta observar como elles se elevaram na evolução ascendente d'este genero litterario. O chronista Fernão Lopes, pelo realismo das suas narrativas destacando-se pelo bom senso das tradições poeticas mas conservando-lhes o sentido do ethos nacional, é comparavel a Herodoto, e a quantos seguiram esta fórma ingenua e pittoresca da objectividade das pessoas e dramatisação dos factos anecdoticos, pondo-se a par de Froissart, e de Joinville. O chronista Gomes Eannes de Azurara, já se serve do processo subjectivo, dando-nos os discursos dos personagens e o aspecto politico do meio social, auctorisando-se com antigos exemplos, aproximando-se das fórmas narrativas de Thucydides, embora não fosse geralmente conhecido o historiador grego. Em Ruy de Pina ha a consciencia do poder do julgamento da historia sobre os factos occorridos, cuja relação os narradores não accentuam, mas que conduzem o espirito critico á formação da noção synthetica. E' o grande mestre d'esta phase *pragmatica* da historia Polybio, o primeiro modelo, que só podia ser seguido quando a Civilisação moderna se revelasse no seu conjuncto, aos Ranke, aos Michelet, Bukle, Thierry. A acção mundial exercida pela nação portugueza, exige ser tratada na sua Historia pelas formas syntheticas de Polybio, para a sua verdadeira comprehensão. Até hoje ainda não foi escripta por este processo, apezar dos seus factos estarem já esclarecidos no vasto quadro da civilisação moderna. Merece um interesse vivissimo, como na marcha da nação portugueza para

os grandes feitos mundiaes, se vae affirmando a consciencia historica dos seus Chronistas:

1.º **Fernão Lopes**. — E' o verdadeiro fundador da Historia de Portugal; para elle o narrar os factos, e julgal-os é como achar-se investido da missão grave e conscienciosa de proferir uma sentença perante a posteridade; assim tendo de referir um acto indigno do rei D. Pedro I, declara: «*O fruito principal da alma he a verdade,* e ella hade ser clara e nom fingida, mórmente nos Reys e senhores.» — «e posto que escrito achamos d'el-Rey de Portugal que a toda a gente era manteedor da verdade, nossa tençon he nom o louvar mais; pois contra seu juramento foi consentidor em tam fea cousa como esta.» Refere-se á troca dos castelhanos refugiados em Portugal pelos assassinos de D. Ignez de Castro. Era este sentimento da verdade que o dirigia na sua investigação com uma incansavel actividade, esgotando todas as fontes de consulta; diz-nos elle no começo da *Chronica de Dom João I;* que: «com cuidado e diligencia *vira grandes volumes de livros e desvairadas linguagens e terras,* e esse mesmo, *muitas escripturas de muitos cartorios* e outros logares, nos quaes, depois de longas vigilias e grandes trabalhos, mais certidam aver nam pode do conteúdo em esta obra.» O chronista Eannes de Azurara caracterisa de egual fórma o trabalho do venerando mestre: «em andar pelos Moesteiros e Igrejas buscando cartorios e os letreiros d'ellas, para aver sua informação; e não só em este Reyno, mas ainda no Reyno de Castella mandou el

rei D. Duarte buscar muitas escripturas, que a esto pertenciam.» [1] Todo este trabalho era accumulado para a formação da *Chronica de Portugal*, que existiu na Livraria do rei D. Duarte. Conhecendo a sua excepcional competencia, o rei D. Duarte, por carta de 19 de Março de 1434, deu: «o carrego a Fernão Lopes seu escripvam, de poer em caronyca as estorias dos Reys que antigamente em Portugal foram; esso meesmo os grandes feitos e altos do mui vertuoso e de grandes vertudes el Rey seu senhor e padre, cuja alma deos aja; e per quanto em tal obra elle ha assas trabalho e ha muito de trabalhar; porém querendo-lhe agallardoar e fazer graça e mercê, mando que el aja de teença em cada hum anno em todollos dias da sua vyda, des primeiro dia do mez de janeyro que ora foy da éra d'esta carta em diante, pera seu mantimento quatorze mil libras em cada hum anno, pagadas aos quartees do anno.» Vem esta carta inclusa em uma outra datada de 3 de junho de 1449 «*com accordo do Yfante Dom Pedro*, seu tyo defensor por el (D. Affonso v) dos ditos Regnos e senhorios...»

A capacidade superior de Fernão Lopes, reconhecida pelos dois mais illustres filhos de D. João I, acha-se proclamada por Azurara, fallando com profundo respeito do seu caracter: «notavel pessoa, homem de communal sciencia e grande auctoridade; escrivão da puridade do Infante D. Fernando; ao qual El Rei D. Duarte, em sendo

---

1 Azurara, *Chron. de D. João I*, P. III, cap. 2.

Infante, commeteo o cargo de apanhar os avisamentos que pertenciam a todos aquelles feitos (guerra entre Portugal e Castella) e os ajuntar e ordenar segundo pertencia á grandeza d'elles, e authoridade dos princepes e outras notaveis pessoas que os fizeram.» Tanto pela carta do rei D. Duarte como por esta citação da Chronica de Azurara, se vê que Fernão Lopes escreveu uma *Chronica geral do Reino;* allude a esta a carta de mercê de D. Affonso v, feita em Lisboa em 11 de janeiro de 1449: «pelos grandes trabalhos que elle ha tomado e ainda hade tomar em fazer a *Chronica dos feitos dos Reys de Portugal...»* Tanto José Soares da Silva como Mendo Trigoso, seguiram a auctoridade de Damião de Góes, que transcreveu a mercê de D. Affonso v; assim nas *Memorias de D. João I*, escreve Soares da Silva: «Gomes Annes, no ultimo capitulo da *Chronica do Conde D. Pedro,* primeiro capitão de Ceuta, que elle compoz, na qual para verificar a jornada dos Infantes a Tanger, cita a Fernão Lopes, na *Chronica geral do Reino,* assim como o allega em partes; dando d'ella testemunho no principio do segundo capitulo da sua historia de Ceuta...» Fernão Lopes completou este vasto trabalho com a *Chronica de Dom João I*, encommendada pelo rei D. Duarte. Por fatalidade injustificada esse monumento foi roubado e fragmentado em Chronicas especiaes, conservando-se apenas, com o nome de Fernão Lopes as *Chronicas de D. Pedro I* e de *Dom Fernando*, e a de *Dom João I,* incompleta; todos os outros livros, passando por copias ou alterações continuadas, appareceram em nome de outros auctores.

Damião de Góes, na *Chronica de Dom Manoel*, restituiu pela primeira vez por um processo critico a Fernão Lopes, desde o Conde D. Henrique até D. Affonso IV, as Chronicas «*dos Reis que antigamente em Portugal foram.*» Confirmando a auctoridade de Damião de Góes, escreve ácerca d'estes plagios: «E ainda que algumas d'estas *Chronicas* se acham accrescentadas ou recopiladas, como são a de *D. Affonso Henriques* por Duarte Galvão (a quem o grande João de Barros na terceira *Decada*, liv. 1, cap. 4, chama seu *apurador*,) a de *D. Duarte* por Gomes Annes ou Ruy de Pina, as dos nove reis por Duarte Nunes de Leão; *sempre as substancias e o principal d'ellas é de Fernão Lopes.*» As summulas feitas por Acenheiro roçam pela imbecilidade. A tendencia dos chronistas das primeiras duas dynastias em plagiarem Fernão Lopes, provem de ter esse espirito iniciador esgotado as fontes docummentaes.

Apesar de terem conservado o seu nome, as trez Chronicas hoje impressas sobre apographos, essas mesmas se perderam, restando traslados modernisados, summariados ou ampliados. O confronto d'esses differentes textos revela por vezes os subsidios de que o chronista se servia, ou tambem como os plagiarios se iam appropriando das suas narrativas ou mesmo fazendo-lhes continuações até ao fim do seculo XVI.

Examinando os manuscriptos das *Chronicas dos Reys de Portugal, Dom Pedro o 1.º d'este nome e dos Reys o VIII, e del Rey Fernando, o 1.º de nome e dos reis o IX*, que se guardam na bibliotheca nacional de Madrid, o illustre lusita-

nophilo Sanchez Moguel, fez varias observações sobre a importancia d'estes textos, não só da influencia que no criterio historico de Fernão Lopes exerceu o grande chronista Pero Lopez de Ayala, como a revelação de factos da historia de Hespanha que são omissos em Ayala e que se encontram referidos por Fernão Lopes. A edição da *Chronica de D. Pedro I* feita pelo P.e Bayam, considerada pelas deturpações, *pareceu* ao sabio academico que a reimprimiu em 1816 nos *Ineditos da Historia portugueza, absolutamente necessario consideral-a ainda como realmente inedita.* Apesar de se ter seguido o texto manuscripto da Torre do Tombo com o maior escrupulo, Sanchez Moguel, conhecendo outros codices portuguezes e o madrileno, chegou á conclusão: «Falta pois uma verdadeira edição de ambas as Chronicas, tal como se entendem hoje estes trabalhos, tendo em conta todos os codices e todas as variantes, e o que mais importa, estudando o conteúdo, comparando estas Chronicas com as peninsulares e estrangeiras d'aquelles tempos ou que aos mesmos feitos se referem, enriquecendo-as com os documentos, illustrações e notas correspondentes: etc.» Sanchez Moguel, encetando este estudo, chegou ás conclusões: Que a *Chronica de Dom Pedro I* se serviu de fontes hespanholas anteriores: e que se narram n'ella feitos importantes puramente hespanhoes, que nas Chronicas de Hespanha foram omittidos, ou incompletamente se relatam. [1] Na Chronica em que Fernão Lopes

---

1 *Reparaciones historicas,* I, p. 43. 1894.

trata da *grande guerra e muito crúa antre el Rei D. Pedro de Aragom*, «seguiu passo a passo, compendiando-a fielmente, até ao ponto de reproduzir as mesmas phrases e locuções, quasi sempre traduzidas á letra, a Cronica del Rey D. Pedro de Castella, do Chanceller López de Ayala.» Fundamenta-o com o schema dos capitulos communs ás duas Chronicas, e determinando que o texto seguido pelo escriptor portuguez foi o da Chronica *abreviada* ou vulgar de Ayala. Mas na Chronica de Fernão Lopes acham-se tratados largamente factos apenas alludidos por Ayala; escreve Moguel: «Das relações que mediaram entre os dois Pedros, rei e sobrinho, pouco, e apenas o essencial, é o que nos refere Ayala; muito, em comparação, o que o chronista portuguez nos conta. — Refere Ayala o iniquo facto pelo qual ambos os monarchas se obrigaram, o castelhano a entregar a seu tio os assassinos de D. Ignez de Castro, refugiados em Castella, e o portuguez em troca, a seu sobrinho, os cavalleiros castelhanos que tinham ido para Portugal fugindo das suas crueldades; o chronista portuguez, conforme no essencial, accrescenta á narrativa castelhana factos e noticias importantes, como, por exemplo, a fuga de Diogo Lopes Pacheco, com todos os seus poeticos pormenores.

«Falla-nos Ayala do projectado casamento de D. Beatriz, filha do castelhano D. Pedro com D. Fernando, filho do de Portugal; e a Chronica d'este rei, estende-se sobre a materia, dando-nos a conhecer negociações e contractos celebrados não só sobre este matrimonio, como no tocante

a outros, de filhas do rei de Castella com filhos do monarcha portuguez, dos quaes nada disse o Chanceller na sua Chronica.

«N'esta pouco se lê relativo á ida de D. Pedro de Castella a Portugal, fugindo do seu victorioso irmão, e antes de sahir para Bayona e pôr sua causa em mãos dos inglezes. Pelo contrario, a Chronica portugueza nos relata com mais riqueza de noticias a sahida de D. Pedro de Sevilha, os *thesouros* que possuia e tentou tirar de Castella, as negociações e desaccordos que se deram logo entre os reis castelhano e portuguez, e a carta que este escreveu ao Princepe de Gales *«por se desculpar do que el Rei Don Pedro dizia.»* — «Para concluir: na Chronica portugueza achamos referidos factos importantes da historia de D. Pedro de Castella que o seu chronista passa em silencio, que tem sido imperfeitamente conhecidos, e que só pódem ser claramente apreciados pelo que na Chronica portugueza se contém.» N'este rapido estudo da *Chronica de D. Pedro I* por Fernão Lopes conclue Sanchez Moguel a superior influencia que o chanceller Pero Lopez de Ayala exerceu sobre o fundador da Historia portugueza: «entre o que o chronista portuguez e o castelhano relatam não ha contradição que se note, o que abona altamente ambos os chronistas, e é prova mais eloquentissima da gravidade historica do Thucidydes hespanhol, mestre e guia do chronista portuguez na narração e no senso critico, como o foi mais tarde do maior dos historiadores aragonezes, o grão Zurita, tambem seu discipulo.» *(Op. cit.,* p. 53.)

Da *Chronica de Dom João 1* impressa pela Academia real das Sciencias nos Ineditos da Historia portugueza, póde-se dizer que o texto manuscripto da Torre do Tombo é um apographo mais moderno do que esse de Pero Vaz Soares, que foi estrebeiro mór da Excellente Senhora, [1] que existe na Casa de Tarouca, que nos restitue quanto possivel a sua fórma authentica. D'este texto, faz uma interessante e nitida descripção o Dr. José de Arriaga, que elaborou o Catalogo d'aquella rica bibliotheca. Transcrevemos as suas palavras de uma communicação á Academia real das Sciencias:

«Escripto em estylo mui antigo, quasi contemporaneo dos factos, é de incontestavel valor. Fazendo uma relação mui desenvolvida dos fidalgos que na batalha de Aljubarrota acompanharam a D. João 1, e referindo-se aos que sahiram do reino, accrescenta o chronista: = *dos quaes allgús já morrerõ* assy como ho allmirante e o conde de Viana, Aires Gomes da Sylva, etc. = Donde se conclue que ainda no tempo d'elle existiam alguns dos que entraram na guerra. Ha mais provas d'isto.

«A obra parece composta de trez partes. A primeira trata da conspiração contra o Conde de Andeiro, de que o auctor faz principal protagonista a Rui Pereira. A segunda abrange o periodo desde

---

1 Lê-se no testamento da Excellente Senhora. — Iten, seyscentas dobras a Pero Vaz Soares, que foi meu estribeiro mór em galardão de seus serviços.» *(Archivo hist. portuguez*, t. 1, p. 10.)

a acclamação de D. João até á paz com Hespanha. E' a que existe. A terceira abrangeria, talvez, o periodo importante desde a paz de Hespanha até á morte do rei.

«E' mui importante o que o auctor narra da batalha de Aljubarrota. Combatendo os exageros dos auctores portuguezes e hespanhoes, pretende fazer um calculo imparcial das forças que entraram em lucta. Diz que é esse o dever do chronista.»

O Dr. José de Arriaga foi confrontar este texto trasladado por Pero Vaz Soares com os codices da Torre do Tombo, e com a edição da Academia real das Sciencias: «Resultou d'este estudo a convicção de que todas as *Chronicas de D. João I* até agora encontradas, são copias mais ou menos infieis da de Fernão Lopes, cujos autographos desappareceram, talvez por cumplicidade de alguns dos que desejaram passar por auctores. Desgraçadamente os originaes á face de que se fez a impressão, são das copias mais recentes e infieis. — A' sua escolha não presidiu bom criterio. Basta apontar o facto estranho de o portuguez e ortographia da primeira parte serem de uma época posterior á da segunda. N'aquella já se usa o *ão* da ultima reforma da ortographia portugueza; n'esta ultima emprega-se o antigo *on*. N'uma e n'outro são frequentes os desleixos e até as alterações dos copiadores.

«As copias mais antigas, por nós conhecidas, são a de Couto de Vasconcellos e a d'este archivo (de Pero Vaz Soares.) Uma e outra são escriptas em caracteres da época, como os manuscriptos

das *Chronicas de D. Pedro* e de *D. Fernando*. — N'elle usam-se geral e invariavelmente as vogaes e consoantes duplas; o artigo *o* vem sempre com *h*, bem como as palavras começadas por vogaes. Ainda é costume antepôr-se a letra *a* a muitos vocabulos.

«No manuscripto de Couto de Vasconcellos tudo isto desappareceu. Só em casos excepcionaes se empregam as vogaes duplas, e se antepõe o *h* a algumas palavras. — Se a copia de Couto de Vasconcellos mostra ser mais moderna do que a de Pero Vaz Soares, o que diremos da que serviu de autographo para a edição: — Couto de Vasconcellos teve empenho em fazer divergir a segunda parte da primeira; o editor, ao contrario, quiz harmonisal-as. Conservou as mutilações d'aquelle copiador que lhe convinham e metteu excerptos de sua casa...»

«Em nossa humilde opinião é a copia (de Pero Vaz Soares) mais antiga e mais fiel até hoje conhecida. — Este manuscripto póde abrir caminho a novas investigações e derramar luz sobre cousas até agora não suspeitas.» [1]

As Chronicas de Fernão Lopes são intensamente dramaticas; os ditos e apódos populares, que definem um typo ou uma situação, cruzam-se por entre as reflexões sensatas do narrador, que os vae acareando com os documentos; os costumes publicos formam o fundo d'este quadro ani-

---

1 *Boletim da Segunda Classe da Acad. real das Sciencias*, Vol. I, p. 11 a 18.

mado, em que a linguagem é — ingenua e quasi vulgar — em uma construcção francamente clara, n'essa justa proporção que só o bom senso natural sabe encontrar. O espirito de um Froissart educado por um Montaigne, é que nos daria o equivalente da superioridade de Fernão Lopes não só em Portugal, mas a par dos grandes Chronistas do seculo XV. Quando em uma boa edição critica das suas Chronicas se restituirá este vulto á civilisação europêa?

2.º **Gomes Eannes de Azurara.** — A *prasimento* de Fernão Lopes, que já pela muita edade não podia continuar as investigações historicas, succedeu-lhe Azurara, compondo a *Tomada de Ceuta*, que fórma a terceira parte da *Chronica de D. João I*, escripta trinta e quatro annos depois da interrupção de Fernão Lopes. D. Affonso V encarregara d'este trabalho a Azurara, seu bibliothecario, posição que lhe facilitou essa affectação de citações eruditas, que foi um prurido do humanismo do seculo XV; mas a erudição não destruiu de todo a ingenuidade do seu estylo; como Fernão Lopes, elle tambem procurava a impressão local dos acontecimentos, visitando o campo da acção. Para descrever as guerras no norte de Africa, Azurara residiu bastante tempo em Alcacer Ceguer podendo assim descrever com forte relêvo a tomada de Alcacer, de Arzilla e de Tanger; transcreve um ditado popular, que disse Gomes Freire, um dos que lançaram a escada ao muro da fortaleza:

— Oh noite má,
P'ra quem te apparelhas?

Que se completa pelo que ouvimos na tradição oral da Foz do Douro:

«P'rós pobres soldados
E pastores de ovelhas.
— E os homens do mar
Aonde os deixas?
«Esses, ficam metidos
Até ás orelhas.

Escreveu as *Chronicas de Dom Pedro de Menezes* e de *Dom Duarte seu filho*, e uma *Chronica de Dom Affonso V* até á morte do Infante D. Pedro, da qual se apropriou depois Ruy de Pina ampliando-a e continuando-a. Por que faria Ruy de Pina este plagio? Podemos inferir que o fez por ordem superior: Azurara escrevera sob o patronato de D. Affonso v, tratando de o justificar da iniquidade e ingratidão com que procedeu contra o Regente, o Infante D. Pedro seu tio. Ruy de Pina, escrevendo sob a auctoridade de D. João II, que reconhecera esse attentado suggestionado pela intriga do Bragança, teve de modificar essa chronica, ampliando-a e continuando-a. Damião de Góes tratou lucidamente este facto de ser o trabalho de Azurara aproveitado pelo chronista Ruy de Pina. (*Chr. D. Manoel*, P. IV, cap. 38.) Para a Chronica da *Conquista de Guiné* serviu-se Azurara de uma Relação escripta por Affonso Cerveira: teve n'esta narrativa o intuito de constituir uma vida do Infante D. Henrique dando-lhe a exclusiva iniciativa dos Descobrimentos maritimos. D'este proposito de bajulação, proveiu a len-

da dos Infantistas, calando os esforços das Parcerias do Algarve que o Infante com os rendimentos do Mestrado de Christo auxiliava para a participação dos lucros, e phantasiando uma Eschola cosmographica de Sagres. Na *Historia de Ceuta*, confessa Azurara ter accrescentado á Chronica de D. João I de Fernão Lopes varios successos da guerra de Portugal e Castella. Escrevendo na opulenta bibliotheca do rei D. Affonso V, matiza as suas narrativas com sentenças tiradas de Aristoteles, de Valerio Maximo, Tito Livio, Ovidio, Lucano, Seneca, e dos Santos padres, para fundamentar o seu juizo. Apesar de tanta capacidade, o prestigio da erudição fez que fosse chamado o frade italiano Frei Justo para escrever as chronicas em latim.

3.º **Ruy de Pina.** — Nos officios de guarda-mór da Torre do Tombo e Chronista mór do reino succedeu a Azurara Ruy de Pina, que floresceu desde o reinado de D. Affonso V até ao comêço do de D. João III. Ruy de Pina era escrivão da camara de D. João II, e bastante considerado pelo implacavel monarcha; em carta datada de Evora, de 16 de Fevereiro de 1490, noméa-lhe um amanuense para o ajudar «*no carrego e negocio de escrever em nossos feitos famosos e de nossos Reynos.*» Com egual data lhe manda D. João II passar uma carta de tença de nove mil quinhentos e sessenta reis. Ruy de Pina achava-se em uma situação delicada; tinha de historiar toda a conspiração dos Braganças desde a morte do Infante D. Pedro traiçoeiramente em Alfarrobeira, e en-

venenamento da joven rainha D. Isabel, sua filha, até á traição castigada com a degolação do duque em 1483. Ruy de Pina achou-se de posse das Chronicas dos Reis, que formavam o corpo da *Chronica geral do Reino*, como o relata João Rodrigues de Sá de Menezes a Damião de Góes em Novembro de 1558, tendo então mais de oitenta annos. Transcrevêmos um trecho d'essa carta do velho poeta do *Cancioneiro geral* e Alcaide mór do Porto, pela qual se póde fazer uma ideia do estado dos trabalhos historicos n'este periodo da actividade de Ruy de Pina: Damião de Góes achava-se então encarregado de escrever a *Chronica de D. Manoel*:

«Folguo muito de lhe darem o carguo da *Chronica del rei dom Emanoel*, quomo me escreve, por que sei que a fará muito bem por a devoçam, e amor que teve a seu serviço e ás suas cousas, e parece esta conta que dá de quomo andou de mão e mão esta Chronica o que se escreve das Rhapsodias de Homero, e assi foram as *Chronicas dos Reis* passados de Portugal, que se perderam em poder de Frei Justo, Bispo de Septa, italiano, que El rei D. Affonso mandou buscar a Italia pera lh'as escrever em latim, e elle morreu da peste em Almada, e aí se perderam. Ruy de Pina, em tempo de D. João II, houve a mão, por mandado de el rei, umas *Chronicas dos Reis* antiguos, que mingoavam, de hum homem d'esta cidade mui principal, que se chamava Fernam Novaes, e um seu filho que se chamava Fernam Novaes como elle, me mostrou a carta de el-rei, com o conhecimento de Ruy de Pina; e regnando el-rei

D. Emanoel, elle ou por ter estas *Chronicas* ou tambem por estar em seu poder o Tombo, em que estavam as cousas d'aquelles tempos, e por Chronicas de Castella, *se offereceu a el Rei a lhe fazer as Chronicas que falcciam,* e a isso veo da Guarda a Lisboa, e as fez com grande gosto de el rei, e com lhe fazer muita mercê por isso. Depois de acabadas, muitas pessoas vi descontentar-se d'ellas, á minha vontade sem rasão, posto que o estylo de Ruy de Pina, pelos muitos adjectivos e epithetos que se usavam n'aquelle tempo, he muito afeitado.» [1]

Em carta dada em Evora em 24 de Junho de 1497, D. Manoel concedeu a Ruy de Pina uma tença de doze mil reis annuaes, e nomeando-o «Coronista Moor das Coronicas e das cousas passadas e presentes e por vir de nossos Regnos e Senhorios:» e tambem o nomeou seu bibliothecario com «o carrego e a chave da nosa Livraria, que está nos nossos paços da cidade de Lisboa, o qual officio e carrego queremos que o dito Ruy de Pina aja assy e pela guisa que ho tinha o doutor Vasquo Fernandes do nosso conselho e nosso chanceller en a casa do Civel que no lo deixou pera o darmos ao dito Ruy de Pina por satisfação que lhe delle demos de que foy contente, e como o tiveram outros coronystas d'ante elle.»

Sobre este trabalho da historia acham-se interessantes noticias em uma petição de seu filho Fernão de Pina a D. João III, para succeder nos

---

1 Na *Chronica de D. Manoel,* P. IV, cap. 38, fl. 50.

officios de guarda-mór da Torre do Tombo e de Chronista mór do reino, desempenhados por seu pae. Esse documento é dos fins de 1522, ou do começo de 1523, porque Fernão de Pina foi nomeado Chronista Mór do Reino por carta de 23 de Abril de 1523. Na sua petição dizia que desde a mocidade se creara para servir estes cargos, dando-se ao latim e ao grego; e pediu tambem a tença de vinte mil reaes, resto dos trinta mil reaes que D. Manoel dera para seu pae fazer a *Chronica de El rei Dom Affonso V*, a de *Dom Manoel*, allegando mais, que elle e seu cunhado Fernam Brandão acabaram a Chronica do rei D. Manoel, *que está por fazer* (talvez redigir?); accrescenta ainda na petição, que o rei D. Manoel déra sessenta mil reaes de ouro para seu pae fazer a *Chronica de Elrei Dom Sancho I* até *Elrei Dom Diniz*; e pela de *El Rei Dom Duarte* lhe deu mil cruzados de ouro, e pela de *Dom Affonso V* e de seu filho *(Princepe D. João)* os trinta mil acima ditos da tença. 1 Ruy de Pina frequentava os serões do paço; em uns apodos e chistes feitos em 1498 a Manoel de Noronha, filho do Capitão donatario da Ilha da Madeira, por que mandara fazer umas ceroulas de chamalote, lêem-se estes versos de Anrique Corrêa:

1 *Archivo historico portuguez*, vol. VI, p. 312. Braancamp Freire fixa o falecimento de Ruy de Pina pouco antes de 18 de Novembro de 1522, por que em documento desta data se diz: Ruy de Pina *que Deus perdoe*.

Esta cousa he muito dina
para no *Tombo* jazer;
aa mister qu'a *Ruy de Pina*
se faça logo saber,
por ficar d'ella memoria
he razam,
que s'escreva esta envençam.
(*Canc. ger.*, III, 137).

Em carta de 24 de junho de 1497 fôra nomeado Ruy de Pina Chronista-mór do reino. Pelas suas relações na côrte, casou sua filha Isabel de Pina com o poeta palaciano Fernam Brandão, filho do Contador do Porto João Brandão; seu filho Fernam de Pina era tambem poeta dos serões manoelinos, restando d'elle um apodo a Simão de Sousa d'Ocem, por que veiu ao terreiro de Almeirim em uma mula com largas esporas de gineta esmaltadas e com chapins:

Eu como homem teu amigo,
quiz saber tua praneta,
e achey que na gineta
te vya hum gram perigo.
E como te vi aqui
metido n'essas esporas,
logo disse, essas horas,
ex aqui
o perigo que lhe vi.
(*Canc. geral*, III, 252.)

Este apodo fixa-se em 1510, por uma copla de Garcia de Resende:

Na éra de Jesu Christo,
de *mil quinhentos e dez,*
no terreiro de Almeirim
foi um homem em mula visto
com larga espora de Fez,
calçada sobre chapim.

N'este tempo Garcia de Resende, que fôra moço da escrivaninha de D. João II, era estimado na côrte manoelina, e na intimidade com o chronista e bibliothecario de D. Manoel achou occasião para trasladar a *Chronica do Princepe D. João,* que publicou em seu nome em 1554, fiado em que ficaria inedita a Chronica de Ruy de Pina. Seria esse plagio imposição official, para eliminar qualquer affirmativa com que Ruy de Pina justificava o rei D. João II. No seculo XVI foi eliminada de vez a liberdade da historia. Em Ruy de Pina termina o cyclo dos grandes Chronistas do seculo XV, individualidades que em qualquer das litteraturas da Europa teriam fundado a sciencia da historia, e á qual déram todo o relêvo que já tinha n'essa época.

—

Os extraordinarios successos do seculo XV, como a invenção da *Imprensa*, favorecendo repentinamente a corrente do Humanismo: da *Polvora*, immediatamente influindo no imperio da força material nos conflictos politicos do novo equilibrio europeu; e a applicação da *Bussola,* actuando definitivamente nos assombrosos Descobrimentos geographicos, accumularam novas condições que determinaram uma Éra nova da Humanidade, desde logo considerada como Renascimento. Esse culto da civilisação greco-romana, que se impoz pelo seu deslumbrante prestigio; essa actividade que se expandia na occupação da terra, contrastavam com a apathia da Edade média, o cosmopolitismo com o isolamento do ascetismo christão.

N'esse enthuziasmo da nova Era, a Edade média foi menosprezada, esquecida, quebrando-se a continuidade até ao seculo XIX, que pela critica scientifica soube reconhecer — *questi tempi della virtu sconoschiuta.* O periodo medieval ou organico das Litteraturas modernas ficou obliterado e esquecido. A *Litteratura da Edade média* tão fecunda e nacionalmente original, foi uma das mais truncadas ficando totalmente ignorada até ao momento em que a critica philosophica vivificou a erudição moderna. Grandes thezouros litterarios estão hoje perdidos irreparavelmente; obras preciosas e inestimaveis foram descobertas nas collecções manuscriptas pelas bibliothecas europêas; e um espolio valioso está actualmente publicado. [1] Urgia com-

---

1 Perdas de monumentos da Litteratura portugueza do seculo XII a XV; e enumerações d'aquelles que foram encontrados ou estão publicados:

Canções de D. Sancho I e D. Affonso IV.
Livro das Trovas de El Rei Dom Diniz.
Cancioneiro de Nossa Senhora.
Cancioneiro da Ajuda.
Livro das Trovas do Conde de Barcellos.
Livro velho das Linhagens, e *Nobiliario do Conde De Pedro.*
Cancioneiro de D. Maria de Cisneros.
Amadis de Gaula.
Historia de Troya (traduzida em gallego).
Tristão.
Historia geral de Hespanha.
As Partidas, em portuguez.
Chronica do Mouro Rasis (Ahmed-Ar-Rasi) traduzida em portuguez por Gil Pirez, e d'esta lingua para castelhano.
Traducção das Obras do Arcipreste de Hita.
Demanda do Santo Graal.
Baladro de Merlin.
Livro de Josep ab Arimathia.

pendiar todo esse material, vestigio de um vasto inventario desbaratado, construindo o quadro da primeira Época da Litteratura portugueza, em que se fundamenta com eloquentes documentos o individualismo e fecundidade do nosso genio nacional. E' o que se intenta n'este livro.

Poesias do Infante D. Pedro, e varias traducções dos Moralistas.
Leal Conselheiro de D. Duarte.
Livro das Trovas de El-rei D. Duarte.
Satira de felice e infelice vida do Condestavel D. Pedro.
Tragedia da insigne rainha D. Isabel pelo mesmo.
O Amante de Gower, traducção de Roberto Payno.
Baarlam e Josaphat; Amaro e *Visão de Tundal.*
Livro de Esopo.
Illiada de Homero, 6 cantos.
Vida da rainha santa Elisabett.
Traducções da Biblia (Livraria de Alcobaça).
Chronica dos Vicentes.
Ordenações de Dom Duarte.
Chronica geral do Reino, por Fernão Lopes.
Azurara, *Chronica da Guiné; Chronica do Conde D. Pedro de Menezes.*
Chronicas de Ruy de Pina.
Obras de Frei João Claro.
Poesias portuguezas nos Cancioneiros castelhanos.
Cancioneiro portuguez da Bibliotheca de Madrid.
Sonetos sagrados de D. João da Silva (Beato Amadeo.)
Obras ineditas da Livraria de Alcobaça; e obras da Bibliotheca do rei D. Duarte, do Condestavel de Portugal, e de D. Affonso v, que se dispersaram.

INDICE

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

(RECAPITULAÇÃO)

PROLEGOMENOS

Elaboração organica da Litteratura

§ I

Factores staticos

a) Formação das Linguas romanicas

b) Filiação da Lingua portugueza e suas epocas historicas

§ II

Factores dynamicos

I — As Epocas historicas e o meio social actuando nas Litteraturas

a) Edade média

b) Renascença

c) Romantismo

II — Successão das Litteraturas modernas, e mutua acção hegemonica

Epocas historicas da Litteratura portugueza

PRIMEIRA EPOCA

EDADE MÉDIA

(Seculo XII a XV)

1.º Periodo: Trovadores portuguezes

§ I

Influencia do sul da França ou Gallo=romana

A Eschola trobadoresca portugueza

§ II

Influencia do Norte da França ou Gallo=franka

§ III

Influencia armoricana ou Gallo=bretan

Origem portugueza do Amadis de Gaula

§ IV

Cultura latino-ecclesiastica

A) Os Estudos quadriviaes

B) O Poder real protege o Humanismo

2.º Periodo: Os Poetas Palacianos

(Seculo XV)

§ I

Elaboração do Lyrismo provençal pelo genio italiano (Phase allegorica)

§ II

As Novellas portuguezas da Tavola Redonda e do Santo Graal

§ III

Predominio da Erudição latina

§ IV

Desenvolvimento da fórma historica

Os grandes Chronistas do seculo XV